

SCOTT NICHOLSON



**O ANEL DE
CAVEIRA**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O ANEL DE CAVEIRA
de Scott Nicholson
Tradução de Marcelo Jost

Copyright ©2010 Scott Nicholson
Publicado Por [Haunted Computer Books](#)

O ANEL DE CAVEIRA

CAPÍTULO 1

Eu tranquei a porta.

Não tranquei?

A palma suada da mão de Julia segurou a maçaneta, o ruído da fechadura ainda ecoando na cabeça. Ele estaria lá dentro, esperando, seus pulmões segurando uma respiração odiosa? Os anos desapareceram e, por um momento, ela era uma criança novamente. Uma criança pequena, assustada e desprotegida —

Não.

Aquilo foi em Memphis, isso era Elkwood. Isso era a nova e mais forte Julia Stone, a que estava no caminho da cura. Monstros imaginários não rondavam mais nas ruas de sua mente. Graças a Forrest, na terapia.

Ela olhou para trás, em direção à mata, que parecia ter se arrastado mais para perto da casa desde ontem. A sombra das Apalaches se estendia como dedos e ela procurou movimentos, qualquer sinal de que pessoas pudessem estar olhando. De que *ele* estivesse olhando.

Julia deixou a porta abrir completamente e apertou os olhos, vasculhando o interior negro da casa. Ninguém em casa. Nada a temer, apenas os contornos suaves da mobília para dar boas-vindas. Apenas mais um dia na nova vida normal.

Ainda assim, sua mão deslizou para dentro da bolsa e tocou a parede fria do tubo de spray de pimenta. Ela entrou, não se permitindo olhar para trás. Quando está curado, você não se preocupa com o que está às suas costas. O que está à frente é só o que interessa. Cabideiro, poltrona, sofá, televisão. Para frente, outro passo, apesar de que havia algo errado com a mesa de café.

Inicialmente ela pensou que eram pequenas caixas de comida, talvez chocolate ou caviar, arranjados em uma linha, atravessando a mesa. Algo que Mitchell compraria para ela, a fim de fazer uma delicadeza. Mas como os pacotes foram parar dentro da casa?

Suas pernas a levaram mais para perto, a mão segurando com força o spray. A fila de quadrados não eram caixas. Ela as tocou na penumbra, deixando os dedos correrem pelas superfícies ressaltadas. Blocos de brinquedo de criança.

Ela pegou o mais próximo, respirando fundo. Inclinação em direção à janela, a letra em relevo recebeu luz suficiente para mostrar seu gancho cruel, seus dentes afiados.

J.

Ela colocou o bloco novamente sobre a mesa, lançando um olhar para a sala nas sombras. Nada a não ser sombras e escuridão.

Sua mão tremeu quando ela pegou o segundo bloco na linha. Ela o levantou quinze centímetros, antes de largá-lo, e a madeira caiu com um baque no tampo da mesa, rolando para debaixo do sofá como um dado gigante.

Ela não precisava ler a letra para saber o que estava escrito. Pois o próximo bloco era o mesmo, e assim o outro.

U.

Com um movimento brusco, ela varreu os blocos de cima da mesa e se ajoelhou no carpete, o coração batendo nas costelas como um xilofonista maluco, a melodia entrecortada, o ritmo espasmódico, as pancadas muito fortes.

Um barulho atrás dela, mais alto que as batidas do coração. Nada, ela sabia. Ela seria forte, pois isso era Elkwood, Carolina do Norte, e coisas ruins não podiam segui-la aqui. Ela não olharia, pois pessoas curadas não ficam dando saltos com barulhos imaginários.

Curr-chac chac.

Nada além do vento empurrando galhos contra a casa.

Chack.

Apenas na cabeça dela. Ela não podia aguentar mais e virou-se.

O Monstro estava na porta, um metro e noventa.

O metal brilhou na mão.

O pânico distorceu e ampliou sua visão. Julia tentou gritar, mas não tinha fôlego. Levantou-se, olhando freneticamente para o spray de pimenta que havia caído, sabendo que era tarde demais, que sempre havia sido tarde demais, que tinha sido tarde demais desde que ela tinha quatro anos de idade.

O corpo maciço do Monstro bloqueava a porta, armas penduradas à volta de sua cintura. Seus olhos eram quentes e duros, a boca aberta em raiva incontrolada.

Ele possuía dedos longos, muito longos.

A lâmina brilhou, tremulou.

O coração dela doeu como se estivesse em fogo e sendo arrancado de seu peito.

O passado a havia alcançado, mesmo depois de todas as fugas, esconderijos e mentiras. Estava aqui, agora, crescendo sobre ela, respirando fogo e fumaça. Ela nunca conseguiria alcançar o quarto a tempo. Se ela corresse, o prazer dele apenas aumentaria, e as pernas dela eram como pedaços de pau conectados por cordas.

Por que continuar lutando?

A silhueta do Monstro foi projetada por um raio de sol e a luz do céu azul, as cores exóticas do outono coroando a cabeça como um halo.

Julia levantou os antebraços por instinto, cerrou os olhos e aguardou a entrega da promessa feita há décadas. Mas primeiro chegariam as bênçãos, as palavras que cortariam mais fundo que qualquer lâmina.

Sua voz chegou, não no trovão de um assassino, mas em uma expressão suave e chocada. — Jesus, moça.

Ela olhou por detrás dos braços. As sobrancelhas do estranho franziram-se de preocupação. Seus olhos eram verdes claros, a cor de uma lagoa escura à luz do sol. Verde claro, não vermelho como os do Monstro. Seu braço desceu e ela viu que ele segurava uma chave de fenda na mão, e não uma faca.

O homem deu dois passos na direção dela, quase perdendo o equilíbrio no batente da porta. — Fui

mandado aqui para verificar as janelas.

— Janelas? — Ela conseguiu soltar a palavra pela garganta apertada.

— Com o inverno chegando e tudo mais. O senhorio me mandou. — Ele fez uma pausa, olhou de soslaio e continuou, as vogais arrastadas pelo sotaque nativo dos apalaches do sul. — Aqui é Estrada Creek Buckeye 102, não é?

Ela se forçou a balançar a cabeça duas vezes e viu que as armas na cintura nada mais eram que ferramentas, um martelo, uma fita métrica, algumas chaves de fenda, todas encaixadas no cinto de couro, com bolsas nas laterais.

— Eu já ia bater na porta quando você surgiu — disse ele apressadamente, tão constrangido quanto ela. Ele bateu no peito com força exagerada. — Ufa. Fez meu coração pular como uma rã sendo eletrocutada.

Ela quase sorriu aliviada, mas os músculos de seu rosto estavam congelados. Não era o Monstro, no fim das contas.

Ou era? Algumas vezes eles eram espertos, se divertindo mais com o jogo do que com a vitória final. Eles jogaram seus jogos por anos.

Mas ela havia pedido ao senhorio, dois dias antes, se as janelas poderiam ser verificadas, tanto as linguetas do trinco quanto o acabamento, danificados pelo tempo. A não ser que o Monstro houvesse grampeado a linha telefônica e soubesse —

Não. Forrest não gostaria dessa linha de pensamento na terapia. Estou nova e melhorada, lembra?

Olhando além do faz-tudo, ela viu um velho jipe verde estacionado do outro lado da rua. Estava estacionado sob as árvores onde ela não teria visto enquanto estava dirigindo.

Um monstro em um calhambeque? Muito história infantil para parecer perigoso. Muito ridículo. Bão babalão, senhor capitão, espada na cinta, ginete na mão. Ainda assim, a adrenalina havia causado uma descarga elétrica nos nervos, fazendo seus dedos se contraírem.

Ela limpou a garganta. Um último teste. — George Wellman mandou você?

— Webster — disse ele, observando-a com estranheza, como se não estivesse seguro sobre o que fazer com uma pessoa que não sabia o nome do próprio senhorio. — Senhor George Webster do Propriedades Silver Key. Eu faço muitos trabalhos para ele. Meu nome é Walter.

— Claro — disse ela, se recompondo o suficiente para andar. Ambos estavam olhando para o spray de pimenta no chão. O sorriso forçado dele era mais um esgar constrangido, seu rosto se vincando e corando levemente. Ela se curvou e pegou o spray, chutando para o lado um dos blocos de madeira.

— Você tem filhos? — perguntou ele.

Ela negou com a cabeça, evitando seus olhos. Como ela poderia explicar que os blocos não eram seus sem parecer uma lunática? Mas o problema era que ela não estava segura de que os blocos não eram seus ou se ela era ou não uma lunática.

— Escute, posso voltar depois — disse ele. — Eu posso pegar uma chave com o Sr. Webster e fazer o serviço enquanto você estiver no trabalho.

— Não, eu estou bem. De verdade. — Ela retirou os cabelos caídos nos olhos e seus dedos ficaram úmidos de suor. Ela tentou disfarçar a ansiedade com uma mentira. — Acabei de correr pela casa, ouvi o

telefone tocando e pensei que havia alguém na porta e, bem, olhe para mim, estou aqui toda atrapalhada.

O faz-tudo a olhou, uns segundos a mais dessa vez. Então ele lançou um olhar para a porta. — Bem, senhora, acho que eu deveria ter chamado quando vi a porta aberta.

— Não seja bobo. — Julia se odiou pelo seu pânico. — Eu apenas gostaria que o Sr. Webster tivesse me avisado que você estava vindo.

— Ele disse que deixou uma mensagem na secretária eletrônica.

Ela balançou a cabeça novamente, se sentindo tão rígida quanto os blocos de madeira espalhados pelo chão. — Por que você não vai em frente? Eu tenho que voltar ao trabalho em pouco tempo.

— Não levarei muito tempo. — Ele tinha cerca de trinta anos. Seu cabelo era castanho e longo o suficiente para ficar levemente cacheado nas pontas. As mãos musculosas tinham várias cicatrizes, mas a pele de seu rosto era suave sob a barba curta. Ele não possuía a expressão abatida que muitas pessoas que trabalham com as mãos possuem, apesar de que sombras na sua expressão dessem um toque de tristeza e escuridão. Ele não tinha um ar de que pregaria peças com blocos de madeira.

Mas, de novo, eles nunca têm.

— Entre. — Ela moveu-se para o lado, de forma que o faz-tudo pudesse entrar, o cinto de ferramentas tilintando conforme ele passou. Ele se dirigiu para as janelas da frente, abriu as fechaduras e as empurrou para cima. Uma lufada de ar cheirando à floresta cruzou a sala.

Julia deixou a porta aberta e encaminhou-se para o sofá, sentando onde pudesse vê-lo e fingiu estar folheando a *Psychology Today*. Sua mão segurava firme o spray. O senhorio pareceu muito ansioso para alugar este lugar. Quantas chaves Webster tinha da casa?

— Estas estão boas. — disse o faz-tudo, fechando as janelas. — As janelas de Anderson são bem construídas. Painéis duplos. Devem realmente ajudar na sua conta com o aquecimento.

— Vou queimar lenha — disse ela, virando a página para um artigo chamado “Memórias preciosas: como preservar o passado de sua família”. Ela mantinha o olhar nos blocos de madeira além da revista.

— Bom para você. Mais barato e ainda se exercita um pouco. De onde você é? — perguntou ele, sem se virar, sua chave de fenda rangendo enquanto apertava o suporte do varão da cortina.

— Memphis.

— Você deve estar pagando seus pecados. Temos cerca de oito ou dez neves por ano. Não neva muito lá em baixo, que eu saiba.

— Apenas de vez em quando. Derrete antes mesmo de você fazer uma bola de neve suja.

— Eu não suporto ficar em cidades também. Me deixa suando frio. As pessoas empilhadas umas em cima das outras, igual besouros japoneses em uma folha de cerejeira.

Julia não disse nada. Ela não estava acostumada com carpinteiros tagarelas. Em Memphis, trabalhadores habilidosos trabalhavam em silêncio. Ela estava acostumada à sua própria gente, outros repórteres, artistas, advogados amigos de Mitchell. Na cidade, estranhos se mantinham quietos. A não ser que quisessem carne, sangue ou almas.

— Há quanto tempo está aqui em Elkwood? — perguntou ele, sem deixar de trabalhar.

— Quatro meses — disse ela.

— Nota-se — disse ele. — Fiz alguns trabalhos aqui no início do verão. A casa ficou vazia por

alguns anos.

— Fico me perguntando a causa. É um lugarzinho tão aconchegante.

— Hartley morava aqui. — O faz-tudo disse “Hartley” como se estivesse cuspiendo o nome de um velho inimigo.

— Não me diga que estou morando em uma casa mal-assombrada — disse ela.

— Nada de fantasmas aqui. Apenas lembranças ruins.

Ele juntou as ferramentas e foi para a cozinha. Julia permaneceu onde estava, colocando o spray no bolso da calça e folheando a revista.

Após vários minutos de janelas deslizando para cima e para baixo e ferramentas fazendo barulho, o faz-tudo apareceu no final do saguão.

— Tudo certo se eu for para o quarto? — perguntou ele.

Ele provavelmente se deparou com coisas embaraçosas nesse emprego. Ele entrava em locais privados, consertava coisas onde os segredos eram escondidos. Mas Julia não possuía segredos lá, não havia muito sobre o que ficar constrangida em seu quarto. Nenhum espelho no teto, brinquedos sexuais ao lado da cama nem tiras de couro ou correntes penduradas nas colunas da cama.

Apenas um relógio maluco travado em 4:06.

— Pode ir — disse ela. — Posso lhe fazer um café?

— Não, obrigado, senhora. Não quero lhe causar problemas.

— Não é problema algum. Vou fazer um pouco de qualquer forma. Quero apenas uma xícara ou duas, entretanto.

— Bem, nesse caso, eu apreciaria se pudesse levar um pouco. Tenho garrafas térmicas no jipe.

Julia se ocupou na cozinha, assobiando enquanto enchia o pote. Ela não olhou sobre o ombro, embora a vontade fosse grande. Com a água correndo na pia, ele poderia chegar sorrateiramente por trás, estender seus longos, longos dedos —

Ela fechou a torneira com raiva. Lágrimas encheram seus olhos. Seu lábio tremeu.

Tomou conta dela.

Talvez isso — o medo, a escuridão, o Monstro — não tomasse dela a manhã, mas ela sabia que estava lá fora.

Não, não lá fora. Aqui dentro.

Em sua cabeça.

O pior lugar de todos. Isso era um trabalho interno de tempo integral. O monstro vasculhava nas salas de sua mente, escondido em armários abarrotados, demarcando os cantos escuros de sua psique. O que mais a assustava era saber que tinha sido ela que construía o monstro, pedaço por pedaço, costurado com fragmentos de lembranças e linhas de “e se?”, trazido à vida. O porão de sua mente era um laboratório Frankenstein para trazer estranhas criaturas à vida.

Nenhum monstro tinha colocado aqueles blocos em cima da mesa ou tinha escrito aquele nome. Pois todo mundo sabe que monstros não são reais. Especialmente Forrest, na terapia.

Ela ligou a cafeteira. O terapeuta em Memphis disse para ela largar a cafeína. Dr. Lance Danner. Lance. Freud poderia ter um dia divertido com aquele nome. Algumas vezes um cigarro era apenas um cigarro e um lance, apenas um lance.

Dr. Danner também disse que, apesar de estarem fazendo progresso na terapia, uma mudança provavelmente faria bem a ela. Ele a encorajou a assumir o emprego em Elkwood, diminuir a pressão, adotar um estilo de vida rural. Dr. Danner ainda sugeriu um terapeuta aqui com o qual Julia se sentisse bem, referindo-se a isso como “cuidado continuado”. Mitchell foi contrário à sua mudança, mas sua possessividade para com ela só tornou Julia mais determinada. Se algum dia ela iria mostrar a ele que era uma garota, esse era o momento.

Garotas crescidas, entretanto, não choram.

Julia limpou as lágrimas com o dorso da mão. Ela estava contente de não estar usando maquiagem, pois as marcas certamente apareceriam. Não que ela se preocupasse muito com o que o faz-tudo iria pensar. Ela definitivamente não estava tentando ser atraente para ninguém, especialmente para um Monstro em um Calhambeque em potencial.

Ela levou a xícara de café para a sala, pegou a revista, mas a largou novamente. Olhou pela janela, para os tons de vermelho, púrpura e amarelo das folhas de outono. As montanhas eram reconfortantes, apesar de seu mistério. Os cumes ancestrais dos Apalaches pareciam ondas, em um ritmo que prometia proteção e paz.

Os prédios de Memphis eram sufocantes, as imensas paredes avultando-se, o tráfego pesado como uma horda de demônios cuspidores de enxofre. As mandíbulas quentes da cidade pulavam em seus calcanhares a cada passo, perseguindo-a, dentes de aço e concreto a morder. Um milhão de monstros espreitavam nas vielas, dois milhões de olhos observando-a em cada movimento. Memphis a teria esmagado, moído seus ossos até virar pó, e engolido tudo.

A mudança para cá não tinha sido um erro. Pela primeira vez em seu reinado exaltado, Mitchell estivera errado, apesar que ele nunca admitiria.

— Tudo pronto, senhora. — disse o faz-tudo, voltando da sala. — As trancas estão todas funcionando e você não terá problemas no inverno.

— Ótimo. — Ela pegou a bolsa, no chão aos seus pés e chutou um dos blocos, que rolou na direção dos pés de Walter.

— Você é professora? — perguntou ele.

— Não, eu escrevo para o *Courier-Times*. Quanto lhe devo?

— Nada. — disse ele. — O senhor Webster me paga. Reparos são por conta do senhorio.

Ela pensou em dar uma gorjeta a ele, mas mudou de ideia. O pessoal das montanhas era orgulhoso com relação a isso. Muito diferente do pessoal ganancioso da cidade. Em vez disso, ela disse — Deixe-me pegar o café para você. Creme de soja é tudo o que tenho por aqui. Eu e leite não combinamos.

— Está ótimo, senhora. Vou pegar as garrafas térmicas. Tenho que verificar mais algumas coisas na parte externa primeiro.

Ele caminhou para a porta da frente aberta. Quando apareceu de novo, vários minutos depois, ele estava sem o cinto de ferramentas. Deu a ela as garrafas térmicas e esperou na porta aberta.

— Diga-me, você sabe que seu relógio está estragado? — ele perguntou quando ela retornou com as

garrafas cheias.

— Meu relógio?

— Sim, no quarto. Ficou travado em 4:06 o tempo todo que estive por lá.

Ela havia desconectado o relógio. Tinha, não tinha?

Julia sorriu para disfarçar o gelo que correu pelas veias. — Obrigada por me dizer. Ele está adiantando de uns tempos para cá. Acho que vou ter que comprar outro.

— Sim. Nunca soube de um relógio digital fazendo isso. De modo geral, eles simplesmente ficam piscando ou se apagam.

— Parado no tempo. — *Como eu.* O sorriso parecia pintado em seu rosto, como um manequim de brechó.

— Mantém você jovem. — disse ele. — Envelhecer é para pessoas que desistiram muito cedo.

— Vou lembrar disso. Obrigada pelo trabalho.

— Claro. Se precisar de algo, é só me chamar. Walter. — Ele sorriu novamente, enquanto lhe lembrava seu nome. Não era um sorriso cheio de intenções. Era um sorriso amigável, com dentes levemente tortos, do tipo no qual você pode confiar.

Não, isso não era verdade. Você não pode confiar em NENHUM sorriso. Pois todo sorriso possui dentes por detrás.

Ela quase lhe disse seu nome, mas desistiu. — Certo, Walter.

— Já encontrou uma igreja?

— Como?

— Igreja. Pode ser complicado se ambientar em uma nova cidade. — Ele a olhou com olhos de inquisidor, como se tivesse ações compradas de sua alma. Ela se ressentiu da noção dele vê-la apenas como uma forma de ganhar alguns créditos no paraíso.

— Sim. — Ela sorriu, o reflexo condicionado de pessoas sendo desligadamente cordiais com conhecidos. Ele foi gentil com ela e estava provavelmente mostrando a educação de um morador de cidade pequena. Ela devia algo mais a ele, que não uma simples dispensa, mas seus pensamentos estavam novamente deslizando nas fendas escuras do passado.

— Tenha um bom dia, senhorita Stone. — Walter acenou e dirigiu-se para o jipe, cantarolando uma música country. Julia fechou a porta.

Agora ela estava só.

Não, não estava. Estava dentro de casa, com o Monstro.

O Monstro estava sempre em casa, não importando onde ela morasse.

CAPÍTULO 2

O telefone baliu como uma ovelha elétrica morrendo.

Ela tinha dois aparelhos, um na sala e outro no quarto. Talvez um pouco demais para uma casa de três cômodos, mas ela gostava de ter um sempre ao alcance da mão para o caso de não achar o celular. Em caso de emergências.

Julia começou a seguir em direção ao quarto, de forma que pudesse ficar deitada enquanto conversava, mas lembrou do relógio travado. Ela não conseguia lidar com isso nesse momento. Ela pegou o telefone na mesa e pulou para cima do sofá.

— Alô?

— Olá, Julia. — A voz do outro lado da linha era dinâmica e repleta de confiança em si mesma.

— Mitchell — disse ela, sem saber ao certo se estava feliz ou não em ouvi-lo.

— O que está havendo, querida?

Ela estremeceu com o carinho rotineiro e sem emoção. — Nada.

— Ótimo. — Houve uma pausa, o leve chiado de mil e trezentos quilômetros de distância.

— Então... alguma novidade? — Julia finalmente perguntou

— O de sempre.

Esse era o problema com Mitchell. O corriqueiro era sempre novidade para ele. — Trabalhando em algum caso interessante?

— É, olha só isso. Estou com um ótimo. Essa mulher tem uma propriedade, certo? Herdada do pai, está na família desde a época da Reconstrução. Terra ruim, metade pântanos, metade colinas, quarenta acres. Então esse empreendedor faz uma oferta, de forma a poder construir um shopping center.

— Exatamente o que Memphis precisa — ela se escutou falando.

Mitchell não captou o seu sarcasmo. — Exatamente. Essa mulher quer manter a propriedade, talvez para convertê-la em um jardim orgânico ou, que os céus a impeçam, um habitat natural. Jesus, reservas conservacionistas são a ferramenta do diabo. Bem, o Conselho Diretor votou por liberar a propriedade para uso comercial, alegando que a propriedade é— ... deixe-me ver... .

Julia ouviu o ruído de papéis. Mitchell devia estar no escritório na General Pickett Avenue, com vista para a Beale Street. Da janela, ele podia ver os turistas e os músicos de rua tocando blues nas calçadas atravancadas. A maior parte dos modernos mestres do blues de Memphis lembravam quando o blues estava em baixa no mercado.

— Aqui está — disse Mitchell, as palavras rápidas e animadas. — Isso é clássico. O Conselho definiu que a propriedade era, cito “em uma área de desenvolvimento urbano de interesse vital para a jurisdição extraterritorial da municipalidade.” E a propriedade está dentro do limite de cinco quilômetros dos limites da cidade.

— Coitada da mulher. Como ela conseguiu pagar você? — Mitchell cobrava por hora em contas com valores altos de três dígitos.

Ele riu, aquela risada com som de gravatas de seda e cheiro de champanhe que algumas vezes faziam a pele arrepiar. — Ela não consegue pagar ninguém. De forma que ela teve que apelar à defensoria pública. Nós vamos dar um reforço. O empreendedor está utilizando meu escritório como consultor para os advogados da defensoria.

Claro. Mitchell estaria ao lado de um grande negócio, com muito dinheiro e com uma causa ganha que era mais imoral que legal e tão ganha quanto um mais um são dois. O pior disso tudo era que sua arrogância era atraente para sua natureza doente e fraca, um vício que mesmo a distância não conseguiu quebrar. Ele era de leão, dos pés à cabeça, seu leão um predador voraz para seu volúvel gêmeos.

— Mas chega de falar de mim — disse ele. — Como você está?

— Estou bem — disse ela. — De verdade.

— Mesmo?

Um tom de preocupação se infiltrou na voz dele? Ela deu a ele o benefício da dúvida. — Sim. As pessoas no escritório são bem legais. É renovador cobrir as notícias da comunidade, o conselho da escola e coisas do estilo, em vez de trabalhar no ritmo do crime.

— Bom. Você sabe que eu jamais quis que você se envolvesse com homicídios e todas aquelas coisas. Eu amo essa cidade, mas ela se transformou em um inferno desde que...

— Como estão seus pais? — ela perguntou, antes que ele pudesse discursar sobre crimes, impostos e a classe baixa.

— Meus pais estão bastante bem. Estão nos vinhedos de Martha agora. Em uma das quatro casas de estação. Natal em Boca Raton, páscoa em Santa Mônica, quatro de julho em Boulder, caindo para o território ianque pelo halloween.

— Diga que mandei um alô.

— Claro. Sabe, eles adoram saber de você. Perguntam de você o tempo todo. Você é praticamente da família, sabia?

— Talvez eu dê uma ligada para eles. — disse ela. Se ela ligasse, eles usariam a palavra que começava com C. Toda mulher necessita de um diamante para a validação, e um anel de ouro para selar o contrato. Isso era tão certo quanto o nascer do sol amanhã, o aumento dos impostos e o perfume de Mitchell ser de Jovan.

— Então, como é seu novo terapeuta?

— Bom. Bastante bom. Estamos fazendo progresso.

Mitchell suspirou. — Você estava fazendo progresso quatro anos atrás, com o Lance qualquer coisa.

Mitchell escondia o ciúmes de forma muito rudimentar. Ele presumia que qualquer homem que possuísse uma mulher no sofá pularia sobre ela dentro de quinze minutos.

Não, apenas VOCÊ, Mitchell. Além disso, ninguém mais fica deitado pra fazer terapia. Isso ficou obsoleto junto com lobotomias em série e mesmerismo.

Ela disse — Penso que estamos próximos de uma virada. Sinto-me bem melhor. Eu não ... —

pego os Monstros?

— ... sofro tanto com a ansiedade. Acho que as montanhas estão me ajudando. Elas fazem com que eu me sinta segura.

Contando pontos a seu favor, Mitchell não riu. — Se você me deixasse comprar uma arma...

— As folhas estão mudando por aí?

— Folhas?

— Nas árvores.

— Espere um pouco. Deixe-me dar uma olhada.

— Esqueça.

— Quando você vai me deixar vê-la?

— Logo.

— Logo quando? Você disse agosto. Já estamos na estação do futebol.

— Logo. — ela repetiu. — Apenas... quero estar pronta, só isso.

Ela quase podia ouvir seus pensamentos, ver as belas sobrancelhas levantadas com perplexidade. *Mulheres. Por que elas não podem se decidir? Se eu tiver que esperar Julia consertar a cabeça, estarei velho e grisalho e o Sr. Feliz não poderá mais levantar e fazer a dança do prazer.*

— Você sabe que eu a amo, Julia.

Ela balançou a cabeça junto ao telefone. Seus olhos fixos através do corredor, na entrada do quarto. O faz-tudo deixou a porta aberta, mas ele deve ter fechado as cortinas, pois o quarto estava escuro. Ela pensou novamente no relógio e nos números vermelhos travados em 4:06.

O faz-tudo viu aqueles números. Mas ela havia desconectado o relógio. Estava certa disso, da mesma forma que estava certa que havia trancado a porta.

O faz-tudo também havia visto os blocos próximos aos seus pés. Eles também não eram imaginários.

— Julia?

— Sim? — Ela se deu conta de que ainda estava segurando o telefone.

— Eu disse que amo você.

— Eu sei disso.

— Então?

— Eu também. Eu... amo você.

Então começou, naquela breve hesitação. O leve, mas perceptível, aumento, o tom mais alto na voz. A calma antes da tempestade. Aqueles que lidavam com Mitchell Austin no tribunal conheciam apenas o lado calmo, nunca o da tempestade. — Quando começará a pensar novamente em nós, e não apenas em você mesma?

— Estou fazendo progresso. Dra. Forrest é muito boa. Estou...

— Por favor. Me poupe dos detalhes.

— Mitchell...

— Que tal no próximo final de semana? Posso pegar um voo da manhã para Charlotte e chegar a

tempo para o almoço. Vou parar em um dos restaurantes no caminho ao aeroporto. Aposto que eles não tem brie ou vinagrete de alho-porró aí em Elkwood, tem? Ou vinho que não tenha data de validade no rótulo.

Mitchell estava determinado agora, como se isso fosse um julgamento e ele tivesse a testemunha principal se contorcendo. Julia se sentiu estranhamente defensiva com relação a essa comunidade a qual ela apenas recentemente havia se juntado. — Eles são boa gente por aqui. Eu gosto desse lugar. Gosto dessas montanhas.

— Quando você vai desistir e se casar comigo?

Dito com o mesmo tom de ‘Qual o sabor de sorvete que você gosta?’ Sua própria raiva aumentou um pouco, uma cobra de olhos ardentes se contorcendo sobre seu ninho. — Mitchell, conversamos sobre isso centenas de vezes...

— Certo, certo. Mas, de verdade, adoraria vê-la. Preciso vê-la. — A voz mais macia agora, tentando uma nova abordagem. — Sinto sua falta.

— Também quero vê-lo novamente Mitchell. Apenas quero estar pronta, só isso. Você me merece na minha melhor fase, e acho que não posso lhe dar isso agora. Talvez daqui a algumas semanas.

— Daqui a algumas semanas então. Vou acreditar nisso, querida. Escute, tenho que ir. Tenho outra ligação aguardando.

Você não gostaria de perder uma ligação. Algumas economias e empréstimos necessitam de ajuda para fechar um orfanato.

— Tchau Mitch...

Ele já havia desligado.

Julia segurou o telefone contra o peito por alguns momentos. Nenhuma sombra havia rastejado do quarto. Nenhum Monstro havia passado pé ante pé por ela para mexer no relógio. Ninguém havia escrito palavras estranhas na mesa de café.

Uma coisa boa sobre Mitchell é que ele nunca havia falhado em fazê-la esquecer seus outros receios. Ele a deixava mais maluca do que uma centena de monstros conseguiria. Primeiro por fazê-la se apaixonar e depois por deixá-la pensando se o amor realmente existia.

Era próximo de meio-dia. Ela tomou um pequeno gole de café frio, levou a xícara para a cozinha e a lavou. Ela devorou um sanduíche de abacate com feijão e pegou uma maçã em seu caminho para a porta. Apesar do dia permanecer frio, Julia não pegou o casaco no quarto.

O relógio ainda poderia estar travado em 4:06. Cérebros eletrônicos poderiam ficar malucos? Ou apenas pessoas?

Ela não estava certa de querer saber a resposta.

Para se aquecer, ela amassou um pouco de jornal, amontoou-os na lareira e ateou fogo com um fósforo. Em seguida colocou os blocos de madeira, observando com os olhos arregalados conforme as línguas de fogo lambiam os blocos até transformá-los em uma pilha de cinza, apagando as letras antes escritas nas faces.

CAPÍTULO 3

— O que você sonhou na última noite?

Julia olhou além da Dra. Forrest, para a pintura que dominava a parede do escritório. Era feita com tons de laranja, marrom e vermelho, uma obra abstrata com cantos entalhados. Triângulos empilhados, quadrados rasgados, os ângulos recortados e violentados. Uma arte que era inquietante em vez de calmante.

Dr. Denner apreciava mais imagens bucólicas, pinturas não tão talentosas, daquelas encontradas em aulas de iniciantes. Celeiros e salgueiros, riachos e cercas. Sem pessoas. Sem ameaças. Apenas a velha natureza entediante.

— Julia?

— Ah, desculpe. — Julia olhou para a terapeuta. Pamela Forrest sorriu sabiamente, os óculos pendurados na ponta do nariz. Quarentona, bem vestida, saltos baixos e cabelo curto em um corte moderno. Confortável na cadeira de couro, o escritório a manifestação física de uma mente bem organizada.

E aqui estava Julia novamente, tratando suas maluquices, comparando seus defeitos.

A Dra. Forrest balançou a cabeça incentivando-a. — Você está um pouco distante hoje. Sobre o que estava pensando?

Ela pensou em mentir. Mas então ela seria *realmente* maluca. Se você não pode confiar em um terapeuta, em quem mais poderia?

— Eu tive uma crise — disse Julia. — Quando voltei pra casa hoje de manhã. Eu... eu pensei que havia trancado a porta da frente, mas a encontrei aberta.

— Aberta?

— Bem, não aberta, mas destrancada.

— E como isso a fez se sentir?

— Assustada.

— Assustada com o quê?

Julia olhou as mãos. — Não sei dizer.

— Eu acho que você sabe.

— Ele. Aquilo. O Monstro.

— Ah. — A Dra. Forrest se inclinou para a frente na cadeira. — Você pensou que o monstro destrancou a porta e estava esperando dentro da casa.

— Sim.

— Tinha um monstro dentro da casa?

— Não. Mas poderia ter tido.

— E o que teria feito o Monstro?

— Não sei.

— Sim, você sabe. Não é muito difícil de imaginar.

Julia abominava a ideia de imaginar tudo outra vez. A fantasia era quase tão terrível quanto a verdade seria, quanto foi. Mas se ela interpretasse a cena, a Dra. Forrest ficaria satisfeita. Julia precisava agradar alguém.

Assim, ela se concentrou em como teria sido o ataque. A ansiedade da manhã a assomou novamente, forte como se fosse a primeira vez. Ela agarrou os braços da cadeira e apertou até suas juntas ficarem brancas. — *Por favor, não me machuque* — ela arquejou por dentre os dentes fechados, quase sentindo a faca avançando a cada palavra.

— Sim, isso mesmo — disse a Dra. Forrest, a voz baixa, intensa, provocando. — Deixe sair, viva isso. Traga o medo para fora e viva-o.

— Ele me pegou — disse Julia, os olhos fechados, encharcada pelo suor da tensão, a dor pela faca enterrada no peito, vendo o sangue escorrendo no tapete da sala.

— Você pode ver o rosto?

— Não.

— Tente.

— Estou tentando — disse ela, em um sussurro quase inaudível. Apesar da sala estar adoçada pelo perfume do buquê de crisântemos em um vaso sobre a mesa da doutora, Julia podia jurar que estava sentindo cheiro de fumaça.

— Tente mais forte. Se puder vê-lo, será uma vitória sobre ele.

— Eu... — As feições do Monstro quase coalesceram a partir das névoas de sua imaginação. O faz-tudo? Mitchell? O garoto da escola que ficou olhando para ela através da rua ontem? Ou era mais velho que isso, mais velho que ela, mais velho que o tempo?

— Quem é? Quem trouxe esse medo para sua vida?

Julia saltou da cadeira e caminhou em direção à janela. Ela caminhou para frente e para trás, esfregando os braços. Ela estava ofegante, tensa com aflição e ao mesmo tempo próxima da exaustão.

A Dra. Forrest se aproximou e colocou uma mão em seu ombro. — Tudo bem, Julia. Eu sei o quanto lhe machuca enfrentar isso. Se eu pensasse haver outro meio de derrotar essa coisa, eu tentaria. Mas você recusou Klonopin, Prozac e...

— Sem drogas — disse Julia. — Quero vencer essa coisa com minha própria mente.

— Eu sei, Julia. Mas todos nós precisamos de ajuda de tempos em tempos. Pelo menos você está deixando que eu a ajude. — Ela conduziu Julia novamente para a cadeira. — Vamos tentar algo diferente. Acho que já avançamos o suficiente para que você esteja pronta para o próximo passo.

Julia sentou docilmente e a Dra. Forrest reclinou a cadeira, atravessou a sala e diminuiu as luzes. O céu ainda estava encoberto, a sala quase escura. Julia fechou os olhos e aguardou pelas instruções da Dra. Forrest.

— Vamos voltar no tempo — disse a terapeuta.

— Eu não quero — disse Julia.

— Mas foi lá que o problema começou, Julia. Tudo o mais, todos os seus problemas, seus medos, nasceram lá. Seu corpo sabe disso, seu subconsciente sabe disso. Tudo o que resta fazer é você admitir isso.

Julia engoliu com dificuldade e passou a língua nos lábios. Escuridão. Ela abriu os olhos. Escuridão.

— Olhe para o teto, Julia.

Julia obedeceu, mas não conseguia ver o teto.

O tom da Dra. Forrest suavizou, mas as palavras mantiveram um passo constante. — Olhe além do teto, Julia.

Julia olhou. Mais escuridão, um negro mais profundo.

Olhe além disso, Julia. E enquanto você estiver olhando, deixe seus braços e pernas relaxarem. Seus membros são como grandes balões de hélio, muitos leves, muito relaxados.

Julia flutuou com essa imagem. Pela primeira vez, desde que tinha acordado pela manhã, ela se sentiu à vontade.

A voz calma da Dra. Forrest vinha de algum lugar perto dela. — Muito tranquila, muito leve. Você confia em mim, não é Julia?

— Sim — ela se escutou sussurrando. Era quase a voz de outra pessoa.

— Você está livre agora, Julia. Nada pode machucar você. Eu não vou deixar nada machucar você.

Julia sorriu, sentindo o rosto como se fosse caramelo morno.

— Você realmente deve confiar em mim agora. Nós voltaremos. Bem para dentro do seu passado.

Julia balbuciou um protesto.

A Dra. Forrest pegou sua mão. — Shhh. Está tudo certo. Dessa vez, estarei com você. Nós iremos juntas para o passado. Eu não vou deixar ninguém machucar você.

Julia esperou, olhando para o além, com os olhos fechados.

— Eu não vou deixar *ele* machucar você — disse a Dra. Forrest

Julia balançou a cabeça concordando. Uns poucos momentos depois, olhando além da escuridão, ela era pequena novamente. Quatro anos de idade. Em seu quarto. Chester Bear encostado em seu ombro. No meio da noite. Escuridão. Escuridão. Exceto...

A luz vazando pela fresta debaixo da porta.

— O que você está vendo? — Falou a Dra. Forrest.

— Luz. — A voz de Julia soou infantil até mesmo para seus ouvidos.

— Onde você está?

— No meu quarto.

— Qual quarto?

— Na casa. Na casa grande onde Papai vive.

— Papai? Como você sabe?

— Eu sei.

— O que está acontecendo agora?

— Eu saí da cama. Escuto vozes no outro quarto. Vozes altas. Como quando alguém está bravo. Estou *assustada*.

A Dra. Forrest apertou sua mão. — Estou com você dessa vez. Continue.

Ela foi até a porta. O chão estava frio por debaixo de seus pés. — Eu molhei a cama. Papai não gosta quando eu molho a cama.

Julia foi até a porta e escutou. — As pessoas estão bravas com Papai. Eu as escuto. As pessoas más.

— O que seu pai está dizendo, Julia?

— Não sei. Não consigo escutá-lo.

— O que você *acha* que ele está dizendo?

— Não sei.

— Tente com mais força, Julia. Faça isso por mim.

Julia escutou. Uma buzina de carro soou. Ela veio lá de fora do escritório ou de fora do seu quarto de criança?

— Não adianta — murmurou ela, com a boca seca.

A Dra. Forrest ficou quieta por um momento, ainda segurando a mão de Julia. — Vamos brincar de faz-de-conta por alguns momentos. Você consegue fazer isso?

— Sim — disse Julia ansiosamente, não querendo que a Dra. Forrest ficasse brava como as pessoas más.

— Vamos imaginar que as pessoas vieram para levar seu pai embora.

— Não — gritou Julia, tentando sentar. A Dra. Forrest a segurou com firmeza contra a cadeira.

— Você está na porta do seu quarto, Julia — continuou a Dra. Forrest, segurando Julia enquanto ela se debatia fracamente. — Você está com quatro anos de idade e as pessoas más estão na sala.

— Pessoas más — gemeu Julia.

— Abra a porta.

— Não. Por favor, não me obrigue a fazer isso.

— Abra a porta, Julia.

Sua mão estava contra a madeira, puxando, uma mistura de horror e empolgação correndo pelo corpo com cada batida descompassada de seu coração. A luz fez seus olhos doerem e ela piscou. A porta abriu levemente, mas ela estava com medo de que as pessoas más tivessem ouvido as dobradiças rangerem.

Ela piscou e segurou Chester Bear. Papai estava na sala. Três pessoas sem rosto estavam com ele, circundando-o. Eles usavam túnicas pretas com capuzes.

— Venha Douglas — disse o mais alto das pessoas sem rosto. — Ou vocês está totalmente dentro ou você está totalmente fora.

Papai balançou a cabeça, seu rosto pálido e suado. — Não posso fazer isso, Lucius.

— Você bebeu da taça — o homem de capuz falou. — Você fez um compromisso.

— Mas aquilo não fazia parte do acordo — seu pai alegou. Ele olhou ao redor desesperado. Era a primeira vez que Julia o via assustado. Ele era sempre tão grande, tão corajoso, tão forte...

— Você usou seu anel — disse o líder das pessoas más. Os outros dois se aproximaram de Papai, um em cada braço.

— Você é louco — disse Papai. Julia quase gritou, mas o medo apertou sua garganta e congelou sua língua.

Então Papai olhou na direção da porta de seu quarto e viu a luz banhando seu rosto pela fresta. E o homem mau, Lucius, viu os olhos de Papai se arregalando. A cabeça encapuzada virou na direção de Julia.

Nesse momento ela gritou, deixando Chester Bear cair e sentindo como se fosse se molhar novamente. Ela chorou e balançou a cabeça, gritou e gritou novamente na noite.

— Diga-me o que está acontecendo — veio uma voz.

Dra. Forrest? O que ela estava fazendo aqui?

Uma mão segurou a dela.

E Julia se desvencilhou do passado, lembrou das sessões anteriores e como elas tinham ido até tão longe em seu passado, tão longe e além, e subitamente ela não queria reviver isso novamente, apenas queria que aquela noite ficasse lá, no turvo e negro esquecimento.

— Você sabe o que aconteceu, não sabe, Julia?

Ela balançou a cabeça concordando. Como ela poderia esquecer? Sua mente tentou, trancando isso em um compartimento secreto.

— Você está pronta para falar sobre isso?

— Não.

— Julia. Pensei que estávamos fazendo progresso.

— Não consigo lembrar.

— Claro que você consegue. O corpo lembra o que a mente tenta esquecer. A memória está em seu sangue, nas suas células. Em seu coração. Ouça-o.

Lembrar.

Não importa o quanto machucasse.

— Eles vieram e levaram você embora, não é mesmo?:

— Levaram-me?

— As pessoas más.

— As pessoas más — ecoou a voz de Julia.

— E o que eles fizeram com você naquela noite?

Lágrimas rolaram pelo seu rosto, quentes na pele. Seu estômago se contraiu como se estivesse

esperando um soco. Os músculos dos braços tremiam incontrolavelmente.

— Eles... eles me *levaram*.

— Sim. E você sabe o que eles fizeram em seguida.

Julia balançou a cabeça, ainda negando. *Precisando* negar.

— Deixe sair — disse a Dra. Forrest, apertando a mão de Julia tão forte que a machucou. — Traga isso para a luz para que possamos derrotá-lo.

E veio em um ímpeto. Os pedaços de imagens, como se estivessem sendo vistas por vidros quebrados, um sonho fragmentado com as peças caídas em águas escuras, reflexos em espelhos fraturados, os ossos partidos de lembranças, fantasias construídas em ar sufocante, todas se jogando umas contra as outras, como exércitos na noite.

Pedra fria sob seu pescoço nu. Suas pernas e braços presos com corda áspera. As velas ao seu redor, a luz laranja tremulando nas paredes cinzas e misturando-se com as sombras que deslizavam como serpentes. Acima dela, cordas pendiam de vigas de madeira tosca e por detrás a noite interminável. Canções, murmúrios, muitas vozes.

Ela queria Papai. Ela queria Chester Bear. Então ela viu as pessoas más. Ao redor dela, com túnicas, olhos brilhando sob os capuzes negros. Então eles a estavam machucando, apesar dela estar gritando e lutando contra as cordas.

Ela se libertou, sentou, seus pulmões em fogo. Ela piscou rapidamente.

O escritório. A pintura impressionista na parede, acabamento de carvalho, um leve odor de couro e flores. A Dra. Forrest sentada ao lado dela, radiante, os óculos embaçados.

— Sim! — Disse a Dra. Forrest, triunfante. — Você conseguiu.

Julia olhou ao redor, viu o relógio na parede. Seu tempo estava quase acabando. Bom. Ela não conseguiria ficar nem mais um minuto com o passado punitivo.

— Como você se sente? — Perguntou a Dra. Forrest.

— Terrível. Estou com dor de cabeça. Meus músculos estão doendo. — Ela esfregou os pulsos onde as amarras imaginárias a tinham prendido.

— A memória está na carne — disse a Dra. Forrest. — Psicogênica. A dor está trancada também. Mas podemos trazê-la de volta para fora.

— Gostaria que não tivesse que doer tanto.

A Dra. aproximou o rosto, tão perto que Julia podia sentir o odor do *fettuccine Alfredo* que ela comera no almoço. — Você é uma vítima, Julia. Não se esqueça disso. Você não pediu o abuso cometido contra você.

— Exceto que eu continuo pedindo, não é? Não é por isso que tenho tanto medo do Monstro? É como se eu esperasse que coisas ruins aconteçam comigo.

— Sim, mas isso não é culpa sua. Você não tem defesas contra isso. Aquelas pessoas — *pessoas más* — escravizaram você. O passado mexe muito com a gente.

— Então porque tenho que ficar voltando ao passado? Não posso simplesmente deixá-lo quieto? — Julia tirou a fumaça, o suor e a dor de dentro da cabeça.

— Você não quer ficar boa?

— Com certeza. Você sabe que sim. É por isso que estou aqui.

— Ainda temos um grande trabalho a ser feito — disse a terapeuta. — Mas por hoje é suficiente. Realmente acho que fizemos um grande avanço com essa sessão.

Julia sentiu como se o avanço tivesse sido feito de dentro para fora, que a memória em sua carne havia cortado e arranhado o caminho para a superfície. Ela levantou e pegou a bolsa, levemente tonta. A Dra. Forrest estava atrás da mesa, percorrendo o calendário com os dedos.

Julia quase mencionou os blocos de madeira, mas sabia que a Dra. Forrest a obrigaria a vasculhar a bolsa atrás da receita. Por que a doutora diria que Julia comprou os blocos e os espalhou sobre a mesa para entrar em um jogo de autotortura psicológica. Um pouco de trapaça autoindulgente. O diagnóstico de Julia mudaria para algo impressionante como Esquizofrenia, Tipo Paranoide Estável. E Julia não estaria nem perto de estar curada.

— Conte-me sobre seu pai — disse a doutora sem olhar para ela. — Quando você costumava brincar com ele no chão.

Não, pensou Julia. A Dra. Forrest não pode ler mentes. E acreditar que pessoas podem ler mentes vai encaixar você definitivamente dentro do grupo dos esquizofrênicos.

— Eu escrevia meu nome com blocos de madeira. Ele ria e dizia, “Não, querida. É Juuulia.” E ele tirava o segundo bloco e colocava três U’s.

— E o que você fazia então?

— Eu dizia, “Não é, não”, e então ele ria, me abraçava, acariciava meu cabelo e colocava os blocos na ordem certa. — Ela relanceou o olhar para a porta, se arrependendo de sair do constante estado de negação, nessa excursão de uma hora de duração. — Eu não quero mais falar sobre isso.

— Descobrir boas lembranças é tão importante para se curar quanto se livrar das ruínas.

— Nesse exato momento, estou cansada de lembrar.

— Na próxima semana, então, como sempre.

Julia concordou. A Dra. Forrest marcou a consulta. — Ligue-me se você precisar. A Dra. Forrest entregou a ela um cartão para lembrá-la da consulta. — E tem algo que eu gostaria que você tentasse para mim.

— Sim?

— Mantenha um diário. Escreva rapidamente sobre as coisas que acontecem, seus sonhos, qualquer coisa. Não precisa ser formal. Na verdade, quanto mais fluidas as ideias, melhor.

— Vou tentar — disse Julia, sabendo que faria melhor que simplesmente tentar. A Dra. Forrest era uma boa terapeuta. Ela não passaria tarefas impossíveis. Tudo era feito com um objetivo em mente. Julia sabia um pouco sobre teoria terapêutica das aulas de psicologia na universidade. E ela queria agradar a doutora.

Estamos fazendo progresso...

CAPÍTULO 4

A Dra. Forrest a acompanhou até a porta. Julia foi para o estacionamento piscando. Como sempre, após uma sessão, o mundo parecia irreal, as peças incoerentes e instáveis. O asfalto era uma coisa separada do chão, como se flutuasse sobre éter. As montanhas e o céu pareciam não se unir com o horizonte. Apesar das nuvens ainda cobrirem o sol, os salpicos de mica da calçada brilhavam como pequenas estrelas, formando galáxias sob seus pés. Mesmo as árvores que margeavam as ruas pareciam existir em um universo bidimensional próprio, tão achatadas quanto folhas guardadas dentro de livros.

Foi apenas quando ela ligou o carro e se encaminhou para a estrada que ela lembrou do relógio no quarto. Ela não havia contado para a Dra. Forrest sobre 4:06, tampouco. Aquela coisa estranha não poderia ter sido criação de sua imaginação. Ela tinha o faz-tudo Walter como testemunha. Mas Julia tinha desligado o relógio antes de Walter vê-lo. Ela tinha certeza.

Julia tinha uma sensação de que a Dra. Forrest ficaria descontente sobre o relógio. A terapeuta não gostava de ver Julia se fixando em pequenas coincidências. Talvez Julia o mencionasse casualmente da próxima vez, ou escrevesse sobre isso em seu diário. Ou talvez apenas esquecesse de vez. Algumas vezes era melhor deixar o passado onde estava.

Ela margeou o maior tráfego de Elkwood, a quatro quadras do centro, onde estava os maiores prédios com cinco andares. A cidade era chamada de “Portão para as montanhas” e tinha sido originalmente um posto de comércio para os caçadores que domaram as áreas selvagens, desalojaram os Cherokee e erradicaram os búfalos e cervos a partir dos quais a cidade ganhou o nome. Agora era um destino turístico em crescimento, aninhado em uma bacia fluvial entre o Blue Ridge e as Great Smoky Mountains.

Julia dirigiu através do Rio Amadahee e das trilhas que circundavam o pequeno distrito industrial de Elkwood. Duas das fábricas estavam abandonadas, as cercas de alambrado rasgadas e abertas, os estacionamentos salpicados de grama, manchas de óleo resistentes e garrafas quebradas. Algumas das fábricas estavam sendo desmanchadas e substituídas por condomínios e parques tecnológicos, a Nova Reconstrução do Sul.

Talvez Julia escrevesse uma série sobre isso. Mas esse não era o trabalho que seu editor lhe havia dado. Ela era uma escritora de “trivialidades” no *Elkwood Courier-Times*, apesar de ser uma repórter para o *The Commercial Appeal*. Isso estava bem também. Ela não tinha mais que dormir com um rádio na frequência policial esperando que a tragédia pessoal de alguém lhe desse trabalho para o dia.

Ela chegou no escritório na hora da reunião das 3:00 com os escritores. As tarefas para a semana incluíam uma exposição de flores no shopping center, um surto de doença em um abrigo de animais, um escritor famoso de quem ela nunca ouvira falar na biblioteca, a inauguração de um novo campo de futebol e um festival de artesanato que iniciaria em três semanas. O festival de artesanatos incluíam uma série de anunciante de papel, e o editor queria dar a isso um grande incentivo. Julia podia lidar com isso, apesar de que elogiar contas coladas e cestos mal feitos era um desafio às suas habilidades de escritora.

Cobrir conselhos escolares e comitês artísticos locais também era um desafio. Ela havia aprendido que a habilidade jornalística mais valiosa era fazer com que as citações das pessoas parecessem mais inteligentes do que eram. Ela se chateava quando os leitores se referiam ao jornal semanal como “A Soneca”, mas ela estava agradecida pelo trabalho sem pressão. Pulizers poderiam esperar. Ela estava em

Elkwood para colocar a cabeça no lugar.

Quando ela deixou a sala de reuniões, seu colega de trabalho, Rick O'Dell, a alcançou. — E aí, Julia, quais as novidades?

— As mesmas de sempre — disse ela.

Rick sorriu, os olhos por trás dos óculos de professor de ciências da década de 1950. Ele possuía um cacho no estilo Clark Kent no meio da testa, as curvas brilhantes de gel. O terno inspirado na Zoot foi feito sob medida, um luxo com seu salário. O estilo retrô era manchado por uma corrente de ouro no pescoço, como se fosse de Palm Beach via Cleveland. — Você leu a abertura da minha série de artigos?

— Eu não recebo o jornal — ela caçoou.

Rick riu com entusiasmo demais. Ele era um repórter quente, em ascensão, já com dois prêmios da North Carolina Press Association no cinto. Na realidade, ele queria outras coisas sob seu cinto, como qualquer garota jovem que cruzasse seu caminho. — É uma história de matar — disse ele. — Literalmente.

— Conte-me — disse ela, caminhando para a mesa e sabendo que Rick não precisaria de outro incentivo. Persistência era um fator importante para um repórter, e a arrogância de Rick significava que ele não desistia facilmente.

— Lembra na década de 1980, quando havia todo aquele zum-zum-zum sobre satanismo, a imensa rede clandestina, como todas aquelas crianças que estavam desaparecendo acabaram como sacrifícios humanos?

A cabeça de Julia levantou com a palavra “satanismo”. Ela parou de andar e se virou para Rick. — Sim. Não ficou claro para todo mundo que na verdade a história estava grande demais?

— Claro. Quer dizer, como você contabiliza que algumas daquelas mais de 50.000 pessoas foram assassinadas em sacrifícios humanos? Você não pode simplesmente esconder tantos corpos sem achar um osso aqui ou ali.

— Osso? — O sonho da noite passada se contorceu na sepultura adormecida.

— Isso — disse Rick. Suas costeletas angulares elevaram-se conforme ele abriu um sorriso. — Bem, talvez esteja retornando. Você ouviu sobre o corpo que acharam em Amadahee?

— Não. — Julia evitava os noticiários na televisão, rádio e jornal tanto quanto conseguia. Ela não estava brincando quando falou que não tinha assinatura de jornal. Se a ignorância era uma bênção, ela gostaria de ser tão abençoada quanto um Buda meditando.

— Homem caucasiano, cerca de 20 anos. Nu, mãos atadas, a cavidade abdominal aberta. Bem ritualístico.

— Uau — disse Julia, seu interesse despertado. Elkwood não possuía tantos assassinos quanto Memphis, mas era tão suspeita de sinas particulares quanto qualquer outra comunidade americana. Ainda assim, essa pareceu diferente de uma discussão armada comum de sábado à noite. Julia não havia abandonado os hábitos das histórias de crimes tanto quanto havia pensado inicialmente. — Mas qual a conexão com satanismo? Se você fez direitinho sua pesquisa, e tenho certeza de que fez...

Rick sorriu, mostrando dentes brancos e perfeitos que podiam suportar a presunção de seu dono, e balançou a cabeça para que ela continuasse.

— Então você deve saber que ritualismo é mais para suprir uma necessidade psicológica que

espiritual. Pelo menos quando se fala de assassinato.

— Claro. Assassinos seriais fazem o que fazem para suprir uma necessidade sexual. Todo mundo sabe disso. Eles não fazem colares a partir de partes do corpo de mulheres apenas para agradar a algum poder lá de cima ou lá de baixo. Eles fazem isso porque gostam. É o clímax para eles. E eles continuam fazendo até serem pegos ou mortos.

— Então, você cursou o módulo básico de Monstros na universidade também? — Julia perguntou.

— Autodidata.

— Então por que as autoridades estão pensando que foi uma morte relacionada a satanismo?

— Eles não estão pensando. Ainda não. Mas a vítima era um homem. Estripado. E aqui está a pegadinha. O piu-piu do cara foi cortado fora.

— Cortado? — Mesmo sem querer, Julia estava fisgada. Ela detestava o apetite sem fim do público pela atrocidade, a fome pela controvérsia, a fascinação lasciva pelo lado escuro da humanidade. Isso acabou fazendo com que ela vivesse disso, traficando a miséria humana para escrever matérias chamativas para os editores em Memphis. Ela era tão culpada quanto qualquer um por chafurdar nas más notícias, mas podia entender. Ela possuía sua própria dicotomia interna, o passado negro que ela continuava a procurar, como um inspetor procurando um fio solto em uma bomba.

— Claro. Agora veja, um dedo cortado não parece tão sério quanto ser estripado, mas a questão é: o piu-piu era *cicatrizado*. Um pedaço de tecido cicatrizado. Significando que a lesão foi feita anos antes.

— E? Ele pode ter tido um acidente, ficado preso em uma máquina de costura ou em uma porta de carro.

— Ele poderia — Rick concordou, arrumando sua já perfeita curva de cabelo. — Mas amputações de piu-pius é outro ritual praticado por você-sabe-quem.

— Nossos velhos amigos, os satanistas. — Julia balançou a cabeça. — Rick, você assistiu muito Arquivo-X.

— Eu tenho muito mais evidências. Deixe-me pagar uma cerveja para você no Whistle Gate e conto tudo sobre o que achei.

— Não, obrigada — disse ela, sorrindo para desarmá-lo. Então ela pensou em ir para casa, com a escuridão crescendo, a casa esperando e o relógio no quarto ainda parado em 4:06.

Melhor o Monstro que se conhece, aparentemente. Pelo menos esse tem um rosto.

— Pensando melhor — disse ela. — Eu não janto fora faz algumas semanas. Acho que será bom ver o que anda aprontando a civilização agora.

O peito de Rick inchou visivelmente. — Ótimo. Ótimo.

— Encontro você lá. Por volta das seis.

Ele caminhou pelo corredor, sorrindo como se tivesse colocado uma minhoca dentro do vestido de uma menina. — Fantástico. Vou conseguir uma boa mesa para nós.

Enquanto ia para sua mesa, colocar em ordem as notas e papéis, ela ponderou se a Dra. Forrest aprovaria isso.

CAPÍTULO 5

Julia chegou em casa após escurecer. As luzes do Subaru varreram a casa conforme ela se aproximou. Luzes brilharam dos apartamentos vizinhos e a luz da porta da frente de Mabel Covington estava acesa, com um enxame de mariposas procurando calor. Ainda que a floresta pairasse escura e densa, Julia estava determinada a não ficar com medo.

Música saía de um dos apartamentos de baixo, “Sympathy for the Devil”. Mick Jagger era quem necessitava de simpatia. Mancando no palco com a bengala e aparelho para ouvir, mas ainda vestido em lycra e casacos de penas. O diabo obviamente ainda não tinha ficado com a melhor parte daquele acordo.

Um boxer creme latiu para ela a partir dos gramados mal conservados do apartamento. O cachorro era amigável, mas se habituou a deixar pequenos presentes cheirosos perto da porta de Julia. Ela ficou dividida entre espantá-lo e dar-lhe comida e no final eles alcançaram um acordo esquisito no qual Julia dava ao cachorro um carinho na cabeça em vez de pedaços de bacon e Fido manteve seu cocô na borda do caminho.

Rick tinha praticamente se convidado para vir à casa de Julia para uma bebida. Julia o havia defletido, mencionando casualmente seu noivo e todo o trabalho que ela ainda tinha que fazer. Agora, entrando na casa escura e silenciosa, ela quase desejou ter aceitado sua proposta, presumindo que ele conseguisse manter as mãos nos bolsos. Talvez uma companhia platônica a ajudasse a diminuir o senso de isolamento.

Mas ela queria derrotar aquele medo sozinha. Mesmo com a Dra. Forrest ajudando, Julia sabia que apenas uma pessoa poderia limpar a casa mental. Apenas uma pessoa poderia entrar nos cômodos, varrer as teias de aranha, subir as cortinas e deixar entrar a luz. Apenas uma pessoa possuía a chave.

Ela ligou a luz da sala e fechou a porta, acabando com a música dos Stones no meio de seus intermináveis “uhuu-uhuus”. Nada de blocos de madeira, esperando por ela com mensagens crípticas. Ela deixou a bolsa na mesa de café e deu um olhar apressado pela sala para verificar se tudo estava no lugar. Até agora tudo bem. Nenhum suor. Nenhum problema. *Nenhum Monstro aqui, senhora.*

Mas agora o verdadeiro teste estava para vir. Será que ela conseguiria caminhar pelo corredor até o quarto? Ela conseguiria olhar para o relógio?

Claro que você consegue.

Apesar de que você sabe que existe pelo menos UM Monstro em Elkwood. Um Monstro que havia se dado ao trabalho de atar as mãos e pés de sua vítima antes de eviscerá-lo. Um Monstro que sabia manejar a parte afiada de uma faca. Um Monstro que fez isso lentamente, para ter a certeza de que a vítima perdeu a maior quantidade de sangue e passou pelo maior sofrimento possível. Um Monstro que tinha orgulho de seu trabalho.

Rick teve o maior prazer em compartilhar os detalhes sórdidos enquanto jantavam. Ele sabia que ela trabalhava com casos policiais no The Commercial Appeal e tinha esperança de impressioná-la. Ela teve que conceder-lhe o crédito pela originalidade. Ele havia sido o primeiro homem a tentar levá-la para a cama com uma teoria assassina de satanismo.

Mas sua cama poderia já estar ocupada. Aqule mesmo monstro assassino poderia estar sob seus cobertores nesse momento, seus brinquedos afiados delicadamente acomodados no travesseiro, como as flores de uma amante. Talvez ele tivesse um anel de velas pretas esperando pelo toque de um fósforo. Talvez um pentagrama vermelho estivesse pintado no chão, algum demônio segurando a respiração fétida em antecipação à invocação.

Como o INFERNO, pensou ela rindo alto, embora o som de sua risada tenha saído mais como o engasgar de um cavalo. Ela aceitava a ideia de Deus, algo grande por detrás de tudo o mais. Na casa de sua mente, ela poderia dar a Deus uma pequena prateleira na cristaleira. Mas a ideia de que o mal existisse além das mentes humanas, bem, isso era um salto de fé um pouco maior do que ela poderia fazer. Ela era apenas maluca, mas não completamente insana.

Mas lembre-se do que a Dra. Forrest falou. Você não é louca. Você apenas sofre de “distúrbio comportamental”. Algo com uma etiqueta segura e confortável como “delirante” ou “personalidade limítrofe” ou “ansiedade inespecífica” ou ainda qualquer outro diagnóstico com nome elegante que os médicos resolvessem inventar.

E, de qualquer forma, ela estava sob controle de seu próprio comportamento. Ela poderia entrar no quarto, ligar a luz, olhar para o relógio e seguir com a vida. Invocar cultos satânicos pouco ajudava para acalmar a mente.

Ela deixou o spray de pimenta na bolsa. Ela poderia fazer isso sozinha, exatamente como a Dra. Forrest havia recomendado. Para o fundo do corredor, então, cada passo estalando de leve o assoalho na casa silenciosa. A porta do quarto estava aberta. Ela colocou a mão para dentro, rente à parede e, rapidamente, acionou o interruptor.

O quarto estava vazio, sua cama arrumada. O relógio digital mostrava 10:13. Ela verificou o relógio de pulso. Bem no horário, como se espera de um relógio. Ela estava para sair quando uma corrente de ar balançou as cortinas. Música vazou para dentro do quarto vinda do outro lado da rua.

A janela estava aberta. Por que Walter não havia fechado a janela quando terminou de verificar as fechaduras? Esses moradores das montanhas esperam que todos respirem ar puro o tempo todo, mesmo quando o termômetro está baixo.

Julia franziu o cenho e abriu as cortinas. Ela não possuía um quintal. A floresta crescia bem até a parte de trás de sua casa, as folhas de outono tão densas que as luzes distantes de rua não conseguiam passar pelas árvores. O odor de terra e madeira molhada espalhou-se com o orvalho. Ela fechou e trancou a janela. Então ela viu a pegada barrenta no chão.

A impressão mostrava apenas o contorno de um salto. Uma pequena e amassada folha de carvalho estava presa na pegada. Walter deve tê-la deixado.

Então por que motivo ele não havia deixado pegadas pelo resto da casa? E ele limpou bem os pés, ela havia visto isso.

Julia ajoelhou-se e tocou na impressão. A sujeira estava úmida.

Arrepios elétricos subiram pela sua espinha.

Alguém esteve na casa.

De verdade, não de fantasia.

E o Monstro ainda pode estar aqui.

Ela pegou o telefone ao lado da cama. Digitou um nove e um e estava para digitar o segundo um, quando olhou para seu sapato. havia barro em volta do salto.

Não, não era barro.

Fido tinha rompido com o acordo de paz. A trilha fedorenta de Julia estava marcada desde a sala.

— Ah, cocô — ela gemeu, colocando o fone novamente no aparelho. Ela quase fez papel de boba. Os policiais teriam vindo aqui, respondendo ao seu chamado de arrombamento.

Ela podia ouvi-los agora.

Primeiro policial: — Você quer fazer um teste nisso, tenente?

Segundo policial: — Claro. Já tenho as medidas.

Primeiro policial: — Espere um segundo. Isso não é barro.

Segundo policial: — Ufff. Tem cheiro de merda de cachorro. O que tem no seu sapato, senhora?

Julia limpou a sujeira e colocou um CD da Natalie Merchant. Nada de ruim poderia acontecer enquanto Natalie Merchant estivesse cantando sobre maternidade e gratidão. Ela verificou os e-mails, piadas de colegas de trabalho e alguns comentários no grupo de discussão do St. Louis Cardinals no qual ela participava. Os Cardinals estavam fora a uns vinte jogos, como de costume. Mas com o campeonato terminando, as melhores perspectivas era para os menores terem um tempo de jogo.

Ela apagou as mensagens pois um dos participantes estava falando das coisas que aconteceram no jogo que passaria hoje. Julia havia gravado o jogo e queria vê-lo sem perder a graça. Ela se sentou no sofá e acionou o controle remoto para o vídeo rebobinar. Ela acionou a secretária eletrônica e ficou olhando para a tela branca da TV.

A única mensagem na secretária eletrônica era de George Webster, avisando que Walter Triplett apareceria para verificar as fechaduras. Ela apagou a mensagem, pensando se Rick iria ligar.

Não havia sido um encontro, ela disse para si mesma. Aquilo definitivamente foi apenas “uma saída”. Espero que ele saiba disso.

Ela não queria passar todo o tempo no trabalho se desviando de cantadas, mas ser notada era sempre lisonjeiro. Rick era diferente de Mitchell. Não era tão agressivo, respeitava suas opiniões, era interessado em outras coisas além de só fazer dinheiro...

Eita, garota. Menos um pouco. Se começar a andar em uma estrada onde começa a comparar outros homens com aquele que vai casar, os buracos vão desviar você de um futuro feliz. Isso é tão ruim quanto comparar psicólogos.

E seu futuro *seria* feliz. Ela se mudaria para a casa de três andares de Mitchell em Colliersville, se associaria a um clube de tênis, talvez se voluntariasse para um conselho de biblioteca. Noites sociais com o círculo de advogados de Mitchell, os homens falando de compras, umas poucas mulheres advogadas tentando entrar na conversa, as esposas comparando pacotes de viagens de férias. Ela usaria colar de pérolas e sapatos de salto e procuraria nas revistas de moda qual marca de perfume tinha a campanha de marketing mais extravagante. Ela acabaria por ceder e usaria maquiagem, escondendo todos os danos feitos pelo tempo e pela gravidade.

Mitchell a deixaria continuar sua terapia, contanto que ela não levasse isso a sério demais. Seu círculo veria isso como mais um dos benefícios periféricos de ser rico, um modo de passar o tempo, do mesmo modo que alguém passaria o tempo em aulas de artesanato. Mitchell teria um caso amoroso

quando fosse quarentão, talvez mais de um, quando a cor cinza começasse a tomar conta de seu cabelo, e ele pensaria que havia perdido algo na sua infância. Julia aceitaria os namoricos, faria um lift facial e aplicaria botox, talvez fizesse uma plástica para elevar os seios, de forma que Mitchell ainda tivesse orgulho de mostrá-la.

Eles herdariam uma ou duas casas de estação pertencentes aos pais de Mitchell, as outras indo para sua irmã. Ele escolheria Santa Mônica, e convenceria Julia a aceitar os vinhedos de Martha também. Julia sentaria à praia no outono, bebericando margueritas e ponche de rum. Ela não bebia muito agora, mas ela levaria o hábito a sério, pois todos bebiam no círculo de Mitchell. Talvez ela até se tornasse alcoólatra, uma sólida ocupação que estava na moda para esposas de homens bem-sucedidos demais. A nova doença poderia inclusive suplantar a atual.

E isso seria assim tão ruim? O medo lentamente erodindo para um grande nevoeiro cinza, as lembranças se tornando mais obscuras e distantes. O passado perdido pela passagem dos anos em vez de ser provado, minado, coletado e analisado. O passado apenas como passado, nada tendo a ver com o presente oscilante e nebuloso que tinha seu fim ao alcance das mãos, no sabor suave e frio da bebida, uma amnésia fácil a um gole de distância.

Um ruído metálico e um chiado trouxe Julia de volta à realidade da tela branca da TV e indicou que a fita havia rebobinado. Lágrimas queimavam em seus olhos, se recusando a cair. Ela as varreu e pressionou o botão do controle. A tela brilhou e a fita começou. Julia colocou o dedo sobre o avanço rápido do controle, pronta para pular a análise pré-jogo.

O jogo não estava na fita. Em vez disso, a fita estava gravada com o rosto barbeado de um homem, os olhos brilhantes e febris. O homem estava apontando para a câmera como se estivesse repreendendo tanto o operador quanto a audiência. Em velocidade alta, o homem tinha um ar cômico, efetuando gestos selvagens no melhor estilo das comédias do Keystone Kop.

Julia tinha certeza de que tinha colocado a fita para gravar a programação da ESPN2, o canal de escolha para times como Cardinals. Ela conferiu a programação aberta em cima da mesa de café. Lá estava, Cardinals versus Astros, 4 PM, Canal 27. Videocassetes eram notoriamente complicados para programar, mas ela havia conseguido gravar quase todo o campeonato sem errar nenhuma vez.

A não ser que sua lembrança de programar o videocassete tenha sido um pequeno jogo que ela tenha feito consigo mesma, outro jogo para deixá-la parecendo uma idiota. E pessoas com delírios não mentem para si mesmos?

Não. Eu não coloquei os blocos de madeira na mesa hoje pela manhã e eu não gravei esse programa... QUALQUER que seja ele.

Ela parou a fita e a deixou passar na velocidade correta.

O rosto do homem preenchia os cantos da tela, a filmagem próxima tão intensa que ela podia ver as gotas de saliva saindo de sua boca enquanto ele falava. A voz maníaca do homem trovejou conforme ela aumentou o volume da TV com o controle remoto.

— E Satã veio ao mundo, o mundo que Satã possui, o mundo que ele roubou de Deus — disse o homem. — E Satã espalhou a riqueza, espalhou a luxúria disfarçada de amor, espalhou a cobiça disfarçada de necessidade, espalhou a guerra disfarçada de justiça. Satã estendeu os dedos através do mundo, tocando cada homem, mulher e criança.

O homem apontou para a câmera, para Julia, a voz suavizando. — Tocando você.

Tá bom. O Diabo me tocou na CABEÇA. Obrigada, amigo. Agora eu tenho uma desculpa. Aqui

estava eu, toda pronta para aceitar a culpa pelo meu pequeno problema e agora vem você e me dá a maior saída de todos os tempos. Sou apenas uma vítima. Claro. Por que mesmo eu não vi isso antes?

O pastor permitiu uma pausa dramática. — O mundo pertence ao diabo. Está lá, no livro de Lucas, escrito com as próprias mãos de Deus. — “Dar-te-ei a ti todo este poder e sua glória”, o Diabo disse a Jesus, enquanto estavam na montanha observando as maravilhas do mundo. “Por que a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero” O Senhor pode resistir à tentação, mas você teria cedido instantaneamente, não teria? Você agarraria tudo e ainda iria querer mais.

— E eu não culpo você — o homem de olhos selvagens continuou, limpando o suor do rosto, devido aos esforço e às lâmpadas Klieg. — Eu não culpo você por morder a maçã, aquela maçã vermelha, brilhante e doce. Eu a saboreei também, *todos* nós fizemos isso. Como podemos resistir?

Julia quase desligou a televisão, mas algo na lenga-lenga do tele-evangelista a fascinou. Seu cabelo era liso e perfeitamente cortado, escovado em uma volta que sobreviveria a um furacão. Os dentes do homem brilhavam, mais claros que pérolas celestiais, os músculos da mandíbula contorcidos no arrebatamento de seu discurso. Ela não tinha dúvidas de sua total sinceridade.

— Como podemos resistir? — repetiu ele, a câmera diminuindo o enquadramento para mostrar os braços esticados do homem, como estivesse se oferecendo para o abraço de boas-vindas de Cristo ou o próximo OVNI. — Somos vasos vazios e, a não ser que nos preenchamos com o Senhor, o diabo vai se infiltrar — os braços do homem se arquearam como se estivesse mergulhando em um lago — e vai nos afogar em pecado, vai nos afogar em arrependimento. Ele vai roubar nosso fôlego com suas falsas promessas. Ele vai nos derrotar e nós nem vamos lutar. Nós o aceitaremos e agradeceremos.

O homem caminhou para trás e para a frente defronte a uma cortina púrpura e arranjos de flores, que serviam como palco. O número de telefone Oferta de Amor aparecia estampado em um banner com grandes números dourados.

— Mas o *Senhor* vai lutar — disse o homem, a voz se elevando, o punho sacudindo no ar. — E o Senhor vai queimar os olhos de Satã, o Senhor vai tomar nosso amor e vai usar isso como arma, uma espada poderosa que vai abrir caminho dentro do fogo — Ele fez um movimento de corte com a mão livre — e vai cortar os dedos gananciosos de Satã e silenciar sua língua maldita, a língua que sussurra essas doces mentiras a todos nós. Mentiras sobre todos os prazeres que podemos ter, se desviarmos nossos corações do Senhor.

Pausa. Enquadramento mais próximo. O homem baixou a cabeça em triste reverência. Um movimento perfeitamente ensaiado.

Ele apontou novamente. — Satã quer você — disse ele, quase uma caricatura daqueles quadros patrióticos do Tio Sam. — Ele é seu *dono*.

Ela apontou de volta, a fascinação transformando-se em tédio. — Não, ele apenas está me tomando emprestado.

Ela preferia estar assistindo a derrota do Cardinal por seis a zero. O videocassete deve ter desligado e perdido a programação. Primeiro o relógio, agora isso. Ela teria que ligar para George Webster para que ele mandasse Walter aqui verificar a fiação.

Claro, jogue a culpa em alguma falha mecânica, não no operador. Ou na insanidade do operador. Nem me fale em mensagens divinas entregues de formas ridículas.

Ela acionou o controle remoto para desligar a televisão, o som morrendo e o rosto do tele-evangelista desaparecendo na escuridão. Após verificar a tranca da porta da frente, ela foi para o banheiro e tomou

uma chuva de água. Ela conseguiu passar o xampu e lavar o cabelo sem olhar nem uma única vez para fora do box do chuveiro. Nenhum Monstro aqui, nenhum aspirante a Anthony Perkins, nenhum buraco de observação perfurado nas paredes, nada além do suor do orvalho nos tijolos.

Antes de sair do banheiro, ela relanceou os olhos pela figura no espelho de corpo inteiro existente atrás da porta. O vidro embaçado quase disfarçava as duas longas cicatrizes que corriam por seu abdômen até à curva dos seios. Tirando essas cicatrizes, ela até que não estava mal para quem tinha vinte e sete anos. Mitchell certamente achava que ela valia a pena.

Ela foi para a cama ler um pouco de Jefferson Spence e foi carregada para uma terra onde o protagonista sempre recorria a reservas interiores de energia para ultrapassar obstáculos malignos. O relógio ainda estava bem comportado, de forma que ela ajustou o alarme para acordá-la pela manhã. Depois de apagar a luz de cabeceira, fez uma listagem na cabeça.

Portas trancadas. Janelas trancadas. Cortinas fechadas. Spray de pimenta na sala. Taco de beisebol debaixo da cama, o taco comemorativo do Louisville Slugger que seus pais adotivos tinham lhe dado como presente de aniversário de dezesseis anos.

Tudo pronto.

Nada além da escuridão e a quieta acomodação da casa. As folhas balançaram levemente nas árvores lá fora, uma delas ocasionalmente roçando no vidro da janela. Os vizinhos tinham parado com a música. Eles tinham bastante consideração com isso, com exceção das festas de finais de semana.

Ela se deitou no escuro pensando no episódio matinal de paranoia, nos blocos de madeira, a sessão com a Dra. Forrest, o assassinato satânico e Rick. Dra. Forrest. Algo durante a hipnose. Uma lembrança, rastejando de seu torpor, os dedos alcançando as trevas úmidas do porão. Abrindo caminho com as garras.

As pessoas más, ao seu redor, tocando-a e machucando-a.

Não.

Aquela lembrança era para o consultório da Dra. Forrest, onde poderia ser contida por paredes. Não aqui, não na casa de Julia, onde ela poderia escorregar para fora dos ouvidos para debaixo da cama, em cima da poeira, e esperar. Esperar por aquele momento certo, quando Julia estivesse dormindo, presa nas teias de um pesadelo. Então ela poderia agarrar Julia pelo tornozelo, abrir suas mandíbulas famintas e—

Ela se sentou e ligou a luz de cabeceira.

O relógio digital avançara, contando o caminho do passado ou rumo ao futuro, como quer que você veja a coisa. Julia o observou por alguns instantes e então pegou o livro. Julia leu até depois da meia-noite. Naquele ponto, ela estava completamente irritada com a heroína idealizada de Spencer e sua visão libertária do mundo, para não mencionar as obrigatórias trepadas, aqui e ali no meio das páginas, e uma prosa estufada e pomposa. Mas o livro havia ajudado a esquecer seus problemas. Spencer era confiável para isso, tão sólido quanto um dicionário.

Ela tentou o travesseiro novamente.

Não foi tão ruim dessa vez. Ela estava quase pronta para tentar o escuro novamente, mas decidiu deixar a luz acesa. Apenas uma vez não machucaria ninguém.

Ela pensou sobre a fita de vídeo, tentando lembrar de quando programara o videocassete. Ela podia lembrar. Ela podia se ver pressionando os botões, Canal 27. E ela apenas conseguira aquele pastor de cabelo sebooso dos infernos.

Bem, fazer o quê? Todo mundo comete erros.

Os pensamentos tomaram caminhos incertos, o rosto de Rick, o lago no clube onde ela encontrara Mitchell, seus falecidos pais adotivos, o professor que ela tivera na sexta série com suspensórios verdes, Mickey Mouse, as imagens pulando cada vez mais rápido na tela de pré-estreia de seus sonhos.

Ela estava quase dormindo quando ouviu um estalido do lado de fora da janela. O som de um graveto molhado se quebrando.

Ela segurou a respiração, mantendo o rosto junto ao travesseiro. Julia escutou. E escutou.

Um ruído de cavoucar no lado de fora da parede. Quão perto estava o taco de beisebol?

Não é nada, Julia. Provavelmente o boxer do vizinho, deixando um presente fedorento para amanhã. Ou um guaxinim. Você vive encostada na FLORESTA. Lembra da vida selvagem?

Um ruído no vidro da janela. O boxer não poderia pular a dois metros de altura.

É um Monstro.

Será que ela deveria fingir que não tinha ouvido nada e apagar a luz como se estivesse se preparando para dormir? Na escuridão ela poderia pegar o bastão sem ser vista. Ela poderia se ajoelhar e esperar perto da janela até o Monstro entrar. Então—

O quê? *Vapt*, batendo como uma profissional anabolizada com um taco de crianças?

Não. Ela podia chamar a polícia.

A polícia.

Primeiro policial: — Você está vendo alguma coisa?

Segundo policial (passando a lanterna acesa no chão do lado de fora da janela): — Hmm. Parece o mesmo tipo de pegada de animal.

Primeiro policial: — Que tipo de pegada?

Segundo policial: — Maldição. Acabei de pisar em cocô de cachorro.

Algumas vezes, um cigarro era apenas um cigarro.

Algumas vezes, ruídos eram apenas ruídos.

Ela alcançou o interruptor e desligou a luz, sem olhar para a janela.

Vush — um ruído forte contra a janela novamente.

Ela não conseguiu deixar de olhar.

Olhos.

Um leve brilho de fogo vindo das luzes distantes da rua, fraco por entre as cortinas.

Mas *olhos*.

E o rosto por trás deles?

Ela deslizou uma das mãos para fora da cama, tensa, pronta para gritar, para alcançar o Louisville Slugger, o telefone, qualquer coisa.

Os olhos desapareceram.

Ela ficou deitada no meio do próprio suor, tentando se convencer de que não tinha imaginado olhos, de que ela estava tão segura quanto um bicho de pelúcia. A Dra. Forrest a havia avisado sobre deixar o mundo de fantasia invadir a realidade. A Dra. Forrest não iria gostar de ouvir sobre olhos que não existiam na janela do quarto.

Os blocos de madeira tinham sido reais. Mas, se ela fechasse os olhos, poderia se imaginar escolhendo-os da prateleira de brinquedos, pagando no caixa, levando-os para casa e arrumando as letras sobre a mesa. E então esquecendo tudo para se assustar mais tarde.

Isso parecia loucura, um lapso de múltipla personalidade, mas ela nunca ficaria louca. A Dra. Forrest não a deixaria ficar maluca. Melhor fingir que os blocos de madeira nunca existiram. Nenhum Monstro pregou peças nela, a não ser o que existia dentro de sua cabeça.

Julia deixaria essa parte de fora do diário que ela começaria pela manhã. E se ela não queria imaginar olhos na janela, a melhor coisa a fazer era fechar os próprios olhos e olhar os filmes silenciosos de dentro das pálpebras.

Por um momento, ela sentiu falta da presença de Mitchell ao seu lado, na cama. *Melhor o mal conhecido.*

Ela finalmente conseguiu se embalar em um sono leve após as duas da manhã.

CAPÍTULO 6

— *Quantos* você disse? — Julia perguntou.

O gerente do abrigo de animais tragou o cigarro, soltou a fumaça e fez uma tentativa fútil de tirar os pelos de gato do casaco. — Cerca de uns trinta ou algo assim. Pode não parecer muito, mas se você for o dono de um animal de estimação...

Trinta cães e gatos tinham sido dados como desaparecidos nas últimas duas semanas. O velho homem de pele seca que a levou pelo abrigo e a deixou tirar fotos com a câmera digital se encostou contra a cerca, jogando a cinza no pedrisco. Cinco cães pressionaram os focinhos contra a cerca, apenas um deles balançando a cauda. Os outros pareciam sobreviventes, pelo sem brilho, orelhas caídas de tédio ou confinamento crônico.

— Geralmente recebemos cerca de três chamados por semana — disse o gerente, a voz rouca por meio século de cigarros. — Muitos deles são mortos por carros, evidentemente. Alguns simplesmente fogem, mas um cachorro ou um gato são muito mais inteligentes do que você pode imaginar. Só que, de uns tempos para cá, um bom punhado deles está perdido, se você me desculpa meu francês.

— Eu não falo francês — disse Julia. — Uma linguagem dos diabos.

O homem riu e tossiu.

Julia fez alguns apontamentos em seu bloco. — Isso já tinha acontecido?

— Não enquanto eu estive aqui, dez anos — disse ele. — Mas eu deixaria isso de fora da sua história. As pessoas que nos entrevistaram antes se concentraram no trabalho importante que fazemos, no quanto dependemos de doações, esse tipo de coisa.

— Um artigo fofinho e amigável?

— Isso mesmo. Ele apagou o fogo do resto do cigarro, amassou-o e guardou-o no bolso do guarda-pó. O forte cheiro de fezes de animais aumentou com a mudança da direção do vento. O homem pareceu não notar. — Temos problemas suficientes por aqui, como você pode imaginar.

— Deixe-me adivinhar. Os fundos dados pelo condado são apenas uma pequena parcela da operação, mas eles impõem todo tipo de regulamentação. Para não mencionar todas as leis estaduais que devem seguir. Então surgem as epidemias de virose, leucemia felina, sarna, pulgas e vermes. E a única coisa que você consegue disso tudo, e só de vez em quando, é aparecer alguém para adotar algum desses bichos.

Ela colocou os dedos por entre a cerca e esfregou o focinho do cão mais próximo. Ele lambeu seus dedos e a fitou com olhos questionadores e sombrios. Ela mudou a direção do olhar antes que a culpa pudesse completar a jornada do coração ao cérebro.

— É mais ou menos o tamanho da coisa — disse o homem. — Um monte de gente não liga a mínima para o modo como os animais são tratados. Eu gostaria de poder levar todos comigo para casa.

Os olhos do gerente umedeceram um pouco. Julia desviou o olhar e observou a borda esparsa da floresta e a planta de tratamento de água de Elkwood, na propriedade vizinha. As montanhas erguiam-se no horizonte, vermelhas, douradas e alaranjadas com a mudança das folhas. As nuvens estavam altas e

suaves no céu.

— Certo, fofinho e amigável será — disse Julia. — Apenas uma pergunta. Informalmente, é claro. Por que você acha que os animais estão desaparecendo?

O homem colocou a mão no bolso e pegou outro cigarro, mas levantou a mão vazia. — Eu morava em Austin, Texas — disse ele. — Uma manhã, alguns fazendeiros da periferia acordaram e acharam alguns de seus animais mortos. Cães, gatos, algumas ovelhas e até uma vaca. As gargantas cortadas. Os policiais acharam uma clareira em uma mata fechada de uma mesquita. Quem quer que tenha feito a clareira teve uma festinha.

— Festa?

— Eles fizeram um círculo de sangue no chão e colocaram uma estrela no meio. Adoradores do diabo, disseram os policiais. Nunca pegaram ninguém.

— Isso aconteceu novamente?

— Nunca desse tamanho. Eles recebem denúncias aqui e ali, cães mutilados e coisas como essas. Os policiais disseram que alguns desses adoradores do diabo até *bebiam* o sangue. O rosto do homem se enrugou de repulsa. — Meio difícil de acreditar, não é?

— Não nesse mundo maluco — disse Julia. — Você já ouviu falar em mutilação de pessoas?

— Inferno, isso foi no Texas — disse ele. — As pessoas se lançavam umas contra as outras com facas para decidir qual o melhor modelo de caminhonete era melhor. Algumas vezes retalhavam o sujeito até os ossos.

— Você acha que alguém em Elkwood está matando os animais?

Ele balançou a cabeça. — Isso não pode acontecer aqui. Não em uma cidade como essa. Eles são gente boa, pessoas que temem a Deus e que vivem pela Bíblia.

— Isso é o que dizem em todo canto — disse Julia.

— Exceto Los Angeles. E talvez Nova York.

Julia sorriu e concordou. — Bem, obrigada pelo seu tempo, Sr. Cole. Procure pela história na próxima semana. Será um artigo tão fofinho e amigável que a pelúcia escorrerá pelas páginas.

— Eu realmente agradeço, senhora.

Ele a chamou depois que ela tinha se dirigido para o carro. — Tem certeza de que você não quer levar um deles para casa?

Ela parou, com a porta do carro aberta. Olhou para todo o abrigo, a pequena cabana que servia de escritório, o barracão maior que servia de abrigo aos gatos e os canis de alvenaria para os cães. Os cães perto das cercas estavam sentados agora, com exceção do pequeno cão branco com a traseira peluda. Sua cauda balançava de um lado para o outro, os olhos negros e brilhantes em algum jogo secreto.

Não me faça sentir culpada, ela comandou mentalmente o cão. A última coisa que preciso é outra coisa com a qual me preocupar. Tenho coisas demais na cabeça. Com o meu próprio egoísmo. Isso me toma TODO o tempo, pequeno Fido ou Fidette.

— Acho que meu contrato de aluguel não permite animais de estimação — disse ela ao gerente.

— Bem, pense sobre isso. — Ele abanou.

— Pensarei — disse ela, entrando no carro. *Com certeza pensarei.*

Enquanto dirigiu de volta para a cidade, pensou no que escreveu no diário pela manhã, considerando se era o tipo de coisa que a Dra. Forrest queria. Ela acordara no primeiro ruído agudo do alarme, o relógio mantendo a contagem do tempo durante a noite. Mesmo antes de ir para o banheiro escovar os dentes, ela abriu o notebook e escreveu seu sonho.

O mesmo sonho.

Aquele com os ossos escondidos sob o assoalho.

O assoalho não era o de sua casa ou de qualquer outra na qual ela morara. Era feito de longas pranchas de madeira encaixadas. Por alguma estranha razão, que fazia sentido no sonho, ela tinha que manter segredo sobre os ossos. Ela tinha certeza de que não tinha sido ela a enterrar os ossos, que não tinha matado ninguém, mas parte do sonho não estava clara.

Talvez a Dra. Forrest soubesse o que aquilo queria dizer. A Dra. Forrest a tinha ajudado a decifrar um sonho anterior, no qual Julia estava grávida e uma cobra tentava pegar seu bebê. De acordo com a interpretação freudiana, a cobra era seu pai e o bebê era ela mesma quando criança. Assim, seu pai havia lhe roubado sua infância e era o culpado por seu distúrbio.

Ela ainda estava pensando sobre seu pai quando estacionou junto ao escritório do *Courier-Times*. O sol da tarde estava nas costas e ela viu seu reflexo vindo ao seu encontro no vidro da porta da frente. Será que ela se parecia com seu pai? Ela mal conseguia se lembrar de seu rosto, apenas aquele que conseguia montar a partir de memórias embaçadas. Será que ele estava vivo? Por que ele a havia abandonado? Quanto dele ainda estava vivo nela? Quanto que ela deveria odiá-lo?

Ela sentiu um arrepio, apesar do dia estar quente, e entrou no escritório. Rick estava esperando na cadeira ao lado da mesa.

— Olá — disse ele. — Como você está?

— Bem, obrigada. E obrigada pela noite de ontem. Eu realmente estava precisando sair.

— É, deu para notar. Talvez você precise sair mais? — Ele se inclinou na direção dela sorrindo, enquanto ela se sentava.

— Você está me perguntando?

— Talvez — disse ele.

— Você sabe que estou noiva, não é?

Ele abanou as mãos como se varresse para longe uma teia de aranha. — Você está aqui há meses e eu não vi nenhum sinal desse seu cavaleiro em armadura brilhante. Ele não pode ser uma parte grande de sua vida.

Julia ligou o computador. Rick finalmente percebeu que ela não engoliria a isca. — Então, o que você acha da minha teoria do assassinato satânico?

— Bem criativa — disse ela. — Acho que você vai precisar de algumas evidências antes de seguir com ela. Ou receber a aprovação do editor para continuar na perseguição.

Rick se recostou e colocou as mãos atrás da cabeça, se esparramando na cadeira, aceitando casualmente sua recusa. — O *Independence* está todo em cima desse caso. Algumas vezes odeio participar de um jornal semanal. Eles nos vencem em quase tudo. Exceto que eles não estão considerando

a perspectiva satânica.

— Eles também não têm o tempo que nós temos para uma cobertura mais profunda.

— A polícia identificou a vítima.

Julia balançou a cabeça, ouvindo distraída, clicando com o mouse através dos arquivos no computador. — Pobre alma.

— Charles Edward Williams. 39 anos. Último endereço conhecido, Memphis, Tennessee.

Julia congelou sobre o teclado. — Memphis?

— Sua antiga paragem. Ela é conhecida por ser solo fértil para o satanismo?

— Bem, tirando Elvis, que vendeu sua alma para o diabo, e Richard Nixon... e todo mundo sabe como *isso* tudo acabou.

— Vida eterna em centenas de milhares de discos e pinturas em veludo negro, mas por outro lado ele teve que morrer drogado em um altar de porcelana.

— Você é tão delicado, Rick.

— Uhum. O jornalismo endurece o coração e isso explica tudo — disse ele, mudando para um tom de troça. — Há quanto tempo você disse que é repórter?

— Muito engraçado. A polícia tem alguma pista nova?

— Não. Eles mandaram o corpo para o necrotério estadual. Eles devem poder dizer se o sujeito estava drogado quando morreu. Se a Irmandade usou ele como sacrifício, provavelmente devem tê-lo drogado bastante.

— A não ser que o sacrifício tenha sido voluntário. Que história é essa de “Irmandade”?

— Um dos nomes que os satanistas usam para o seu grupo.

— Cara, até os satanistas são sexistas. Onde vai parar esse mundo?

O rosto de Rick ficou sério. — Você é religiosa?

— Mais espiritualista do que religiosa — disse ela, esperando que Rick perguntasse qual igreja ela frequentava. Ela considerou a hipótese de dizer que fazia parte da Cientologia ou da Igreja da Unificação, algo estranho o suficiente para que ele largasse de seu pé. — Acredito em um poder superior. Apenas penso que você não precisa de escolta para chegar lá, e que não precisa beijar o anel do papa, ou os pés de Buda ou o traseiro de Pat Robertson.

Rick concordou e sorriu. — Desculpe perturbar. Algumas pessoas ficam incomodadas com coisas desse tipo.

Julia quase perguntou a Rick sobre suas crenças espirituais, mas desistiu. E se ele decidisse convidá-la para jantar novamente e tentasse convertê-la? Ela gostava mais da ideia de ser considerada uma boa companhia do que apenas uma alma perdida. Pessoas demais nos últimos tempos pareciam diabolicamente inclinadas a salvar sua alma. — Bem, para dar uma argumentação intelectual, penso que Satã não exista, mas estou propensa a acreditar que pessoas existem e que elas podem fazer todo tipo de coisas malucas na ilusão de devoção.

— Uma coisa é estranha. Existe um caso de uns anos atrás que nunca foi solucionado. Uma pequena garota foi esfaqueada até a morte. Eles encontraram seu corpo na floresta.

— Isso é doentio. — O coração de Julia apertou. — Algum suspeito?

— Alguns nomes foram levantados. O que mais apareceu foi o de Deacon Hartley.

— Hartley? É um nome local comum, não?

— Tem uma dúzia deles e estavam aqui desde que os búfalos pisaram por aqui.

— Algum rumor de satanismo ligado a esse assassinato?

— Não. Mas esse é o tipo de coisa que a polícia gosta de manter silêncio. Especialmente quando eles não conseguem resolver o caso. Talvez a minha série se chame “O Novo Satanismo”. De efeito, não é?

— Melhor achar alguma pista antes. De outra forma você vai parecer um clichê. Além disso, mesmo os batistas desistiram da ideia de satanismo.

— Se eu fosse o mal, Elkwood seria um bom lugar para dar um pontapé inicial no armagedom. Vá ao lugar no qual as pessoas são mais complacentes com suas crenças.

— Você está criando controvérsia apenas para se dar bem como jornalista, “Violência dá audiência”.

— Isso dá prêmios de imprensa — disse Rick. — Satanismo tem de tudo que você possa querer em uma história. Assassinato, drogas, escravidão, orgias e o máximo do bem contra o mal.

Ela pensou em compartilhar a pequena descoberta sobre o desaparecimento de animais, mas se ele fosse continuar com essa história baseado apenas em rumores, uma teoria e algumas pesquisas esparsas, ela queria manter a maior distância possível. Se Rick deixasse. — Bem, boa sorte, mas não leve para o lado pessoal se essa história toda não der em nada. Melhor eu voltar ao trabalho. Metas. Você sabe.

— É, sei. — Rick ficou de pé e ajustou os óculos. Ele parou na porta da pequena sala de Julia. — Você se importa se eu ligar mais tarde?

Ou ele era um soldado de Cristo maníaco no recrutamento ou um conquistador crônico, mas o certo é que ele não sabia quando parar. Seu rosto enrugou quando sorriu, como um Robert Redford jovem em “Todos os homens do presidente”. Ele provavelmente praticara na frente do espelho. — Estou meio ocupada — disse ela. — Talvez outra hora?

— Claro. Depois que você se casar, talvez.

— Isso não será problema. — Ela sorriu para ele, esperando que ele não considerasse isso como um sinal de que ela estivesse estendendo os lençóis para que ele pudesse deitar sua psique ágil de academia de musculação na cama. Ela considerou se sua bússola moral permitia a ele seduzir a noiva de outro homem e decidiu que os homens seguiam apenas uma bússola, cuja agulha estava dentro das calças. — Obrigada pela noite de ontem.

Rick se empertigou, vendo algo nos olhos dela, a velha arrogância de volta ao seu rosto. — Nós repetiremos em outro momento. Breve.

Após sua saída, Julia terminou o artigo, baixou as fotos digitais e foi para casa. Quando colocou a câmera e a mochila de lado, o escurecer ainda estava a uma hora de acontecer e ela decidiu dar uma caminhada pela trilha que seguia pela floresta atrás de sua casa.

Coragem artificial. Se funciona para bêbados, deve funcionar para mim também.

Ela trancou a porta atrás de si e colocou o chaveiro e o spray de pimenta no bolso. Com tantas folhas caindo, ela poderia manter a casa à vista durante quase toda a caminhada. O outono era sua estação preferida e ela não iria se negar o prazer de apreciá-lo apenas por causa de algum Monstro com uma faca

escondido atrás de uma árvore qualquer.

A trilha seguia para dentro de um pequeno riacho. Lá a floresta era mais acolhedora que assustadora. O outono não era apenas um espetáculo glorioso de cores. A estação também possuía gostos e cheiros. Julia se deleitava com o doce odor da deterioração das folhas presente no ar, das flores tardias, das ervas avermelhadas e da água prateada contra as rochas. Distante da civilização, apenas com a floresta selvagem, a água e o pôr do sol como companhia, ela se sentiu quase normal e sem preocupações. Mas o sol sempre se põe e a escuridão sempre aparece, e ela não estava sozinha no mundo.

A outra parte da trilha passava perto do quintal de Mabel Covington. Maçãs amarelas estavam caídas no chão aos pés de uma árvore retorcida e duas colchas estavam estendidas no varal, arejando para o inverno. A grama era densa e quase azul. O aroma de frango frito veio da cozinha da grande casa colonial.

A Sra. Covington apareceu na porta telada dos fundos. — Olá, Julia — ela chamou. — Eu a vi pela janela. Como vai você?

— Estou bem, Sra. Covington. Dando uma caminhada. — E você, como está?

— Estou ótima. Por que você não vem comer um pedaço de torta? Faz tempo que não a vejo. Um gato cinza apareceu no meio dos calcanhares da Sra. Covington, a cauda se esfregando na bainha da saia da mulher enquanto caminhava para os degraus de madeira.

Julia estava prestes a recusar o convite, mas o sorriso da Sra. Covington irradiava também de seus olhos azuis-claros. Julia passou pela cerca baixa e caminhou pelo quintal. — Obrigada. Muita gentileza sua.

— Nada disso, apenas coisa de vizinho. Com todos esses forasteiros aparecendo sei lá de onde, as pessoas não convivem mais com os vizinhos como faziam antigamente. Todos nós temos que cuidar uns dos outros, especialmente aqui em Buckeye Creek.

Julia cruzou os braços, esperando uma palestra sobre como você estava condenado se tivesse nascido em outro lugar que não no condado de Amadahee, mas a mulher apenas manteve a porta aberta até que Julia entrasse na casa. Elas se sentaram à mesa artesanal e cambaleante da cozinha, apesar do fato da Sra. Covington possuir uma grande sala de jantar com uma bela mesa de noqueira. Toda a casa era abarrotada com antiguidades rústicas que fariam um colecionador ter palpitações.

A Sra. Covington colocou pratos com grossos pedaços de torta de cereja e uma bola de sorvete de baunilha ao lado, misturando o sorvete branco derretido com o recheio vermelho. Julia aceitou uma xícara de café, esperou até a Sra. Covington espantar um gato preto da cozinha e então elas comeram juntas.

— Isso está uma delícia — disse Julia.

— Ora, quanta gentileza — disse a mulher, o dentes falsos tingidos pela cereja. — Não tenho tido muita oportunidade de cozinhar nos últimos tempos, com meu Archibald falecido e os meninos vivendo no Oeste. É bom ter alguém para conversar.

Ela afagou a mão de Julia.

— Só espero que isso não estrague meu apetite para o jantar — disse Julia, antes de comer outra garfada cheia.

— Uma garota na sua idade não tem que se preocupar muito com o que come. Tem muita coisa desse tipo acontecendo, ouvi dizer, com meninas vomitando e se desgastando com medo de ficarem gordas. Um

homem de verdade não se importa com um pouco de carne sobre os ossos.

Julia sorriu. Ela não era chamada de menina ou garota muito seguido, não com vinte e sete anos. — Não precisa se preocupar. Não estou preocupada com alguns quilinhos a mais.

Apenas com outras coisas. Com leões, tigres, ursos e cultos satânicos, ai ai.

— Sra. Covington —

A mulher levantou uma mão enrugada. — Quantas vezes tenho que lhe dizer? Pode me chamar de “Mabel”.

— Certo, Mabel.

— Walter Triplett tem andado muito por aqui ultimamente.

— Ele parece saber o que faz.

— Um conserta-tudo de verdade — disse a Sra. Covington. — Conserta tudo direitinho. Safou-se de um assassinato, dizem alguns.

— Assassinato?

— Eu não devia falar sobre os podres de outras pessoas — disse a Sra. Covington, como se não tivesse tantas oportunidades quanto desejava. — Mas as pessoas têm que se manter informadas. Assim, isso não é fofoca, apenas transmissão de informação.

Julia segurou a bolsa com força. A escuridão crescente subitamente pareceu como um cobertor sufocante, uma mortalha funesta para os que viviam. O gato pulou para o colo da Sra. Covington, visível apenas por causa do brilho esverdeado de seus olhos. A mulher o acariciou e voltou a balançar a cadeira.

— Walter perdeu a esposa há cerca de oito anos atrás. Quando digo “perdeu”, é exatamente isso. Eles estavam acampando para lá do Cracker Knob. — A mulher balançou o braço trêmulo em direção a montanhas invisíveis. — E Walter voltou no outro dia dizendo que sua mulher havia desaparecido. Apenas se levantou e se foi no meio da noite. É claro que eles montaram uma grande equipe de procura. Cada homem que podia caminhar, e mesmo algumas mulheres, vasculharam cada centímetro daquela montanha. Nunca encontraram nenhum sinal dela.

O rangido da cadeira foi amplificado pelo silêncio da noite. Julia notou pela primeira vez como a noite caía suavemente, como ela rastejou a sua volta, escorreu pelas árvores, subiu como uma fumaça ao mesmo tempo que desceu como uma neve negra. Traíçoeira, lenta e determinada.

— Walter jurou de pés juntos que ela estava ao seu lado na pequena barraca, dormindo em um minuto, desaparecida no outro. Não levou nada, nas botas de caminhada, apenas as roupas do corpo. E ela era uma Stamey, família antiga. Não do tipo que faz bobagens, criada para saber algumas coisas sobre a floresta.

— Coitado do Walter — Julia se ouviu dizendo. Então essa era a coisa que ela tinha visto em seus olhos, os tons de cinza que assombravam o marrom de suas íris. Uma tristeza profundamente enterrada.

— Coitado do Walter, talvez. Mas coitada mesmo é dela, eu diria. Claro, tem todo tipo de caverna e penhascos em Cracker Knob onde um corpo poderia ter um encontro com o Criador, mas uma garota da montanha saberia se cuidar contra esses perigos. E uma garota da montanha não sai a caminhar na escuridão da noite, ah não.

A Sra. Covington falava como se estivesse vendo por dentro do nevoeiro dos anos. — Alguns dizem

que Walter deu uma mãozinha no ato de desaparecimento dela. Que ele a ajudou em um penhasco, se é que você me entende. Ou talvez a tenha estrangulado e a escondido em um dos recessos rochosos da rampa norte.

— Ele parece legal para mim. Ele é gentil.

— Bem, eu odeio especular sobre coisas de que não tenho certeza, mas ouvi dizer que a garota Stamey estava grávida quando desapareceu.

A torta pareceu um pedaço de madeira na garganta quando imaginou a jovem garota andando perdida nas montanhas selvagens, com suas prateleiras de granito e sebes de loureiros.

— Evidentemente isso não é surpresa, uma vez que eles andavam com Hartley — disse a Sra. Covington.

O nome soou um leve, mas perturbador sino. — O que tem Hartley?

— Deke Hartley viveu naquela casa por cerca de cinco anos. Um sujeito esquisito. Queimava as luzes através da noite, ia e vinha a todo momento, parecendo nunca ter se acomodado em uma rotina. Eu nunca confiei em alguém que não tivesse uma rotina.

— O que isso tem a ver com os barulhos estranhos da floresta?

— Todos os Hartley eram valentões, mas Deke conseguiu ficar longe de problemas. Alguns dizem, entretanto, que ele estava envolvido com assuntos singulares, eu diria. Eu nunca fui alguém de ficar vigiando o que as pessoas fazem, mas as pessoas ouvem conversas.

A despeito de seu desconforto, Julia escondeu um sorriso atrás de um pedaço de torta. Ela suspeitava que estava muito próxima de ouvir sobre tudo aquilo que a Sra. Covington não queria falar.

— Eu sei que ele mexia com drogas — disse a Sra. Covington. — Os odores mais estranhos saíam daquela casa. Pessoas vinham visitá-lo no meio da noite e você nunca conseguia ver seus rostos. Quase me deixou doida com essas idas e vindas.

— O Sr. Webster me disse que o locatário anterior saiu antes de terminar o contrato e que a casa tinha ficado vazia por um tempo.

— Ele simplesmente fugiu de *tudo*. Deixou as roupas, televisão ligada, comida na geladeira, como se tivesse caminhado para o fim do mundo. O carro ficou parado na rua por três semanas, nunca se moveu, quando finalmente chamei a polícia. Suponho que ainda o considerem uma pessoa desaparecida. Isso foi a mais ou menos dois anos, se eu bem me lembro. Na mesma época em que aquela garota foi assassinada.

Julia ficou curiosa para saber por que o Sr. Webster não a havia contado sobre essas coisas. Talvez ele tivesse ficado preocupado que ela desistisse de alugar a casa. E o destino do inquilino anterior não é exatamente o tipo de coisa que se pergunta quando se está procurando uma casa para alugar. Julia não acreditava que casas pudessem ficar mal assombradas, não importa se os fantasmas eram coisas mortas ou apenas lembranças. A casa tinha sido uma boa escolha, sólida, barata, apesar dessas revelações. Apenas um pouco de paz para que ela tivesse tempo para pensar e a quantidade certa de pessoas a sua volta para evitar uma sensação de completo isolamento. Mesmo que o boxer da vizinha apreciasse deixar pequenas minas terrestres espalhadas.

Ela comeu o resto da torta, um pedaço de crosta amaciada pelo sorvete. — Você não acha que ele está desaparecido, acha?

Os olhos de Mabel Covington moveram-se para a esquerda e para a direita. — Eu escuto coisas,

algumas vezes. Quando está escuro, pessoas vindo pela floresta. Sabe, penso que eles esconderam algumas drogas ou dinheiro ou qualquer outra coisa, e querem isso de volta. Eles simplesmente não querem ser descobertos forçando alguém a fazer uma ocorrência na polícia, então eles estão esperando a hora certa. Eu penso que Hartley *gosta* de estar desaparecido.

E pensei que era eu a paranoica. Talvez ELA possa tirar proveito de uma ou duas horas no consultório da Dra. Forrest.

Julia limpou os cantos dos lábios com o guardanapo. — Obrigada pela torta — disse ela. — Foi a melhor que já comi.

— Você me deixa de coração leve — disse a velha senhora. — Não vou nem dividir os créditos com a companhia que trouxe a caixa.

Julia olhou para o relógio sem disfarçar. — Bem, tenho que correr. Tenho algum trabalho a fazer.

Além disso estará escuro logo logo. E mesmo que minha casa seja a apenas cinquenta metros de distância...

A Sra. Covington acompanhou Julia até a porta. — Não tive a intenção de lhe causar medo. Sobre essas coisas com Hartley e tudo o mais. Foi apenas para manter você informada.

— Sim, senhora. — Ela se abaixou e acariciou o gato que se enroscava nas pernas.

— Volte sempre que quiser

— Obrigada, Sra. Covington.

— E me chame de “Mabel”, você me ouviu?

Julia concordou com a cabeça, acenou despedindo-se e foi andando pela grama. O sol estava grande e dourado no oeste, tocando de leve as encostas das montanhas. Uma rajada súbita assoprou as folhas como esqueletos de papel. O sinal de uma geada veio de carona com o vento.

Julia atravessou a mata em seu próprio quintal e deu a volta por trás da casa, apenas para aquietar a mente. Não que ela realmente esperasse encontrar qualquer coisa.

Debaixo da janela do quarto, no chão, havia um par de pegadas.

Seu coração subiu pela garganta. Ela correu cegamente para a porta da frente, encontrou a chave, encaixou com pressa na fechadura e irrompeu para dentro de casa. Ela bateu a porta com força e ficou de pé encostada nela, o peito sem ar, enquanto o dia lentamente esmaeceu dentro da casa e cada ruído era como se um caixão estivesse sendo aberto.

CAPÍTULO 7

Chamar a polícia?

O telefone esperou do outro lado da sala.

Pense, pense, pense.

Julia tentou acalmar a respiração, tentou cortar através da escuridão paralisante que lhe envolveu o cérebro como as bandagens envolvem o ticket refeição de um embalsamador.

Um Monstro havia caminhado até a janela. Talvez entrado. As pegadas do lado de fora pareciam relativamente novas, apesar de algumas folhas terem coberto parte da impressão do calcanhar.

Mas um Monstro é o culpado menos provável. Por que Monstros não existem, lembra?

Quem mais teria algo que o traria para os fundos da casa?

Pense, não entre em pânico.

O relógio de eletricidade estava ao lado da casa, bem visível da rua. Quem quer que leia o relógio não precisaria dar a volta por trás. A mesma coisa com a linha telefônica. A água vinha de um poço no fundo da propriedade, de forma que não havia relógio de água.

Então ela se lembrou de Walter.

O faz-tudo provavelmente verificou o lado de fora das janelas também. As pegadas pareciam que tinha sido feitas com botas com frisos grossos, alguém com um pé grande. Walter era bem mais alto que um metro e oitenta.

Era isso. Com certeza.

Ela relaxou contra a porta, o músculos sem força.

Nenhum Monstro, nenhuma chamada à polícia.

A polícia de Memphis havia atendido quatro chamadas suas no último ano antes dela se mudar. Todos alarmes falsos. Eles eram sempre pacientes, exceto na quarta chamada, quando o mesmo policial magro e funguento do primeiro chamado apareceu.

— O que é dessa vez? — perguntou ele.

— Alguém debaixo da minha cama — disse Julia, já se sentindo uma idiota.

O policial concordou de modo cansado, esperou enquanto ela abria a porta e passou assim que pôde. Ele foi ao quarto, verificou o armário por uns instantes, olhou no banheiro e chamou Julia para dentro do apartamento.

— Eu... eu juro que o ouvi. Eu entrei e—

— Tudo seguro. — Ele a olhou intensamente. — Igual da vez passada. Você trancou a porta?

Ela confirmou com a cabeça.

— Então como esse ladrão, estuprador ou o que quer que seja vai entrar? — Ele girou a tranca da

porta de vidro de correr, removeu a barra de segurança, deslizou a porta no trilho e entrou na pequena sacada. Ele olhou para o rio Wolf, quatro andares abaixo.

— Eu o ouvi. Eu juro.

— É claro que você ouviu. Eu verifiquei no caminho para cá. Essa é a quarta chamada desde julho. Eu não sei qual é a sua. Algumas gostam de atenção, outras são fãs de policiais — ele deu uma olhadela que fez Julia querer empurrá-lo sacada abaixo — e algumas simplesmente querem ferrar com o sistema. Qualquer que seja a sua razão, efetuar uma chamada falsa é crime.

— Eu realmente o ouvi — disse Julia, próxima das lágrimas, mas não se permitindo chorar na frente daquele monstro.

— Certo, bem, da próxima vez, nos faça um favor e chame um investigador particular — disse ele. — Nós temos pessoas lá fora com problemas *reais*.

Depois que ele saiu, Julia chorou por meia hora. Ela nunca mais chamou a polícia, mesmo quando foi seguida por duas quadras até chegar em casa em uma noite, mesmo quando ela encontrou marcas na fechadura como se alguém tivesse tentado arrombar sua porta. E ela estava determinada a não começar esse tipo de coisa aqui em Elkwood. Quando ela chamasse os policiais na nova casa, ela queria alguma prova concreta para mostrar a eles.

Exceto que, mesmo em Memphis, você nunca esteve completamente CERTA de que de tenha ouvido algo, de que tenha sido seguida, ou de que algum Monstro estivesse babando atrás de você. Como vai convencer alguém se nem você pode confiar na sua mente?

O medo de Julia se transformou em raiva. Ela marchou para a cozinha, lavou a louça com uma grande quantidade de ruído e respingos de água e por fim tomou um banho. Ela andou nua pelo quarto sem se importar se as cortinas ainda estavam fechadas. Ela leu Spencer até que ele a nocauteou.

Ela sonhou com ossos novamente.

Dessa vez, ela estava levantando as tábuas do assoalho, arrancando-as com uma ferramenta longa e afiada. O isolamento do assoalho era como algodão doce amarelo e foi empurrado para o lado. Ela se abaixou por entre as vigas do assoalho até a terra abaixo. O solo era escuro, macio e seco.

Julia cavou no chão com a ferramenta. O primeiro osso estava vários centímetros abaixo da superfície. Ela o soltou da terra com os dedos e o segurou na estranha luz âmbar do sonho. Era um fêmur, longo e arranhado com cortes e pancadas, da cor de marfim claro. Ela o colocou no assoalho e cavou novamente, dessa vez encontrando um crânio.

Ela o pegou e o segurou como se fosse Hamlet pronto para refletir sobre a morte de Yorick. Ela olhou para o crânio com as órbitas oculares vazias. Os escuros olhos ausentes estavam começando a olhar de volta quando ela acordou.

Raios do sol se filtravam por entre as árvores para dentro da janela. Julia piscou contra a luminosidade súbita, confusa, perdida na terra de ninguém entre o sonho e o amanhecer. Era tarde. Seu alarme deveria tê-la acordado logo antes do sol se levantar no horizonte.

Pesada de sono, ela rolou e pegou o relógio. Sua mão congelou a alguns centímetros de distância.

4:06.

Números vermelhos, simultaneamente frios como gelo e quentes como o inferno.

Um minuto se passou, um minuto no qual Julia respirou apenas duas vezes.

Outro minuto e o relógio ainda continuava parado em 4:06.

Julia olhou pela borda da cama. O relógio estava conectado na tomada. Ela fechou os olhos novamente e se recostou no travesseiro.

Mau funcionamento, apenas isso. Algo naquele cérebro digital idiota tem uma queda por 4:06. Jogue a droga do relógio no lixo e compre outro, em vez de ficar se preocupando com isso.

Ela estendeu o braço, achou o plugue e o arrancou da tomada, jogando o relógio no lixo sem olhar. Julia tinha medo que os números continuassem a brilhar, mesmo sem eletricidade.

Depois de se vestir, ela chamou George Webster e disse que a fiação elétrica estava maluca. Ela descreveu o que aconteceu com o relógio e o videocassete. Nada de mais, mas achou que ele gostaria de saber. Talvez fosse o caso de dar uma conferida. Webster falou que enviaria alguém para verificar na parte da tarde e perguntou se ela estaria em casa.

Sim, ela estaria, armada e pronta, se necessário.

Antes de ir para o trabalho, ela andou pela parte de trás da casa. As pegadas ainda estavam lá. Será que tinham mais pegadas, um conjunto novo marcado na grama úmida? Ela não sabia dizer. Folhas tinham caído durante a noite, formando um tapete vermelho e marrom. Ela esperava que mais folhas caíssem, cobrindo assim as pegadas de forma que ela não as visse mais.

O dia passou rapidamente enquanto ela terminava alguns artigos e participou de uma reunião do pessoal do jornal com o da gráfica. A gráfica sempre reclamava que estava sendo empurrada contra as metas por anunciantes folgados que mandavam seu material no último momento. Coitado do pessoal da gráfica. Eles eram artistas, enquanto escritores eram digitadores incompetentes e cheios de glórias. No mundo da mídia moderna, as palavras pareciam ser as mercadorias de menor valor.

O jipe de Walter estava parado na rua quando Julia chegou em casa. Um pequeno arrepio passou por seu estômago e primeiro ela pensou que fosse medo. Mas então se deu conta de que estava feliz por vê-lo. Ela e Walter já tinham compartilhado um momento embaraçoso — afinal não era qualquer homem que aparecia como um assassino enlouquecido no primeiro encontro.

A porta da frente estava aberta. Walter estava na sala, ajoelhado junto a uma tomada, um medidor nas mãos, os sensores inseridos nas ranhuras. Ele olhou para cima e sorriu quando a viu entrar.

— Olá, senhora.

— Olá, Walter. Encontrou alguma coisa?

A sala estava escura e ela se deu conta de que ele deveria ter desligado a chave geral. Ele se levantou, seu rosto nas sombras, os olhos escuros brilhando. — Até agora nada. Que tipo de problemas você está tendo?

— Você se lembra do relógio?

— Uhum.

— Ele travou novamente.

— Isso é esquisito. Mas é mais provável que seja o relógio que a fiação.

— Ele parou na mesma hora. 4:06.

A boca de Walter torceu para o lado. Ele cheirava a serragem e sol, aromas quentes e honestos. — Hmmm. Eu joguei aquela coisa no mato. Não vale o preço do conserto.

Ela lhe contou sobre o problema do videocassete e mostrou que a programação ainda estava pronta para gravar o jogo. Apenas que, em vez de canalizar um jogo, ela havia canalizado o maior vendedor de óleo de cobra de Deus.

— Você gosta de beisebol? — Walter perguntou.

— Eu adoro os Cardinals. Ozzie Smith é meu jogador preferido. Apenas vê-lo fazendo piruetas já me deixa feliz.

— Eu joguei beisebol na faculdade. Eu podia rebater como um maluco, mas não conseguia acertar nem uma gota de chuva em um temporal. De qualquer forma, parece que a configuração do videocassete está correta. Testei as linhas elétricas e não achei nenhum curto-circuito.

— Que droga. Eu esperava que fosse alguma coisa óbvia.

— Talvez seja apenas uma maré de má sorte. Algumas vezes acontece isso. Eles fazem as máquinas mais espertas que as pessoas nos dias de hoje. — Walter colocou as ferramentas de volta no cinto.

Julia olhou suas botas, medindo-as mentalmente. Walter captou seu olhar.

— Limpei bem meus sapatos — disse ele. Reparei que você tem cachorros na vizinhança.

— Ah, desculpe. — disse ela. — Por acaso você deu a volta pelos fundos da outra vez que veio aqui?

— Sim. Eu verifiquei as janelas por dentro e por fora.

Julia esperou que seu alívio não fosse muito evidente. — Eu achei algumas pegadas no quintal e isso me fez ficar pensando sobre o assunto.

— Eu não a culpo — disse ele. — Um monte de vagabundos e Monstros no mundo hoje em dia. Muitos forasteiros. Você deve, então, manter a janela do seu quarto trancada se estiver preocupada com isso.

— Trancada? — Ela *tinha* trancado, e a mantinha trancada a não ser quando queria um pouco de ar passando pela casa.

— Eu coloquei a tela de volta também. Um desses ventos do Tennessee deve tê-la soprado longe.

Tela arrancada, janela aberta. Relógio travado em 4:06.

Subitamente ela queria Walter fora da casa, queria trancar a porta, as janelas, e nunca, nunca mais abri-las novamente. Mas isso era estupidez. Se Walter a quisesse em algum dos muitos jeitos do Monstro, ela havia deixado passar várias de oportunidades. Até o momento, ela havia sido uma pequena ilha de sanidade naquele grande mar de incertezas.

Mas ele tinha várias ferramentas afiadas no cinto. E Mabel Covington reagira de modo estranho à menção de seu nome.

— Obrigada, Walter — disse ela. — Gostei de você ter verificado a fiação.

— De nada — disse ele empurrando o boné para trás. — Desculpe não achar nada de errado. De modo geral é algo simples.

— Nada é simples na minha vida. — Ela o seguiu até a porta.

— Vou ligar a chave geral — disse ele. — Acho que vou vê-la de novo depois. Um monte de coisas parece dar errado nessa casa.

— Eu também acho que sim — ela se ouviu dizendo e esperou que ele dirigisse para longe. Então trancou a porta e foi para o quarto. A janela estava trancada. O relógio ainda estava no lixo.

Julia estava tentada a ligá-lo na tomada de novo, para ver se os números assombrados ainda apareceriam no visor. Mas e se eles aparecessem? Ou, talvez tão ruim quanto, e se eles não aparecessem?

Será que alguém havia retirado a tela e talvez entrado pela janela, que ela de algum modo esquecera de trancar? Ou realmente tinha sido o vento que arrancara a tela enquanto ela estava no trabalho?

Ou ela havia aberto a janela e se forçado e esquecer tudo?

Julia sentou na cama e pegou o telefone celular, digitando o primeiro número de sua agenda.

— Alô? — disse a voz reconfortante.

— Olá, Dra. Forrest?

Uma pausa. — Sim.

— Sou eu, Julia Stone. Desculpe-me perturbar você em casa.

— Não há problema algum, Julia. Foi para isso que lhe dei o número de telefone. — A voz de outra pessoa, um homem, estava ao fundo. Julia não pôde dizer as palavras. — Algum problema?

É claro que há um problema, Julia teve vontade de gritar. Depois de quatro meses de terapia, você provavelmente já se deu conta disso.

Mas isso era raiva mal direcionada, o tipo de coisa que não traz consigo consciência e cura. Isso era abdicar responsabilidade, como a Dra. Forrest cuidadosamente explicara. Ela respirou profundamente, fechou os olhos e disse — Eu... eu acho que estou tendo outra crise.

— Pior que a última?

— Não tão intensa, mas de duração mais longa. Estou imaginando coisas. — Julia tentou parecer pragmática, quase entediada. Ela contou as histórias do relógio, do videocassete e das pegadas na janela.

— Hmm. Você tem mantido o diário como prometeu?

Julia concordou com a cabeça antes de se dar conta de que a Dra. Forrest não podia vê-la. — Sim.

— Você escreveu sobre esses incidentes?

— Não. —

— Julia, é muito importante que você mantenha registro de tudo que não for comum, cada pensamento ou ideia, cada medo. Estou muito desapontada com você.

— Eu... eu vou me esforçar mais daqui em diante.

— Você quer melhorar, não quer?

— Sim.

— Você sabe que tem que trabalhar duro. Você precisa lutar. Eu posso ajudar, mas apenas se você deixar. Você vai me deixar ajudar, Julia?

— Sim.

— Você pode passar no consultório amanhã?

— Claro. Mas amanhã é sábado.

— Vamos encaixar uma pequena sessão extra. Os problemas estão muito próximos da superfície. Você tem que deixá-los sair, trazê-los para a luz.

— Que horas devo ir?

— Onze da manhã.

— Certo. O que devo fazer agora de noite?

— Tente não se preocupar. Pense sobre as coisas sobre as quais trabalhamos. A verdade está presa dentro de você. O corpo lembra o que a mente tenta esquecer. Preste atenção aos seus sonhos.

— Obrigada, farei isso. Vejo você pela manhã.

— Até logo. E, Julia?

— Sim?

— Vamos vencer essa coisa.

A Dra. Forrest desligou. Julia colocou o celular de volta no criado mudo. Ela escreveu o incidente com o relógio no diário e adicionou a parte do videocassete. Por fim, ela descreveu o sonho dos ossos e caiu em um sono inquieto.

Ossos.

Chacoalhando na janela, secos e poeirentos pendurados no armário, rolando pelo chão do quarto de infância como tantas Barbies e blocos de madeira.

Os ossos se juntaram na forma de um esqueleto.

Julia tinha quatro anos de idade. Ela saiu da cama. Chester Bear havia caído por detrás da cabeceira, mas ela não o pegou. Em vez disso, ela foi até a porta, ouviu as vozes na sala ao lado e girou a maçaneta.

O esqueleto estava de pé em frente a ela, o crânio sorrindo como um brinquedo surpresa em uma caixa.

Ela tentou chorar, mas então os dedos duros e estalando a pegaram, sujos, apertando, afiados, insistentes. O esqueleto a puxou para fora do quarto e a arrastou para dentro da sala. Papai havia desaparecido. As pessoas más em túnicas estavam a sua volta, observando-a. Ela abriu a boca para gritar, mas um cobertor foi jogado em cima dela. A lã arranhou sua pele.

Ela foi carregada da casa para a noite escura e fria. Um longo tempo depois, talvez horas, o cobertor foi retirado. Duas das pessoas com túnicas a seguraram. Outros ficaram olhando, na escuridão. Eles tiraram suas roupas e a amarraram. Alguém espetou uma agulha em seu braço.

Ela foi deitada em uma pedra, a dura frieza penetrando sua pele. As pessoas más a circundaram. Ela teve vontade de gritar por ajuda, mas estava tão cansada, tão sonolenta.

Velas queimavam próximas à pedra, junto com outras coisas em potes de barro. Árvores apareciam indistintas no alto sob a luz brilhante da lua cheia. Uma fumaça pesada e adocicada encheu o ar. As pessoas más começaram a balançar, cantando canções lentas que fizeram seu sangue congelar nas veias.

Uma das pessoas más ficou sobre ela e colocou as mãos nela. Um grande anel, de uma caveira de prata com pequenas pedras vermelhas como olhos, faiscaram em um dos dedos. A mão com o anel foi para dentro da túnica. Ele trouxe para fora uma longa faca, a lâmina brilhando no luar.

As pessoas más se aproximaram, o mau cheiro de suor lhe causando náuseas. O anel de caveira faiscou um sorriso rápido. Ela lutou contra as amarras. Por que ela não podia gritar?

O homem mau com a faca se inclinou para a frente e elevou alto a faca. Ele levantou o rosto como se estivesse fitando a noite com um olhar suplicante e seu capuz escorregou para trás. A Julia de quatro anos olhou para cima para a parte de baixo de seu capuz, revelada de baixo da cunha de sombras. Aquela boca, aquele queixo—

Não.

Ele não.

Por favoooooooooor —

Por fim, ela conseguiu gritar e acordou na cama, a escuridão espessa ao seu redor, os lençóis enrolados nas pernas enfraquecidas. Ela se sentou, um suor pegajoso na pele.

Por um terrível momento, aquele rosto ficou congelado na mente. Ela lutou por fôlego. Era tudo um sonho, apenas um estranho e estúpido pesadelo.

Então por que dois rios de dor correram pelo abdômen?

Ela passou as mãos sob os lençóis e tocou as cicatrizes.

Estavam úmidas.

Ela tateou à procura da luz de cabeceira e quase a derrubou tentando achar o interruptor. A luz ganhou vida. Julia olhou para os dedos.

Apenas suor.

Não sangue.

Julia olhou instintivamente para o relógio e lembrou que o havia jogado no lixo. Ela se deitou e pensou sobre coisas tranquilas e ensolaradas, a praia do lago no clube onde Mitchell havia lhe tirado a virgindade, a pequena casa da praia em Cape Hatteras que seus pais adotivos tiveram e o parquinho na Denton Elementary onde ela havia sido uma pequena estrela de futebol.

Logo ela estava respirando tranquilamente. Ela puxou o diário e escreveu seu sonho. As imagens do fogo e da fumaça e o anel de caveira penetraram em sua concentração sobre coisas mundanas. Ela colocou de lado todas as lembranças e calculou as chances do Cardinal subir na divisão no próximo ano e a perene procura por um closer, um centerfielder e um pitcher iniciante e canhoto.

Julia apagou a luz. Apesar do medo da escuridão e de tudo que ela podia conjurar, odiava o pensamento de que alguma coisa lá fora podia vê-la melhor do que ela podia ver essa coisa.

A escuridão não vai vencer. Por favor, Deus, se você estiver aí em cima, não deixe que ele me pegue.

Ela não conseguia fixar uma imagem de Deus na mente. O velho homem de cabelos compridos e engomados com uma aura brilhante tão popular em bíblias infantis era a primeira a emergir das névoas de sua sonolência.

A imagem austera e paternal não lhe trazia nenhum conforto, de modo que ela deixou a imagem se transformar em uma mulher. Ela não tinha nenhum modelo de deusa, a não ser as descrições populares de Vênus, Atena e outras deusas mitológicas, com os bonitos e altivos rostos, mas vazios em vez de generosos. Ela matou a imagem em formação antes que ela olhasse com desdém para Julia. Ela recordou

algo que tinha lido, provavelmente de Nitzche ou Heidegger ou outro existencialista famoso, que levantou a hipótese que se Deus fosse morto, teria que ser substituído.

Parece com algo que a Dra. Forrest diria.

O rosto da terapeuta tomou o lugar antes ocupado pelos deuses. O sorriso da Dra. Forrest era benevolente, paciente e compreensivo. Existencialismo não dava conforto à noite, mas a bondade humana era um amante gostoso.

Finalmente o sono a venceu, um vazio piedoso, os dedos do passado recuando para as sombras.

Na outra manhã, a primeira coisa que a Dra. Forrest falou foi — Você parece exausta.

— Obrigada, estive trabalhando duro nisso. — Julia forçou um sorriso. Ela se sentiu amarfanhada, como uma meia de seda em uma gaveta abarrotada. A Dra. Forrest recém fizera uma jarra de café. A recepcionista não estava e nenhum dos outros psiquiatras que dividiam o consultório.

— Você se importa se trancarmos a porta? — Julia perguntou quando entraram no consultório.

— Não penso que isso seja necessário. É bom que você reconheça o medo, que não esteja mentindo para si mesma. Mas vamos nos arriscar a deixar a porta destrancada. Assim, quando terminarmos e nenhum estranho enlouquecido irromper dentro da sala, você poderá contar como uma pequena vitória.

Julia concordou. A Dra. Forrest havia descoberto uma grande quantidade de pequenas vitórias. Mas Julia estava pronta para uma grande vitória. O lugar escuro dentro de sua cabeça parecia estar crescendo, como um fogo negro e frio que a estava consumindo de dentro para fora.

Julia sentou na cadeira enquanto a Dra. Forrest fechou as persianas. Conforme ela diminuía as luzes, Julia disse — Temos que ficar no escuro?

— Confie em mim — disse a Dra. Forrest. — Você quer se tornar completa, não quer?

— Sim — disse Julia recitando o mantra que a Dra. Forrest havia lhe dado. — Toda a Julia Stone.

— Por onde começamos? — perguntou a terapeuta, sentando à sua frente.

Julia pensou se deveria mencionar que a havia imaginado no trono celestial e decidiu que compartilhar esse tipo de coisa seria tão perturbador quanto ter uma fantasia lésbica com ela. Ambas eram tolas quando examinadas sob a dura luz do dia, já que Julia era heterossexual e laica. Tanto quanto ela sabia, pelo menos. — Talvez eu deva lhe contar sobre meu sonho.

— Ah. Você trouxe o diário?

Julia pescou o diário de dentro da bolsa. A Dra. Forrest passou os olhos nos últimos escritos e olhou-a com olhos animados. — Acho que estamos chegando a algo aqui. Você está disposta a encarar isso agora?

— Qualquer coisa que você ache melhor.

— Certo. Vou hipnotizar você e, dessa vez, iremos até o fim.

Julia sentiu a respiração presa. — Até o fim?

— Vamos descobrir o que aconteceu com a pequena Julia Stone. Acho que sei, mas o que é importante é que você saiba.

Julia enterrou os dedos nos braços da cadeira, mas escutou enquanto a Dra. Forrest lhe dava instruções para relaxar e começar a contagem regressiva calmamente a partir de dez, levando Julia mais

profundamente sob a superfície do mundo, como Perséfone efetuando sua descida anual em direção a Hades. Os olhos estavam abertos agora e ela conseguia reconhecer os pensamentos como seus de fato, mas ela flutuava em uma corrente macia e insistente. Ela foi levada através do passado esmaecido, vinte e três anos atrás.

— O homem de capuz está de pé ao seu lado — disse a voz da Dra. Forrest, como se estivesse vindo por detrás de uma parede de água. — O homem com o anel de caveira.

— Ajude-me — disse Julia, assustada, as mãos presas com cordas, a pedra dura por debaixo de suas costas nuas.

— As pessoas más estão à sua volta, Julia. Eles estão entoando canções, beladona e incenso estão queimando nos cadinhos. Na extremidade da pedra está uma cruz invertida, a cabeça decapitada de um bode espetada na ponta. Seus olhos estão abertos e negros e moscas voam em torno da carne apodrecida.

Julia se contorceu na cadeira. Ela não se lembrava de ter dado todos esses detalhes para a Dra. Forrest. Mas a Dra. Forrest a havia levado profundamente dentro de seu subconsciente, o havia mapeado e minado, talvez conhecendo esse território com mais intimidade que ela mesma.

E Julia era tão esquecida, não era?

— O que o homem de capuz está fazendo, Julia?

— Ele... ele está colocando a mão dentro da túnica. Ele puxou uma —

— Uma faca. Ele puxou uma longa e afiada faca, não foi, Julia?

Ela concordou, um bolo na garganta, suando mesmo no ar frio da noite imaginária.

— O que acontece em seguida?

— Ele... ele está erguendo a faca. — Ela grita algo.

— Você se lembra, não é? Diga-me o que ele está falando.

— Ele diz “Senhor Mestre Satã, nós oferecemos este sangue em seu nome sagrado, para que possa sorrir... para que possa sorrir sobre—”

— Você reconhece a voz, não é, Julia?

Julia gemeu, contorcendo-se na laje de granito sob o olhar brilhante da lua.

— De quem é essa voz, Julia?

— Julia sussurrou, sua boca seca.

— Diga-me, Julia. Quem fez isso a você? De quem é a culpa por todo esse medo e tristeza?

Julia olhou para cima, para o homem cujo capuz havia caído para trás, o rosto revelado. Ela lutou contra amarras invisíveis para se sentar.

O nome foi arrancado de seus lábios. — Papai.

E a resposta, escorregando do fim do mundo e das fendas de sua mente, insinuada em um sussurro:

Juuuulia...

CAPÍTULO 8

Julia se libertou do altar do sonho, quebrando o transe hipnótico.

A Dra. Forrest a segurou enquanto ela chorou.

— Você não está só, Julia — a terapeuta repetiu sem parar.

Julia chorou até ficar sem lágrimas, tentando esquecer o rosto por debaixo do capuz, o homem que segurava a faca, o homem que deu a própria filha para as pessoas más.

— É sempre difícil aceitar uma verdade que seja tão horrível, mas é o único modo para que o processo de cura se inicie — disse a Dra. Forrest. Forrest na terapia. Ela abriu as persianas e deixou a luz penetrar a sala e então sentou-se à frente de Julia na cadeira de costume.

— Papai — Julia sussurrou para si mesma, piscando contra o brilho duro da realidade. Ela balançou a cabeça. — Não. Ele não pode ter feito isso. Ele me amava.

Ela podia lembrar os braços à sua volta, abraçando-a, vestindo-a, segurando sua mão e passeando pelo parque. Levando-a ao Pink Place, na periferia de Memphis, mostrando-a todos os estranhos animais rígidos e imóveis no museu com dioramas envidraçados. Ela lembrou de seus sorrisos, os olhos azuis como o céu de agosto, o modo como a barba fazia cócegas quando ele a beijava. Ela contou à Dra. Forrest sobre essas coisas, evidências contra essa lembrança cruel recentemente invocada.

— Tudo isso pode ser verdade também, Julia — disse a Dra. Forrest. — A mente tenta nos proteger. Um dos modos pelos quais ela faz isso é enterrando lembranças ruins lá no fundo do porão, bem lá abaixo, onde pode ser difícil cavar para desenterrá-las. É natural que a mente permita apenas que acessemos lembranças felizes. Um mecanismo de sobrevivência.

— Ele me amava.

— O corpo lembra o que a mente tenta esquecer. Você não sente a dor no estômago e no peito? Em todos os lugares nos quais as pessoas más a tocaram?

Julia concordou. Os músculos estavam doloridos, o estômago doía como se tivesse levado um soco com uma mão cheia de pregos e o lugar entre suas pernas —

— Eu sei que é difícil para você, Julia — disse a Dra. Forrest. Forrest na terapia. — Mas temos que fazer isso até o final. Temos que ser honestas. O que mais você se lembra de seu pai?

— Ele... ele me contava histórias quando me aconchegava à noite.

— Isso acontecia no seu quarto ou no dele?

— No meu.

— Você tem certeza?

— Sim. Chester Bear sempre estava ao meu lado. Havia um carvalho no lado de fora da janela e um poste de iluminação do outro lado. Meu quarto quase sempre era atravessado por faixas de sombras. Nós morávamos ao lado de uma fazenda e era possível sentir o cheiro das galinhas.

— Quando ele a aconchegava, como ele fazia isso?

— O que você quer dizer?

— Ele a ajudava a colocar pijamas?

— Algumas vezes.

— Você estava nua quando ele a aconchegava?

— Talvez.

— Ele alguma vez a tocou de um modo que você achou errado?

Julia pensou no rosto enrugado, aquelas feições fechadas por baixo do capuz, a estranha luz nos olhos do homem que a cortaria. Seu pai. Ela sentiu um arrepio e olhou para suas mãos inquietas no colo. Seu sangue estava nela. Ou talvez ele pensasse em sua carne e sangue como suas posses, livres para dar e receber.

— É muito importante, Julia. — A Dra. Forrest se inclinou para frente e tocou-a no joelho. — Outras mulheres passaram pela mesma experiência. Faça isso por todas elas. — Uma pausa e um sussurro. — Faça isso por todas *nós*.

Julia olhou a terapeuta, tentando ler aqueles sombrios olhos cinzas por detrás das lentes. Não ela, também? Tinha essa mulher sábia e segura sofrido uma experiência similar? Era a compaixão construída sobre determinação, talvez buscando resolver as próprias feridas psíquicas se prontificando a salvar os outros?

Mas a Dra. Forrest tinha sobrevivido, tinha conquistado o passado e guardado a bagagem. A Dra. Forrest não deixaria o abuso destruir sua vida presente ou futura. A doutora estava completa e curada.

Um impulso de raiva correu por Julia. A vida lhe havia sido roubada. Ela estava sendo mais perversamente violentada e torturada hoje, pelo medo e pela dúvida, do que quando ela era criança. Nesse caso, a cicatriz era pior que a ferida, por que pelo menos feridas causavam dor. Mesmo a dor era preferível ao entorpecimento.

— Ele alguma vez a tocou, Julia? — A voz da mulher havia mudado de um calmo profissionalismo para um tom firme e cortante.

— Eu não me lembro — disse Julia, os olhos umedecendo, mesmo quando ela pensou que tinha gasto todas as lágrimas.

A Dra. Forrest apertou seu pulso tão forte quanto as cordas das pessoas más tinham feito. — Ele a tocou, não tocou?

A Dra. Forrest deveria saber. A Dra. Forrest tinha aprendido coisas sobre Julia que a própria Julia ainda não havia aceitado. Mas ela não daria esse último e horrível passo, ela não estava disposta a abrir a porta do porão e lançar luz nesses ossos. Ela não conseguia se forçar a encarar a lembrança que fez de toda sua vida uma mentira.

— Certo, vamos fazer de conta, por alguns momentos — a Dra. Forrest disse suavemente, soltando seu pulso. — É mais seguro brincar de faz-de-conta inicialmente. Suponha que ele a tenha tocado.

Julia nada disse.

— Como isso a faria se sentir?

Julia olhou para o relógio. A sessão havia durado quase duas horas. O evangelista que havia raptado

seu videocassete havia ameaçado os pecadores com uma eternidade de fogo e enxofre e Julia não estava certa de que essa punição pudesse ser pior que uma sentença perpétua dentro de seu próprio crânio.

— Eu sinto muito — disse Julia, massageando as têmporas. — Acho melhor pararmos. Minha cabeça está doendo.

A Dra. Forrest se recostou e franziu os lábios. — É sempre mais difícil admitir. Talvez a coisa mais difícil no mundo. Que o amor de um pai pudesse ficar tão distorcido —

Julia pegou sua bolsa e se encaminhou para a porta.

— Você não está só, Julia — a terapeuta disse atrás dela. — Você nunca está só.

Julia dirigiu de volta para casa, os pensamentos confusos. O mundo fora das janelas do carro parecia irreal, um estranho cenário de filme no qual ela caíra de paraquedas. Os rostos nos carros que passavam não mostravam nenhum sinal de compreender o conflito dentro de seu cenário particular. E o roteiro, bem, aparentemente o roteiro poderia ser reescrito a qualquer instante, para alterar as cenas de abertura e assim todas as cenas e significados do que veio depois. Apesar das cenas posteriores possuírem exatamente as mesmas sequências e diálogos que antes.

Enquanto ela deixou o bairro do consultório e chegou na periferia de Elkwood, um pouco da tensão se dissolveu. Poucos carros estavam por perto, menos sinais a obrigavam a parar. As árvores eram mais numerosas e as folhas coloridas forneceram uma distração momentânea da raiva e da dor. Quando ela chegou a Buckeye Creek Road, quase havia se convencido de que a sessão nunca havia acontecido, de que a visão de seu pai sob o capuz era apenas uma lembrança distorcida.

Ela foi direto ao telefone.

— Alô?

Bom. Ela estava em casa, provavelmente vendo golf na televisão, um Chivas Regal e uma coca suando frio na sua mão.

— Olá, Mitchell, sou eu.

— Julia! — Ele pareceu feliz ao ouvi-la. Ela raramente ligava para ele e sentiu um arrepio de culpa por sua desconfiança. Apesar de tudo, esse homem tinha ficado ao seu lado quando seus pais adotivos tinham falecido, através de toda sua relutância de entregar o coração, pelo desabrochar de sua doença e, finalmente, após a mudança de cidade.

— Como você está?

— Bem, bem. Tem alguma coisa errada? Sua voz parece estranha.

— Estive ocupada. Distraída. O que há de novo com você?

Nada desde a última vez que conversamos, o que, dois dias atrás?

— A razão pela qual liguei... Estou dando um pulo aí.

— *Aqui?* Puxa, isso é ótimo! Mal posso esperar para vê-la — disse ele. — Quando você está vindo?

— Espero conseguir um voo da tarde.

— Uau. Isso é uma notícia rápida. Você me quer tanto assim é?

Ela não sabia dizer se ele estava brincando. — Não, não é desse jeito, Mitchell. Eu vou para um hotel.

A petulância se infiltrou na voz dele. — Você deveria ficar comigo, querida. Faz meses.

Ela ficou pensando se ele havia resistido à tentação na ausência. Ele era bonito e rico, o tipo de partido pelo qual as mulheres lutavam nos dias de hoje. Mas ele parecia estar sinceramente propenso a esperar para casar com ela. Previsível. Ela não o merecia. Talvez ninguém.

— Eu preciso de um favor seu — disse ela.

— Eu não consigo entender você.

Nem eu. — Você poderia verificar com alguns de seus contatos no departamento de polícia e na promotoria?

— Veja bem, Julia. Meus amigos estão começando a pensar que sou um cara estranho, recusando encontros com mulheres doces, jovens e *interessadas* para me guardar para você. Estou começando a ficar cansado de esperar. Quero dizer, eu amo você, mas —

— Quando você ama alguém, não impõe condições — disse Julia.

— Onde você consegue essas pérolas de sabedoria? De seus psicólogos? Como se você soubesse algumas coisa sobre amor.

— Mitchell —

— Você amou alguém na sua vida, Julia? Quero dizer, além de você? E as pequenas vozes na sua cabeça?

— Mitchell, por favor, não fique bravo. — Sua voz hesitou. — Estou tentando—

— Cacete — disse ele, exasperado com suas lágrimas. Rendendo-se. — Certo. O que você quer que eu faça?

Peça desculpas, para começar.

Mas ela sabia que ele não pediria. Mitchell nunca pedia desculpas. — Você poderia verificar, descobrir o que houve com a investigação sobre o desaparecimento de meu pai?

— Julia, conversamos sobre isso centenas de vezes. O caso está encerrado. Nenhuma pista. Ele simplesmente desapareceu da face da terra. Por que você não pode simplesmente deixar isso para trás e tocar a vida? Algumas vezes penso que você não seria maluca se simplesmente deixasse o passado em paz. Homens encapuzados e toda essa besteira.

Ela apertou o telefone até que as juntas ficaram brancas. Oito anos. Ela o conhecia há quase um terço de sua vida. Nos anos iniciais, eles fizeram amor apaixonado seguidamente, e ela desabrochou como uma flor sob o sol de sua afeição. Então seus problemas começaram, pequenos pensamentos paranoicos, um estômago nervoso, uma sensação de que tinha esquecido algo importante. Logo vieram as pequenas surpresas, o sonhos ruins e a culpa.

Mitchell a encorajou quando ela começou a ser atendida pelo Dr. Danner. Ele já havia elaboradamente planejado o futuro deles e viu a terapia como um pequeno desvio na estrada rumo à felicidade eterna. Através dos anos, entretanto, conforme ficou mais mercenário na prática na advocacia, ele se tornou teimoso e possessivo, com raiva dela tanto pela sua fraqueza quanto pela recusa em casar com ele. Ele lhe deu um anel de noivado obscenamente grande, que ela mantinha em um cofre no banco. O que era assustador é que ela não conseguia deixá-lo ir, não podia dar a ambos a liberdade. Isso era amor mantido refém, amor com uma arma apontada para a cabeça, amor em uma camisa de força.

— Você fará isso por mim? — Julia perguntou, quando conseguiu se controlar. Ela não queria se prostituir tentando ele com sua carne quando seu coração e mente ainda não estavam completamente prontos, mas ela podia apelar para seu ego. — Você sabe como fazer as coisas funcionarem. As pessoas pulam quando você liga, Mitchell.

— Bem, vou tentar. Ele soava levemente mais calmo. — Sem promessas, entretanto.

— Obrigada, Mitchell. Eu ligo quando chegar ao Memphis International.

— Podemos pelo menos jantar juntos?

— Eu adoraria — disse ela. E ela se deu conta de que, de fato, *estava* ansiosa para revê-lo. Mitchell a ajudara a passar pela morte de seus pais adotivos no acidente de carro, dando apoio moral de seu próprio jeito, leonino e dominante. Algumas vezes ela gostaria de poder adotar mais de sua filosofia, apenas ceder e se tornar um ornamento de clube de campo, aquela que completava a imagem de um jovem bem-sucedido profissionalmente.

— Vejo você em algumas horas — disse ela. — Tchau.

Ela fez as reservas de voo e tomou um banho. A mala estava quase pronta quando ela ouviu uma batida na porta da frente. Ela apertou seu robe e foi para a sala, espiando por entre a abertura das cortinas. O jipe de Walter estava parado na rua.

Ela não havia chamado o Sr. Webster pedindo reparos. O que o faz-tudo estava fazendo aqui?

— Olá? — chamou ela, por detrás da porta da frente. Talvez ela devesse ter esperado para ver primeiro o que ele faria. Se ele era um Monstro, tentaria invadir por uma das janelas. Então ela se lembrou que ele provavelmente possuía a chave da casa, a que ele havia ganho por meio do Sr. Webster.

— Olá, senhorita Stone?

Ele poderia entrar direto se tivesse desejado e ela não poderia ter feito nada. Ela considerou o que Mabel Convington havia falado sobre a esposa de Walter.

Ela relanceou os olhos ao telefone. Os policiais talvez precisassem de quinze a vinte minutos para responder a uma chamada nessa cidade. Tempo suficiente para que Walter fizesse o que quer que tivesse em mente, a não ser que ele fosse um daqueles Monstros meticolosos, do tipo que lentamente retira a pele de suas vítimas como quem descasca pêssegos—

Ela pressionou o punho contra a testa.

— Senhorita Stone? — Walter repetiu.

— O que é? — ela perguntou, controlando cuidadosamente a voz, tentando parecer despreocupada.

— Eu estava a caminho da cidade e tenho algo que talvez você possa querer.

Uma faca na garganta, talvez? Ou uma chave de fenda perfurando uma terceira órbita ocular? Ou o que quer que você tenha feito com sua esposa quando a levou para as florestas de Cracker Knob?

Em direito, os suspeitos eram inocentes até que a culpa fosse provada.

Julia lembrou da gentileza com que ele a havia tratado.

— Espere só um momento — disse ela.

Ela olhou novamente para o relógio, desistindo da ideia, e foi para o quarto trocar de roupa. Enquanto ela colocava uma camiseta e um moletom, pensou ter ouvido algo bater contra a janela. O vidro

estava embaçado com o vapor do chuveiro, de forma que ela nada viu. Ela pegou o spray de pimenta da bolsa, o segurou nas costas e retornou à porta, abrindo-a.

Walter estava na borda da varanda, junto ao arbusto de snowball. Ele parecia doente à vontade, sem o boné de beisebol e vestindo uma bermuda em vez de sua calça de flanela. Parecia mais um golfista engomado que um carpinteiro.

— Desculpe aparecer assim sem avisar — disse ele, o rosto enrugando conforme tentou sorrir.

Julia empurrou o cabelo molhado para trás dos ombros. — É algo quebrado de que eu não tenha notícia?

— Uhm, não. Eu estava passando por perto e pensei em você.

— A eletricidade tem estado boa — disse ela. Será que o faz-tudo de Elkwood passou para verificar o trabalho? Será que isso era outra das enlouquecedoras regras não escritas do povo das montanhas, junto com convites para ir a igreja?

— Bom. Eu não gostaria que a casa pegasse fogo.

— Obrigada por verificar — disse ela. — Mas estou meio que com pressa agora. Eu tenho que pegar um voo.

Walter concordou com a cabeça, o sorriso congelado em seu rosto, piscando os olhos na claridade do dia. — Para onde você está indo?

— Memphis.

— Ah. Velhos amigos, talvez.

— Algo como isso.

— Não vou lhe atrasar então. Eu trouxe algo que pensei que você gostaria. — Ele puxou um envelope do bolso traseiro do jeans e entregou a ela.

Julia olhou através da rua para os apartamentos e então olhou para a casa da Sra. Covington. Ela abriu a aba do envelope e olhou para dentro, esperando uma daquelas filipetas bíblicas mostrando uma vítima de acidente de carro vagando por dentro de túneis de fogo e eventualmente se dando conta de que estava morta e que era muito tarde para a salvação oferecida por João 3:16.

A primeira olhada, entretanto, sugeriu fotografias.

Ela as puxou para fora. Não fotografias, mas cartões de beisebol.

Ozzie Smith. Jack Clark. Willie McGee. Ted Simmons. Alguns pitchers e infielders, os Julian Javier da vida. E alguns cartões antigos, Bob Gibson, Lou Brock, Ken Boyer. E por último... provavelmente o maior Cardinal de todos os tempos. Stan Musial. O Cara.

— Você gostou deles? — ele perguntou, os olhos bem abertos e sérios.

— Sim, eles são maravilhosos! — disse ela. — Meu pai costumava me dar cartões de beisebol quando eu era pequena.

Walter sorriu com a felicidade dela, os dentes levemente tortos lhe dando um ar jovem e inocente. — Um de meus amigos os deu para mim um longo tempo atrás. Eles acabaram guardados em uma gaveta. Eu tenho outros, mas eles não são Cardinals.

— Isso foi uma lembrança muito bacana — disse ela. — Mas eu não posso aceitar. Eles são muito

valiosos.

— Alguns dos mais antigos podem valer algum dinheiro, mas o valor vem do quanto você gosta deles — disse Walter. — Eu não ligo muito para eles. Aposto que você cuidará mais deles do que eu.

Aquilo fazia sentido, de um modo estranho. Ela olhou cuidadosamente para os cartões. Pedacos do passado. Mas não um passado ruim, pois nas fotos a grama do campo estava verde, os jogadores sorriam e o beisebol era apenas um jogo.

— Bem, vou deixar você ir — disse Walter. — Espero que você tenha uma boa viagem.

— Obrigada, Walter — foi tudo que ela pôde dizer. — Isso foi a melhor coisa que me aconteceu desde que cheguei a Elkwood.

Ele acenou enquanto dirigia para longe, o jipe sem capota, o cabelo balançando ao vento.

Julia sentou no sofá e olhou para os cartões por alguns minutos, leu as estatísticas nos dorsos, os espalhou sobre a mesa de café. Ela os arranjou em um linha, definindo o batedor pela posição. O sorriso foi gostoso e raro em seu rosto. Ela quase havia esquecido que essas delícias simples e infantis ainda existiam.

Ela programou o videocassete para o jornal da noite, terminou de se vestir e dirigiu para o aeroporto Charlotte-Douglas, onde pegou o voo. Enquanto o avião decolou, ela abraçou a liberdade do voo e se prometeu deixar a bagagem mental para trás, muito embora ela não soubesse que lembranças ainda estavam em seu interior.

CAPÍTULO 9

Quando o avião se aproximou de Memphis, Julia se maravilhou com as luzes da grande cidade, um milhão de estrelas espalhadas contra um fundo escuro, o Mississippi como uma fenda galáctica. Depois de meses na zona rural das Blue Ridge Mountains, o amontoado de pessoas no aeroporto pareceu sem sentido, como o estouro de um rebanho em um abatedouro.

Mitchell a encontrou logo após o desembarque. Ele estava com seu sorriso inquebrantável de advogado, um Rolex, um terno feito sob medida e sapatos tão brilhantes que ele poderia verificar o cabelo preto e ondulado com eles. O Mitchell perfeito. Ainda perfeito, completamente o mesmo desde a última vez que o tinha visto, quando ela o tinha visto a primeira vez. Ela não envelhecia, apenas acumulava camadas de perenidade.

Enquanto se aproximavam da esteira de bagagem, ela se perguntava por que não podia ser grata pela estabilidade que ele oferecia. Tudo o que ela precisava dizer era “sim” e seria a Sra. Austin quando abril chegasse. Claro, ele iria aborrecê-la de tempos em tempos, teria apenas a relação sexual superficial de quatro minutos antes de rolar para o lado e ligar para o corretor de ações, iria afagá-la na mão e chamá-la de sua “Pequena Mulher” e iria sufocá-la com esforços entediados como encontros de tênis e novos tratamentos para janelas. Mas ele nunca criara nenhuma lembrança ruim. Aliás, ela tinha quase certeza de que, após uma vida inteira com ele, ela não teria praticamente nenhuma lembrança de qualquer espécie.

E isso podia não ser de todo ruim.

Eles se abraçaram rigidamente, ele se avolumando sobre ela, tentando comprimir seus seios contra ele. Ela lhe beijou as maçãs do rosto antes de encontrar seus lábios. Sem língua e ela não ofereceu a dela. Seu perfume era almiscarado e doce.

— Você parece ótima — disse ele, deixando o olhar correr sobre ela. Se ele notou o peso que tinha ganho, não disse nada, mas ele deve ter calculado o efeito ao lado de uma piscina do clube e como um pouco de volume ao redor das linhas do biquíni poderiam afetar a complexa fórmula de posicionamento social. A boneca de luxo não podia comer, ou pelo menos não muito.

— Você está perfeito, como sempre — disse ela.

— Eu me esforço — disse ele. Palavras mais verdadeiras nunca foram ditas. Outra coisa sobre Mitchell, ele era bastante honesto para um advogado.

— Você achou alguma coisa sobre o caso do meu pai? — perguntou ela.

— Alguma coisa, mas isso não pode esperar? Eu tenho reservas para o The Blue Note, e isso não foi fácil, deixe-me dizer. Mesmo Mitchell Austin tem que molhar algumas mãos para conseguir um bom assento nessa cidade.

Agora ele estava se referindo a si mesmo na terceira pessoa. Como o poderoso havia ascendido na sua ausência.

Ele apontou para sua mão. — Ei, onde está a pedra?

Ela pensou na lista de mentiras e acabou usando uma batida. — Eu estava limpando o forno antes de

sair e não queria manchá-lo. Eu estava com tanta pressa para fazer a mala que acabei esquecendo de colocá-lo de volta.

— Jesus, Julia, você sabe quanto aquilo custa?

Ela supunha que custava algo com cinco números, mas disse apenas — Não se preocupe, deixei em um lugar seguro.

— Você não está amolecendo, está?

Mentir ficava mais fácil com a prática e ela ainda arrematou com uma das frases preferidas de Mitchell. — Não, Mitchell. Eu continuo firme com nosso plano.

Ele sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos. Ele segurou sua mão e a arrastou para a esteira de bagagens.

Eles pegaram um táxi para a cidade, Julia admirando os arranha-céus como uma turista caipira enquanto Mitchell a abraçava possessivamente. Ele a ajudou quando o táxi parou junto à calçada. O ar quente e úmido da calçada envolveu Julia como uma segunda pele. A exaustão dos carros, o barulho do tráfego e do comércio e as luzes piscantes e caleidoscópicas dos neons a deixavam desequilibrada. Como ela sobrevivera tanto tempo a esse bombardeio aos sentidos?

Eles comeram salada de pepinos de entrada, Mitchell pedindo vinho e Julia uma limonada. — Então, me diga o que descobriu sobre meu pai — disse ela.

Mitchell arrumou seu guardanapo com um floreio. — Depois. Essa refeição está me custando uma pequena fortuna. Você pode me pagar olhando bem dentro dos meus olhos e se derretendo um pouco.

Ela olhou, mas não se derreteu. Ela esperava poder se derreter um dia de novo, mas não nessa noite. — É importante, Mitchell.

Ele suspirou e esvaziou o copo, batucando na mesa até o garçom trazer mais vinho. — É como eu lhe disse, nada de muito novo. Eu entrei em contato com o detetive que trabalhou no caso, um tal de tenente James Whitmore, ele está aposentado agora, mas participei em um comitê da Câmara de Comércio com a irmã dele, de forma que foi fácil achá-lo.

Mitchell mexeu no bolso do paletó e retirou um pequeno conjunto de papéis. — Peguei isso na divisão de arquivos. — O caso ainda está oficialmente aberto, é claro, mas centenas de pessoas desapareceram desde então. Notícias de ontem.

Julia olhou os documentos. Os detalhes básicos não tinham mudado: Douglas Arthur Stone, trinta e seis anos, dado como desaparecido na manhã de 28 de setembro. Ele chamou a polícia até sua casa para uma emergência. A filha de quatro anos de Stone foi encontrada do lado de fora da casa, confusa, sangrando de cortes no abdômen e perguntando quando seu pai voltaria. A porta da frente estava destrancada, nenhuma das roupas de Stone aparentemente faltando e o carro ainda na rua. Cartão de crédito e dados bancários ficaram inalterados. Alguns parentes distantes viviam em West Coast e não ouviram falar dele. E era isso.

Estranho que, por anos, tudo o que ela conseguia lembrar daquela noite era estar descalça na grama. Agora a Dra. Forrest a havia guiado para lembranças que há muito estavam perdidas.

— O que Whitmore disse? — Julia perguntou, após ler as declarações sem novidades dos vizinhos.

— Ele disse que lembra de ter seguido pistas na escola onde seu pai havia ensinado. Todas sem saída. O caso acabou enterrado rapidamente. — Mitchell se inclinou sobre a mesa e segurou sua mão. —

Por que você não deixa isso para lá?

Ela puxou a mão. — Eu não posso.

Se apenas ela pudesse contar a ele sobre a imagem da Massa Negra, a memória resgatada, a única peça que ela possuía nesse quebra-cabeça. Não importa o quão ilusória a lembrança pudesse ser, pelo menos era alguma coisa. Mas parte dela estava com medo de que Mitchell ficasse chocado, a vendo como uma mercadoria estragada, decidindo de uma vez que a sua “desordem de comportamento” não era mais um pequeno equívoco bonitinho e resolvesse minimizar seus danos deixando-a. Apesar de estar insegura sobre seu verdadeiro lugar na vida de Mitchell, ela não conseguia suportar a ideia de ficar sem ele e o futuro seguro que ele oferecia. A parte dela que temia que Mitchell risse de sua cara.

O jantar chegou e eles comeram conversando sobre os casos de Mitchell, a política local, como Julia deveria reinvestir a pequena herança que seus pais adotivos a tinham deixado. Foi fácil para ela entrar no papel de ouvinte interessada, mexendo a cabeça e confirmando as ideias de Mitchell.

Mitchell a levou para um hotel no centro e entrou no elevador com ela. — Sua pele tem um cheiro doce — disse ele à sua porta, a respiração suave na nuca.

— Gostoso sentir você — disse ela, os braços envolvendo sua forma familiar e reconfortante. Ele entendeu isso como um convite e afundou os dedos em seus ombros. Ela se desviou da próxima manobra, um cheiro sob a orelha. Ele não havia mudado o repertório na ausência dela.

Ele seguiria o manual de instruções até que a Aleta A estivesse inserida na Ranhura B. Parte dela gostaria de se render, através do instinto genético que necessitava de um parceiro e provedor, mas a cabeça estava tão agitada que ela não conseguiria tirar nenhum prazer disso. E apesar de Mitchell com certeza não estar com medo de se satisfazer, a despeito de sua resposta, ela não estava a fim de um jogo de falso entusiasmo.

Ela beijou seu rosto e se esquivou do abraço. — Não essa noite, querido. Mas logo.

Seu rosto escureceu. — Tão logo você esteja melhor?

— Você sempre disse que não queria metade de uma mulher.

— Não queria metade, mas certamente poderia ter um pedaço.

— Mitchell.

— Se eu não tivesse investido tanto em você...

— Se você me ama de verdade, a espera vale a pena.

— Não posso esperar para sempre — disse ele, a raiva deixando seu rosto corado, mostrando uma emoção que ele jamais deixaria transparecer em um tribunal. — Estou sob grande pressão. Estou pronto para desembarcar com alguns credores e essas pessoas jogam para ganhar. Assim que estivermos dentro da legalidade, posso recuperar o dinheiro para você. Para nós.

— Minha herança não iria nem cobrir o pagamento de uma casa, muito menos tirar você de um grande problema. E eu o daria para você agora mesmo, se pedisse.

— Esqueça — disse ele. — Tenho pessoas para ver.

Ele lhe deu um beijo e colocou um pedaço de papel em sua mão. Ele se apressou pelo corredor, dando um aceno curto quando o elevador o engoliu. Ela colocou os dedos nos lábios, pronta para lhe assoprar um beijo, mas ele desapareceu antes que pudesse completar o gesto.

Ela olhou para o papel. Era o número de telefone de James Whitmore. Embaixo disso, na caligrafia elegante e obsessiva-compulsiva de Mitchell, estava escrito: “Bons sonhos Juuuulia.”

CAPÍTULO 10

Julia se encontrou com James Whitmore no bar do hotel. Ela o reconheceu imediatamente. Ele havia dito a ela para escolher o homem que não se encaixaria e esse seria ele. Whitmore se sentou em um banco alto, cento e cinquenta quilos, a cabeça careca refletindo as luzes de neon do bar. Seu rosto estava vincado de grandes pregas de pele cor de ébano, mas os olhos eram claros. Ele estava bebendo leite, e um bigode de leite contrastava em seus grossos lábios. Ele acenou para ela com a cabeça pelo espelho do bar quando ela se sentou ao seu lado.

— Senhor Whitmore?

— Caramba, você não cresceu? — disse ele.

Ela se deu conta de que ele deveria estar comparando-a com a Julia de quatro anos de idade, aquela que o pai desaparecera em uma noite de outono muito tempo atrás.

— Obrigada por ter vindo. Eu sei que você não me deve nada e que provavelmente tem planos para hoje à noite.

— Um drinque com uma garota bonita? Isso se parece com um plano para mim.

O barman se aproximou e ela pediu meia dose de gim. O gosto forte do álcool espantou um pouco do cansaço acumulado do dia. — Eu sei que Mitchell conversou com você sobre o caso do meu pai, mas eu estava com esperanças de que se lembrasse de algo que ele deixou passar.

— Duvido muito — disse Whitmore. — Muitas pessoas devem favores a ele. Se ele pergunta algo, geralmente recebe a resposta. Você está com ele?

— Desculpe?

— Você é a namorada dele? Esposa? Ou, como eles chama nos dias de hoje, a outra?

— Nós estamos noivos — disse ela, bebendo um segundo grande gole de sua bebida. — Você pode repassar o caso para mim? Apenas mais uma vez e eu prometo deixar você em paz.

— Não tem muita coisa a acrescentar. Eu não estava à frente do caso, era o tenente Snead. Eu apenas fazia parte da equipe de investigação. Você viu os arquivos do caso e o relatório do incidente. Colocamos na lista dos desaparecidos, enviamos fotos para o FBI e agências estaduais, procuramos antecedentes para ver se alguém poderia ter alguns rancor escondido.

Ele olhou para ela. — Conversamos com você, evidentemente. Mas você estava confusa e não sabia o que tinha ocorrido. Minha nossa, você era uma gracinha. Nos sentimos tão mal por você, perdendo o pai daquele jeito. E os cortes profundos na barriga, da janela quebrada do quarto. Você deve ter tentado sair por lá.

— Os relatórios dizem que além da janela quebrada, não havia nenhuma outra evidência de entrada forçada e que nada havia sido roubado.

— Tanto quanto fomos capazes de dizer. É claro, ele poderia ter um saco com um milhão de dólares, mas vai saber.

— Ele era um professor de escola.

Whitmore olhou para o copo de leite. — Algumas pessoas não gostam de ouvir coisas ruins sobre pessoas que pensavam conhecer. E você?

— Pode me testar — disse ela. — Eu provavelmente imaginei coisas piores que as que você será capaz de dizer.

Ele sorriu, eliminando a ferocidade que, de outra forma, ficava sempre no rosto. — Suponho que você imaginou. Bem, talvez ele estivesse envolvido com drogas, talvez vendendo. Não consegui achar ninguém que tivesse comprado dele, mas isso não é o tipo de informação que você voluntariamente fornece à polícia apenas para ser um bom cidadão.

A banda da noite estava se preparando no palco no fundo da sala. Um adolescente com cabelos pegajosos conectou uma guitarra, um dos membros de uma imensa legião de tocadores de guitarra que perambulava por Memphis em seu caminho para lugar algum. Julia os tinha visto a vida toda, maravilhada pelo poder infinito que os sonhos têm sobre as pessoas, sonhos que fazem as pessoas mentirem para si mesmas sobre as possibilidades de serem alcançados. Ou de serem felizes.

Os grandes olhos de Whitmore dominaram o cenário. — Seu pai era todo certinho, pelo que descobrimos. Pode bem ter sido verdade que ele se esforçava para parecer desse jeito. Não seria o primeiro.

— Nenhuma passagem de avião, nenhuma chamada para táxis, carro parado na rua. Alguma coisa apareceu na carteira de motorista ou cartões de crédito?

— Nada. No caso de uma pessoa desaparecida, você refaz os passos da pessoa várias vezes, tentando achar o ponto no qual os trilhos se separam. No dia que desapareceu, Douglas Stone havia dado aulas, levado e pego você na creche, levado você à biblioteca, ao parque e ao McDonalds. Aparentemente ninado você à noite. Então ele simplesmente desapareceu da face da terra.

O adolescente tocou um blues, nada mal, mas com nada de especial, e ajudou o baterista a montar seu instrumento. Um homem alto com um baixo pendurado através dos ombros começou a conectar os cabos. Provavelmente demoraria ainda uma meia hora até a verificação de som e Julia gostaria de estar longe quando as notas desafinadas gritassem.

Julia terminou o drinque, fechou os olhos e tentou invocar detalhes dos sonhos e sessões de hipnose. O que a Dra. Forrest pediria a ela para procurar? — O que aconteceu com os pertences pessoais?

— Eles foram guardados nos armários de evidências por cerca de dois anos e então vendidos em leilão público. O dinheiro foi mandado para o lar adotivo onde você se encontrava.

— Alguma coisa de valor ou pessoal?

— Homens não usavam muitas joias naqueles tempos, não como usam agora. Mas eu lembro de algo que pensei ser estranho. Mitchell não lhe falou sobre o anel?

— O anel?

— Sim. Grande, de prata, na forma de uma caveira. Tinha dois pequenos rubis nos olhos.

O anel. Aquele que estava na mão que segurava a faca. O estômago de Julia ficou tenso e um arrepio da lembrança da dor correu pelas cicatrizes em seu abdômen.

— Esse foi o modo pelo qual chegamos à conclusão de que seu desaparecimento não estava vinculado a roubo — Whitmore continuou, estudando seu rosto. — O anel provavelmente valia alguns

milhares.

— Ele também foi leiloado?

— Que eu saiba, sim.

— Algum registro do leilão?

— Provavelmente em algum lugar, sim. Isso foi há mais de vinte anos, antes dos bancos de dados dos computadores, e registros de papel algumas vezes sumiam por entre as rachaduras do tempo. Mas você pode dar um pulo na divisão de registros e dar uma olhada. Eles provavelmente vão acompanhar você por uns quinze minutos antes de bater em retirada.

Ele terminou o leite. Um homem no final do bar acendeu um cigarro. Whitmore fixou o olhar no fumante, que rapidamente pegou a bebida e se mandou.

O barman se aproximou e Julia pediu uma segunda dose, Whilet declinou um segundo copo de leite. — Posso lhe perguntar uma coisa, Sr. Whitmore? E você não tem que responder, porque não me deve nada e, como disse, algumas pessoas não querem ouvir coisas ruins sobre pessoas que pensavam que conheciam.

— Pode perguntar — disse ele, relanceando o olhar para o relógio e então para a banda no canto da sala.

— Havia notícias sobre atividade satânica em Memphis naquela época?

Os cantos dos lábios de Whitmore levantaram como se ele fosse rir, mas então se deu conta de que ela estava falando sério. Ele deve ter visto seu reflexo no espelho do bar. Ele cobriu a boca, limpando o bigode de leite. — Sempre existem conversas sobre esse tipo de coisa — disse ele. — E não, eu não acredito que o diabo tenha surgido no meio da fumaça e arrastado seu pai para o inferno pelo ralo da banheira.

— Nem eu. Mas algumas pessoas aparentemente acham esse assunto mortalmente sério.

— Nós tivemos nossa cota de animais mutilados — disse ele. — A maior parte deles era apenas garotos de colégio com muito tempo nas mãos e muita gente para impressionar. Como um esforço organizado, não temos nenhuma igreja de satã ou coisas do estilo por aqui. Quem foi o cara que começou aquela confusão em São Francisco?

— Anton LaVey? O sujeito que escreveu a bíblia de satã?

— Você realmente estudou isso, não é mesmo?

— Melhor ainda. Eu trabalho com um cara que estudou. Ele ou é um dos maiores especialistas em rituais satânicos que existe ou então deveria estar escrevendo novelas de terror. Mas LaVey não era mais do que um personagem mitológico de carnaval. Estou falando da coisa real, pessoas que estão imersas nisso e propensas a matar para guardar seus segredos.

— Bem, teve um monte de fofocas alguns anos atrás, sobre Black Masses e coisas desse tipo. A maior parte surgiu em relatórios de psiquiatras. Você sabe, estupro ritual de crianças, sacrifícios de crianças, abuso crônico. Policiais veem notícias e leem os jornais, como qualquer outra pessoa. Algumas vezes vimos coisas que nos deixaram pensando, mas havia um grande problema com esses relatórios.

— Deixe-me adivinhar. — Julia tomou um grande gole de bebida. — A mesma coisa que com meu pai. Nenhuma evidência contundente.

— Mesmo se uma dúzia de crianças fosse sacrificada todo ano, alguém teria dado falta delas. Claro, Memphis tem muitos fugitivos como em qualquer lugar e provavelmente muito mais garotos fogem para cá do que daqui. — Whitmore balançou a cabeça na direção da garota ao lado do painel de som, uma adolescente trêmula, loira e pálida. — Ou é a música ou a vida. Algumas vezes as duas coisas.

— Então você não acha que é possível um culto clandestino, grande e organizado, existir sem ser descoberto?

Whitmore deu de ombros. — Olha, fui policial por trinta e cinco anos. Sei que qualquer coisa é possível. Mas você pensaria que pelo menos um ou dois membros do culto eventualmente ficariam... agora, qual é a palavra que estou procurando? Alucinado, talvez?

— Desiludido talvez seja mais apropriado.

Ele riu. — Talvez você devesse ser escritora ou algo assim.

— Ou repórter, talvez. Então ninguém apareceu?

— Não que eu saiba. Mas olhando para trás, acho que existe um grupo de casos não solucionados que ainda me deixam arrepiado. No Mississippi ainda flutua algo esquisito, aqui e ali de vez em quando.

— Como um corpo eviscerado? — Ela lhe contou sobre a vítima de Elkwood e os olhos de Whitmore ficaram mais abertos.

— Tivemos alguns casos como esse — Whitmore falou, com voz suave. Julia teve que se inclinar na direção para ouvi-lo por sobre o ruído das pessoas e copos tilintando. — Cortados bem do jeito que você descreveu. — disse ele. — Parando para pensar bem, um deles cerca de um mês depois do desaparecimento de seu pai. É claro, não havia conexão entre os casos, e nenhuma razão para pensar que haveria.

— Você tem uma boa memória.

Ele olhou o bar, para as listras de luz sobre a madeira polida. — Um detetive nunca esquece os casos que não consegue resolver. Por que, bem lá dentro, ele nunca desiste de tentar solucioná-los.

O guitarrista terminou de montar o amplificador e tocou algumas notas sinistras. A audiência gritou, assobiou e bebeu. O baterista tocou uma sequência, verificando os ângulos e as posições dos instrumentos. Dez anos atrás, a antecipação teria deixado Julia elétrica e pronta para dançar a noite toda. Agora, ela preferia o rádio, no qual ela podia controlar o volume.

Whitmore parecia igualmente agoniado. — Essa é minha deixa — disse ele, levantando-se do banco.

Julia pegou a bolsa, terminou o último gole da bebida e pagou a conta. Ela caminhou com Whitmore até junto a calçada e agradeceu.

— Duvido que tenha lhe ajudado em alguma coisa — disse ele. — Provavelmente lhe dei mais problemas do que você tinha antes.

— Um problema é apenas o que você faz dele — disse Julia, citando um dos dizeres das montanhas recitados pela Sra. Covington. Aquilo soou exótico naquele mundo de concreto e aço.

— Eu não vou dizer que seria melhor você deixar o passado para trás e tocar sua vida — disse ele. — Aposto que você já ouviu isso antes.

Ela sorriu. — Um detetive nunca desiste de solucioná-los, certo?

Os dentes dele brilharam nas luzes da rua. — Fique com meu número de telefone e me ligue se algo

aparecer.

Ela apertou sua mão e foi para o quarto, levemente tonta pelas bebidas. Ela deitou na cama e ouviu o fluxo constante do tráfego, o sangue da cidade bombeando pelas imensas veias de asfalto.

Por que Mitchell não contara a respeito do anel? Ele com certeza sabia que James Whitmore mencionaria um item tão incomum. Mas ele poderia ter omitido o número de telefone de Whitmore, ou mesmo sequer ter mencionado o detetive. Ela poderia ou não ter encontrado Whitmore pelos próprios esforços.

Quando ela conseguiu dormir, completamente vestida, estava convencida de que Mitchell apenas tentou protegê-la. Mitchell não queria perturbá-la com o passado pois queria um futuro perfeito para ela. Conforme escorregava lentamente para um mundo de imagens desordenadas, ela tentou rezar, mas as palavras não vieram, e nem uma resposta aos seus pedidos.

CAPÍTULO 11

Julia não sonhou com nada, tanto quanto se lembrava pela manhã. Ela teve uma ressaca leve e se olhou com dureza no espelho do banheiro.

— Tudo o que você precisa para evitar sonhos com ossos é se atracar com um copo cheio — disse ela, olhando dentro de seus olhos vermelhos. — Acho que você encontrou um caminho aí, garota. Mas um caminho que parece não levar a um final feliz. Acho que é melhor ser louca que bêbada.

Então ela se deu conta de que provavelmente só pessoas malucas conversam consigo mesmas na frente de um espelho, e resolveu lavar as dores musculares em um banho, logo em seguida mergulhando na lista telefônica de Memphis. A secretária eletrônica de sua amiga Sue McAllister, uma colega repórter no *The Commercial Appeal*, foi quem atendeu a ligação. Julia deixou uma mensagem de que estava na cidade e perguntou se poderiam se encontrar no outro dia.

Mitchell havia ligado e eles se encontraram no centro para o almoço. Julia comentou sobre o encontro com James Whitmore e não mencionou o anel de caveira. Mitchell havia sido um aliado paciente até aquele momento e ela não queria tê-lo contra si. Ela se concentrou em ser agradável, o tipo de mulher que ela pensou que ele desejava. Mas sua mente ficou em Elkwood e lá pela metade da sobremesa de sorvete de limão italiano ela se pegou pensando nos cartões de beisebol que Walter havia lhe dado.

O celular de Mitchell interrompeu sua refeição e Julia estudou suas feições enquanto ele falava. Ele era bronzeado, com uma mandíbula forte e maçãs do rosto tão salientes que poderiam lançar uma sombra às três da tarde. O cabelo era cuidadosamente aparado, as suíças cortadas rentes com as orelhas. Olhos escuros, uma boca bonita. Na verdade, belo como um astro de cinema. Ele poderia representar um advogado em um suspense de Grisham.

Ela se pegou comparando-o a Walter e sentiu arrepios por dentro. Ela se dedicou à sobremesa com entusiasmo renovado. Mitchell era seu passado, presente e futuro. Walter era o cara que havia consertado as janelas. Fim de história.

Mitchell fechou o celular e lhe deu um sorriso isento de taxas, que funcionava tão bem nos tribunais de júri.

— Você pode me dar uma carona até onde meu pai morava? — perguntou ela.

— Sua velha casa? Por que você quer ir até lá?

— Eu não estive lá nos últimos sete anos. — Ela montou uma pequena mentira. — A Dra. Forrest disse que isso me faria bem, me ajudando a ganhar um sentimento de término.

— O que essa Dra. Forrest sabe? Você a está vendo apenas há alguns meses.

— A Dra. Forrest está me ajudando. Ela me compreende.

Mitchell empurrou o prato para longe e olhou para a rua. — E eu não, não é isso? Suponho que pelo menos deveria estar grato por você não estar se consultando com Lance Danner. — Ele disse isso em um tom de gozação levemente afeminado. — Ou você está com consulta marcada para hoje de tarde?

— Você vai me levar ou não? Eu posso pegar um táxi.

Mitchell suspirou, o som de um mártir incansável. — Certo. Vamos embora. Podemos falar sobre o casamento no caminho.

A casa onde Julia vivera era em Frayser, a vinte e três quilômetros do centro. A área estava um pouco caída, velhas indústrias encontrando-se com o avanço urbano da periferia, com casas da classe média imprensadas no meio do caminho. Eles tiveram um pouco de dificuldade para encontrar a casa pois a área havia mudado muito, com novas construções e o crescimento das árvores antigamente pequenas. A casa ainda existia, as paredes de madeira acinzentadas pelo tempo, uma sessão da calha faltando, a grama alta e a calçada quebrada. Uma placa de “À Venda” estava na frente.

Eles caminharam para a parte de trás, Mitchell cuidando com os passos para não estragar os sapatos. A cerca junto do quintal estava com algumas sessões faltando e parecia com o sorriso de um boxeador aposentado. A fazenda que antes se estendia além da linha de casas tinha sido esculpida em lotes, apesar do pasto e do celeiro ainda existirem.

— Eu costumava brincar por lá — disse Julia, olhando para o campo que estava amarelado pelo outono. — Papai não me deixava ir até o celeiro, entretanto.

— Não me admira — disse Mitchell esmagando insetos. — As fezes de gado devem ser de dois metros de profundidade. Por que alguém iria querer animais andando do lado de fora de casa?

Julia observou o celeiro. Alguma coisa estranha sobre ele, naquela luz do sol que se punha, o telhado enferrujado de zinco, as tábuas laterais acinzentadas, empenadas e crivadas de buracos para as cordas. A imagem fez cócegas no fundo de sua mente. Mas não era exatamente isso. A lembrança era quase o negativo disso, o celeiro em uma luz muito mais fria. O celeiro contra a escuridão.

— Caracas, eles podiam comprar um cortador de gramas — disse Mitchell.

Julia mordeu a unha.

— Isso é o que chamo de progresso — disse Mitchell. Ele apontou para longe, através de uma falha nas folhas dos bordos avermelhados. Escavadeiras e caminhões estavam estacionados em uma grande área aplainada do terreno. — A cidade precisa expandir a área de cobrança de impostos para cá. Eles estão implantando água e esgoto por algumas centenas o metro, mas essas casas decadentes não contribuem com nada.

Julia olhou para a garganta negra do celeiro. *O quê? O quê?*

Se apenas a Dra. Forrest estivesse aqui.

— Bem, querida, olhe pelo lado positivo — disse Mitchell, andando para longe dela para o limite do terreno. — Quero dizer, eu sei que é terrível o que aconteceu com seu pai, mas pelo menos você teve sorte o bastante de ser adotada por pessoas de posse. Se você tivesse crescido aqui, provavelmente nunca teria me encontrado.

O celeiro. Algo daquela noite, a noite do anel de caveira e altar.

— Querida?

O celeiro, pedra, cantos, capuzes. Pessoas más.

Uma mão tocou em seu ombro, ela soltou um pequeno grito e se virou.

Mitchell estava de pé, com as mãos estendidas, boca aberta, tão espantado quanto ela. — Uh?

Julia colocou as mãos sobre o rosto.

— Que coisa, querida, por que você está tão nervosa? Eu sabia que não deveríamos ter vindo aqui.
— Ele caminhou em sua direção. Ela se afastou em direção à cerca.

— Por que você não pode deixar o maldito passado para trás? — gritou ele. — Não é bom, nunca foi.

Ele ajustou a gravata, debaixo do rosto vermelho. — Por que diabos você faz isso consigo mesma? Por que você faz isso *comigo*?

Ela desviou o olhar, para longe, através do pasto. A forma do celeiro ficou borrada com as lágrimas. Ele se sentiu à beira de um grande penhasco, o equilíbrio perdido, como se uma placa de terra houvesse se quebrado, carregando-a junto. Ela agarrou a cerca, querendo se segurar ao seu mundo. Mesmo com todos os problemas e dores, era o mundo ao qual pertencia.

Se Mitchell viesse até ela agora, a abraçasse, ela deixaria. Ela o abraçaria de volta. Ela deixaria esse lugar e suas lembranças, aceitaria a vida segura oferecida por ele, desistiria da fuga sem sentido para Elkwood. Ela voltaria a se consultar com Lance Danner, não, ela conseguiria outro terapeuta da escolha de Mitchell. E com o novo terapeuta, ela trabalharia apenas nos problemas do presente, os do dia-a-dia que levavam ao futuro.

Ela nunca mais olharia para trás. Tanto quanto ela pudesse evitar.

— Talvez um dia eu venha a entender — ela disse com a voz vazia. — E talvez um dia eu seja capaz de fazer você entender.

— Um dia — troçou Mitchell. — Bem, nós não temos mais uma grande quantidade de “um dia” sobrando, de forma que é melhor você se decidir.

Ela começou a se virar na direção dele, para deixá-lo ver as lágrimas, mas sabia que aquilo o faria fraquejar e o deixaria envergonhado. Qual Mitchell era real, o que havia gritado com ela ou o que havia secado suas lágrimas anteriormente?

Ela continuou fitando o pasto, o capim cor de ouro balançando ao vento. Era um mar suave, um lugar que afogava as lembranças. Apenas por um momento. Por que o celeiro flutuava como um navio sobre a superfície.

Ela ouviu Mitchell caminhando para longe e depois batendo a porta do Lexus. Ela lhe deu a chance de ir embora, sabendo que ele não conseguiria. Ela esperou até que as coisas voltaram a se encaixar nos seus lugares, até que ela ficou firme sobre as próprias pernas. Então, sem olhar para Mitchell, ela pulou por sobre a cerca e caminhou na direção do celeiro.

CAPÍTULO 12

O interior do celeiro estava escuro, mesmo com a porta aberta e as madeiras laterais empenadas o suficiente para deixar entrar a luz. As pilastras e tábuas eram cinzas pela idade, o palheiro cedendo acima. O lugar cheirava a feno mofado e pó de esterco seco. Sob isso, o cheiro de pele animal, mesmo com os estábulos desocupados por tanto tempo.

Conforme ela entrou, os cantos escuros caminharam em sua direção como coisas sem pernas, arrastando memórias como se fossem sacos de animais mortos. Os pés se movendo através do chão faziam um som como línguas de serpente escorregando. Ela se arrepiou, ainda que o ar estivesse úmido e parado. Julia cruzou os braços sobre o peito, com medo de seguir em frente, mas ao mesmo tempo incapaz de se conter.

Ela já havia estado ali.

As cicatrizes no estômago se contorceram.

Ela se ajoelhou, com a cabeça leve, como se fosse vomitar. Nos ouvidos, um guincho alto e estridente. Os batimentos dispararam.

Pânico.

O pânico que por tanto tempo ela lutou contra. O pânico que ela conseguiu esconder de Mitchell e dos colegas de trabalho e mesmo, quando ainda eram vivos, dos pais adotivos. O pânico que cresceu e a engoliu nas noites em que o passado passou muito próximo, quando os horríveis dedos apareceram, agarrando e estalando.

O pânico que a Dra. Forrest insistira que Julia podia conquistar.

Mas a Dra. Forrest estava em Elkwood, a mil quilômetros de distância e Julia estava aqui, sozinha, de joelhos no feno seco e quebradiço. Julia fechou os olhos e pressionou a testa contra o chão.

O manto do pânico descendo, rápido e sufocante.

Respirações profundas, ela disse para si mesma, mas o pensamento era apenas um de muitos, amontoados pela morte, uma faca quente, o homem com o anel de caveira, a pedra fria e as pessoas más à sua volta, as pessoas más a tocando, rindo e cantando, as pessoas más, observando a lâmina tocar seu estômago, a prata escorregando para dentro de sua carne, as gotas vermelhas se acumulando na ponta, a mão com o anel de caveira, o homem de capuz, o rosto por debaixo do capuz e —

Ela se arrastou para a frente, as mãos encontrando uma divisória de madeira. Uma farpa penetrou a palma de sua mão, mas ela se manteve agarrada e se puxou para cima, forçando-se a ficar de pé. As lágrimas no rosto capturaram o pó que ela levantou. Ela inflou o peito com o ar sujo, tentando ignorar o pulso rápido.

O pânico está apenas na mente, veio em ajuda a fita mental tocando as palavras da Dra. Forrest.

Julia olhou loucamente à volta, a luz quadrada da porta do celeiro como um grande portão para a terra prometida. Ela pensou em gritar para Mitchell, mas não sabia se conseguiria ter ar suficiente para isso e era provável que ele não a ouvisse do carro de qualquer jeito. Ela pressionou as costas contra a

parede e levantou os braços, descansando-os na parte superior da divisória que a sustentava. Ela ficou lá, pendurada, como um mártir relutante esperando os pregos na carne.

Pânico está apenas na mente, repetiu a Dra. Forrest.

Julia abriu as mãos, fechadas como garras. Ela pensou nas mãos como balões quentes, balões ao sol, balões nas cores das jujubas. Estava funcionando, ela estava em um parque, deitada de costas na grama, conseguia respirar, o ar tinha gosto de céu, vida e nuvens, exceto que engasgou com o pó sufocante, louco... estava no celeiro, *o celeiro, O CELEIRO*.

Ela fechou os olhos novamente.

As pessoas más fizeram um círculo, as velas tremularam, a fumaça densa dos cadinhos insinuaram dragões cinzentos contra o luar, e seu corpo tão frio e morto quanto a pedra debaixo dele. O homem com o anel de caveira, o Sumo Sacerdote, elevou a faca e se dirigiu à cabeça apodrecida de bode pendurada na cruz invertida.

— Alteza das trevas, Satã, Mestre do Mundo, aceite essa oferenda de seus humildes e leais servos, para que possa continuar a nos dar suas bênçãos — a voz profunda entoou, preenchendo o vazio do celeiro. — Que assim seja.

A faca desceu, Julia gritou, o ar saindo dos pulmões, o corpo perdendo a vida.

CAPÍTULO 13

Quando acordou, não sabia onde estava. Virou a cabeça e pedaços de feno envelhecido caíram de seu cabelo. O chão cheirava a poeira. Ela olhou para cima, viu o madeirame do celeiro, as fendas quadradas cortadas no palheiro, o estanho envelhecido do telhado nas sombras acima.

O coração batia ritmicamente, apenas levemente acelerado. Ela sentia os membros como se estivesse cheios de cimento. Estava pegajosa com suor ressecado.

Quanto tempo ela tinha ficado deitada ali?

Ela olhou para o relógio. Mesmo o ato de levantar o pulso exigiu um enorme esforço. 3:37. Estava no celeiro há quase vinte minutos.

Ela piscou e afastou os últimos punhados de lembranças e se arrastou para uma posição ajoelhada. Os ataques de pânico sempre rugiam como ondas de marés e se iam em um lento escorrer, deixando-a esgotada e ensopada. Esse não tinha sido o ataque mais longo, mas talvez tivesse sido o mais intenso.

Ela juntou as forças e ficou de pé sobre as pernas moles. O pânico poderia invadi-la, quebrar-se sobre ela, mas não permitiria que ele a carregasse para o mar cinzento e enlouquecido. Ela se agarrou à experiência e encorajamento da Dra. Forrest.

— O pânico está apenas em sua mente — Julia disse para si mesma. O murmúrio morreu dentro da estrutura de madeira.

Mitchell.

Ele não tinha se perguntado onde ela poderia ter ido? Será que ele ainda estava junto à rua, batucando na direção com as unhas feitas em manicure? Ou será que ele tinha ido embora, resmungando enquanto dirigia?

Julia rezou para que ele tivesse ido embora. Ela não queria que ele a visse nesse estado, suja, despenteada e trêmula. Uma pretendente a troféu tinha que se manter o mais perfeita possível em todos os momentos, tão fria quanto uma bebida no Nineteenth Hole, tão alisada quanto uma toalha de mesa de damasco.

Mas muito pior que seu desânimo sobre a aparência, entretanto, era a desajeitada tentativa de sentir pena de si mesma. Claro, ele iria pentear seu cabelo de volta ao lugar, mesmo abraçá-la, provavelmente beijá-la na testa, mas não se convidaria a conhecer seu interior. Ele não a nutriria onde mais lhe fazia falta, em seu espírito, alma ou coração, os nomes e lugares tão desconhecidos para ela quanto para qualquer outra pessoa.

Mas não era falha de Mitchell. Ela não permitia uma abertura, não deixaria ninguém dentro do lugar secreto onde poderia ser curada com um toque. O Dr. Danner e a Dra. Forrest chegaram perto; eles a amaciaram. Mas teimosia, orgulho, ou simplesmente os delírios causados pela sua doença, mantinham-na sempre sozinha, sempre guardando do mundo uma parte de si mesma. Mesmo saber essa verdade repulsiva sobre si mesma não a permitia mudá-la.

Ela cambaleou rumo à porta, semicerrando os olhos contra a claridade da tarde. O campo parecia de

fogo, amarelo contra o fundo avermelhado das árvores de outono e das casas que se alinhavam contra a cerca. O apito de um trem soou ao longe, um trovejar de um gigante de ferro sobre os trilhos da distante zona industrial de Frayser. A leve brisa mudou, carregando o cheiro de lama do rio Mississippi.

Julia caminhou pelo capim alto rumo à cerca. Por entre as árvores no fundo do quintal, ela viu o Lexus ainda parado junto à calçada. O assento do motorista estava reclinado. Mitchell estava tirando uma soneca ou completamente tomado pelo mau humor.

Ela olhou para o céu, tirando energia de algum lugar escondido atrás das nuvens.

Deus, suponho que seja egoísta implorar por alguma ajuda quando eu na verdade não acredito em você, mas talvez apenas um empurrãozinho pelo caminho. Pelo menos me deixe caminhar.

As nuvens pareciam as mesmas e nenhum raio de luz dourada a banhou com seu calor benevolente. Nenhuma voz calma sussurrou palavras de conforto em seus ouvidos e nenhum esquadrão de anjos desceu voando dos céus para resgatá-la. Ainda assim, ela se sentiu melhor pelo simples fato de ter pedido e a sensação de isolamento diminuiu.

Certo, se você não vai ajudar, pelo menos não fique no caminho atrapalhando.

Julia tirou o feno e o pó das roupas com as mãos, puxou o cabelo para o lugar e subiu na cerca. Ela foi para os fundos da casa e abriu a porta de tela envelhecida. Ela tentou usar a maçaneta, mas a porta estava trancada. Exatamente o que esperava.

Ela caminhou até a janela do fundo e olhou para dentro, através do vidro sujo. Seu antigo quarto. Uma corrente elétrica lhe correu pelas costas e as lembranças voltaram como uma inundação. Não de pessoas más em túnicas, mas lembranças de uma criança brincando, uma criança que havia engatinhado naquele chão de madeira, que havia sentado no sol com bonecas, Chester Bear, blocos de madeira com letras e livros que ela não conseguia ler.

O quarto estava vazio e a porta do armário faltando. As paredes tinham sido pintadas e agora estava um branco sujo, em vez do azul celeste que eram quando ela viveu ali. Um dos vidros na janela tinha um fita adesiva cobrindo uma rachadura. A tranca da parte superior da janela estava torcida na saliência.

Julia transformou a bolsa em uma bola, prendeu o cabelo nas costas e bateu na janela para soltar a pintura lascada. Ela colocou os dedos por baixo da janela e levantou. Uma cascata de poeira caiu quando a janela abriu. Ela olhou para as casas de ambos os lados antes de entrar pela janela, enfiando a cabeça pela abertura. Seus pés balançaram no ar por um momento. Então ela se contorceu e conseguiu se colocar de pé no chão, que não havia tocado há mais de vinte anos, deixando a janela se fechar às suas costas.

Ela estava no interior do quarto do qual havia sido roubada 23 anos antes.

CAPÍTULO 14

Trêmula, Julia sentiu-se enfraquecida e tonta da exaustão que se seguiu ao ataque de ansiedade. O que Mitchell pensaria se visse que ela havia arrombado a casa? Mitchell trabalhava principalmente com direito de propriedades e sabia como torcer as leis em favor de seus clientes. Entretanto, ele era bem certinho no que dizia aos direitos de propriedade. Visitar uma casa vazia que estava à venda era uma coisa, mas entrar por uma janela era outra bem diferente.

O chão estalou sob seus pés. A porta era a mesma, apenas a maçaneta não estava mais ao nível dos olhos. Ela colocou a mão na maçaneta—

As vozes.

Na sala, papai e o homem que papai chamava de Lucius estavam conversando.

Ela parou de respirar, do mesmo jeito que fez quando tinha quatro anos e entreabriu a porta, com as dobradiças rangendo, realmente esperando ver as pessoas encapuzadas ao redor de seu pai. Mas dessa vez ela apenas viu o brilho embaçado do sol no velho tapete bege.

Julia cruzou a sala, passando pelo banheiro escuro, e entrou no outro quarto. O quarto de papai.

Ela não conseguia se livrar das sugestões da Dra. Forrest de que papai a havia levado lá quando era criança, a levado a fazer coisas ruins, a havia tocado de modos que papais não deveriam tocar. Mas Julia não sentiu nenhum horror, nada da vergonha sufocante que ela sofrera enquanto revivendo as imagens sugeridas no consultório da terapeuta. Ainda assim, um leve arrepio correu por sua pele, conforme ela entrou no quarto.

Estava tão vazio quanto seu antigo quarto, os espelhos das tomadas retirados das paredes, tiras arrancadas dos papéis de parede. O soquete de luz pendurado por dois fios do teto e o varão da cortina arrancado e jogado em um canto.

Julia se aproximou do pequeno armário, muito do mesmo em uma escuridão igual a noite. As prateleiras se alinhavam e o varão segurando três cabides enferrujados.

Nada de esqueletos aqui.

Ela estava saindo do quarto quando, acidentalmente, chutou a prateleira mais baixa, que bateu contra os suportes. Julia colocou a ponta do sapato sob a prancha da prateleira e a levantou. A madeira virou com facilidade e Julia viu uma pequena rachadura nas madeiras do assoalho, abaixo. Algo, uma lembrança, *déjà vu* ou fragmento de sonho, fez com que ela parasse.

Ela se ajoelhou e correu os dedos junto ao corte grosseiro no assoalho. As madeiras estavam soltas. Um som oco respondeu às pancadas que ela deu na madeira. Ela pegou a fivela do cabelo e a usou como uma pequena alavanca para levantar uma das tábuas, o suficiente para que pudesse colocar os dedos por debaixo. Um sopro de vento frio passou pela abertura no assoalho.

Ela moveu mais tábuas, cerca de vinte e cinco centímetros. O isolamento havia sido afastado. Com o coração martelando, ela observou o buraco, esperando que não houvessem aranhas esperando no escuro e enfiou o braço até passar o cotovelo, antes de conseguir tocar na terra seca.

Julia moveu os dedos tateando e arranhou o pilar da fundação. Raspou os dedos dentro da terra, movendo a mão. Atrás dela, no antigo quarto, veio o som da janela sendo aberta.

— Julia? — Mitchell chamou, a voz reverberando dentro da casa vazia.

Ela rapidamente tateou dentro da terra, teias de aranha se acumulando sobre o braço. A palma de sua mão raspou contra algo duro. Ela cavou à volta, olhando para trás, enquanto os dedos livravam o objeto. Era uma pequena caixa. Ela a trouxe para cima e limpou a sujeira da tampa.

A caixa era entalhada em cedro macio. Uma estranha forma estava presente na parte superior. Julia traçou o símbolo com o dedo. Uma estrela?

— Julia! — Mitchell chamou mais alto. — Você está aí dentro?

Ela não imaginou que ele iria entrar pela janela, não com sua visão obstinada sobre arrombamentos e o amor que tinha pelo próprio terno. Mas Mitchell continuaria atrás dela. Ele deve tê-la visto indo para a parte de trás da casa. Ela não sabia muito bem se conseguiria disfarçar a excitação sobre a descoberta. E se a caixa pertencesse a seu pai?

— O que você pensa que está fazendo? — Mitchell gritou.

Julia olhou para o pequeno espaço escuro, pensando sobre outros segredos que poderiam estar escondidos debaixo da terra. Ela pensou sobre o sonho dos ossos. Será que o corpo realmente lembra o que a mente tenta esquecer?

Ela se levantou e caminhou de volta para a sala, colocando a caixa no bolso da frente da calça e manteve as mãos nos bolsos para esconder a sujeira. Mitchell provavelmente a acusaria de roubo se a visse com a caixa e se tentasse explicar que a caixa lhe pertencia, teria que mergulhar no passado junto com ele. Muito mais fácil dar uma de louca. Ela arqueou as costas e tentou parecer abatida, cansada e desorientada. Não foi um papel complicado.

Mitchell estava segurando a janela, a boca apertada em uma linha fina, quando ela entrou no antigo quarto. — Você ficou maluca? — disse ele, com nenhuma entonação de afeto na voz. — Você quer que eu seja uma testemunha de arrombamento? Julia, pense no que isso faria à minha reputação.

Sua reputação é de aço inoxidável, Mitchell. Fria, brilhante e incapaz de ser manchada. Assim como o seu coração.

Ela sorriu fracamente e olhou para o chão. — Eu só queria ver a casa.

Mitchell suspirou. — Vamos, saia daí antes que alguém a veja.

Ela saiu pela janela enquanto Mitchell a abria. A caixa escorregou para a boca do bolso, mas ela conseguiu empurrá-la de volta fora de vista.

— Seu cabelo está uma bagunça — disse Mitchell, deixando a janela fechar e depois limpou a poeira das mãos. — Espero que eles não procurem por digitais.

— Eu deixei do jeito que estava — disse ela, caminhando na direção do Lexus, esperando que Mitchell não a olhasse e visse a caixa. Ela não deveria ter se preocupado. Mitchell não a havia olhado por um bom tempo, não do jeito que ela realmente era. Mitchell deve tê-la visto apenas como ele queria ver, o par perfeito para sua perfeição, um espelho que positivamente refletiva apenas sua autoimagem.

Ela entrou no carro e, antes que ele pudesse chegar ao lado do motorista, escorregou a caixa para dentro da bolsa. Ela deu uma última olhada para o celeiro à distância, tremeu com a lembrança do pânico, e fechou os olhos, enquanto Mitchell ligava o carro e dirigia para longe. Nenhum deles falou no

caminho de volta. Eles estavam entrando na cidade quando Mitchell ligou o rádio em uma estação com músicas de estrada. A suave seriedade emocional dos cantores era quase tão interminável quanto o silêncio estoico de Mitchell.

Carrie Underwood estava servindo um prato de amores como se fosse uma pizza congelada quando finalmente Julia falou. — Desculpe-me se eu estava esquisita lá. Mas você não precisava ter gritado comigo, Mitchell. Eu precisava de você.

Mitchell estava em um tráfego intenso agora e apenas a relanceou com um olhar frio antes de se concentrar novamente no para-choque da frente. — Precisar. Bem, e a respeito do que eu preciso?

— O que tem isso?

— Você me liga e diz que está vindo para a Carolina do Norte e qual a primeira coisa que me cruza a mente? Sobre os programas bacanas que iríamos fazer, nos aproximarmos, reafirmar o sentimento lindo que compartilhamos. Deus me perdoe, talvez até passar a noite juntos. E você mal me concede uma parte do seu dia. Tudo sempre girando à sua volta, não é?

Julia não tinha nenhuma resposta. Apesar de estar queimando por dentro, ela não conseguia admitir a verdade no que ele havia dito. Se apenas Mitchell conseguisse enxergar que ela precisava mais de um aliado do que de um amante. Ela se odiava por não ter conseguido tocá-lo, por ter tão pouco a oferecer. Mesmo Deus não tinha um uso para ela.

— Você acha que é fácil ficar seis meses sem sexo? — Mitchell continuou, segurando com mais força a direção. — Quero dizer, se você estivesse se resguardando por motivos religiosos, talvez eu pudesse respeitá-la. Mas eu não consigo tirar da cabeça que você está me provocando de propósito. Sua água às vezes corre quente e em outras vezes fria, algumas vezes me pergunto se você está tentando me deixar louco também.

— Eu não sou louca. — Ela olhou para a frente, para as torres dos altos prédios, iminentes na espessa Memphis. — Eles chamam isso de síndrome do pânico. Ou “desordem de personalidade inespecífica, com traços esquizotípicos”, dependendo de para quem você perguntar.

— Isso é o que Lancer Danner diz. Mas eu tenho certeza de que ele tinha razões para manter você na rédea curta. — O tráfego congestionou e diminuiu para um lento rastejar. Mitchell se virou para olhá-la. — Eu não ligo que esses idiotas sintam prazer em transformar você em baba e a cozinham nas chamas dos seus próprios fluidos, mas eu gostaria que eles deixassem um pouco de carne e ossos para mim.

— Deixe-me descer na próxima esquina. — O hotel estava a três quadras de distância. Ainda que Monstros enchessem as calçadas e espreitassem nas vielas, eles eram um risco menor do que Mitchell.

— Não seja ridícula, Julia. — O tom de Mitchell mudou, tornando-se protetor. — Vamos jantar.

O tráfego parou e Julia abriu a porta.

— *O que você pensa que está fazendo?* — Mitchell gritou. Mas Julia já tinha descido do banco, a bolsa sob o braço, esquivando-se entre dois carros parados e dirigindo-se para a calçada. Mitchell chamou-a mais uma vez, mas o som de uma buzina forçou-o a fechar a porta do passageiro e se mover junto com o tráfego.

Julia tentou evitar olhar para as pessoas que passavam por ela, as pessoas que espreitavam nas portas, aqueles escondidos atrás de jornais ou que olhavam pelas janelas. Uma sirene de polícia penetrou-a como se fosse um laser, seu frenesi ecoando nas fachadas de concreto. Os escapamentos dos carros pesando na garganta e nariz. O fedor úmido da cidade pressionou-a como uma segunda pele e ela

subitamente ansiou pelo odor fresco e limpo da floresta de Blue Ridge.

Ela manteve os olhos na calçada, concentrando-se em alcançar a próxima rachadura e a próxima, tentando ignorar as centenas de sapatos se movendo. Ela segurou a bolsa próximo ao peito. Ter ela arrancada agora, quando ela finalmente tinha uma pista que valia muito mais do que dinheiro seria uma última grande piada contada pela cidade cruel.

Alguém esbarrou nela, ela engasgou e olhou para cima, inconscientemente —

Um homem mau, o rosto coberto por um capuz —

Ela deu um pequeno grito e o homem se afastou, suas mãos abertas em inocência.

— Desculpe-me moça — disse ele, gotas de suor aparecendo na cabeça calva. Ele não era uma das pessoas más, apenas um corredor estressado e gordo que estava com pressa para chegar a um encontro com um ataque cardíaco. Ele ajeitou o capuz do casaco dos Tennessee Titans e continuou a correr. Julia cambaleou para longe e o mar de carne continuou.

A entrada do hotel estava fria e esparsamente ocupada. Julia controlou a respiração durante a subida solo no elevador e finalmente estava no quarto do hotel, a porta trancada em segurança. Ela se esparramou na cama, a imagem de um milhão de pessoas pintada no interior das pálpebras, uma Memphis completamente tomada por Monstros encapuzados. Ela ficou deitada até voltar à normalidade, tão normal quanto Julia Stone pode ficar.

Ela então se sentou, pegou a bolsa de cima da mesa, fechou as cortinas e retirou a caixa.

CAPÍTULO 15

Era a primeira vez que Julia usava a lixa de unhas que carregava na bolsa. Ela raspou o canto abaulado enganchado na tampa para limpar a sujeira acumulada e esfregou a tampa com a água de sua saliva. Ela virou a caixa e viu que a estrela na verdade era um pentagrama. Cuidadosamente entalhadas nas pontas da estrela estavam as formas de cabeças de bode, com chifres recurvados, nariz largo e olhos inclinados e malignos.

Duas palavras estavam entalhadas abaixo do símbolo: *Judas Stone*.

Ela tinha a esperança de que suas lembranças fossem falhas, de que seu pai não tinha qualquer conexão com as pessoas más, a despeito do que a Dra. Forrest falou. Mas aqui estava a maldita evidência que assoprou a faísca da memória na fogueira da verdade inescapável. Ali estava um pedaço sólido do passado, infernal e estranho, e tão perturbador quanto uma dúzia de monstros. Ela se deu conta, com um espasmo de medo, de que não seria mais capaz de mentir para si mesma.

Papai tinha sido um *deles*.

Os dedos tremeram tanto que ela mal conseguia segurar a lixa. Ela inseriu a lâmina dentro da ranhura e alavancou a tampa para abrir. Um odor de mofo antigo saiu da caixa. Dentro estava um pequeno embrulho de tecido, tingido em um tom escuro de marrom avermelhado.

Ela levantou cuidadosamente o tecido, o colocou na mesa e se sentou defronte ao quadro de terra, tecidos sujos e madeira velha espalhados sobre a superfície laqueada e brilhante da mesa. Ela teve que olhar para longe por um momento, para reafirmar que o quarto de hotel são e estéril ainda existia, que ordem, e não caos, ainda mantinha o equilíbrio das coisas. O telefone, o conjunto de televisão e a cama impecavelmente arrumada forneceram um conforto frio.

O tecido se quebrou quando ela o abriu, pequenos pedaços de trama se rasgando do material podre e seco. Por fim ela alcançou a última dobra e ficou imóvel contemplando incompreensivelmente enquanto o sol iluminava um objeto.

Um anel de caveira.

Exatamente igual ao anel do seu sonho e o mesmo que Whitmore descrevera, com uma diferença. As órbitas estavam vazias, sem os rubis. Julia estudou a protuberância da testa, a zombaria cruel de um sorriso. Dentro do anel estavam gravadas as mesmas duas horrendas palavras. *Judas Stone*, manuscritas com letra elegante.

Ela sabia que não devia tocá-lo, que a polícia verificaria impressões digitais. Mas a polícia deveria ter reparado nas pranchas soltas do assoalho no armário de seu pai. Verdade, sua descoberta tinha sido acidental, mas pessoas treinadas em técnicas de investigação teriam descoberto a caixa em quinze minutos.

A menos que eles já soubessem que a caixa estava lá. E tivessem feito vista grossa de propósito. Talvez Satã tivesse se apossado dos policiais...

Não, Julia, esse é um pensamento maluco e a Dra. Forrest diz que você não é maluca. Você NÃO vai começar a criar teorias de conspiração. Quem liga se a família Bush criou o 11 de setembro e se

Rick O'Dell diz que o satanismo alcançou todos os níveis do governo, polícia, militares e sociedade? Quero dizer, se estava tão espalhado, ele não seria considerado exatamente "clandestino" agora, seria?

Os satanistas haviam se rendido, unindo-se a outros movimentos mais lucrativos e populares. Como contracultura, a adoração ao diabo tinha perdido o favoritismo e era apenas meramente mais provocativo do que as crenças islãs. Tanto quanto ela sabia, nenhum político havia sido eleito baseado em um programa satanista. E esse não é o tipo de informação que se coloca em um currículo para entrevista de trabalho. Verdade seja dita, os ortodoxos eram os únicos que se preocupavam com o fato dos satanistas terem práticas não ortodoxas. E Satã provavelmente vendeu muito mais bíblias do que Jesus jamais venderá, pois o medo era o maior impulsionador de vendas do mundo. Julia sabia tudo sobre como o medo podia ser motivador. Afinal de contas, ele tinha controlado os fios de marionete por cerca de duas décadas.

E apesar do estômago dela estar apertado como um punho quente, apesar do suor elétrico escorrer de todos os seus poros, apesar dela tremer tanto que a cadeira rangia, ela esticou o braço e tocou o anel.

Nada.

Ela não sabia exatamente o que esperar, nuvens negras no teto do quarto, trovão tremendo o prédio, a terra se abrindo e engolindo Memphis ou apenas uma pequena nuvem de vapor sulfúrico da qual ela se afastaria, avermelhada, cara de bode, completa com tridente e tudo o mais.

Do mesmo modo que Deus falhara ao ser invocado, Satã também perdera a chance de chocar e maravilhar.

Isso é tudo sobre a presunção do valor de minha alma.

Quase rindo de alívio, ela levantou o anel e o segurou próximo ao rosto.

— Olá, feioso — disse ela para o anel entalhado.

Será que conversar com um pedaço de prata a qualificava para um hospício? Pessoas de muitas religiões se dirigiam a deuses que não conseguiam ver e pareciam melhor depois disso. Julia descobriu que uma boa regra para seguir era “Você só é maluca se o objeto inanimado em questão responder.”

Ou talvez você não seja maluco, apenas um daqueles poucos privilegiados para os quais os deuses se dignam a dispensar sua sabedoria. Profetas modernos provavelmente eram diagnosticados erradamente como esquizofrênicos e se Jesus realmente voltar à terra e começar a jorrar mensagens de milagres e recompensas eternas, ele seria amarrado a um carrinho de dinheiro, entupido de Torazine e despachado para uma sala de borracha para aguardar o resto de sua segunda vinda.

O anel não era maligno. Era apenas um pedaço de mineral, aquecido, fundido e polido por mãos humanas. Exceto que esse anel havia sido de seu pai, se ela acreditasse nas palavras entalhadas.

O anel era a única relíquia que ela possuía do homem que lhe ajudara a dar a vida, um homem cujo rosto teria desbotado como uma velha fotografia, exceto pelas lembranças recuperadas, que o mantinham sempre na mente. E apesar das lembranças não serem sempre reconfortantes, ela era grata à Dra. Forrest e, antes dela, ao Dr. Danner. Eles a haviam conectado com seu próprio passado, mostrado como os sintomas do presente vieram daquele período desconcertante de sua infância, e agora a Dra. Forrest estava terminando seu trabalho de ensinar Julia a se curar.

Agora não era mais uma teoria. Talvez agora, com essa última evidência da verdade, Julia pudesse começar a enterrar o passado.

Enquanto Julia segurava o anel contra a luz, as cicatrizes gêmeas em seu estômago começaram a coçar e formigar. Ela quase queria que o anel tivesse falado, pois ela ainda tinha muitas perguntas sem resposta.

Seu pai tinha sido uma das pessoas más?

Ele era um dos que a tinha prendido à pedra, que dançara à sua volta usando túnica, que a tocara, que bebera daquele estranho cálice de prata?

Seu pai realmente tinha sido um dos Monstros?

Lembranças recuperadas eram uma coisa, algo que ela sabia que podia inventar e então aceitar como um fato. Mas o anel era sólido, substancial, real. O anel tinha o nome de Stone. O anel trazia realidade para dentro da trama de um passado imaginado, tecido a partir de sonhos, sugestões e medo.

Julia sabia que o faria. Era quase como se o anel se movesse sozinho, guiasse seu sorriso na direção da mão esquerda. Então para a ponta do seu dedo anular, o dedo no qual ela deveria estar usando o anel de noivado com diamante de Mitchell. E então a tira de metal passou pela unha, pela articulação e assentou-se sobre a carne, acima da palma da mão.

Um brilho quente expandiu-se do anel, irradiou para o braço em ondas, se espalhou pelo corpo e a fez se sentir tonta. O calor se transformou em eletricidade e Julia não mais se sentiu fraca. Olhou para dentro da caveira e essa sorriu de volta, como se entendesse sua necessidade de se render.

“— Faz um bom tempo — o sorriso parecia dizer. — Mas você está finalmente pronta para ser tornar Judas Stone.”

Não, não, NÃO.

Ela arrancou o anel, o jogou longe e correu para o canto mais distante do quarto, como se estivesse fugindo de um animal feroz.

Ela se jogou junto ao armário, os punhos sobre os ouvidos, se encolhendo com a capa de pânico que descia sobre ela. Ela se forçou a respirar profundamente.

Apenas um anel, apenas um anel, apenas um anel, RESPIRE...

O ar tinha cheiro de criptas e incenso.

Apenas um anel, apenas um anel, apenas um anel, RESPIRE...

O coração tremia no peito como um saco cheio de ratos.

O pânico a dominou, negro como carvão e grosso como sangue.

Os pensamentos giraram, rodas sem trilhos, arame desenrolando, pedras caindo em uma avalanche. O anel na mão, a mão que segurou a faca, que levou a faca até sua barriga, que fez a incisão, uma trilha escorregadia e quente no abdômen, por que o homem mau a machucava, por quê?

E a faca elevando-se novamente, o sangue pingando da lâmina brilhante, a luz das velas refletindo no vermelho, as pessoas más se curvando em sua direção, a faca descendo novamente, cortando com precisão o outro lado da barriga e ela estava ciente da ferida, apenas não sentia dor.

A fumaça dos cadinhos pairava no ar como lã enquanto o homem mau segurava a faca ensanguentada no ar. Então, ele levantou o outro punho e o anel de caveira brilhou levemente na noite. O homem mau tocou o anel com a faca, como se estivesse dando de beber à caveira, e os olhos de rubi vermelho brilharam, pulsando no ritmo das batidas frenéticas do coração de Julia.

E, debaixo do capuz, os olhos do homem mau brilharam com a mesma intensidade vermelha.

Ela colocou a mão dentro da túnica e se inclinou sobre ela, a respiração como queijo de cabra envelhecido, e murmurou — Ah, Satã, Mestre do Mundo, tome como sua noiva essa prostituta Judas Stone.

Essa prostituta Judas Stone.

Ela era Judas Stone, também.

As palavras ecoaram em seus ouvidos, rasgando-a como uma música fúnebre, rasgando o tecido de sua alma, mesmo quando aquela miragem do homem mau levantou seu braço flácido e colocou o anel no dedo.

O anel era seu.

Ah, Cristo poderoso, o anel era *seu*.

Mas aquilo não fazia sentido. Um anel feito para uma menina de quatro anos de idade não caberia em seu dedo hoje. Ele tinha se expandido quando ela o tocou, ele havia alargado para se acomodar ao seu dedo?

O anel é seu, o anel é seu, RESPIRE...

Anéis não alargavam ou encolhiam. Satã não era real e não tinha nenhum poder. A única coisa que tinha poder sobre ela era o pânico. Ela tentou relaxar do modo como a Dra. Forrest a havia ensinado.

Mas a Dra. Forrest estava a quilômetros de distância e Julia estava sozinha com o anel.

Respire. RESPIRE.

Ela engatinhou pelo chão e a capa negra do pânico se tornou um garrote, apertando forte ao redor do pescoço. Lágrimas desceram pelo rosto.

Julia se aproximou do criado mudo, os pulmões em fogo pela falta de ar. Os batimentos estavam fracos e rápidos. Ela encontrou o telefone, puxou-o ao colo e discou.

Ela suspirou levemente quando a ligação foi completada e o fone emitiu o sussurro eletrônico. No terceiro chamado ela expirou.

Por favor, esteja aí.

O telefone emitiu um ruído e a voz falou no outro lado da linha. — Alô?

Julia podia respirar agora. O ar era doce novamente, condicionado, frio e relaxante. — Dra. Forrest, sou eu.

— Julia?

— Isso mesmo.

— O que há de errado?

— Eu... EU estou tendo uma crise.

— Onde você está? — A Dra. Forrest parecia quase irritada.

— Memphis. Eu vim ontem para cá.

— *Memphis?* Sem minha aprovação? — Não escondia a raiva agora. — Algo como isso pode ser um

retrocesso de meses para nós.

— Eu tinha que descobrir —

— O que você acha que poderia descobrir?

— Eu fui na minha antiga casa — disse Julia

A Dra. Forrest nada disse. Julia procurou a volta pelo anel enquanto falava. — Eu fui até o celeiro atrás da casa. Foi onde tudo aconteceu. Eu sei que foi onde aconteceu. E meu pai...

— Diga Julia. Diga para que você possa se convencer disso.

— Meu pai era um deles.

— Uma das pessoas más. Um dos monstros. Você finalmente acredita.

Julia pensou em contar para a Dra. Forrest sobre o anel, mas estava com medo. Se a Dra. Forrest estava com raiva por ela ter ido para Memphis sem permissão, talvez ela própria tivesse um ataque de pânico. Julia precisava dar um sentido a sua descoberta antes de compartilhá-la.

— Sim — disse Julia. — Eu lembro agora. Ele estava na cerimônia. Meu pai me noivou com Satã.

— Bem como você sonhou. Exatamente do modo como você compartilhou enquanto estava hipnotizada. — A Dra. estava um pouco mais calma.

— É tudo verdade.

— Eu não a deixaria mentir para si mesma, não é Julia?

— Não, Dra. Forrest.

— Quando você volta?

— Amanhã.

— Bom. Vou marcar uma sessão para você na terça-feira.

— Isso... isso será bom.

— Então, o que disparou seu ataque de pânico?

Qualquer coisa menos o anel e a energia elétrica que passou pela minha pele ao seu contato. — Eu estava pensando sobre isso tudo. Como foi terrível. Como meu pai foi um monstro.

— Eu entendo, Julia. — Ela parecia animada agora. — Você sabe o que isso significa, não sabe?

Julia agora olhou o anel, caído no chão ao lado da borda da cama, perto do tapete.

— Isso significa que você está próxima de ficar curada — disse a Dra. Forrest. — Nós avaliamos os danos e descrevemos os efeitos do abuso ocorrido no ritual. Agora é a hora do passo final.

— Passo final? Julia olhou o anel como se ele pudesse derreter e escorrer em sua direção.

— Preparar-se para mudar. Agora você está pronta para abraçar o passado, ficando completa. Se tornando a prostituta Judas Stone.

A respiração de Julia deu um salto. — *O QUÊ?*

— É hora de você se tornar a Julia Stone completa.

Julia balançou a cabeça. Se ela começasse a torcer as palavras da terapeuta, se perderia

completamente no oceano oleoso de medo e ficaria à deriva. Ela não podia se dar ao luxo de quebrar essa última linha de confiança. — Eu falei com um dos policiais que trabalhou no caso de meu pai.

— Quem? — A Dra. Forrest parecia irritada novamente. Por que ela deveria se importar com quem Julia havia falado?

— James Whitmore. Ele está aposentado agora.

— Eles sabem de alguma coisa nova?

— Nada de novo — disse Julia. — Na verdade, o caso parece estar bem enterrado.

Assim como esteve a caixa.

Julia se sentiu bem o suficiente para se arrastar para cima da cama. Ela torceu o fio do telefone e esperou a Dra. Forrest falar.

— Você não verá o Dr. Danner enquanto estiver por aí, vai? — falou a doutora finalmente.

— Não. Por que deveria?

— Bem, alguns pacientes desenvolvem um apego aos seus terapeutas. Eu sou amiga de Lance já faz muitos anos. Mas eu penso que você deveria cortar as amarras que a prendem a Memphis. Elas não estão fazendo nenhum bem a você.

— Eu não quero regredir — disse Julia. — Eu sou grata pela ajuda que ele me deu, mas realmente acho que você me entende melhor. Eu acredito que você me ajudará a ficar curada.

— Claro que sim, Julia. Você apenas deve confiar em mim.

— Eu confio em você

— Então me escute. Pratique os exercícios de visualização nos quais estivemos trabalhando. Respire profundamente, uma respiração abdominal. — A voz da doutora veio calmante e equilibrada. — Suas mãos estão inflando. Seus dedos estão aumentando com um calor gostoso e leve. Eles são como penas, como pequenas nuvens, como peixes tomando sol em uma piscina.

— Mmm — disse Julia, a lembrança do tratamento tão eficiente quanto sua prática. A Dra. levou seu pensamento através do resto do exercício até que ela estava deitada na cama. Naquele momento a cama era um tapete mágico flutuando sob o sol.

— Você está relaxada agora? — A Dra. sussurrou.

— Uhum. — Julia estava tão relaxada que nem estava consciente de seus batimentos. Ela lembrava que algo a havia perturbado, mas de alguma forma só a leveza parecia importante nesse momento.

— Vejo você na terça-feira. Tenha uma boa noite.

— Tchau, Dra. Forrest — disse ela suavemente. — E obrigada.

Ela desligou o telefone e estava quase dormindo quando lembrou-se do anel.

Ela rolou para fora da cama, se agarrando às imagens tranquilas que a Dra. Forrest sugeriu. Ela pegou o tecido velho e manchado da mesa e pegou o anel sem deixar a pele tocar o metal. Ela o fechou no interior da caixa e a colocou de volta na bolsa, por segurança.

Do lado de fora do quarto a escuridão estava caindo e pequenas luzes apareceram nos prédios conforme a cidade trocava os turnos. Julia tirou a roupa, vestiu uma camisola leve e deitou na cama. Ela dormiu pensando se Mitchell ligaria.

Julia acordou descansada, sem o peso de imagens prolongadas de sonhos. Ela mal se lembrou do anel na bolsa. Após uma chuva, se vestiu e foi para o restaurante do hotel tomar café. Cafeína lhe fazia mal, tornando difícil se manter calma, mas era um velho hábito. Talvez um dia, após a Dra. Forrest a curar, ela pudesse se livrar das pequenas muletas.

Quando Julia voltou ao quarto, discou para o escritório do *The Commercial Appeal* e falou com sua velha amiga Sue.

— Olha só o que o gato trouxe — disse ela com seu sotaque arrastado. Os sons de uma sala movimentada soavam ao fundo.

— Você recebeu minha mensagem? — Julia perguntou.

— Recebi hoje pela manhã. Eu achei que me ligaria e não quis ligar de volta no caso de Mitchell estar com você.

— Não havia nada a ser interrompido, infelizmente.

— É uma pena, garota. Maldição, o cara é um pedaço de mau caminho. — Sue McAllister nunca fora tímida para remexer nas gavetas e armários de outras pessoas. Talvez fosse por isso que ela era tão boa repórter. — Bem, se você não está em Memphis para rasgar os lençóis com Mitchell Austin, o que diabos está fazendo aqui?

— Apenas fazendo uma pequena escavação — disse Julia. — E estava esperando que você pudesse dar uma ajuda.

— Querida, nós reviramos todos os arquivos do necrotério. Você conseguiu cada pequeno pedaço de informação sobre o caso de seu pai que foi um dia impresso. Inferno, você sabe mais sobre o caso do que a polícia.

Você pode falar isso de novo, pensou Julia e quase contou a Sue sobre a descoberta do anel. Mas era seu pequeno segredo, a coisa que formava uma conexão sólida com aquela noite, muito tempo atrás. Julia sabia que estava sendo paranoica, mas ela decidira que valia a pena manter o segredo por agora. — Eu queria uma lista dos detetives que trabalharam no desaparecimento.

— Eu pensei que você já tinha feito isso.

— Bem, eu não estava prestando atenção aos nomes.

— Ei, acho que você está na trilha de algo. Você vai deixar a Velha Sue Q entrar na parada? — Sue usou o apelido que Julia lhe dera, uma referência à música de Credence Clearwater Revival.

— Você vai ganhar o furo se algo aparecer. Eu sei que solucionar casos de pessoas desaparecidas a mais de vinte anos não são algo que vá para a primeira página, mas pelo menos você vai ganhar minha gratidão.

— Ótimo. Isso e cinquenta centavos vão me permitir jogar uma moeda no chapéu de um músico de rua.

— Está tudo bem se eu aparecer por volta das onze? Aí levo você para almoçar.

— Certo. Tenho que correr, entretanto. Eles estão liberando o laudo de autópsia de um suspeito de tráfico de drogas. Cinco tiros nele, qual você acha que foi a causa da morte?

— Deixe-me adivinhar. Não importa o que o legista diga, o delegado dirá algo como ‘Não há evidências ou caso.’”

— Isso salva o dinheiro dos impostos.

Julia pegou um táxi, cruzando a cidade. O *Appeal* havia mudado muito pouco em quatro meses e Julia ficou com um pouco de vontade de ver sua antiga mesa. A sala de notícias estava tão agitada quanto antes, as pequenas colunas nas quatro primeiras páginas preenchidas por escritores famintos e jovens. Os antigos colegas de trabalho pareceram felizes em revê-la, mas lhe deram apenas alguns minutos antes de lhe darem as costas para as notícias de última hora.

Sue McAllister estava vibrante em uma saia e jaqueta vermelhas, o cabelo castanho enrolado amarrado para trás com uma echarpe. Julia a abraçou, feliz por ter algum contato humano depois de sofrer com as variações de humor de Mitchell. Elas passaram algum tempo atualizando as notícias dos últimos meses e o novo trabalho de Julia e então Sue falou — Você está com uma cara de perdigueiro. Vamos aos recortes.

Elas foram a uma pequena sala e se sentaram a uma mesa coberta de notícias e copos de café descartáveis. Sue já tinha feito cópias de todas as histórias sobre o desaparecimento de Douglas Stone e as páginas se avolumavam na pasta. Julia estava familiarizada com a maioria delas e possuía recortes guardados em seu armário em Elkwood. Dessa vez, entretanto, ela tomou notas de cada um deles.

— Ah, o que você está procurando? — Disse Sue, o sorriso brilhante com batom.

— Policiais. Eu estou rastreando os rastreadores...

— Bem, T.L. Snead coordenou o caso, pelo menos no começo. Ele foi desligado meio rápido.

— Snead. Por que isso soa familiar?

— Provavelmente por que você leu isso centenas de vezes. Foi ele que fez todas as declarações à imprensa.

Elas foram mais fundo na pilha. Outros policiais listados eram Whitmore, um sargento J.T. Redding e um sargento W.R. Ussery. Julia observou a cópia que ela sabia quase de cor, na esperança de ver algo que pudesse ter esquecido da primeira vez. Nunca foram feitas menções sobre satanismo.

Um artigo era acompanhado de uma fotografia da pequena Julia, os olhos bem abertos e a boca relaxada em choque. Algum trabalhador não identificado do serviço social a estava levando para um edifício de escritórios. A cópia tocava o tema da “garota abandonada” nas entrelinhas, mas era impossível evitar o sensacionalismo totalmente. Julia foi presença constante na primeira página por quase uma semana, escorregou para os resumos de crimes e finalmente sumiu das manchetes, desaparecendo na terra cinzenta das notícias mortas.

Snead foi citado em vários dos primeiros artigos. Ele costumava falar “policialês” do tipo “Estamos seguindo todas as pistas” e “Estamos com esperanças de que o Sr. Stone será encontrado.” Snead foi fotografado na frente da casa, dirigindo a investigação, o nariz em forma de gancho e os olhos escuros fazendo com que parecesse uma grande ave de rapina. Lá ao fundo, mal e mal visto na tinta do jornal, estava o celeiro no campo.

O coração de Julia acelerou por alguns instantes, mas ela concentrou a mente na tarefa.

— T.L. Snead, T.L. Snead — Julia murmurou. — Fico pensando, o que essas iniciais querem dizer?

Sue balançou dois dedos. — Deixe os dedos caminharem, garota.

Sue virou-se para o computador e caminhou pelos programas até a base de dados dos arquivos públicos, que incluíam relatórios policiais. Uma base de dados separada listava os membros da força

policial, os salários e destaques na carreira. Sue fez uma piada suja sobre “resumos policiais” conforme navegava pelos arquivos.

T.L. Snead não estava listado no banco de dados. Uma pesquisa revelou que Snead tinha sido transferido da força quatro meses atrás, apesar de estar quase se aposentando. O tenente havia desistido da aposentadoria para aceitar um cargo em Elkwood, Carolina do Norte.

CAPÍTULO 16

— Que esquisito — disse Sue. — Quantas pessoas se mudam de Memphis para Elkwood todos os anos?

— Você acredita em coincidências? — Julia perguntou.

— Eu não acredito em nada a não ser que leia nos jornais. Você conhece a primeira regra do jornalismo: considere a fonte.

A mente de Julia acelerou com essa nova informação. T.L. Snead liderou a investigação do desaparecimento de seu pai, uma investigação que parece ter sido casual, quando muito. Será que tinha sido Snead que efetuara a busca no armário de seu pai e não tinha conseguido reparar nas tábuas soltas? Ou ele deliberadamente havia ignorado o que tinha visto?

Ou talvez — e esse era o salto que Julia manteve para si, para que Sue não a considerasse paranoica e delirante — Snead plantou o anel no local.

E o celeiro. O celeiro era parte da área que deveria ter sido investigada. Se Julia tivesse sido violada e abusada lá, algum vestígio deveria ter ficado, manchas de sangue, pegadas ou grama esmagada, marcando uma trilha pelo campo. A polícia deveria ter examinado toda a vizinhança. Será que Snead poderia ter ficado com a responsabilidade de vasculhar o celeiro, sabendo que qualquer vestígio perdido ficaria em segredo se ele fizesse um relatório negativo?

Não, isso é estúpido. Rick O'Dell está errado. A polícia não era comandada por Satã. Eles não venderam suas almas e não trabalham disfarçados para um M-maiúsculo 'Mal', sob a aparência de lei e ordem.

Se as pessoas conseguiram vender suas almas e Satã era realmente o Mestre do Mundo, um policial certamente pediria um trabalho menos perigoso e mais bem pago. Mas se um homem fosse delirante o suficiente para acreditar na existência de Satã, talvez esse escravo solícito deixaria o “mestre” determinar a tarefa. Fanáticos religiosos através da história fizeram coisas mais estranhas, tais como se autoflagelar com chicotes, vestirem-se com roupas de aniagem, esfregarem-se com cinzas e executar ataques suicidas nos ditos infiéis.

Então, de novo, se Satã quisesse efetuar milagres negros no mundo, por que não primeiro corromper a lei e a ordem?

— No que você está pensando? — Sue perguntou, se afastando do computador.

— Quantos homicídios não resolvidos você cobriu desde que começou a trabalhar aqui?

— Hmm. Em doze anos, talvez oito ou dez. Assassinatos são os casos mais fáceis de resolver. Os idiotas quase sempre tinham um motivo óbvio, quer eles tivessem consciência disso ou não. É só uma questão de colocar as peças no lugar.

— E os oito ou dez?

— Dê-me um minuto. — Sue deixou o cubículo e avançou pela tempestade jornalística da sala do plantão de notícias. Enquanto ela estava longe, um homem com cabelo grisalho e óculos fez uma careta

para Julia sentada ao computador. Ela olhou para o outro lado e ele se foi.

Sue retornou depois de alguns minutos com outra pasta. — Mesmo com computadores, algumas vezes você não consegue ser melhor que o bom e velho preto no branco.

— Eu vi o seu sistema de arquivamento. Como você consegue achar algo lá?

— Segurança do trabalho. Se você misturar as coisas até o ponto que você seja a única pessoa que saiba onde as coisas importantes estão, eles não podem se dar ao luxo de despedir você. Mesmo na era do Google e internet, algumas vezes você precisa de um pedaço de papel.

— Ah-ha! Isso pode ser útil quando você vier a escrever seu livro de crimes verdadeiros.

— Crime verdadeiro coisa nenhuma. Vou inventar tudo. A mesma coisa que faço nas histórias de primeira página.

Julia riu, feliz por estar junto de alguém com quem se sentia à vontade. Ela foi atingida por uma onda de morna nostalgia. Apesar das lembranças difusas e fragmentadas, ela tinha uma rotina aqui, junto com amigos e um noivo. Mas Elkwood era mais calmante, de algum modo, como se as montanhas antigas e arredondadas fossem como ombros para se recostar nos momentos de confusão. Ela realmente sentia falta do cheiro de madeira e o esplendor da floresta no outono. Parecia que tinham se passado semanas desde que ela havia chegado a Memphis.

Sue abriu a pasta, olhou o conteúdo e os passou para Julia. As anotações originais dela, em cada caso, estavam anexadas aos recortes com clipes.

— Homem caucasiano, aproximadamente 30 anos, encontrado na praia do Mississippi por algumas crianças. — Julia parafraseou alto. — Decapitado. Estripado. Verificação de impressões digitais não retornou nada.

— Ah, esse foi dos bons — disse Sue, afetando um suspiro saudoso. — Consegui duas semanas de primeira página com esse aí. Eu o segui por cerca de seis meses. Nada veio à tona, mas eu suponho que o caso ainda esteja oficialmente aberto.

Julia leu o próximo caso. Mulher branca, cerca de 20 anos, múltiplas facadas no peito. Pulsos cortados. Exsanguinada. O legista não foi capaz de dizer se o sangue foi drenado antes ou depois da morte da vítima. Provável ataque sexual. Bico do seio direito faltando.

Outras três vítimas foram encontradas em vários estados de mutilação. Em uma ocasião, o legista foi capaz de dizer que um determinado símbolo havia sido esculpido em uma sessão arruinada de carne. Nenhum dos investigadores havia especulado sobre a possibilidade de assassinato ritual. Outros casos eram mais mundanos e pareciam violência relacionada com drogas. Os casos eram espaçados cerca de um ou dois anos uns dos outros e nunca nenhuma conexão entre eles havia sido feita.

— Você tentou conectar os pontos alguma vez? — Julia perguntou. — Esses homicídios têm várias coisas em comum.

— Sim, uma vez perguntei à velha Budgie se eu poderia ficar algumas semanas correndo atrás disso. Você sabe o que ela disse?

Budgie era o apelido não muito carinhoso dado à editora de notícias do Appeal, Bridget Lawrence. Ela tinha a reputação de ter mais preocupação no orçamento do jornal do que no salário dos repórteres. Além disso, quando Lawrence decidia algo, não desviaria sua rota, daí seu apelido.

Julia abriu a boca em uma imitação do rosto de bulldog de Budgie. — O que você vai fazer enquanto

corre atrás disso? Comunicados de imprensa? — Julia falou isso com voz aguda, rouca pelo cigarro. Elas riram juntas.

Por um selvagem instante, Julia pensou em se mudar de volta para Memphis e retomar a antiga vida onde ela a deixara. Ela provavelmente conseguiria o emprego de volta e poderia trabalhar nessas pistas no tempo livre. Ela poderia voltar ao normal ou a coisa mais próxima à normalidade para alguém com síndrome do pânico.

Exceto que essas vias expressas entre o passado e o futuro não existem. Tudo havia mudado. Julia estava perdendo contato com Mitchell, mas ela havia encontrado a Dra. Forrest. E ser curada era mais importante do que qualquer outra coisa agora.

Para ser curada, ela tinha que estar em Elkwood com sua terapeuta. Sóbria, Julia estudou as notas novamente.

— Bem, duas coisas me chamam a atenção — disse Julia. — Primeiro, todas as vítimas foram mortas com facas ou outros instrumentos afiados.

— É, um legista me falou que um machado foi utilizado para abrir a cavidade torácica. Fora isso, tudo desde gumes com dentes à lâminas cirúrgicas. Nenhuma delas foi atingida por tiros ou espancada, de forma que é plausível assumir que elas foram cortadas ainda com vida. Então, qual a conexão?

— Você está dormindo um pouquinho Susie Q. Você nunca vai ganhar pizza desse jeito.

— Sacrilégio. O que você vê?

— O mesmo oficial coordenador de investigação. O mesmo para todos os casos.

Sue arrancou os artigos e os folheou. — Com os diabos. Nosso velho amigo tenente Snead.

— Acho que ele foi promovido para a homicídios. Ele coordenou todos esses casos e depois simplesmente mudou-se para Elkwood logo após a minha ida. Quais são as chances quando você cruza várias coincidências de um em um milhão?

— Eu nunca fui boa em matemática. Foi por isso que entrei para o jornalismo.

— Vamos dizer que isso está “bem juntinho do impossível”.

— Para mim, parece bom. Acho que vamos ter que fazer uma pequena investigação no Sr. Snead.

Julia levantou-se, espreguiçou-se e esfregou os olhos. Os músculos de seu estômago se contraíram sem ela perceber. Ela estava no limite, mais esticada do que as fibras no interior de uma bola de beisebol. Ela queria se manter em movimento, de forma que o pânico não conseguisse cair sobre ela.

— Vamos ter que deixar esse trabalho para mais tarde. Eu lhe devo um almoço, lembra? — disse Julia, apesar de não estar com fome.

— Um repórter nunca dispensa uma refeição grátis. — disse Sue. — É uma longa e honorável tradição.

Julia sorriu para a amiga, apesar da proximidade entre as duas ter empalidecido com a distância. Julia voltaria para Elkwood nessa noite, naquela estranha terra de montanhas e florestas e água fria correndo sobre as pedras. Como essa cidade era diferente, com seus vidros planos, aço, asfalto e seus estranhos abundantes. Ela ansiava pelo doce ar da montanha que ela rapidamente se acostumara a amar.

Elas comiam no The E-String, um almoço de balcão tão elegante quanto Memphis podia oferecer. Sue concordou em pesquisar um pouco o passado de T.L. Snead e então perguntou quando Julia e Mitchell

“juntariam os trapos”.

— Eu não sei mais — disse Julia. — Ele me deu muito apoio por anos, mas tem agido de modo estranho nos últimos tempos.

— Querida, eu odeio dizer, mas você não tem pulado nos braços dele em cada oportunidade que encontra. Você pode realmente culpá-lo? Se os caras não limpam o encanamento com a devida frequência, eles ficam um pouco esquisitos.

Julia empurrou o prato para longe, a salada de frango meio comida. — Eu sei. Eu me sinto péssima sobre isso. Seis meses atrás, eu não podia imaginar a vida sem ele. Ele era tão gentil e acolhedor. Mas ultimamente ele tem estado impaciente, tentando me empurrar na direção do casamento. Só queria que ele entendesse que, uma vez que eu estiver melhor, conseguirei me dar por completo para ele.

— Provavelmente nesse meio tempo tudo o que ele quis foi um pedaço de você. — Sue levantou as sobrancelhas maliciosamente.

Julia olhou para fora, para a rua movimentada e tráfego congestionado. — Ele é muito desesperado. Ele quer me possuir.

— Um monte de mulheres matariam para ter Mitchell possuindo-as.

— Isso é o que me preocupa nele. Quanto mais possessivo ele se torna, mais os sinos de alarme tocam na minha cabeça. É quase assustador. Por que ele está tão assustado de me ver indo para longe quando ele pode ter qualquer mulher que quiser? E ele disse algo ontem que fez parecer que sou importante para sua estabilidade financeira, o que é estranho quando você sabe como os salários dos repórteres são miseráveis.

— Talvez Mitchell seja mais complicado do que você pensa. Entretanto, espero que isso funcione. Você merece ser feliz. — Sue olhou para o relógio. — Odeio comer e sair correndo, mas tenho que voltar ao trabalho.

Julie sentiu uma vontade momentânea de contar a Sue sobre o achado do anel, mas desistiu. Ela sentiu como se estivesse traindo a amiga, mas tinha se prometido que iria contar a Sue assim que a Dra. Forrest soubesse. O lugar mais seguro para contar segredos era o consultório da Dra. Forrest, não em uma mesa de restaurante.

Elas se despediram com um abraço na calçada, com Julia prometendo mandar e-mails com mais frequência. Em seguida, pegou um táxi de volta ao hotel. Ela entrou no elevador distraída com pensamentos sobre fazer as malas para a viagem de volta. O corredor estava vazio e quieto, já tendo ido embora os viajantes a negócios. Como de costume, ela olhou à volta para garantir que estava segura antes de passar o cartão na fechadura e entrar.

A porta não fechou às suas costas, ainda que a tivesse empurrado. Confusa, ela começou a se virar.

Um sussurro às suas costas.

Movimento nas sombras.

MONSTRO.

Ai-meu-deus-ai-meu-deus-ai-meu-deus, um Monstro de VERDADE.

Então uma mão se fechou sobre sua boca, envolvida em uma luva com sabor de couro. Um braço à volta de sua cintura, prendendo o braço direito ao lado do corpo e derrubando a bolsa no chão. A porta se fechou.

CAPÍTULO 17

Ela tentou gritar, mas a luva esmagava seus lábios contra os dentes.

O braço à volta de sua cintura apertou como uma cobra esmagando a vida de um roedor.

O atacante agigantava-se sobre ela, uma poderosa torre de escuridão. Pernas musculosas contra as dela, sua ereção quente pressionando nas costas.

Não era um monstro, era um estuprador. Um maldito estuprador.

Julia dobrou as pernas para trás, na esperança de chutar o atacante na genitália, mas ele era muito rápido. Seu calcanhar atingiu a lateral da panturrilha, sem grandes efeitos. O atacante a jogou na direção da cama.

Deus, justo em um quarto de hotel. Não em uma ruela maldita ou nas sombras ou em um estacionamento escuro. Justo aqui nos lençóis limpos e passados.

Seus olhos se abriram, ofuscados pelas lágrimas, enquanto ela lutava para se livrar, para ficar de pé e não deixar o Monstro deitar sobre ela. Ele agarrou a frente de sua camisa, sacudiu e dois botões caíram no chão. Um dos botões rolou pelo tapete e desapareceu sob a mesa.

Isso não estava acontecendo.

Isso *não* estava acontecendo.

Não a ela.

Outro alguém, não ela.

Ela quase entrou em colapso, conforme o pânico apertou sua garganta e se juntou à luva sufocando-a. A escuridão era tão tentadora. Ela queria agarrar os cantos daquela sombra mental e puxar sobre a cabeça até que o estuprador tivesse terminado. Ela queria desaparecer como o botão tinha feito, ser engolida pela fria e reconfortante escuridão.

Deus, onde você está? Se você está aí em cima, por que permite que essas coisas aconteçam?

Nenhuma resposta.

O estuprador passou a mão sobre a pele nua de sua barriga, a luva raspando sobre uma das cicatrizes. A dor das lembranças trouxe Julia de volta, abastecida de uma fúria que tinha sido alimentada desde que tinha quatro anos de idade. Ela não podia lutar naquela época, não contra as cordas e duas dúzias de pessoas, mas ela podia lutar agora.

Ela bateu o cotovelo contra a lateral do atacante. Ele gemeu, mas manteve o aperto contra sua cintura.

Ela passou uma perna à sua volta, tentando forçá-la para a cama. Sua camisa agora estava completamente aberta, a carne arrepiada de medo. O homem agarrou um de seus seios e o apertou com força. Ela gritou contra a luva, mas tudo o que saiu foi um gemido suave e agonizante.

Julia se contorceu, escapando daquele calor horrível e insistente. Ela levantou a mão esquerda para agarrar o cabelo, mas o homem vestia algo que o cobria.

UM CAPUZ.

A respiração do homem estava quente em seu ouvido, raspando em um ritmo irregular. Os lábios caminharam molhados através de seu pescoço. Um arrepio de nojo correu pela sua espinha.

O homem a empurrou para perto da cama. Seus joelhos bateram contra o colchão. Ela abraçou as pernas quando ele agarrou o cós de sua saia.

Quando ele estava ocupado, ela atacou. Ela inclinou o pescoço para a frente e subitamente jogou a cabeça contra seu rosto. Devido a sua altura, ela apenas conseguiu atingir seu queixo, mas a pancada gerou um ruído satisfatório de algo se quebrando.

O homem gemeu e a pressão diminuiu um pouco. Julia aproveitou a oportunidade para girar, quase ficando livre. Então o braço estava à sua volta, apertando com mais crueldade que antes.

Conforme eles viraram, Julia viu o reflexo no espelho. O próprio rosto pálido e assustado brilhou através das lágrimas, a luva preta a amordaçando.

Atrás dela, lutava o homem encapuzado. Era o capuz cinza de um casaco de corrida, não o capuz de seus sonhos. Ela não era uma das pessoas más do passado.

Apenas um Monstro corredor, patético e miserável.

Talvez essa seja sua resposta, Deus.

Julia relaxou as pernas, deixando-o segurar seu peso por alguns instantes. Então ela se esticou com violência e tentou se contorcer para longe. Ele a segurou com firmeza, entretanto, e usou o movimento para jogá-la em cima da cama.

Ele tirou a mão de sua boca, mas antes que ela pudesse tomar ar suficiente para gritar, ele a amordaçou com a outra mão e a rolou, colocando-a de lado e prendendo-a entre seus joelhos.

Julia agitou as pernas enquanto ele sentava sobre suas coxas, os cotovelos afundando em seu peito. Ela podia sentir o seu cheiro, de suor e odor animal e, por debaixo disso, um leve aroma adocicado familiar.

Ela olhou para seu rosto, mas apenas viu o brilho dos olhos pela abertura do capuz. Ele usava algum tipo de máscara de esqui por debaixo do capuz.

Seu punho bateu nas costas. Era a mesma coisa que bater em um saco de lama.

O Monstro sibilou sob a respiração, um som áspero e maligno. — Vadia.

Ele prendeu seu ombro até que ela estava deitada de costas, a palma esmagando seus lábios. O cotovelo em seu peito pressionou mais forte e Julia pensou que suas costelas iriam quebrar. Então a pressão diminuiu, o braço se moveu e Julia ouviu o som de zíper.

Ela empurrou o joelho contra sua virilha. Não adiantou. Ela não conseguia nem virar a cabeça para o lado. Tudo o que ela podia fazer era fechar os olhos e correr para a longa escuridão interior.

Rendendo-se.

Como sempre.

O Monstro forçou seu vestido para baixo, expondo a calcinha.

Dedos cobertos por luva puxaram o elástico.

Não. Render-se não é uma opção dessa vez.

Ela se contorceu, tentando agarrar a borda do colchão, a cabeceira, mesmo um travesseiro. Seu odor veio novamente, fétido com a excitação. Doce pungente e—

Um perfume.

Jovan Musk.

O perfume que ela lhe comprara de natal.

Mitchell?

Ela olhou para a fenda entre a luva e a camisa e viu o Rolex.

Ah meu Deus, é Mitchell.

Mitchell, que podia pegar qualquer esperta bem vestida, belezas curvilíneas, que podia ir ao clube de campo em Colliersville e ter uma mulher nua em uma hora. Mitchell, que podia se dar ao luxo de escolher qualquer garota de programa que quisesse para se divertir.

Mitchell.

Um Monstro.

Mitchell deve ter visto o reconhecimento nascer no rosto. Ela não conseguia disfarçar o horror, não importa quão perdida estivesse na escuridão interior. E a raiva a abasteceu, fazendo com que ela se contorcesse debaixo dele, apoiasse um joelho e empurrasse para longe dele.

Ele berrou de raiva quando ela escorregou de seu aperto, a blusa se rasgando e um botão saltando para longe. A folga ganha pela roupa rasgada permitiu que ela alcançasse o criado mudo e agarrasse o pescoço pesado da luminária.

Traída.

Sempre uma maldita de uma traição.

O que ela fez para merecer traição?

Fácil. Ela abriu a porta e permitiu a alguém entrar em seu coração. Confiança era coisa para otários.

Mas seu coração estava frio agora, assim como sua mente.

Ela bateu a luminária contra ele, a pancada desajeitada batendo o abajur contra sua cabeça e empurrando seu capuz para trás. A batida mais o atordoou do que machucou, mas Julia agarrou a chance e girou sobre os pés, a luminária levantada como um bastão.

Você está jogando uma bola curva, mas eu vou rebater esse bastardo para fora do campo.

Isso parecia uma finalização absurda, mas lógica, de um relacionamento de oito anos. A batida final. Bases cheias. E fim de jogo.

Não de um primeiro beijo desajeitado e corado para um abandono frio e infeliz. Ao contrário, o final seria uma despedida maldosa, um último toque que deixaria cicatrizes.

Um adeus que sangraria.

Mitchell se jogou para o outro lado da cama, talvez lembrando da força que ela tinha com uma raquete de tênis ou talvez apenas considerando como um rosto machucado pareceria no tribunal na próxima semana. Ela olhou fixamente para os raios de luz que marcavam seu olhar.

Julia moveu o queixo para os lados, raspando a língua contra os dentes para remover o gosto amargo

do couro.

— Por quê? — ela perguntou, não deixando a lâmpada descer um centímetro, apesar de tremer de raiva.

Ele jogou o capuz cinza para trás e arrancou a máscara de esqui da cabeça. Seu cabelo sempre alinhado agora estava espigado como um campo escuro de milho. Ele esfregou o rosto com as mãos.

— Isso é tudo o que você sempre quis, não é, seu bastardo? — disse ela.

Um tremor correu nos ombros musculosos de Mitchell e ela receou que ele fosse renovar o ataque. Julia bateu a base da luminária no colchão, a força da pancada pontuando a dor que ela estava preparada para entregar. A madeira era pesada o suficiente para quebrar um osso. Ela sorriu com o pensamento e talvez isso tenha assustado Mitchell mais que a arma.

Quando ele finalmente falou, foi como se estivesse falando com alguém fora do quarto, um ouvido que tudo escuta, apesar das palavras serem rápidas como um gato e quietas como um rato. — Eu apenas... Não posso perder você.

Julia não fez qualquer tentativa para se cobrir. — Você prefere me manter danificada?

— Sinto muito — disse Mitchell, mantendo o olhar nos próprios pés. — Depois de ontem...

Julia olhou para o chão. O conteúdo de sua bolsa havia se espalhado pelo chão. A caixa de madeira estava bem visível, o entalhe do pentagrama dando um choque de cento e dez volts no peito.

O anel de caveira.

A voz de Mitchell subiu, a rápida mudança de humor pegando Julia de surpresa. — Por que você teve que ir lá? Por que você não pode simplesmente esquecer tudo? Você é *minha*, Julia. Você me pertence, não ao passado e àquelas malditas pessoas encapuzadas.

Ele levantou o rosto. Lágrimas escorriam pelos cantos de seus olhos. Mas Júlia não sentiu pena, apenas um arrepio de asco de que ela um dia havia deixado esse espécime patético do gênero masculino a abraçar e beijar. E pensar que ela quase se casou com essa criatura e que passaria a vida com ele.

— EU nunca serei sua — disse Julia, surpresa com a força gélida de suas palavras. — Você quer saber por quê?

Mitchell estava com a aparência de um gêmeo maligno idêntico, cabelo desgrenhado, braguilha aberta e olhos vermelhos. Ou este era o *verdadeiro* Mitchell Austin? Aquele que se escondia lá por dentro dos ternos e espreitava por detrás da máscara de retidão, um controlador doentio que não conseguia nem controlar a si mesmo.

Seus lábios se moveram como os de um peixe fogado na margem de um rio. Por fim, ele foi capaz de responder. — Por que não?

— Porque não existe *espaço* dentro de sua casa, Mitchell.

Sua boca se abriu, perplexo. Ele não falou, mas seus olhos disseram — Que diabos?

Julia ficou de pé, fechou a blusa e alisou a saia. — Você deixou sua casa tão abarrotada de você mesmo que não tem espaço para mais ninguém. E eu não vou viver no porão de ninguém.

Exceto o meu próprio. Naquele lugar onde os ossos estão enterrados. Mas aquilo não tem nada a ver com esse idiota.

Mitchell se afastou como se ela fosse o Monstro. Ele fechou o zíper e tentou recuperar a compostura

judicial. — Escute, você não vai me processar, vai? Eu tenho amigos na promotoria. Você será esmagada até que não possa mais se reconhecer em um espelho.

Julia pensou em si mesma preenchendo um relatório, falando com a polícia. Claro, ela tinha evidências físicas de agressão. Machucados, roupas rasgadas, talvez DNA debaixo das unhas. Mas casos de agressão onde o atacante estava envolvido com a vítima, onde o casal tinha uma longa história sexual conjunta, eram quase impossíveis de ganhar.

Sua palavra contra a dele.

Mitchell a olhou bem dentro dos olhos e deu um sorriso que congelaria o sangue de uma cobra.

Porque ambos sabiam a verdade. A desordem de comportamento de Julia iria para o tribunal, não Mitchell. Ele podia pagar pela melhor defesa criminal e, no final, Mitchell sairia do tribunal rindo enquanto Julia escorregaria novamente para a poça negra de autopiedade. A defesa faria com que os especialistas em psicologia cutucassem e apertassem seu cérebro até convencê-la de que o ataque havia sido sua culpa, de que ela encenara a coisa toda pois todos sabem que pessoas malucas fazem coisas malucas.

Claro. Que júri condenaria um cidadão direito e respeitável somente nas acusações selvagens de uma pessoa sabidamente instável? Ela conseguia agora ver o advogado de defesa, fazendo um discurso final, a Eminente Igreja da Razão contra os malditos e condenados que tiveram a temeridade de serem menos que perfeitos, os esquisitos que “se consultaram com psicólogos”, que “receberam terapia”, que “foram diagnosticados”.

Ah, sim. Ela seria crucificada, os próprios medos usados como pregos, os esforços de recuperação como madeira.

E Mitchell não seria apenas seus Judas e Pilates, ele também seria o soldado romano com o martelo.

Ela passou por ele, parou e pegou a caixa e a bolsa. — Vá embora, maldito — disse ela, morta por dentro.

— Se não fosse pelo dinheiro, eu teria ido embora muitos anos atrás — disse ele, arrogante novamente, intocável.

— Dinheiro? — perguntou ela à suas costas.

— Nós poderíamos ter feito isso do modo fácil — disse ele, arrumando o cabelo no lugar. — Agora a coisa vai ficar complicada.

A porta do quarto do hotel se fechou com um suspiro, mas a porta da casa dentro de sua cabeça se fechou com um grande rangido de dobradiças, batidas de correntes e gritos enferrujados de ferrolhos se fechando para sempre.

CAPÍTULO 18

O sol estava se pondo quando Julia chegou em Elkwood. Os cumes das montanhas brilhavam no outono, como se cobertos por uma camada de ouro derretido. Os marrons e amarelos das folhas das árvores cobriam os declives, o verde escuro dos bálsamos e pinheiros pontilhados nas partes mais altas. Sombras preenchiam o longo vale por onde o rio Amadahee corria através do centro da cidade, carregando consigo os ricos cheiros de setembro, de salamandras e lama.

Quando Julia virou o Subaru na subida para Buckeye Creek Road, a ansiedade, que quase a havia consumido no voo de volta, havia sido esquecida. As altas árvores a confortaram e ela estava aliviada em ver novamente os pastos com seus moirões e arame farpado enferrujado, as casas de fazenda construídas distantes da estrada e o gado atacando a grama com estúpida persistência. Aqui e ali as pontas de placas de granito saíam da terra como grandes navios prontos para subir rumo aos céus.

Apesar dela estar morando em Elkwood por apenas quatro meses, esse lugar tinha se tornado seu lar. Quando ela se mudara, tinha sido uma fuga desesperada. Mitchell tinha simultaneamente a empurrado para longe exigindo que ela ficasse em Memphis. O Dr. Danner sugeriu essa cidade nas montanhas como um bom lugar para encontrar o futuro e a referência da Dra. Forrest havia sido como uma vítima de naufrágio sendo empurrada pelas ondas para as praias seguras de uma ilha.

Agora o futuro estava mais claro, apesar do passado estar mais estranho e assustador do que nunca.

Agora o futuro não girava em torno de Mitchell e a segurança da gaiola dourada que ele oferecia. Engraçado como ele acabara se mostrando mais instável que ela. Amanhã ela devolveria o diamante de dois carats por meio de entrega registrada. A lembrança do ataque estava enterrada em seu interior, esperando, um ninho de serpentes. Ela não arriscaria lidar com isso sozinha. O colapso deveria aguardar pela cadeira do consultório da Dra. Forrest.

Julia ainda não decidira quando contar para a Dra. Forrest sobre o anel de caveira. Talvez na próxima semana. Nesse momento, ela tinha lembranças e sentimentos o suficiente com os quais lidar. O passado imediato acabara de deixar os machucados mais frescos. A cura deveria começar do exterior para o interior.

A casa da Sra. Covington estava escura quando Julia passou, as janelas como se fossem feitas de ardósias negras. Os apartamentos estavam quietos do outro lado da rua, raios de luz cortando entre as cortinas fechadas. As luzes do Subaru varreram a casa conforme estacionou e ela teve uma sensação de propriedade. Apesar da história não muito respeitável, ela sentia conforto por trás de suas paredes. Ela decidiu conversar com George Webster sobre a possibilidade de comprá-la.

A porta era sólida, as janelas frias e vazias. Atrás daquela porta estavam seu computador, suas roupas, seus livros, Sr. Ned, a tartaruga de pelúcia. Ela pensou sobre os cartões de beisebol que Walter a tinha dado, deixados espalhados sobre a mesa de café, e sorriu. Uma delicadeza tão pequena foi ampliada quando comparada com o horror que havia sido sua visita a Memphis.

Esse era um novo passado que ela estava construindo e a constatação disso aqueceu seu coração, a despeito de toda a desagradável bagagem mental que ela ainda tinha que desempacotar. Ela se lembrou da canção gospel, “One Day at a Time, Sweet Jesus” e se deu conta de que o passado podia se estender

apenas até o amanhecer daquele dia e o futuro apenas pelas próximas horas até escurecer. Ela caminhou com determinação pelo caminho, a bolsa presa à frente. Ela estava tão feliz por chegar em casa que quase nem reparou nos espaços escuros entre as árvores, na vasta floresta onde os grilos cantavam e nos animais noturnos começando suas atividades. O que antes a enchia com arrepios de terror, agora parecia oferecer mais conforto do que ameaça.

Ela sorveu uma grande quantidade do ar de Blue Ridge, úmido e cheiroso de pinheiro. Ela vasculhou a bolsa procurando a chave, silenciosamente se amaldiçoando por não deixar a luz de entrada acesa. Seus dedos tocaram a caixa de madeira dentro da bolsa. Ela carregava um pedaço do passado ali, um pedaço de Memphis. Talvez aquilo tenha sido um erro. Mas ela se preocuparia com isso amanhã.

Um dia de cada vez...

Enquanto ela procurava pela chave, por hábito ela tentou a maçaneta.

Ela girou com facilidade na mão.

A presilha estalou como o cão de uma arma, como a batida final de um coração.

Ela tinha esquecido de trancar a porta, mesmo depois daquele primeiro susto com Walter?

Impossível.

Uma coisa na qual Julia Stone nunca falhava era trancar a porta. Aquela era a Regra Número Um para manter Monstros fora da casa. A não ser, é claro, que eles se escondam atrás de você, como Mitchell fez.

Ou que já estivessem dentro da casa.

Julia parou, a mão congelada na maçaneta.

Ela passou novamente a cena na sua mente de quando partiu para a viagem. *Valise no chão, fechar a porta, inserir a chave, girar, clique. Verificação para ter certeza.*

Sim, ela havia trancado a porta.

Walter poderia estar lá dentro, efetuando algum reparo.

Ou poderia ser O Monstro. Aquele que havia deixado a linha de blocos de madeira sobre a mesa de café alguns dias antes.

Por que você SABE que não os colocou lá, não é?

Não colocou, né?

O vento de outono varreu o matagal. Os ramos que haviam sido reconfortantes alguns momentos antes agora eram como braços retorcidos de bruxas de madeira. Julia remexeu atrás do spray de pimenta e colocou o dado sobre o botão. Se um estuprador estivesse esperando dentro de casa, ela o acertaria direto nos olhos, dando a ele toda punição que ela deveria ter dado a Mitchell. Se acontecesse no quarto, ela teria o Louisville Slugger debaixo da cama.

Ou...

Ela olhou ansiosamente para o carro. Ela poderia entrar, dirigir para longe e chamar a polícia da segurança de um posto de gasolina.

E talvez o tenente T.L. Snead atenderia ao chamado. O Snead dos casos não resolvidos, o Snead das coincidências.

Não. Ela não fugiria dessa vez. Ela não deixaria alguém invadir sua casa. Ou sua mente.

Ela empurrou a porta alguns centímetros e ela estalou como a tampa de um caixão. Os cabelos de sua nuca pularam como fios elétricos. Ela tentou respirar, mas não conseguia se concentrar em uma respiração relaxada.

Suando no frio da noite, Julia olhou pela pequena abertura.

Nada, a não ser escuridão lá dentro. Escuridão profunda e sem fim, o tipo de escuridão que pula e afunda as garras em você, escuridão afiada, do tipo que—

Pare com isso, Julia.

Suas mãos tremiam.

Um telefone tocou em um dos apartamentos da vizinhança. Ele ronronou seis vezes e parou. Alguém ligou o motor de um carro nas construções que ficavam atrás da parede de árvores. A latida de um cão ecoou através das colinas escuras. Os sons da vida normal.

Ela segurou o spray de pimenta e abriu a porta empurrando com o ombro, meio que esperando o brilho de uma lâmina no ar. Com a mão esquerda, bateu a parede procurando o interruptor. A luz ganhou vida como uma estrela explodindo.

A sala estava vazia.

Julia cruzou a sala, a bolsa ao lado, uma mão segurando o spray e a outra fechada. Ninguém na cozinha. Ela chutou a porta do banheiro.

Movimento através do corredor. O dedo de Julia apertou no botão do spray. Um gemido morreu junto a seus dentes antes de virar um grito.

Apenas seu reflexo, no espelho acima da pia.

Julia acendeu a luz, observando a cortina do chuveiro. Nenhum Monstro seria tão carente de criatividade, não é?

Ela estendeu o braço, tocou no plástico e o jogou para o lado, o spray a postos. Nada além da moldura de fibra de vidro.

Com o coração acelerando, Julia girou e retornou ao corredor. Apenas um último cômodo para averiguar.

Claro. O quarto.

A violação máxima, a do santuário interior.

A porta se abriu com um sussurro. Uma brisa soprou pelo quarto. A janela estava aberta.

Volte agora, garota. Está tudo certo. Ninguém a culpará por estar assustada. Isso não é sua desordem falando com você. Sou EU.

Claro, ela podia fugir. Ela podia se render.

Como sempre.

Ela travou os dentes com força e entrou no quarto. A primeira coisa que viu foi o relógio, os números brilhando no vermelho mais infernal possível contra a escuridão.

4:06.

Se ela estivesse segurando uma arma em vez de um spray de pimenta, ela teria descarregado a arma

naquele demônio digital para exorcizar a obscenidade daquela hora congelada.

Ela não poderia mais se enganar de que ninguém havia estado lá, que ela apenas havia esquecido de trancar a porta e deixado a janela aberta e , nossa, como ela era distraída.

Não, algum Monstro tinha entrado dançando na casa, removido o relógio do lixo, restaurado sua estranha programação e o deixado como uma mensagem para Julia.

Uma mensagem de que ele podia entrar a hora que quisesse, não importa quantas chaves ela tivesse para suas trancas.

Por que um Monstro faria propaganda? Se quisesse pular em cima dela, ele poderia esperar nas asas negras de seu momento e alcançá-la como os longos dedos do passado. Exatamente como Mitchell havia feito.

A lembrança do ataque de seu noivo a invadiu, fazendo o quarto ficar fora de foco e ela quase perder o equilíbrio. Ela balançou a cabeça. Se o Monstro ainda estivesse lá, ela não se entregaria facilmente.

Julia entrou lentamente no quarto, apertando o interruptor com o cotovelo e piscando com a súbita luminosidade.

O quarto parecia igual, exceto pelo relógio. A cama não muito arrumada, Sr. Ned e alguns CDs na estante, a cópia aberta do livro de Jefferson Spence na mesa de cabeceira. A tela da janela havia desaparecido e as cortinas se moviam com a brisa como fantasmas inquietos.

Julia cruzou o quarto e fechou as janelas, deslizando a tranca para o lugar. Walter estava certo, as janelas eram de construção sólida. Ela não via marcas no quadro que indicassem uma entrada forçada. Ou ela esqueceu uma tranca ou algum Monstro tinha acesso a uma cópia da chave da casa.

Sem olhar para o relógio, Julia o agarrou, arrancou o plugue da parede e o segurou sob o cotovelo. Ela pensou se mesmo sem energia os dígitos de relógio estariam brilhando.

4:06. Por que 4:06?

Um pensamento palpitou nas fronteiras de suas lembranças, como um morcego perdido que desapare para dentro de sua caverna. Ela havia evitado lembrar o passado de forma tão deliberada que ele se tornou um lugar que ela visitou com dificuldade, um lugar que agora necessitava de um agente de viagens. Ela apenas ia quando a Dra. Forrest a mandava.

Ela voltou pela casa, trancou a porta da frente e verificou todas as outras janelas. Ela desfaria a mala quando amanhecesse. Por hora, estava suficientemente segura. Tão segura quanto poderia estar dentro da própria cabeça.

A não ser que alguém tivesse a chave de sua cabeça como tinha de sua casa.

Julia pegou uma sacola plástica de supermercado da grande pilha sob a pia e deslizou o relógio quebrado para dentro, fechando com um nó. Ela colocou uma segunda sacola em volta da primeira e jogou-a debaixo de pó de café e uma lata de sorvete de creme, na lixeira. Talvez amanhã ela procurasse uma grande pedra para esmagar o relógio e fazê-lo em pedacinhos.

Hora de matar. A imagem era quase engraçada, mas o ruído persistente da adrenalina ainda ressoava na pele. Ela sentia como se estivesse sendo observada.

Tinha outra pessoa ainda dentro da casa?

Não, ela havia verificado todos os aposentos. O acesso ao sótão era no banheiro. Ela havia coberto

um caso em Memphis no qual um Monstro havia passado pelo acesso de manutenção de seu apartamento, subido pelas vigas até a próxima unidade e feito pequenos furos no teto do banheiro. A mulher chegou em casa um dia e encontrou poeira de alvenaria em cima da cama, viu os buracos e chamou a polícia.

O Monstro foi pego, mas a mulher nunca soube quantas vezes ele a havia observado pelos buracos de vigilância. Uma centena de banhos quentes não poderia limpar da sua pele esse tipo de violação. Quando é que a vítima poderia se despir novamente sem sentir um arrepio levemente paranoico? Quanta terapia necessitou a mulher antes de verificar o teto de cada sala que entrou?

Paranoia era parcialmente um instinto de sobrevivência. Mas em algum momento você a tem que deixar ir.

Julia pensou em ligar para a Dra. Forrest. O relógio de pulso dizia que eram oito da noite, cedo o suficiente. Mas ela suspeitava que a Dra. Forrest possuía um amante, o homem que Julia ouvira no fundo da ligação durante várias das ligações. Julia detestava ser tão necessitada, tão dependente, tão exigente do tempo e atenção da terapeuta. Mais que tudo, ela não queria que a Dra. Forrest se cansasse dela.

Se ela conseguisse sobreviver à noite, ficaria bem. Se ela conseguisse sobreviver à sua vida, ficaria bem.

Julia voltou pelos aposentos em direção ao quarto. Ela parou para verificar novamente a janela. Um zumbido esquisito soava em seus ouvidos, o alarme silencioso da falta de algo. A prateleira onde se encontrava o anel de noivado parecia intacta, o Sr. Ned mostrando seu sorriso quelônico e os livros organizados em ordem alfabética. Mas a gaveta superior da cômoda estava entreaberta.

Ela não era maníaca por organização, mas tinha compulsão por fechar coisas. Portas. Janelas. Tampas. Armários.

Ela abriu a gaveta. Roupa íntima enroscada, alguns pretos e vermelhos, mas a maioria os entediantes bege e branco. Ela mexeu na pilha, virando-a de cabeça pra baixo. A camisola estava faltando.

Mitchell tinha comprado para ela com a esperança de que ela usaria. E ela teria, não fosse o fato de Mitchell ter virado um selvagem. Como ela havia esperado por aquele momento correto, um feriado com luar, talvez, ou um aniversário romântico de sua primeira vez. Mas Mitchell nunca mais havia tocado no assunto e Julia nunca tinha certeza de como ele reagiria a uma surpresa sedutora. No fim das contas ele era a pessoa cheia de surpresas.

Ela estava contente por se livrar daquele resquício de sua relação falha, mas havia o problema imediato do desaparecimento da camisola. Será que um Monstro havia se esgueirado para dentro da casa com o único propósito de vasculhar suas roupas íntimas? Será que ele estava, naquele momento, desfilando com o *négligé*, tremendo e ficando duro com uma fissura secreta?

Julia sentiu os olhos nela novamente. Paranoia, ela sabia. Ainda assim—

Ela se virou para a janela.

Dois brilhos fortes, refletindo a luz do quarto. Observando por entre as cortinas.

Os olhos desapareceram na escuridão enquanto Julia ficava com a respiração presa. Então ela ouviu um grito, galhos de árvore se quebrando e o gemido de dor quando corpos batem contra um corrimão e caem no chão.

— Desista, ou quebrarei seu braço — alguém gritou.

Julia ficou indecisa por um momento. Então se aproximou da cama, pegou o Louisville Slugger e

correu para a janela. No retângulo de luz projetado no quintal, ela viu dois homens no chão. Ela deu ao Louisville Slugger uma balançada de teste. Era mais fácil de manusear que uma luminária de madeira.

Deus, eu estou ficando melhor com toda esse treino de rebatida.

Julia correu pela casa, parou na sala para pegar uma lanterna e colocar o spray de pimenta no bolso. Sentindo-se um pouco mais corajosa ao segurar o taco de beisebol, ela saiu pela porta da cozinha para a lateral da casa. Ela passou pela quina da casa e entrou no quintal, iluminando o caminho à sua frente.

— Largue-me — uma das silhuetas em luta gritou.

Os dois rolaram para as árvores que cresciam perto da casa. Julia apontou a luz na direção da confusão, mas sua mão tremia tanto que ela não conseguia ver seus rostos. — Quem está aí? — ela disse, mas sua voz se perdeu no meio dos ruídos de folhas sendo esmagadas e gemidos.

Ela levantou o bastão, esperando parecer ameaçadora e tentou novamente. — Quem diabos está aí?

— Julia! — arfou o homem que estava por cima.

— *Walter?*

Ela segurou a lanterna com mais firmeza e viu que o homem por baixo estava preso de barriga para baixo e o braço às costas. Ainda assim, suas pernas se mexiam e ele se contorcia como uma enguia em uma lança. Seu rosto estava imprensado contra a terra, pedaços de folhas no cabelo. Walter montou nas costas, como um domador de cavalos cuja montaria havia tombado.

Walter fazia caretas com o esforço conforme dobrou o pulso para trás e colocou sobre a escápula. O homem gemeu alto.

— Vou quebrá-lo — Walter disse. — Eu controlei um novilho ou dois nos áureos tempos e, se posso controlá-los, com certeza posso controlar coisas como você.

Walter deu um puxão extra, como que para enfatizar a questão. O homem ficou imóvel, respirando pesadamente.

Julia se aproximou lentamente, parando a alguns metros. — O que está acontecendo? — ela perguntou, sem saber ao certo qual dos dois ela devia estar preparada para bater com o taco.

— Chame a polícia — disse Walter, piscando sob o fecho de luz da lanterna.

— Você não me respondeu — disse ela, os dedos segurando com força o bastão.

— Ele — Walter arfou. Seu rosto estava tenso e ela pensou se ele realmente conseguiria manter o outro homem preso. O homem de baixo parecia mais jovem e tão forte quanto Walter.

— Eu vi ele subir sua janela — disse Walter. — Certo, seu otário? — disse ele para homem embaixo dele.

O homem virou o rosto para a floresta, para longe da luz.

Julia se afastou lentamente e foi para dentro de casa, ainda segurando o bastão. Ela discou 9-1-1 a partir da sala, levando o telefone de tal modo que pudesse olhar pela janela. Walter ainda estava em cima.

— Comunicações — disse uma voz masculina metálica.

— Sim, senhor, eu gostaria de prestar uma —

— Sim, senhora?

O quê? Um *Monstro*? Ela pensou em todas as ocorrências falsas que ela havia preenchido em Memphis e como o policial da cidade a havia ridicularizado. Ela tentou falar o “policialês” que ela havia aprendido como repórter policial. — Há uma discussão em progresso.

— Discussão. Você quer dizer uma briga?

— Isso mesmo.

— Alguma arma envolvida?

— Não que eu tenha conseguido ver. Mas é melhor vocês se apressarem.

— Você pode confirmar o endereço, senhora?

— Creek Buckeye Road 102, em Elkwood.

O homem no chão pulou como um peixe encalhado na praia, mas Walter o segurou.

— Sim, senhora — disse o oficial de comunicações. — Estou mandando uma viatura agora mesmo. Diga-me, você mora ao lado de Mabel Covington, não é mesmo?

Julia suspirou ao telefone. O que era agora? Uma troca de receitas? — Acho melhor você mandar uma ambulância também.

— Por quê? Tem alguém ferido?

— Ainda não, mas é possível que haja. — *Especialmente se você não desligar e mandar logo a maldita mensagem de rádio.*

— Você está em um local seguro?

— Com licença, mas é melhor eu ir ajudar.

— Eu não aconselho que—

Julia desligou antes que o oficial pudesse finalizar o seu “senhora”.

Julia correu para fora, a mão agarrando o cabo do bastão. Mesmo Mark McGwire tinha que descansar a lenha em seu ombro aqui e ali, anabolizado ou não. Mas Julia ainda não poderia descansar. Ela não largaria do bastão até a polícia chegar. E talvez nem mesmo depois disso, pois Snead estava a serviço.

— Tudo bem por aí? — Julia perguntou a Walter.

Ele balançou a cabeça negativamente, mas falou — Eu dou surra em marginais como esse desde que tinha seis anos de idade.

Então moveu a cabeça com força, pedindo ajuda. Seu cabelo castanho estava molhado de suor e um machucado feio brotou debaixo de um olho vermelho e lacrimejante.

— Se ele se mexer novamente, espalhe seus miolos pelo quintal com o taco — disse Walter.

— Taco? — o homem gemeu contra o chão. — Você é *maluco*.

— Ei, não era eu que estava cheirando a roupa íntima da mulher — disse Walter.

A camisola. Esse era o Monstro. O que havia deixado a pegada, que invadira a casa e que reprogramara seu relógio. Ela lutou contra a vontade de bater com o Louisville Slugger em seu crânio.

Uma sirene tocou ao longe, vindo do vale e ecoando pelas encostas. O Monstro lutou mais uma vez

fracamente ao ouvir o som. Então deitou quieto, o braço dobrado em um ângulo dolorido.

— Obrigada. — disse Julia a Walter. — Sabe-se lá o que ele teria feito...

— O que mais me incomoda é que pessoas desse tipo não tem respeito — respondeu ele, dando outro puxão para cima com o braço do homem.

— Eu estava - *auuu* - apenas aqui pelo anel. — A lanterna mostrou o rosto avermelhado de um homem jovem e Julia o reconheceu do prédio de apartamentos mais abaixo na estrada.

O rosto do cara se contorceu de dor e Walter diminuiu um pouco a pressão. — Que anel?

— Um cara me contratou para pegá-lo — respondeu ele. — Ligou algumas semanas atrás e mandou uma ordem bancária pelo correio.

Julia levantou o bastão. — E a roupa íntima?

— Cristo, moça, era uma mordação — disse ele. — O cara falou para bagunçar com a cabeça dela.

Walter estava aumentando a pressão novamente quando o homem gemeu e falou — Nada mais até eu ver um advogado.

Luzes azuis brilharam através das árvores e a viatura policial rugiu em frente à porta da casa. Julia correu até eles, acenando com a lanterna, deixando o bastão arrastar no chão. O policial pulou para fora do carro, um deles sacando a pistola.

— Não atire — disse Julia. — Eles estão na parte de trás.

— Largue a arma e caminhe para longe — ordenou o policial com a arma.

— É apenas um bastão de recordação — disse Julia. — Tem uma réplica da assinatura do Ozzie Smith nele.

— Largue.

Ela obedeceu. Satisfeito, o policial com a arma passou por ela enquanto o outro se esgueirou pelo canto da casa. Julia não sabia o que devia fazer. O policial não havia dito para ela ficar parada ou nada do estilo. Ela ficou imóvel por um momento, observando as luzes brilhando no prédio de apartamentos próximo. Alguns dos estudantes saíram e ficaram parados na sacada, conversando e bebendo cerveja.

Julia seguiu o policial até o quintal. O policial com a pistola agora a tinha apontada para Walter. O outro policial ajoelhou-se junto ao homem no chão, mexendo com as algemas e usando uma lanterna grande e brilhante.

— Esse cara estava invadindo a casa. — disse Walter. — Eu o vi espiando-a pela janela.

— Saia de cima dele e se afaste, senhor — ordenou o policial. — Deixe as mãos onde eu as possa ver.

Os olhos de Walter estreitaram com raiva, mas ele obedeceu.

O segundo policial ajudou o homem a se levantar. O homem esfregou o cotovelo, lançando um olhar do tipo “você vai ver só” para Walter.

— Qual a sua versão disso? — o policial perguntou ao homem machucado.

— Eu não arrombei — ele respondeu. — Eu estava apenas passando pelo quintal para ir dar uma volta na floresta quando esse maníaco pulou em cima de mim.

— Ah, é mesmo? — disse Walter. — O que tem no seu bolso traseiro, então?

O policial iluminou o homem com a lanterna e o virou, puxando a camisola preta do bolso dele. O policial a levantou, deixando-a pendurada entre o polegar e o indicador como se estivesse contaminada. O homem jovem parecia envergonhado.

— É sua, senhora? — perguntou o policial com a arma. Ele havia relaxado e agora apontava a pistola para o chão, junto aos pés de Walter.

Julia concordou. — Sim. Eu havia dado falta dela alguns minutos atrás. Alguém invadiu minha casa.

— Algo mais faltando?

— Não que eu tenha reparado, mas ele disse algo sobre estar procurando um anel.

— Você conhece esse homem? — O policial perguntou balançando a arma casualmente na direção de Walter.

— Sim — disse Julia. — Ele é meu amigo.

Os policiais se entreolharam e então um deles levou o Monstro ao redor da casa, recitando seus direitos.

— Vocês dois querem prestar depoimento? — O outro policial perguntou, finalmente retornando a pistola ao coldre.

— Claro — disse Julia. — Você quer ir para dentro da casa? Acho que você vai querer verificar impressões digitais e essas coisas.

— A técnica de local de crime está a trabalho no hospital — disse o policial, pegando um pequeno bloco de notas. — Ela vai odiar ter que vir a essa hora da noite. Então, você vai prestar queixa, senhora — ?

— Stone. Julia Stone. É claro que vou prestar queixa.

O policial escreveu seu nome e perguntou o nome de Walter. Quando Walter o forneceu, o policial baixou o bloco de notas e deixou a mão lentamente se aproximar do coldre. — Triplett?

— Isso mesmo. — Walter se endireitou um pouco e olhou para Julia. — O tal Walter Triplett.

O policial concordou e perguntou a Julia — Então você vai endossar o lado dele da história?

Julia considerou a possibilidade de que o intruso na verdade tivesse sido Walter e que o outro homem o havia pegado no ato. Mas Walter tinha a chave e não precisava espiar pela janela. E apesar de sua reputação de assassino de esposa, sua gentileza havia acalmado alguns medos. — Ele é seguro — disse ela.

O policial olhou furioso para Walter, foi para a viatura e retirou uma prancheta. Ele passou os próximos quinze minutos preenchendo o boletim de ocorrência. Então o carro se distanciou, as luzes ainda piscando. Os estudantes zombaram quando o carro passou, segurando latas de cerveja nas mãos.

— Pensei que eles iriam coletar impressões digitais — disse Julia.

— Isso é Elkwood — disse Walter. Ele tocou o machucado sob o olho e estremeceu.

— Entre e deixe-me pegar um pouco de gelo para isso.

Julia recolheu o Louisville Slugger no caminho para dentro. Se a discricção era necessária, ela se deu conta de que os oitenta e cinco centímetros de madeira de lei preencheriam o resto do caminho que

faltava, se fosse necessário.

CAPÍTULO 19

Walter sentou na sala, olhando para os cartões de beisebol espalhados sobre a mesa enquanto Julia enrolava gelo em um pano de prato. Ela trouxe o pano para ele e então sentou-se do outro lado da sala em uma cadeira junto à mesa de trabalho.

— Stan Musial — disse Walter, observando o arranjo dos cartões pela posição. — Ele não jogava de meio de campo?

— Não, à esquerda — disse Julia, se remexendo no sofá. Ela havia deixado o bastão no canto, mas o spray de pimenta ainda estava em seu bolso. — Ele não conseguia arremessar bem para ser meio de campo e machucou o braço jogando em times menores. Três vezes Melhor Jogador. Liderou os Cardinals por dois campeonatos durante a Segunda Guerra Mundial.

— Pensei que todos os bons jogadores tivessem sido convocados pelo exército. Ted Williams não foi piloto de caça?

Julia deu de ombros. — Talvez fosse uma conspiração para fazer o St. Louis parecer bom. O velho St. Louis Browns fizeram sua única aparição mundial em 1944. Primeira vez em 42 anos. Eles ganharam em 2006 também.

Walter pressionou o pacote de gelo improvisado contra o rosto. — Ai!

— Aquele Monstro bateu em você?

— Não. Ele acidentalmente bateu com o cotovelo no meu rosto, quando eu o agarrei.

Agora era o momento para a pergunta que Julia estava postergando. Ela tentou soar casual, não como um interrogador. — Quando você o viu arrombando?

Em outras palavras, o que você estava fazendo espreitando na mata atrás da minha casa? VIGIANDO minha casa?

— Eu faço trabalho de jardineiro para a senhora Covington. Ela me viu consertando essa casa depois que Hartley saiu e me contratou. Eu estava acolá — ele acenou com o braço — juntando as folhas, quando vi alguém dar a volta por trás da casa. Não pensei nada a princípio, imaginando que ele estava indo para a trilha na mata. Meu jipe estava estacionado atrás da casa da Sra. Covington, de forma que me dei conta de que ele não sabia que eu estava olhando.

Julia escorregou a mão para dentro do bolso, sentindo o contorno do spray de pimenta. — Ele mora em um daqueles apartamentos. A Sra. Covington me disse que eles têm um histórico de ficar espiando.

— Pelo jeito ele deu um passo além dessa vez. Quando eu não o vi passar lá onde a trilha passa por trás do quintal da Sra. Covington, fiquei desconfiado. Então entrei pela mata e vi sua janela aberta. Percebi que alguém já tinha feito bobagem lá antes, pois de outro modo você não teria ligado para o Sr. Webster pedindo para verificar as janelas.

— Talvez você devesse se tornar um policial. — Tal qual T.L. Snead. Então Walter poderia se tornar uma parte da grande conspiração satânica e ter o seu papel na história.

— Não, obrigado. — disse ele. — Não gosto de armas.

— Mas você não piscou quando aquele policial apontou a arma para você.

— Por que eu estava congelado no lugar. Pensei que o velho Barney Fife lá estouraria meus miolos se eu piscasse.

Julia riu um pouco, mas seu abdômen estava muito tenso para continuar rindo. — Presumo que a polícia de Elkwood não tem uma reputação muito boa.

— Eles pensaram que “Loucademia de polícia” era um vídeo de instrução.

Julia riu com mais espontaneidade dessa vez. Ela estava tão cansada que se sentia inconsequente. Muito havia ocorrido nos últimos dias. O anel de caveira, uma pedaço do passado desenterrado. A descoberta da mudança de Snead para Elkwood. O ataque sexual pelo homem que ela pensou amá-la. Um Monstro roubando sua roupa íntima. Se ela ousasse pensar, ela temia começar a rir e nunca mais parar.

Walter deve ter reparado em seu cansaço. — Eu o vi subindo na janela logo que ficou escuro. Você chegou de carro uns dois minutos depois. Fiquei com medo que ele atacasse você ou algo desse tipo, de forma que fui lhe avisar, mas então eu o vi saindo com... um... a peça de roupa.

Ele está CORANDO.

Espere aí — se o Monstro estava na casa há apenas alguns minutos... então como ele teve tempo para achar o relógio, ligá-lo na tomada, destrancar a porta da frente, vasculhar pela cômoda e sair pela janela de novo?

Walter continuou. — Ele foi para dentro das árvores, vi suas luzes acendendo e você fechando a janela. Esperei para ver o que ele iria fazer. Então, quando ele se esgueirou de volta à sua janela e começou a espiar, me deixou tão bravo que quis pegá-lo.

— Vamos ver, invasão de privacidade, roubo, arrombamento—

— Ah, ele não arroubou nada. A janela já estava aberta. O que me deixou intrigado, pois você é muito preocupada com as trancas.

— A janela estava aberta?

— Sim. O que há de errado?

— O anel. Meu noivo me deu uma grande pedra e alguém a quer. Melhor verificar.

Ele a seguiu até o quarto e esperou na porta enquanto ela pegava a caixa aveludada do esconderijo atrás do Sr. Ned. Ela abriu a caixa e o diamante brilhou no engaste dourado.

— Cara, isso pode deixar um Monstro alimentado e bêbado por um ano ou dois — Walter disse.

Ela coçou a cabeça e bocejou exausta. — É apenas sujeira e metal, quando você disseca até o fim.

— Escute, é melhor eu ir e deixar você dormir.

Vá e a deixe a sós com a noite, as trancas, o spray, o Louisville Slugger, o anel de caveira e o relógio assombrado—

— Você entende de eletrônica? — ela perguntou.

A cabeça de Walter inclinou-se inquisitivamente. — Um pouquinho, sim.

— Eu gostaria de contratá-lo para um serviço. — Ela foi até a cozinha, sentido o olhar dele às suas costas, removeu o relógio do lixo, retirou a sacola externa e levou-o para Walter. — Você se importaria de dar uma olhada se isso foi adulterado de alguma forma?

— É aquele relógio quebrado?

Julia afirmou com a cabeça. Ela não queria dizer a ele que o encontrara ligado na tomada quando chegou em casa, que os números estavam parados em 4:06. Deixe ele examinar o relógio sem que ela inserisse nenhum misticismo na questão.

Seus dedos se tocaram de leve quando ele pegou o relógio e Julia sentiu um leve formigar de eletricidade. Similar ao que ela havia sentido quando colocou o anel de caveira no dedo.

Não. O anel não tinha nenhum poder. O relógio não continha nenhuma magia negra. Satã não existia e então não possuía nenhuma influência no mundo, exceto nas mentes das pessoas dos crentes desesperados.

E Walter não possuía nenhuma magia também. Ela apenas estava cansada e isso era tudo.

Ele se levantou e seus olhos se encontraram. Uma batida de coração, duas, uma terceira. Ambos desviaram os olhos ao mesmo tempo.

— Uhm... eu vou dar uma olhada — disse Walter. — Mas não quero pagamento.

Ele se moveu na direção da porta, carregando o relógio como se fosse uma bola de futebol, com pressa agora, quase sem jeito, pela primeira vez desde que ela o conheceu. Ela o seguiu, mas não muito de perto.

Ele fez uma pausa na porta e apontou para o bastão escorado no canto. — Você teria realmente usado aquilo?

Ela sorriu. — Você talvez não queira descobrir.

— Melhor não mesmo. — Ele sorriu de volta com dentes fortes e levemente desalinhados. Será que ele estava corando novamente? Nenhum homem que ela conhecia ficava corado. Rick O'Dell não ficava corado. Mitchell certamente nunca ficara corado na vida. — Bem, vejo você depois.

— Tchau.

Ele saiu para a escuridão enquanto as mariposas se aglomeravam na luz do pórtico. Os estudantes haviam entrado novamente para continuar a beber defronte à televisão. Talvez ter um amigo preso fosse apenas mais uma razão para fazer uma festa.

— Walter?

Ele parou ao lado do jipe, o rosto obscurecido. — Sim, senhora?

— Meu nome é Julia.

Ele concordou com a cabeça.

— Obrigada — disse ela. — Por... você sabe.

— Você vai querer trancar a porta. — disse ele, agora mais corajoso com a distância entre eles. — Existem vagabundos e esquisitos em todos os lugares, inclusive em Elkwood. Boa noite, Julia.

Ela acenou, fechou e trancou a porta e então se escorou nela, lembrando do som dele dizendo seu nome. Ela se viu comparando ao modo como Rick havia dito, o modo como Mitchell disse em tempos passados e mais inocentes.

— Juuulia — pronunciara Walter, esticado e preguiçoso, um “uuu” musical no meio. Juuulia, o modo como seu pai a havia provocado uma vez. Os amigos empertigados de Mitchell diziam “Jiulia”,

colocando o som “iú” no meio.

Ela tirou a caixa de madeira da bolsa e a examinou. Essa relíquia não pertencia a Elkwood, na nova vida que ela estava tentando construir. Talvez Mitchell, tão maluco como se revelara no final, estivesse certo sobre uma coisa: talvez o passado devesse ter permanecido enterrado.

Se fosse mais forte, capaz de controlar melhor minha ansiedade, nós teríamos casado anos atrás e eu estaria feliz hoje. Mitchell não teria apelado para—

Não. A tentativa de estupro não havia sido sua falha, não importa os truques que sua mente quisesse aplicar. E ela não deveria se culpar pois Mitchell havia rastreado e contratado um Monstro para vasculhar na gaveta de roupas íntimas e tentar roubar o anel de noivado. Se ele estivesse com problemas financeiros, ela teria penhorado alegremente o anel e lhe dado o dinheiro. Ela teria ficado feliz com uma lasca de diamante ou mesmo nenhum anel. Joias nunca criaram compromisso ou amor apenas pelas suas substâncias valiosas.

A Dra. Forrest colocaria essas coisas em ordem na manhã seguinte. Enquanto isso, uma noite de horas deve passar.

Talvez, se ela se comportasse como se tivesse sido o final de um dia perfeitamente normal, talvez conseguisse sobreviver. Papéis esperavam na mesa, notas para artigos. Outras pequenas tarefas necessitavam de sua atenção. A realidade exercia seu próprio tipo de pressão. E a realidade oferecera uma fuga, não importa quão pequena, dos pensamentos negros.

Julia ligou o computador, surpresa que a proteção de tela não exibisse alguma mensagem sinistra. Outros eletrodomésticos pareciam pertencer às forças invisíveis do mal, por que não o computador? Com alguma sorte, sua torradeira começaria a tocar uma música do Led Zeppelin de trás para a frente.

Ela se conectou com a internet, sabendo que deveria trabalhar em seus artigos. Mas primeiro ela verificou o e-mail, um dos maiores vícios depois do café. Algumas mensagens do grupo de notícias do Cardinals especulando sobre uma troca de gerenciamento, Sue perguntando se Julia havia chegado com segurança e dizendo que em breve teria mais informações sobre Snead e o diretor do abrigo de animais mandando uma mensagem agradecendo. Nada de Mitchell. Uma grande surpresa.

“Correiomonstro” deve ter cancelado suas contas de e-mail.

Julia fechou o programa de e-mail sem responder às mensagens. Ela fez uma procura por “Satã” e recebeu a óbvia resposta, www.satã.com. Algo como digitar *w-w-w-ponto-qualquercoisa* levou uma lista grotesca. Ela acessou e leu alguns dos sites construídos por alguns dos ditos adoradores de Satã.

Não apenas os éditos eram juvenis e contraditórios, eles também eram mal escritos. Alguém que estivesse repleto dos poderes do Mestre do Mundo deveria, pelo menos, saber como usar um revisor ortográfico para verificar o texto. Como é que essas pessoas não conseguiam conter sua postura de hóquei até ficar de frente para um espelho iluminado pelo fogo e rir até cair morto dentro de uma cova, indo assim para o tão ansiado inferno. Exceto que eles não acreditavam de jeito nenhum no inferno e certamente em punição infinita. Eles apenas professavam sua religião como uma desculpa para a autoindulgência e crueldade insípida.

Ela finalmente chegou ao grandão, o site oficial da Igreja de Satã. Depois de ler sobre algumas das premissas da Igreja de Satã, baseada nos escritos de Anton LaVey, Julia acreditou que os satanistas eram ainda mais loucos que ela. E, pra completar o quadro, as pequenas regras e rituais eram tão elaborados e entediantes como os de religiões mais disciplinadas e austeras.

Os Nove Mandamentos Satânicos. As Onze Regras Satânicas para a Terra. Os Nove Pecados

Satânicos. Então o satanismo tinha seus próprios pecados. Seu portão e costumes tão estreitos quanto os do cristianismo fundamentalista. O mais engraçado era o fato de que LaVey, que na verdade teve a audácia de morrer enquanto se posicionava como o Sumo Sacerdote de Satã, era tão obsessivo e ladrão do dinheiro dos fiéis quanto o mais odioso dos evangelistas cristãos corruptos. Aqui estava o seu suposto “presente” para o mundo, sua Bíblia Satânica, mas tinha o símbolo de direitos autorais anexado a cada pequeno segmento, para que ninguém espalhasse a Palavra sem que LaVey ou seus herdeiros tirassem uma porcentagem do lucro.

Outras coisas estavam à venda pelo site, tais como velas negras, efígies de prata, túnicas cerimoniais, adagas e várias poções herbais. E o Diabo aceitava cartões de crédito.

Julia podia facilmente separar esses dogmas à venda das lembranças cruéis do próprio passado. Esses produtos embaladinhos não tinham conexão com o abuso que ela sofrera nas mãos dos adoradores de Satã. Como em todas as religiões, não eram as palavras, as crenças ou os profetas há muito mortos que definiam as transgressões. Eram as pessoas, aquelas de carne, sangue e ossos que sem pensar sobre o assunto engoliam qualquer coisa com que fossem alimentados, cegos à verdadeira natureza da mão que concedia as bênçãos.

Julia estremeceu conforme as próprias lembranças tentaram vaziar do armário cuidadosamente trancado — cabeça de bode, uma lâmina prateada, cadinhos com fumaça e pessoas más.

Julia fechou os olhos com força e apertou as têmporas entre as palmas das mãos. A respiração ficou curta e o pulso acelerou para uma palpitação.

Não, isso é para a Dra. Forrest e apenas para ela. Não para este lugar, não para agora, não para VOCÊ.

Ela respirou profundamente, assustada. Os ataques de pânico estava acontecendo com mais frequência. Apesar da sensação de que estava sendo curada, apesar de sua fé no tratamento da Dra. Forrest, ela se sentia à beira de um abismo e o próximo passo a faria cair para dentro da tinta do esquecimento.

Ela se forçou a inspirar, pensar na luz do sol e nuvens, escutar a voz da Dra. Forrest fazendo a contagem regressiva a partir de dez, deixar os dedos se aquecerem e ficarem inchados, a ver a luz. Deixar o corpo sonhar a si próprio como um pedaço do céu, uma parte e ao mesmo tempo, o todo. Deixar que ela se tornasse ar.

E, cavalgando na respiração, veio uma brisa morna, reconfortante e suave que sugeria uma voz gentil.

Deus? É você?

Mas se foi Deus, o próprio ato de se concentrar o havia empurrado de volta para o seu buraco escondido nos céus. Ela se concentrou nas instruções da Dra. Forrest e se deixou relaxar mais.

Quando ela voltou de suas férias mentais, a tela do computador ainda brilhava. Nada, a não ser palavras. Se era para entender como os satanistas funcionavam, ela teria que traduzir essa bobagem. Talvez se ela lesse as ideias de LaVey com um olho frio e acadêmico, sem preconceitos, Satã deixaria que seu poder se estendesse desde o passado.

Após alguns minutos lendo as regras, ela achou que tinha entendido alguma coisa sobre a atração do satanismo. Satisfaça-se nesse mundo, aqui e agora, em vez de esperar a recompensa eterna. Busque a gratificação da carne e da mente ao em vez da satisfação espiritual de uma vida desperdiçada ajudando os outros. Seja gentil apenas se isso levar a ganho pessoal, caso contrário pratique a crueldade e não ouse dar a outra face.

Entregue-se à natureza em vez de se elevar sobre seus instintos animais. Pegue o que quiser pois, se tiver o poder para pegar, aquilo lhe pertence por direito.

Seja egoísta, pequeno e para o inferno com todo mundo.

A figura “oficial” de Satã não era o amaldiçoado e perverso Príncipe das Mentiras apresentado pelas seitas conservadoras da igreja Cristã. Esse Satã era um tio sorridente e benevolente que sempre possuía um bolso cheio de doces para dar. Esse Satã nunca punia. Esse Satã não exigia que os seguidores assassem pela eternidade para provar sua devoção.

Bem, qual dos dois é o Satã de verdade? Se Deus realmente tem muitas faces, o mal deve ter mais faces do que uma loja de efeitos especiais de Hollywood.

Apesar de LaVey incitar seus seguidores a não machucar crianças e animais, apenas adultos que por acaso estavam no caminho, o outro lado do time acreditava que o sangue oferecia poder e magia. E para eles, que Julia considerou como sendo o Campo Crowley, poder era exatamente o que Satã representava.

Não que Aleister Crowley atribuísse seu poder a Satã. Não, isso teria desviado algumas glórias do próprio Crowley, que petulantemente exigia ser chamado de Grande Besta. E assim, outro falso profeta havia infligido ao mundo suas crenças de autoengrandecimento, a magia tão preciosa que outra letra teve que ser adicionada à palavra. O mais assustador de tudo foi o casamento que Crowley fez do sangue, representando a energia vital, com o sexo, representando uma fonte de poder e magia. Naturalmente, os mais potentes elixires vieram dos fluidos dos inocentes: as crianças.

Então basicamente Crowley construiu para si um sistema religioso que permitia molestar crianças e, na verdade, encorajava isso. A ideia do sátiro gordo e drogado abusando de uma criança lhe deu ânsia de vômito. A primeira regra de Crowley era “Faça o que quiser”. Existia um inferno quente o suficiente para dar uma punição que uma pessoa dessas merecia?

— *Julia.*

O chamado veio montado no sussurro da brisa ou no farfalhar da cortina. Ela olhou ao redor na sala vazia.

Ela se empurrou para longe da mesa e caminhou rapidamente, tentando não hiperventilar. A escuridão do lado de fora da casa pressionava contra as portas e janelas, procurando por um ponto para invadir. A casa era fraca e balançou com o vento escuro.

Julia correu para o banheiro, abriu a torneira da pia e jogou água fria no rosto. Quando se olhou no espelho, mal se reconheceu. Os olhos estavam avermelhados e molhados, o cabelo enrolado com o suor. A pele estava pálida, como um cadáver andando.

Era sua culpa. Se ela não ficasse metendo o nariz no passado, se não tivesse que explorar, se não tivesse que saber, não estaria dando ataques sobre anéis de caveira, Missas Negras, falsos profetas e abuso ritual. Se ela fosse *normal*, ela poderia ter um futuro feliz a esperando.

Ela não estaria isolada em Elkwood, sozinha com Monstros que estavam fechando o círculo com máscaras malignas. Mas ela também não teria a Dra. Forrest. A Dra. Forrest era sua luz em um mundo de escuridão, a pessoa que a guiava pelos túneis do passado em direção à verdadeira Julia Stone que ela sabia que podia se tornar. A completa, curada Julia Stone, a que podia ficar ereta na luz.

Se pelo menos ela já fosse essa pessoa, em vez dessa fraca e hesitante Julia, que era mordida pelas sombras, mascada por entre os dentes de monstros invisíveis.

Ela se recostou no canto do banheiro e escorregou para o chão, as paredes do mundo entrando em

colapso. As cicatrizes em seu estômago se contorceram e o ar cheirou a mofo e podridão. A temperatura pareceu subir vinte graus e o banheiro se tornou úmido como um pântano. Ainda assim, seus dentes tiritaram e seus ossos bateram contra a cerâmica, como um esqueleto pendurado em uma corda ao vento.

Ela estava escorregando para dentro daquele oceano escuro. Dessa vez, a onda havia varrido seu braço poderoso sobre ela, esmagado seu espírito, ensopando-a em perdição. Tudo o que restou foi escorregar para baixo da superfície uma última vez. Isso era a antecâmara para o inferno, a sala de espera para o resto de sua vida.

Será que tinha sido para isso que ela nascera, para acabar destroçada e louca, para desistir sem um único pedido de ajuda?

A Dra. Forrest não gostará disso. Ela não gostará NADA disso.

Porque isso não é SUA falha, Julia. É DELA.

Ela realmente queria decepcionar a única pessoa que tinha fé nela? Isso era a recompensa correta para alguém a quem ela devia tanto?

Ela lutou para respirar, o peito preso por barras quentes de aço. Ela fechou a mente contra os dedos negros, as lembranças sinuosas, os pensamentos negativos que eram seus carcereiros. Ela pensou em luz e na voz calma da Dra. Forrest.

— Nós vamos conseguir, Julia.

Como se a terapeuta estivesse ali no banheiro com ela. Julia se agarrou a um punhado de ar mofado.

— Nós vamos passar por isso juntas — veio a voz de reafirmação. — Deixe-me conduzi-la para trás e depois incliná-la para a frente.

Sim. A Dra. Forrest poderia salvá-la.

Julia expirou, inspirou novamente, tentando ganhar ritmo. Ela ignorou o coração batendo com força, com medo que o ritmo fosse incerto. O suor rastejava sobre a pele como insetos escorregadios...

As palavras da doutora vieram novamente, como uma voz na natureza.

— Estou aqui por você, Julia. Sempre estarei aqui. Vou salvá-la.

E Julia mudou a atenção para o rosto da terapeuta, construiu sua fotografia para preencher o campo de visão mental. E a Dra. Forrest sorriu.

Julia sorriu, também. Alguém a amava. Alguém se importava o suficiente com ela para salvá-la.

Ela deitou na cerâmica, respirando com facilidade até que a tontura passou. As sombras escorregaram de volta para seus estranhos covis de hibernação, o pânico flutuou para longe como um nevoeiro em cima de um lago e as paredes de medo transformaram-se em poeira e entulho.

Logo, segundos, minutos ou horas depois, ela conseguiu se levantar. Limpou o rosto com a toalha que estava pendurada atrás da porta, evitando seu reflexo. Ela não queria se ver desse jeito.

Esse não era o modo que a Dra. Forrest queria que ela se visse.

Julia foi para o quarto, apoiando-se na parede. O quarto ainda tinha aquela atmosfera de expectativa, maculado pela invasão furtiva do Monstro. Ele havia ficado de pé sobre esse tapete, tinha respirado esse ar, havia mexido nas coisas íntimas—

Não. Ele era apenas um Monstro. Ele pagaria por seus crimes e talvez sujasse Mitchell no processo.

E ele estava fora de sua vida, todos eles estavam fora de sua vida, Mitchell, seu pai, as pessoas más, todos que haviam tentado machucá-la.

Tudo o que ela precisava era a Dra. Forrest.

Ela se certificou de que as cortinas estavam cerradas, resistindo ao impulso de verificar novamente a tranca. Ela pensou no bastão e se perguntou se deveria colocá-lo de volta debaixo da cama. Não, ela estava corajosa agora, havia ganhado força através da Dra. Forrest. Amanhã ela diria à doutora tudo sobre seu dia estranho e no final da sessão talvez conseguisse rir de tudo o que se passara.

Agora ela precisava dormir, pois a exaustão havia caído sobre sua carne tão logo o pânico a abandonou.

Ela foi ao armário pegar uma camisola.

Quando abriu a porta, ela viu um pedaço amarelado de papel preso à gaveta de roupas.

O desenho era feito com giz de cera vermelho, com a forma de uma estrela mal desenhada, com um círculo à sua volta, similar à imagem entalhada na caixa do anel.

Debaixo do pentagrama, escrito com letras infantis, estava: “OLÁ JUUULIA.”

CAPÍTULO 20

— Quem você acha que deixaria o bilhete? — A Dra. Forrest perguntou.

Julia segurou as mãos no colo, os dedos nervosos e as palmas úmidas. As paredes do consultório da Dra. Forrest sempre lhe deram conforto, mas hoje pareciam mais próximas que de costume, mais opressivas. O odor de café da cafeteira preenchia o ar. A cadeira de Julia rangeu, o ruído aumentado pela longa pausa.

Julia não podia olhar nos olhos da terapeuta. Mas a Dra. Forrest era gentil, era sua salvadora, era sua guia turística pela casa de sua mente. A Dra. Forrest não deixaria nada de ruim acontecer a ela.

— Vamos lá, Julia — a terapeuta disse gentilmente. — Você pode confiar em mim, lembra?

— Não sei dizer. — disse Julia, segurando a respiração. Os olhos queimavam pela falta de sono, os joelhos tremendo por debaixo da roupa.

— Você não sabe quem deixou?

— Não. —

— O homem foi preso por invadir sua casa.

— Exceto pelo fato de que a janela já estava aberta.

— Esse Walter... você confia nele?

Julia olhou para fora. A Dra. Forrest geralmente deixava as persianas fechadas durante as sessões, mas hoje o dia estava tão glorioso que convidava a pensamentos animados. O sol se derramando sobre as árvores verdes e vermelhas, o céu um tom macio de azul, as nuvens se espalhando finamente sobre as montanhas. Um dia de esperança, um dia cheio de otimismo, a promessa da ruína do deserto cuidadosamente escondida debaixo do esplendor vibrante.

— Eu não o conheço muito bem — ela disse finalmente.

— Fique longe dele. Ele não é um bom condutor no seu processo de cura.

— Mas ele foi gentil comigo. Além de você, ele foi o único que não me machucou.

— É natural que você se sinta vulnerável. Depois de tudo que aconteceu com Mitchell—

— Você disse que não precisaríamos mais falar sobre isso.

— Claro. Nós teremos que lidar com isso em algum momento, mas hoje vamos trabalhar no bilhete.

— É de uma das pessoas más — disse Julia com decisão. — Eles estão de volta. Eles me seguiram até aqui.

— Agora, Julia, só porque você descobriu que esse tal de Snead se mudou para Elkwood, não é uma indicação de conspiração. O passado é real, o abuso ocorreu e você sofreu tremendamente. Mas nós temos que nos dar conta de que o passado acabou, ou nunca ficaremos curadas.

Julia fechou os olhos com força. — Você sempre diz que temos que trazer o passado à vida.

A Dra. Forrest ficou de pé e caminhou até à janela. — Por que você está zangada comigo, Julia?

— Zangada?

— É porque eu não estava lá quando você precisou de mim? Porque fez essas descobertas sobre você mesma e teve ataques de pânico sem eu ser capaz de ajudá-la?

Julia roeu a ponta do dedo, um novo hábito. — Não, não tem nada a ver com isso.

— Você está me culpando, Julia?

Julia lutou contra o desejo de se levantar, ir até a Dra. Forrest, se ajoelhar e implorar por perdão. — Não é culpa sua. Nada disso. Se eu não tivesse você—

A Dra. Forrest se virou, um sorriso morrendo nos lábios. A terapeuta estava lutando para ser agradável, ainda que Julia estivesse se comportando como uma criança mimada. Julia estava sendo injusta e sabia disso. Mas ela não conseguia fazer diferente. Algumas vezes Julia achava que a Dra. Forrest carregava mais de sua bagagem emocional que ela própria.

Se ao menos eu tivesse sua força.

— Você é a única coisa que me impede de cair no buraco — Julia disse finalmente.

A Dra. Forrest retornou para a cadeira e a arrastou para perto de Julia. Ela segurou a mão da paciente. — Vamos parar com essa conversa de ficar louca, Julia. Você não é louca. Suas cicatrizes não são fruto de sua imaginação. O ataque de Mitchell não foi um sonho. O homem espiando pela sua janela não foi inventado. O bilhete é um fato, ele existe, ele é real.

Julia olhou para a bolsa onde o papel estava cuidadosamente dobrado. Ela deveria tê-lo levado à polícia. Mas ela pensar na possibilidade de encontrar Snead, ou ter seu caso designado para ele, a assustou mais que mil bilhetes estranhos. Esse Snead mítico estava ganhando poder na mente. Rapidamente ele teria quatro metros de altura, chifres e soltaria fogo pelo nariz.

A caixa de madeira contendo o anel também estava na bolsa, ao lado do bilhete. Ela não gostava de carregá-lo para todo lado e sua presença a enchia de preocupação. Ainda assim, ela não queria deixar a caixa na casa, que parecia tão fácil de ser invadida. E sua proximidade fornecia um conforto perverso, uma âncora ao seu passado ténue.

— É tudo real, Julia. — A Dra. Forrest continuou. — E você sabe o que mais é real, não sabe?

Julia assentiu. — As pessoas más. O ritual. O abuso.

— A lembrança vive em seu corpo, não é mesmo?

As cicatrizes pulsaram. Uma dor aguda correu pelas suas pernas.

— Eles fizeram isso a você, não fizeram?

Julia se encolheu na cadeira, jogando o cabelo de um lado para o outro.

— Não negue, Julia. Nós já viemos até aqui. Você está pronta para dar o próximo passo.

— Não — gemeu Julia.

— Nós podemos curar essas novas feridas. Mas a chave é derrotar a antiga primeiro. Temos que deixar isso sair. É a única coisa prendendo você, a única impedindo você de se tornar a nova Julia Stone.

Silêncio. Um caminhão passou na rua.

— Você sabe quem deixou o bilhete, não é? — A Dra. Forrest falou, com a voz mais baixa.

O pânico tropeçou para dentro do consultório, em pernas rápidas e pretas. Por que a Dra. Forrest estava fazendo isso?

— Você sabe, Julia. Compartilhe comigo.

Ela *não* sabia. Ela se contorceu na cadeira, mas não tinha para onde ir. Becos sem saída para todas as direções, o pesadelo das bordas dos precipícios, as paredes frias de porões profundos.

— O mesmo que empunhou a faca. — A Dra. Forrest esfregou os dedos de Julia.

— Você... você disse que estava tudo no passado.

A Dra. se inclinou para perto, a voz suave, tão sedutora quanto a serpente do paraíso. — Mas o passado informa o presente, Julia. Somos o que fizemos de nós.

Julia não entendia e os pensamentos estavam muito rápidos para que ela se concentrasse. O pânico rodopiou, suas garras negras deixando rastros sobre a pele. Por que a Dra. Forrest não a ajudava?

— Está vindo — arquejou Julia. — Podemos fazer um relaxamento?

— Logo, Julia. Primeiro, precisamos abordar isso. Precisamos acessar inteiramente a memória. Por que parte dela está enterrada e não podemos seguir em frente até que tenhamos exposto completamente o passado.

A mão da Dra. Forrest segurou a de Julia, apertando encorajadoramente. A doutora continuou, sua respiração no rosto de Julia. — Não segure isso, Julia. Ou devo dizer, “Juuulia”?

Julia ficou tensa, a coluna quebradiça como um giz, seus músculos doendo.

— Quem empunhou a faca, Julia?

O pânico tinha as mãos ao redor de seu pescoço, apertando sua garganta. O sangue se acumulou na cabeça, ela se sentiu tonta e desmaiando, mas não havia para onde cair.

— Quem fez isso, Julia?

— Ele fez — murmurou ela.

— Ele a abandonou, não foi? Ele a traiu.

Julia acenou freneticamente com a cabeça.

— Diga isso, Julia.

Ela queria arrancar os cabelos, arrancar os olhos das órbitas, cortar sua carne com lâminas afiadas. Qualquer coisa, menos lidar com isso. Qualquer coisa, menos lidar com o maior Monstro de todos.

— *Diga isso*, Julia. — comandou a Dra. Forrest, segurando a mão de Julia com tanta força que a machucou.

Julia procurou uma fuga nas salas de sua mente, correndo para o sótão. A Dra. Forrest estava no interior de sua mente com ela, lentamente subindo as escadas. Nenhuma tranca conseguiria manter a doutora presa do lado de fora.

Assim como nenhuma tranca conseguiria manter a verdade do lado de fora.

— *DIGA ISSO.*

— Papai — ela tentou dizer, apesar de não sentir nenhum ar passar pela laringe.

— Diga, Julia. Traga-o para fora. Não o proteja. Você não deve nenhuma lealdade a ele, não depois do que fez com você.

— Papai — ela sussurrou.

— Ele a abandonou, não foi, Julia? Ele era um deles. Ele os amava mais do que amava você. Ele amava Satã mais do que amava você.

Ela havia atingido o porão mental, era embalada pelos cantos poeirentos. Se pelo menos houvesse uma janela da qual ela pudesse pular. Atrás dela vieram os passos da Dra. Forrest na escada, e a voz suave e insistente.

— Vá de volta àquela noite, Julia.

Não. Não aquela noite. Nunca mais.

— Volte.

E subitamente ela estava anos atrás, sem hipnose, sem passar pela lenta contagem regressiva. Como ontem e hoje não fossem coisas separadas. As salas do passado residiam na mesma casa com as salas do presente, sempre a uma porta de distância.

E Julia ficou congelada em frente ao portal, com quatro anos e assustada.

As pessoas más em capuzes à volta de seu pai. Estavam gritando com ele. Eles o machucariam.

Papai a olhou, de pé em seu pijama, Chester Bear pendurado ao seu lado. Por que papai estava chorando?

Então as pessoas más a viram.

— Ela pertence a ele, não a você — disse umas das pessoas más, o mais alto. Ele levantou o punho junto ao rosto de papai. — Todas as coisas pertencem a ele. O dinheiro e a carne.

Papai balançou a cabeça. Ele estava vestindo uma túnica escura, assim como os outros. Exceto que seu capuz estava abaixado. Ela não podia ver os rostos das outras pessoas más. Ela estava tão assustada que quase urinou em seu pijama, e não tinha feito isso já fazia um bom tempo. Ela era a garota boazinha do papai e o fazia orgulhoso.

— Você não pode tê-la, Lucius — Papai disse para o homem mau.

— Não é para mim — disse ele, sacudindo o punho, a voz se tornando mais profunda e assustadora. — O Mestre ordenou.

— Não — disse Papai. — Para mim chega. Quero sair.

— Ninguém sai — disse o homem mau. — Você assinou com sangue. Você pertence a ele, assim como pertence essa prostituta Judas Stone.

As outras pessoas más se aproximaram de Papai.

— *Papai!* — Julia gritou.

— Está tudo certo, querida — disse Papai. Então ele puxou o capuz sobre a cabeça. Ela não podia ver seu rosto e seus olhos brilharam como olhos de vidro de um animal empalhado.

Papai estendeu as mãos, as mangas da túnica caindo, cheias de sombras. — Nós não machucaremos

você. Cuidaremos de você.

Ela hesitou, com medo de deixar o quarto. A escuridão às suas costas como uma longa cortina.

— Venha, Juuulia — ele arrulhou, exatamente como quando ele brincava, tempos felizes de gizes de cera, da piscina azul no quintal, bonecas cozinhando o jantar, carros e caminhões e blocos de madeira no chão da sala. Como se fosse tudo normal.

Ela deu um passo à frente. Por que papai estava usando um capuz? Será que ele não sabia que ficava assustador?

— É apenas um jogo que nós jogamos — disse Papai, indo até ela, as mãos estendidas. Como se ele quisesse abraçá-la.

— O que ele está fazendo? — veio a voz da Dra. Forrest, como se viesse de trás de uma parede. A Dra. Forrest não pertencia a esse lugar. A Dra. Forrest pertencia àquele outro lugar.

Mas a Dra. Forrest era sua amiga. A Dra. queria ajudá-la. A Dra. Forrest não deixaria as pessoas más a pegarem.

— É apenas um jogo que nós jogamos — disse Julia.

— E ele está segurando sua mão, levando você com as pessoas más — disse a Dra. Forrest. — O que está acontecendo?

— Papai está me carregando. É de noite porque está escuro e eu posso ver estrelas e estou assustada. Deixei Chester Bear cair em algum lugar. Sinto o cheiro da grama molhada.

— Você está no celeiro, não é? — perguntou a Dra. Forrest. Uma senhora tão gentil.

— Mais pessoas más estão lá e uma fumaça que cheira esquisito. Coisas estão queimando nos cadinhos. Tem uma pedra grande e cinzenta no chão. Eu não consigo mais ver as estrelas.

— Papai colocou você na pedra, não é?

Julia assentiu, confusa. Era para ela estar se lembrando, mas não queria.

Por que isso não está acontecendo. Se você fechar os olhos, isso desaparecerá.

— Não feche a porta, Julia. — veio novamente a voz da Dra. Forrest. — Você está perto.

Perto. A respiração do homem mau na pele. Alguém tira seu pijama e ela está nua e com frio. Ela tenta se mover, mas não pode. A pedra é dura nas costas.

O homem encapuzado se inclina sobre ela. Ele tem uma faca. Ela brilha no escuro, velas por todo lado, algo fede, por que existem tantas pessoas más? Todos eles têm capuzes. Qual deles é Papai?

Eles estão cantando agora, uma canção que não parece de jeito nenhum feliz. Ela olha para o outro lado da pedra, tentando não ver o homem mau. Ela vê a cabeça de bode, os pedaços rasgados do pescoço pingando sangue. Ela grita.

— Isso mesmo — disse a Dra. Forrest. — Deixe sair. Não deixe essas lembranças a acorrentarem mais.

Algo doeu dentro de sua barriga, ela está chorando, mas nenhuma das pessoas más parece notar, eles apenas ficam dizendo as palavras assustadoras sem parar.

Exatamente do jeito que ela se lembrava.

Exatamente do jeito que a Dra. Forrest havia dito que tinha acontecido.

E então o resto. Ela não consegue respirar, por que Papai está deixando eles fazerem isso com ela? Isso não é apenas uma brincadeira. Por que brincadeiras são divertidas, e isso não.

Agora o homem mau tinha uma faca e a segurava sobre a cabeça. A faca brilhava como o anel de caveira.

— O que ele está dizendo? — Perguntou a Dra. Forrest.

— Você sabe — murmurou Julia.

— Sim, eu sei, mas *you* precisa saber. Diga em voz alta e você quebrará sua magia. Ele não terá mais poder sobre você.

— Estou assustada.

— Eu sei que você está assustada, Julia. Eu sei que é difícil para você. Mas o único modo de melhorar é olhar diretamente para seus medos. — A Dra. Forrest soava como se estivesse à beira das lágrimas, a voz áspera e sufocada.

Julia recitou as palavras, imitando o cântico do homem encapuzado:

— Alteza das trevas, Satã, Mestre do Mundo, aceite essa oferenda de seus humildes e leais servos, para que possa continuar a nos fazer livres. Que assim seja.

— E o resto. — disse a Dra. Forrest, animada.

Eles disseram em uníssono, as pessoas más, Julia, a Dra. Forrest, todos combinados em uma voz gélida — Senhor Mestre Satã, nós o oferecemos esse sangue em seu nome amaldiçoado, para que possa nos sorrir e abençoar. Que você possa—

Julia parou, presa no portal, sem saber ao certo se era o passado ou o presente. Ela abriu os olhos, a Dra. Forrest inclinada sobre ela, as mãos segurando as dela, o rosto arrebatada, os olhos fechados.

A Dra. Forrest completou o cântico — Que você possa tomar como sua noiva essa prostituta Judas Stone.

CAPÍTULO 21

Julia estremeceu, mais assustada do que nunca antes estivera. Ela estava à beira de um enorme precipício e ele bocejou negro, infundável e convidativo, uma loucura total.

— Ele a cortou, não é, Julia?

A Dra. Forrest era sua única conexão com a realidade, o aperto de sua mão era a única coisa evitando que ela deslizesse para o abismo.

— Ele tirou seu sangue e seus olhos brilharam. — A Dra. Forrest parecia tão distante e perdida quanto Julia. Mesmo com os mornos raios de sol entrando pela janela do consultório, com as montanhas brilhantes espalhadas e douradas, com a realidade da cadeira, do chão, do teto e das janelas, todas as coisas sólidas do mundo pareciam ter derretido, girando em direção a um ralo escondido para o esquecimento.

— O anel de caveira. Você se lembra. — a Dra. Forrest falou.

Julia não conseguia sugar ar para dentro dos pulmões.

— Ele cortou.

Palavras como pregos.

Julia olhou o rosto torcido e rígido de sua terapeuta. Subitamente, os olhos da Dra. Forrest abriram, brilhando como a chama de uma vela, tremulando.

— Diga, Julia. Não o deixe ter essa última vitória.

— Ele...

— Diga o que ele fez.

— Ele permitiu que—

Os lábios da Dra. Forrest se curvaram em triunfo. — Sim, ele permitiu. Ele tinha o poder. Todo o poder que Satã podia oferecer. Como ele podia resistir?

Julia saltou da cadeira, livrando-se da Dra. Forrest. — Ele me deu para aquele *Monstro*.

Julia se abraçou, soluçando, os ombros tremendo. Ela caiu de volta na cadeira, se virou para olhar para fora, para escapar do consultório, mas o mundo era apenas uma prisão maior. Não importa para onde fugisse, sua mente a seguiria.

— Eu lhe disse — falou a Dra. Forrest, acalmada pela aceitação de Julia. — Agora você sabe. Agora você pode lidar com isso.

— Não — soluçou Julia. — Isso não aconteceu.

— Julia, sua recusa foi o que te manteve presa.

“Não ele.”

— Julia, incesto é comum. Tantas de nossas irmãs sofreram da mesma crueldade. E abuso ritual. Você

ficaria surpresa se eu lhe dissesse que metade de nossas pacientes femininas resgatam lembranças de liturgias satânicas.

Metade.

— Eu compartilho sua dor, Julia. Sangro com você.

— Você não compreende — disse Julia.

— Claro que compreendo. Eu estava aqui com você. Eu... estive lá antes de você.

Estive lá?

— Eu sou uma sobrevivente, Julia. Da mesma forma que você será.

— Sobrevivente?

A Dra. Forrest ficou de pé, abriu os dois botões inferiores de sua camisa e mostrou a barriga, as marcas púrpuras contra a pele pálida. Na Dra. Forrest, o trabalho havia sido completo, o pentagrama completamente entalhado, o horror escrito na página de seu corpo.

— Você? — Julia não sabia o que dizer. De que adiantavam as palavras?

A Dra. Forrest fechou os botões da camisa com movimentos rápidos e eficientes. Ela sorriu, mas seus olhos estavam distantes e desfocados. Talvez ela estivesse olhando através das salas de sua própria casa, vasculhado em porões secretos.

Julia olhou para o relógio da parede. Duas horas haviam se passado. Ela havia se entregado, aberto o crânio e dado o cérebro em uma bandeja para a Dra. Forrest. E seu espírito havia deslizado pela ferida, se misturado com as sombras, e agora estava perdido.

— Nós podemos derrotar isso, Julia. Agora vamos para a frente.

— Sinto muito Dra. Forrest. Sinto que isso tenha acontecido com você.

— Não sinta. Sofrimento é para os fracos, os emocionalmente deficientes, para aqueles que estão à sua frente. Nós devemos lutar por equilíbrio, Julia.

Julia olhou maravilhada para o rosto da terapeuta. A Dra. Forrest havia se exposto, havia aberto os próprios aposentos escuros e agora estava calma como estivesse falando de margaridas em uma floreira de janela.

Se essa mulher, que sofreu terrores além da imaginação, podia ficar forte o suficiente para ajudar outras pessoas, é tempo de eu parar de sentir pena de mim mesma.

Mas a ferroadada da lembrança pairou sobre ela novamente e a força da admissão atormentadora soprava como um furacão. Ela cerrou os olhos com força, mas tudo o que conseguia ver era um homem encapuzado sobre ela, a pele quente e suada sobre a dela, o anel de caveira no pulso que segurava a faca, os rubis gêmeos brilhando tão forte quanto os olhos sob o capuz—

— Julia, olhe para mim.

Ela abriu os olhos, estremecendo, as lágrimas frias no rosto.

— É natural que você esteja assustada — disse a Dra. Forrest. — Fica mais fácil. Aceitar é a primeira parte da cura. Daqui para frente, nós vamos adiante.

Julia assentiu. *Adiante.*

— Agora você está pronta para abraçar a verdade completa. Mas teremos que ir lentamente.

Julia começou a colocar as lembranças para longe, o trauma emocional da sessão, como se fossem blocos de notas nos armários de sua mente. Ela precisava se recompor e ir ao encontro dos compromissos da realidade. Ela estava atrasada com o trabalho e a data final de entrega era nessa noite. E a polícia tinha ficado de vir à sua casa para coletar impressões digitais.

Ela se curvou para pegar a bolsa e parou com a mão na alça. — E sobre o desenho?

— Não vamos nos preocupar com isso agora. — A Dra. Forrest se aproximou e ficou de pé ao lado da cadeira de Julia. — Eu acho que você tem o suficiente para organizar por agora, sem ter que pensar nisso. Na verdade, acho que seria melhor se eu ficasse com ele para você. Pelo menos por uma semana ou duas, até que você esteja pronta para encarar os problemas recentes.

Julia aninhou a bolsa sobre o colo. Ela não estava certa de deixar o papel se ir. A polícia talvez necessitasse dele para provar que o João Espião tinha entrado ilegalmente em seu quarto. Provavelmente tinha impressões digitais nele.

Mas como ele poderia saber sobre o pentagrama e sobre “Juuulia”?

Talvez a Dra. Forrest estivesse certa. O desenho só havia lhe causado preocupação. Se ela se livrasse dele, talvez pudesse seguir com sua cura. Longe dos olhos, longe do coração.

Ela abriu a bolsa e entregou o papel dobrado para a Dra. Forrest. A terapeuta sorriu, os olhos cinzas quase regozijantes. — Você vai ficar bem, Julia. Você vai ficar perfeita.

Julia fechou a bolsa, a caixa de madeira ainda enterrada debaixo de Kleenez, escova de cabelos, carteira, telefone celular e chaves. Ela manteria o anel em segredo até a próxima sessão.

— Tempo de curar todas as feridas, Julia — disse a doutora.

Tempo, talvez curativos adesivos e uma salva de esperança. E fé, se ela conseguisse encontrar alguma.

CAPÍTULO 22

Rick O'Dell se aproximou da mesa de Julia após o almoço, o sorriso confiante em contraponto de seu humor negro.

— Então, como foi de férias? — Perguntou Rick. As mangas da camisa estavam arregaçadas, a gravata cuidadosamente torta. Ele estava comendo uma rosquinha, mordiscando-a como um rato chato.

— Refrescante. — Julia olhou de volta para a tela do computador.

— Você está com cara de que mal pregou o olho. Quem foi o sortudo?

Com certeza não foi você, Sr. Vai-Sonhando-Alto. Minha vida privada não é assunto seu.

Ela controlou a irritação. — Olhe, Rick, estou bem atrasada. Tenho quatro artigos para fazer e o prazo está curto.

— Tocante. Você não quer saber as últimas notícias sobre a minha teoria de sacrifício satânico?

Os dedos de Julia congelaram sobre o teclado. Ela estremeceu na cadeira, esquecendo a determinação de ficar indiferente a ele. — Na verdade, eu estava me perguntando sobre isso.

— Você ainda tem isso aí dentro. Uma vez que a investigação criminal entra no seu sangue, nunca sai.

— Rick, eu sou apenas uma fachada agora. Não se preocupe, não vou tentar roubar seu trabalho.

Rick riu, o menino maravilha confiante nos dois prêmios jornalísticos sobre sua mesa. — Eu acabei de receber uma cópia do relatório preliminar do legista. Marcas ritualísticas, feitas com uma lâmina. Nenhuma impressão digital, infelizmente. A vítima segue sem identificação. A Autópsia mostrou traços de morfina e — olha isso — beladona.

— Beladona?

— Sim. Também conhecida como “veneno de bruxa”. Longamente associada com magia negra e culto a Satã. É conhecida como substância alucinógena, apesar de ser na verdade um veneno.

— Eu sei o que é a beladona. Mão Gloriosa e tudo o mais. Então o que o matou, os ferimentos ou o veneno?

— Pelo que conseguem dizer agora, ele provavelmente estava ficando doidão quando a faca desceu a primeira vez. — Rick colocou mais um pedaço da rosquinha na boca, migalhas caindo pelo queixo. Ele limpou a mão na calça. — Se ele teve sorte, estava morto antes de lhe cortarem fora a cabeça.

— Você está dizendo “eles”. Alguma evidência de que isso tenha sido obra de um lunático solitário?

— Quem liga para evidências? A história é doce.

— O daily está nisso?

— Você não lê os jornais?

— Não se eu puder evitar.

— Eles estão estritamente dourando a pílula. Os policiais os estão alimentando com uma linha de

investigação péssima e enquanto eles puderem publicar a frase do dia, estão felizes. — Rick puxou alguns recortes do bolso da camisa e leu.

— A polícia diz que estão perseguindo novas evidências no caso de uma vítima de assassinato cujo corpo sem cabeça foi encontrado na semana passada. Os investigadores agora acreditam que o corpo foi abandonado dentro do rio Amadahee quilômetros a montante e que é improvável que o crime tenha ocorrido nessa área. — Rick olhou para Julia sobre os óculos. — Que tal isso como reviravolta?

— Nada mal. O escritor deveria trabalhar com relações públicas.

— A escritora era a editora do daily. Os rumores dizem que ela foi amante do xerife e de alguns membros do conselho e não apenas amante da política, se você me entende.

— Informação demais, Rick. Meu dia estava péssimo o suficiente sem saber disso.

— Aqui estão as notícias de ontem. “O chefe de investigação tenente T.L. Snead diz —

— *Quem?*

— Snead. Supostamente algum detetive fodão de uma grande cidade. Está aqui a apenas alguns meses, entretanto, de forma que o júri ainda está na cola dele.

— Snead. — Julia ficou olhando para o teclado, a barriga tensa.

Rick se aproximou, aproveitando-se da quebra de contato visual para fechar o espaço entre eles. — O que tem esse Snead? Você o conhece?

Não. É tudo uma coincidência. Policiais não são transferidos justo em tempo para um sacrifício ritual aparecer boiando no rio. Snead não me seguiu a partir de Memphis como um agente de Satã. O diabo não estava espreitando minha alma imortal, porque eu não tenho certeza se eu ainda tenho uma.

Julia ignorou a capa escura de pânico que se moveu nos cantos de sua mente. — O que esse Snead diz?

— Ele acredita que a identificação será complicada pelo fato do corpo estar tanto tempo dentro da água. A pele estava muito ruim para a coleta de impressões digitais. E sem a cabeça, registros odontológicos são inúteis.

— Nossa, que conveniente. É quase como se um perito forense tivesse cometido o assassinato.

— Ou então um bando de gente maluca que são insanamente sortudas. — Rick se inclinou e arqueou as sobrancelhas, tentando parecer sinistro. — Ou o talvez impressionante poder de Satã esteja protegendo o covil de ser descoberto.

Por um breve instante, um segundo rosto se sobrepôs ao de Rick, um rosto com olhos vermelhos, um nariz largo e preto e uma barbicha de bode. Um rosto distorcido pelo mal.

Julia rolou a cadeira para longe. — Não faça isso, Rick.

Rick sorriu, mas seu sorriso era como o do anel de caveira, sinistro e doente. Ele tentou rir, mas o ar morreu na garganta.

Julia se pôs de pé e caminhou para o canto da sala.

Rick começou a segui-la. — Ei, eu não sabia que você era tão nervosinha.

Ele colocou a mão em seu braço, mas ela o puxou.

Satã não existe. A Dra. Forrest diz que os monstros estão apenas na minha mente.

Ah, mas monstros podiam machucar a carne. Papai. Lucius. Mitchell. João Espião. As pessoas no covil que a marcaram para o resto de sua vida. E talvez, apenas talvez, houvesse um monstro dentro dela, envolta de seus ossos, tomando dela todo momento, respiração e pensamento.

— Ei, desculpe-me, Julia. — Suas mãos flutuaram como se ele quisesse tocá-la, ou dar-lhe um lenço, qualquer coisa para acabar com aquela desconfortável demonstração de emoção.

— Apenas saia — disse Julia. — Tenho trabalho a fazer.

Rick se afastou, parando à porta. — Caracas, espero que você melhore. Acho que você não vai querer sair para jantar, não é?

A pior parte era que ela não sabia dizer se ele estava brincando. Ela o enxotou com as mãos, sentou à mesa e pressionou as palmas das mãos contra os olhos até que cores vivas empurraram para longe a imagem do rosto de bode de Rick. Deus, se ela comesse a ver coisas, era melhor dar entrada no quarto de borracha agora. Visões eram um dom para os abençoados ou para os malditos. A qual dos dois grupos ela pertencia?

Julia terminou seus artigos e foi para casa perto das sete da noite. Ela dirigiu rápido, correndo contra o sol pois não havia deixado as luzes da casa acesas. O pensamento do que a poderia estar esperando no armário a preencheu com um terror visceral. Ela chegou em Buckeye Creek Road logo antes do anoitecer. A Sra. Covington estava sentada na cadeira de balanço na varanda da frente de sua casa quando Julia passou. A senhora acenou para ela.

Julia olhou com cuidado para o prédio de apartamentos. O Monstro poderia ter sido liberado sob fiança e já estar atrás de sua janela, com um binóculo nas mãos. A floresta estava quieta, as árvores se preparando para o longo sono de inverno. As montanhas eram tão sólidas e pacíficas que Julia quase se convenceu de que tudo estava normal, que Elkwood era um lugar seguro e que o passado não estava a seguindo, pé ante pé, com os braços estendidos.

Se Deus existisse, ele certamente construiria seu reinado terrestre nessa fortaleza de granito. Mas seus portões estariam abertos ou ele se armaria contra companhia insalubre e malquista?

Julia parou no jardim além do corrimão da varanda. A Sra. Covington bebeu seu chá e acendeu um cigarro. A ponta vermelha rilhou no escuro. — Como vai você, Julia?

— Estou bem, Sra. Covington.

— Me chame de “Mabel”, querida.

— Sim, senhora.

— Os policiais deram um grande show ontem, não? — A mulher sugou o cigarro, seu brilho lançando estranhas sombras no rosto enrugado.

— É verdade. Eles prenderam um sujeito por invadir minha casa. Ele roubou minha—

— Eu não disse para você tomar cuidado com ele?

— Ele invadiu minha casa e—

— E não foi a primeira vez. — A Sra. Covington deu uma tragada e deixou a fumaça rodear o rosto. A varanda rangia no ritmo da cadeira de balanço. — Eles o deixaram livre. Eu o vi por lá com os colegas dele, bebendo cerveja como se não ligasse para nada no mundo.

— A polícia ficou de vir a minha casa hoje para coletar impressões digitais.

— Nem se preocupe com a lei. Você faz melhor cuidando de si mesma.

Julia deu uns tapinhas na bolsa. — Eu tenho um spray de pimenta. E um bastão de beisebol debaixo da cama.

A senhora riu. — Tão bom quanto uma arma. Apenas tenha certeza de que vai usar na pessoa certa.

A fumaça de tabaco envolveu Julia, primeiro adocicada, depois enjoativa. — Eu pensei que o pessoal das montanhas era de confiança.

— Isso é o que eles mostram na TV. Pessoas são pessoas em todo o lugar, penso eu. Alguns bons, outros ruins e algumas vezes você não sabe dizer quem é o quê.

— Bem, eu estou feliz que Walter estava aqui quando o Monstro arrombou. Nem sei dizer o que teria acontecido se não fosse por ele.

A Sra. Convington parou de se balançar e se inclinou para a frente. — Isso pode ter sido uma coincidência conveniente, você não acha?

— Coincidência? — Julia preferia pensar nisso como tendo sido boa sorte. Ela merecia um pouco dela, não?

— Ele tem estado à volta bastante nos últimos tempos.

— Ele me disse que estava trabalhando para você ontem.

A Sra. Convington jogou fora a guimba do cigarro. O rosto quase indiscernível nas sombras. Por que a mulher não estava com a luz da varanda acesa, como de costume?

— Claro, ele estava trabalhando para mim. Mas ele poderia ter feito o serviço a qualquer momento. E ele veio até sua casa duas vezes enquanto você estava fora. Andou por detrás da casa onde eu não consegui vê-lo.

A cabeça de Julia girou com essa informação, tentando casá-la com o que Walter havia contado. — Ele parece legal para mim.

Tão legal quanto qualquer um nesse novo futuro onde meu amante me ataca, minha psiquiatra tem uma cicatriz de pentagrama, a polícia deixa um perverso andar livremente e corpos sem cabeça flutuam rio abaixo.

— Ele está mantendo um olho em você, mas estou mantendo um olho nele. — Um gato caminhou pela varanda como uma sombra móvel.

— Bem, se você não confia nele, por que ele trabalha para você?

— Ele é da montanha. Conheci alguns da sua família e meio que senti pesar quando ele enfrentou tempos difíceis. Ele pode não ser inocente, mas até o momento não consegui ver nada de errado com sua história. E eu passo um bom tempo observando. É por isso que o mantenho por perto.

— Ele parece estar dando certo. — Julia se remexeu e mudou a bolsa de ombro. Ela se pegou pensando se sua porta estaria destrancada. Ou se Walter estaria escondido no armário, esperando por ela, um homem que possuía a chave de sua casa.

Julia moveu-se para os degraus da varanda, se sentindo perdida, apesar de estar a alguns passos do corrimão. Uma luz veio de um dos apartamentos e Julia se perguntou se seria da janela do Monstro. Será que ele ousaria voltar para roubar mais algum prazer que houvesse esquecido em seu quarto, ou para terminar o serviço de roubar o anel de noivado?

E se Walter tivesse uma agenda secreta e seu rosto fosse apenas uma máscara de um assassino sociopata?

Não. Julia se recusava a acreditar nisso, não do homem que havia sentado na sua sala na noite passada. Ela não conseguia enxergar aquelas mãos gentis, mas fortes, envoltas em uma garganta, apertando, apertando, os dedos afundando na carne macia. O rosto que havia ficado vincado quando ele sorrisse não podia virar uma máscara mortífera e punitiva. E sua fé cristã parecia ser sincera. Walter simplesmente não era capaz de machucar alguém sem uma boa razão.

Mas até aí, Mitchell havia mantido seus impulsos violentos cuidadosamente trancados, escondidos sob olhos que disfarçavam quaisquer estranhas tempestades fermentando dentro de sua cabeça.

— Os policiais estiveram por aí de novo — disse a Sra. Covington.

— Bom. Eles disseram que seguiriam o arrombamento e entrada.

— Eles não estavam seguindo muita coisa. Entraram na sua casa por um tempo.

— Dentro da casa? Onde eles pegaram a chave?

— Parece que ninguém precisa de uma chave para entrar na casa do Hartley. — A Sra. Covington parou de balançar, o gato bufou, pulou para a sacada e fugiu. — Temos companhia.

Julia olhou para o contorno obscurecido do rosto da mulher, com a rede de rugas de sabedoria. O vento mudou sutilmente, mexendo as folhas. Sob isso, baixo, mas aumentando, veio o som de um motor de carro na rua. Faróis varreram em uma curva e passaram pela casa da Sra. Covington. Era o jipe de Walter.

— Falando no diabo — murmurou a Sra. Covington.

Walter estacionou em frente à casa de Julia, desceu e caminhou pela varanda. Ele carregava algo que Julia não sabia dizer o que era.

— Como vai, Sra. Covington. — disse ele, falando, em seguida, mais baixo — Oi, Julia. Eu passei para ver como você estava.

— Como vai, Walter — disse a Sra. Covington. — Diga, sua tia Peggy vai fazer aquela torta de manteiga esse ano?

— Assim que as maçãs terminarem de cair.

— Ela sempre foi a melhor cozinheira na família Triplet, no meu caderninho. Não diga isso para sua mãe, entretanto.

O sorriso de Walter brilhou na fraca luz dos apartamentos. — Eu não sou tão estúpido quanto pareço. — E então, para Julia — Dei uma olhada no eletrodoméstico que você me deu para consertar. Ele levantou o embrulho que estava carregando.

— Ótimo — disse Julia, não querendo conversar sobre relógios possuídos na frente da Sra. Covington, que provavelmente já pensava que Julia não batia bem da cabeça, pelo modo como ela verificava duas vezes as trancas, mantinha as janelas fechadas no calor do verão e raramente se aventurava do lado de fora da casa depois de escurecer.

— Quando você virá terminar com as folhas do quintal? — Perguntou a Sra. Covington.

— Está na minha lista. — Ele se moveu para mais perto de Julia. — Você recebeu notícias da polícia?

— O Monstro está solto — disse ela. — Acho que ele tem amigos.

— Vai saber.

A Sra. Covington observava na escuridão. Julia disse — Tenho que ir, Sra. Covington. — Eu a vejo amanhã.

— Tudo bem — disse ela. — Lembre-se das minhas palavras, está me ouvindo?

— Boa noite — Walter disse para a velha, cuja mão se agitou em um aceno.

Julia caminhou para casa, Walter ao seu lado. Quando eles estavam fora do alcance da audição da Mabel Covington, Walter disse — Ela é uma coisa velha esquisita, né?

— Todo mundo é estranho por aqui. — disse Julia.

— Todo mundo. O que isso quer dizer?

Significa que se eu não estivesse com medo de um Monstro me esperando em casa, pensaria que você está passando dos limites novamente. Significa que talvez eu não seja maluca, talvez seja o resto do mundo e por minha sanidade solitária eu sou a peça que não se encaixa no quebra-cabeças.

— Estou apenas cansada daquela conversa sem sentido. — Ela procurou a chave na bolsa, segurou o spray com a mão e destrancou a porta. Antes de entrar, ela relanceou os olhos para a varanda de Mabel Covington. A mulher havia acendido outro cigarro e o brilho oscilava com a cadeira de balanço. Julia entrou e acendeu a luz, piscando com o brilho.

— Deixe a porta aberta, se você não se importa — disse ela para Walter.

— Os insetos vão entrar e comer você viva.

— Não é com os insetos que estou preocupada. — Ela deslizou o spray para dentro do bolso onde poderia pegá-lo rapidamente, caso fosse preciso. Ela não se sentou na cadeira, esperando que Walter pegasse a deixa.

— Seu olho parece melhor — disse ela. O inchaço havia diminuído, apesar da pele ao redor do olho ainda estar avermelhada.

Walter pegou o relógio da bolsa e o colocou na mesa, ao lado dos cartões de beisebol. — Como disse, não sou especialista em eletrônica, mas não pude encontrar nada de errado com ele. As placas do circuito parecem normais e eu nunca ouvi falar de um circuito integrado ficando pirado.

— Então seu diagnóstico é que eu o jogue fora e o esqueça?

— Algumas vezes algo quebra e você tem que substituí-lo.

Ela se afastou e bocejou, apesar do pulso estar acelerando — Estou cansada, Walter. Foi um dia longo.

Walter concordou, sem olhar para ela. Será que ele estava pensando no quarto esperando por ela alguns metros adiante, no corredor? Ou na esposa perdida?

— Obrigada por verificar o relógio — disse Julia. Ela pensou se conseguiria pegar o bastão sob a cama se ele resolvesse atacá-la. Ela tentou parecer sonolenta sobre o medo que sentia e então ficou com raiva de si mesma por duvidar da única pessoa que a havia ajudado.

— Ela tocou no assunto, não foi? — Walter ainda fitava o chão, ou talvez os anos passados.

— Que assunto?

— Sobre minha esposa.

Julia colocou a mão no bolso, tocando o spray. — Bem..

Walter fechou os punhos. Seu rosto enrijeceu, as marcas não mais alegres. — Ela provavelmente estava metida nisso.

Julia não sabia se ele estava falando sobre a esposa falecida ou Mabel Covington. — A Sra. Covington?

Walter caminhou até a porta aberta, sem olhá-la. — Nada. O passado não mais importa.

Ele iria sair e estava agindo como se nada tivesse acontecido. Ela não podia deixá-lo fazer isso, não queria perder aquele pequeno pedaço qualquer de sentimento, que se mexia dentro dela quando ele estava por perto.

Julia correu até ele, pensando se Mabel Covington estava ainda na varanda, vigiando e aguçando os ouvidos para as fofocas de amanhã. — Walter, o passado importa sim. Especialmente se ele machuca.

Walter se virou à porta, um sorriso triste cruzando seu rosto. — Não. Se ele machuca, você o esquece. Você o enterra tão fundo quanto o inferno, do mesmo modo que você faz com seu animal de estimação favorito da infância quando ele morre. Então você fica de joelhos e reza, mas o que você mais faz é pensar porque Deus faria uma coisa tão terrível.

Julia se viu regurgitando os aforismos da Dra. Forrest. — Não. Você deve cavar, trazer para a superfície, reconhecer o poder que tem sobre você. E então você pode começar a se curar.

Walter balançou a cabeça. — Parece com aquelas porcarias de propagandas New Age daquela pequena loja de cristais do centro.

— Você é religioso. O que pensa que Deus quer que você faça sobre isso?

— Continue vivendo. Achar algo que valha a pena agarrar, uma razão para levantar de manhã. — Walter finalmente encontrou seus olhos. Seu olhar era quente, o cinza desaparecendo das íris, uma cor dourada radiando de lá. — E se segurando na fé, a despeito de tudo. Se esse mundo falhar, pelo menos você tem o próximo.

Julia se perguntou porque a raiva dele não a assustou. Ao contrário de Mitchell, a raiva de Walter era direcionada contra algo maior, algo além de seu alcance. Se ele era um Monstro, sua crença fazia dele ainda mais ameaçador, pois tocava um mistério maior que ela não conseguia entender.

Walter olhou através da porta para as florestas ao norte da cidade. — Nós estávamos dormindo em nossa barraca, lá acima, nas florestas ao norte da cidade. Eu acordei no meio da noite e ela tinha desaparecido. Estava escuro como breu, a lua tinha se posto, quase não haviam estrelas no céu. Vasculhei na floresta procurando-a, gritando seu nome até ficar rouco. É um milagre que eu não tenha caído em um daqueles precipícios.

Lágrimas brilharam no rosto de Walter. Ele se virou e continuou. — Quando a manhã veio, eu dirigi pela montanha toda, pedindo ajuda. Procuramos por toda uma semana. Nunca encontramos nenhum sinal dela. Foi como se ela levantasse e desaparecesse da face da terra.

Julia queria tocá-lo, segurar sua mão, mas ela mal sabia como lidar com as próprias emoções, muito menos confortar outra pessoa. — O que você acha que aconteceu?

Depois de uma longa pausa, na qual Julia podia ouvir o frio canto dos grilos do lado de fora, Walter disse — Eu acho que ela estava por perto. Ela deixou os sapatos na barraca. Eles acharam algumas de

suas pegadas no outro dia. Outras pegadas foram encontradas também, e a trilha ficou confusa. Os cães farejaram sua trilha por um tempo, mas então ela desapareceu dentro de um riacho. Mesmo que estivesse sonâmbula ou algo assim, aquela água fria a teria acordado.

— Sinto muito, Walter.

— Não foi sua culpa.

— Eu sei, mas—

— Esqueça — ele interrompeu. — Isso foi há muito tempo. Quando algo ruim acontece, você pode congelar, como seu relógio quebrado lá na mesa, ou pode dar a volta por cima e seguir em frente. Ela está com o Senhor agora, então talvez esteja melhor, de qualquer modo.

Esquecer. Será que Walter era como ela, apenas meio vivo, parte dele fatalmente ferido anos atrás? Mesmo sua cristandade não era suficiente para consertá-lo.

Julia cruzou os braços. — Você não está me contando a história toda — disse ela.

— Não existe história nenhuma — disse ele. — Inferno, grande parte das pessoas na cidade pensam que eu dei cabo dela. Você sabe como é sentir os olhares presos às suas costas quando você caminha pela rua? Como se alguém estivesse vigiando você nas sombras?

Ah, sim. Julia sabia como era. Ela era a garota propaganda do pânico e paranoia.

— Desculpe gastar seu tempo — disse ele. — Você não precisa dos meus problemas. É você que teve um Monstro entrando em sua casa.

— Obrigada por cuidar de mim. Faz com que eu durma melhor.

— Ainda está com aquele bastão mortal à mão? — perguntou ele.

— Estou preparada para qualquer coisa

— Estou rezando por você. — Ele acenou em despedida e foi embora. Julia olhou para o relógio e os cartões de beisebol e correu atrás dele.

Da porta, Julia chamou — Se eu alguma vez puder fazer algo por você—

Ele havia sumido, perdido na escuridão e ela ouviu o jipe sendo ligado.

— Deixe-me saber — murmurou ela.

Julia pensou nas palavras de despedida dele e considerou um possível duplo sentido. Talvez rezando por ela não significasse que estava pedindo que Deus a ajudasse. Talvez ele estivesse pedindo a Deus que fizesse de Juulia sua possessão. Se ela fosse mais corajosa, ou mais medrosa, perguntaria diretamente a Deus, mas estava com receio de receber uma resposta.

Ela fechou e trancou a porta.

CAPÍTULO 23

O toque do telefone acordou Julia um tempo antes do amanhecer. Ela rolou, chutando os cobertores, presa por um momento em um sonho estranho no qual havia sido enterrada viva. A cama estava molhada com o suor. Ela olhou de soslaio o relógio antes de lembrar que estava dentro do cesto de lixo.

Julia procurou atrapalhada o telefone celular na cômoda e quase o jogou no chão antes de finalmente conseguir colocá-lo próximo ao ouvido. Apenas chamadas importantes vêm durante o sono, geralmente com notícias ruins. Mas ultimamente não houve outro tipo de notícia. — Alô. — disse ela, tentando não soar grogue de sono.

— Julia.

— Dra. Forrest?

— Você não está obedecendo minhas ordens.

— Ahn? — Julia lutou para se sentar.

— Eu lhe disse para ficar longe daquele homem. Ele não é um bom condutor no seu processo de cura.

— Qual homem?

— Você sabe. Você sonhou?

Julia tentou se lembrar, apesar de saber que somente coisas ruins a aguardavam nas sombras cinza da semiconsciência. — Sim. Acho que Papai me colocou em um quarto, mas na verdade era uma caixa, e eu não conseguia respirar e bati nas laterais tentando sair—

Ela se deu conta de que os braços estavam machucados e se questionou se havia sido amarrada durante o sono.

— Você sabe o que isso significa, não sabe, Julia?

— Não — disse Julia, com medo de descobrir.

— Seu pai a oprimiu durante anos antes do abuso ritual na verdade ocorrer.

— Mas eu era uma criança pequena. Como eu poderia lembrar disso?

— A memória está na carne. Algumas mulheres relataram experiências de tentativa de aborto, lembranças criadas quando ainda estavam no útero.

— Antes de terem nascido? — Julia estava bem acordada agora, o coração acelerando, qualquer relaxamento que ela pudesse ter adquirido no sono perdido há muito tempo.

— Nós estamos apenas começando a entender a memória e como a mente armazena a informação. É possível que a memória funcione a nível celular de forma que mesmo o momento da concepção é gravado em algum lugar. Claro, é o sistema de recuperação que é falho. Por isso você precisa de ajuda.

Julia pensou nas palavras de Walter, sobre como algumas vezes é melhor deixar o passado em paz. — Talvez não seja um boa ideia lembrar no fim das contas.

A Dra. Forres suspirou. Julia pensou se a mulher havia dormido.

— Julia, precisamos curar você. Precisamos de mais sobreviventes. Existe força nos números. É tudo uma questão da verdade. E é tudo uma questão de compartilhar.

— Eu... por que você não me contou antes que também havia sido abusada?

— Porque sou a doutora, Julia. E a única razão pela qual lhe contei foi para que soubesse que não está só.

Julia tentou limpar a escuridão dos olhos. — Que horas são?

— Um pouco depois das quatro.

— Por que você está ligando?

— Você precisa de mim, não é?

— Claro.

— Conte-me o que mais aconteceu em Memphis.

— Eu contei tudo.

Exceto sobre a parte dos blocos de madeira espalhados sobre a mesa, o anel de caveira prateado e talvez uma ou duas coisas que ou eu esqueci ou estou mentindo para mim mesma.

— Julia. Não guarde segredos de sua terapeuta.

— Eu não estou guardando segredos.

— Você conversou com um detetive. Você foi novamente até a casa de sua infância. Você viu o celeiro onde foi vítima de abuso ritual satânico. Por que você não chamou a polícia e contou a eles sobre suas lembranças do celeiro?

Quem havia lhe contado essas coisas? — Porque eu estava com medo.

— Medo de quê? Nunca tenha medo da verdade.

— Porque eu não acho que a polícia teria acreditado em mim. Eu também não acho que eles teriam acreditado em mim sobre o ataque de Mitchell.

— Eu sou a única pessoa na qual você pode confiar?

Não. Talvez ela pudesse confiar em Walter. Será que poderia? Seu pulso batia nas têmporas e ela esfregou a testa. — Sim, Dra. Forrest.

— Então você fará o que eu digo?

— Eu quero melhorar.

— Venha ao meu consultório hoje. Tem alguém que eu gostaria que você conhecesse.

— Hoje? — Julia pensou sobre a reunião de trabalho no jornal. Ela ainda tinha bastante trabalho atrasado para fazer.

— Dez da manhã.

— Acho que não vou poder.

— Você virá. Você quer ficar boa, não quer?

— Sim.

— Você quer se tornar a pessoa que deveria ser.

— Sim.

— Você quer ficar livre.

— Claro que quero.

— Ele é seu dono, Julia. — O fone estalou quando a doutora desligou.

Julia baixou o telefone celular e sentou na beira da cama. *Ele é seu dono*. A escuridão à sua volta cresceu em substância, pressionando contra ela como uma geleia preta e grossa.

Um leve som vinha da janela, como as penas de um pássaro raspando o vidro. Julia virou-se na direção das cortinas. Duas manchas vermelhas brilhavam lá.

Julia quase mergulhou debaixo dos cobertores, para enterrar a cabeça e deixar o pânico consumi-la e talvez prender a respiração profundamente pela última vez. Os olhos não poderiam ser vermelhos. Deve ser João Espião, de volta para uma segunda ajudinha.

Seu rosto corou de raiva. Ela gostaria de ter certeza de que ele nunca espiaria novamente. Ela levou a mão para debaixo da cama, agarrou o Louisville Slugger e correu para a janela.

Ela ouviu a voz, clara e distintamente — Ele é seu dono.

Julia largou o bastão. As duas manchas vermelhas haviam desaparecido.

A manhã chegou, a luz cinza preenchendo o quarto. Julia tomou um banho entorpecida, se vestindo no banheiro. Ela manteve o bastão por perto. Quando estava vestida, ela chamou a polícia. Ela deu seu nome e perguntou se o responsável pela investigação do caso do João Espião poderia encontrá-la às dez horas no consultório da Dra. Forrest. Quando o policial perguntou mais informações, Julia desligou.

A manhã estava escura, nuvens opressivas espalhadas em uma camada pesada sobre a cabeça, o ar parado. Mesmo as folhas coloridas pareciam desbotadas, tons amarelos e vermelhos agora se aproximando de um marrom. Um leve nevoeiro escondia as montanhas circundantes e o odor de chuva eminente lutava com os odores do apodrecimento do outono e grama. Ninguém festejava nos apartamentos do outro lado da rua e a cadeira de balanço de Mabel Covington estava vazia.

Julia chegou nos escritórios do *Times* para ver que Rick a estava esperando em sua mesa. — Nossa, você está péssima — disse ele, mexendo o café com um lápis.

— Bom dia, senhor compaixão. — Julia esperou que perguntasse novamente quem era o cara de sorte que a manteve acordada a noite toda, mas ele apenas pressionou os lábios e acenou com a cabeça.

— Algo de novo na sua teoria do assassinato satânico? — Perguntou ela.

— Não. Tenho uma entrevista com Snead essa manhã. A editora me amará por essa.

Se ela o ama a metade do que você se ama, isso será o romance dos próximos séculos. — Boa sorte. Bem, tenho trabalho a fazer. Como sempre.

— Nós temos vários dias antes do prazo. — Ele se moveu para mais perto de Julia. — Por que essa pressa?

Julia olhou nervosamente para os cantos do escritório. Seu coração estava batendo rápido, o pânico crescendo em uma maré negra.

— Ei, qual é o problema? — Rick colocou o café na mesa dela, recuou e ergueu as palmas para cima, a expressão tão inocente quanto um urso de pelúcia.

Julia colocou o cotovelo na mesa e segurou a cabeça com a mão. — Apenas cansada, só isso.

— Bem, eu ia perguntar se você gostaria de sair com alguns de meus amigos, mas acho que não. Ele é seu dono.

Julia girou na cadeira, tentou levantar, mas seus joelhos estavam muitos fracos. Ela arquejou algumas vezes, lutou por um pouco de ar nos pulmões e murmurou — O que você falou?

— Meu Deus, o que há de errado com você, Julia?

— Você disse “Ele é seu dono”.

As sobrancelhas dele elevaram-se. — Eu não disse nada disso.

As batidas do coração de Julia metralharam por suas veias, a garganta apertada.

— Você deveria ir para casa e descansar um pouco — disse Rick, dando um passo para trás. — Você não parece muito gostosa.

Julia tirou uma garrafa de água da bolsa e tomou alguns goles. Suas mãos tremiam tanto que a água chocalhou dentro da garrafa plástica. Ela estava envergonhada que Rick a visse nesse estado. — Acho que estou pegando essa gripe.

Rick se aproximou da porta. — EU veria um médico, se fosse você.

— Eu vou. — disse ela. — Dez da manhã.

— Bem, não morra ou qualquer coisa parecida antes disso — disse Rick lançando um olhar a dois artistas gráficos que passavam pelo corredor, como se eles pudessem prestar algum atendimento médico de emergência, ou pelo menos encobrir sua fuga.

— Ficarei bem — disse ela. — Eu apenas gostaria de trabalhar um pouco até lá.

— Certo — disse Rick, evitando os olhos dela. — Bem, tenho que me preparar para a entrevista.

— Tchau — disse ela, mas ele já tinha ido. Julia olhou na bolsa aberta. A caixa a esperava sob a carteira, o chaveiro e os lenços. Seus dedos coçaram para tocá-la, apesar da lembrança da estranha eletricidade ainda assombrá-la.

Ela enfiou a mão na bolsa e remexeu pelo fundo até sentir a caixa de madeira. Seus dedos exploraram o emblema entalhado. Ela abriu a tampa e mexeu no tecido. Ela tocou o metal frio e tirou o anel da bolsa.

Julia segurou o anel entre o indicador e o polegar da mão direita. Novamente, ele pareceu guiar-se sozinho na direção da mão esquerda, como se possuísse uma gravidade própria. O anel estava em seu dedo, o calor se expandindo através dela em ondas alaranjadas e irradiantes. Palavras espocaram na mente, ditas na voz gutural de um homem louco: — Com este anel, eu vos desposo.

Ela lutou para tirar o anel e o jogou dentro da bolsa. Seus ouvidos zuniam com o sangue correndo pela cabeça. Ela se encurvou, lutando contra uma onda de náuseas. As paredes se fecharam, tão sinistras quanto as paredes de um caixão.

Respire, Julia.

Conte.

Exatamente do jeito que a Dra. Forrest lhe ensinou.

Ela iniciou, concentrando-se em cada número, desenhando-os com formas límpidas, as bordas suavizando conforme ela mentalmente os derretia. Dez era o mais difícil, pois brigava e se contorcia, querendo escapar antes que ela pudesse prendê-lo. Nove veio e se foi um pouco mais devagar. Quando chegou ao oito, ela achou que conseguia respirar novamente. Sete, seis e ela podia sobreviver.

Cinco e ela podia abrir os olhos, concentrando-se apenas em uma profunda e pura respiração e a exalação que levou o medo para longe. Quatro, três, agora mais devagar, dois e ela quase bocejou. Então *um*, o final, relaxamento, uma auto-hipnose efetiva o suficiente para que ela pudesse pensar claramente sobre as coisas que a Dra. Forrest havia lhe aconselhado.

Deixe sair. Deixe a dor vir para a superfície. Encare os pesadelos. Não se renda.

Mas talvez se render fosse melhor. Ela podia andar no teto de sua mente, colocar as mãos sobre os olhos e esperar.

Esperar o quê?

O Papai sair das sombras, na túnica com capuz e usando o anel de caveira, a faca fria e cruel na mão?

Ela estremeceu de volta para o presente e se pegou contemplando a tela apagada de seu computador. Ela ligou o interruptor e a tela explodiu em claridade. O computador executou os comandos de leitura e o descanso de tela apareceu, um campo vermelho profundo.

No meio, em letras tão brancas quanto cadáveres:

Ele é seu dono.

Julia espetou o interruptor de energia do computador com seu dedo indicador, quase esperando que um tremendo raio de eletricidade pulasse da máquina. Ela agarrou a bolsa e se apressou para o corredor, quase derrubando um repórter de propaganda. O repórter a chamou, mas ela cambaleou de dentro do prédio para a manhã cinzenta. O estacionamento era como se fosse de água, algo para ser passado com dificuldade.

Se apenas eu conseguir chegar na Dra. Forrest.

Ela se esforçou para entrar no Subaru e dirigir até o consultório da terapeuta sem sair da pista, apesar de vários motoristas buzinares para ela. Uma viatura de polícia de Elkwood estava estacionada na porta do consultório, brilhando ainda que o sol estivesse escondido. A secretária apressou Julia, dizendo que a doutora a estava esperando. Julia olhou para o relógio e viu que eram apenas alguns minutos após às nove.

Ela bateu na porta da Dra. Forrest.

— Entre, Julia — disse a voz abafada da terapeuta.

Julia entrou e viu a Dra. Forrest de pé ao lado da janela com um homem alto e magro que sorriu para ela. Em uma jaqueta de tweed e sem arma no cinto, ele poderia passar por um professor de inglês. Seu rosto estava enrugado pela idade, mas seu cabelo escuro tinha apenas um leve toque de cinza. Os olhos do policial eram frios e escuros.

A Dra. Forrest falou — Julia, este é o chefe T.L. Snead.

Snead.

Julia oscilou como se o chão houvesse sido arrancado debaixo de seus pés. Ela o reconhecia agora, uma versão envelhecida do policial presente nas fotografias do jornal.

Esse era Snead, o homem que ela construiu como um monstro na cabeça. Aqui estava ela, face a face com o homem que ela acreditava que tivesse encoberto os homicídios satânicos, que falhara em solucionar o desaparecimento de seu pai, que a havia rastreado desde Memphis até a cidade de Blue Ridge.

Snead estendeu a mão em boas-vindas e ela viu que a ponta de seu dedo estava faltando, o coto curado em um tecido cicatricial avermelhado. Ela se afastou.

— Então você é Julia — disse Snead, sem um pinga de emoção. — Eu sempre me perguntei em que tipo de mulher você teria se transformado.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu decidi assumir esse caso — disse Snead. — Invasão de privacidade é uma ofensa tão terrível, como você bem deve saber. Eu quero ter certeza de que a pessoa certa vai ser condenada.

A raiva de Julia momentaneamente dominou seu medo e confusão. — O que você quer dizer, a pessoa certa? Eles prenderam um sujeito a noite passada. Você tem as declarações minha e de Walter Tripplett.

— O suspeito conta uma história diferente. Ele diz que o Sr. Tripplett era o que estava dentro de sua casa.

— E você *acredita* nele? — Julia olhou para a Dra. Forrest por ajuda, mas a terapeuta cruzou os braços e nada disse. — Aquele Monstro disse que havia sido contratado para roubar meu anel de noivado e para me molestar.

— Alegadamente. Mas o Sr. Tripplett possui algumas — devemos dizer, suspeitas — à sua volta. Nós precisamos investigar mais profundamente a questão.

— Então por que ninguém de seu departamento foi coletar impressões digitais?

Snead deu um sorriso. Seus lábios pareceram como os de um réptil que acabou de comer um inseto. — Como você sabe que não fomos? Sua casa é um lugar movimentado.

— Alguém estava do lado de fora de minha janela novamente ontem de noite. Logo após eu conversar com a Dra. Forrest no telefone.

A doutora franziu a testa. — Julia, você provavelmente imaginou isso. Você sabe que a paranoia é um dos efeitos colaterais da desordem de pânico inespecífica.

— Não. Aconteceu. Ele disse “Ele é seu dono”.

Snead e a Dra. Forrest se entreolharam. Então Snead disse — Você tem alguma evidência?

— Talvez você pudesse verificar por pegadas ou algo. Eu não sei. Não é como se eu possuísse uma câmera ligada.

— Por que você está com tanto medo, Julia? — Disse Snead.

Ela fitou os redemoinhos no tapete bege. Ela lembrou algo que James Whitmore a havia falado em Memphis, como policiais nunca esquecem os casos que não solucionam. — Como você acabou me seguindo desde Memphis?

— Eu não segui você — disse Snead. — Eu já estava aqui.

Antes dela? Então ele deve manter vigilância sobre seu paradeiro. Teria Elkwood alguma relação com o desaparecimento de seu pai? Apesar da Dra. Forrest ter convencido Julia de que seu pai fora um homem terrível e abusivo, ela adoraria ter aquela charada de seu passado resolvida. Mas o interesse de

Snead nela era mais que uma charada enigmática.

— Eu sou amigo da Dra. Forrest — continuou Snead. — Nós crescemos juntos. E eu tive várias conversas tanto com ela quanto com seu terapeuta em Memphis, Dr. Danner. Eu achei que ter alguma compreensão sobre você poderia me ajudar a solucionar o desaparecimento de seu pai. Além disso, eu estava curioso para saber como a tragédia a havia afetado.

— Eu pensei que as informações doutor-paciente fossem confidenciais. — Ela olhou acusadoramente para a Dra. Forrest. A mulher mais velha tocou seu abdômen, como que lembrando Julia de que o pentagrama havia sido esculpido em sua carne.

— Um doutor pode compartilhar um diagnóstico — disse a Dra. Forrest. — O que nós não podemos fazer é fornecer transcrições ou relatar incidentes específicos ou confissões que possam emergir na terapia.

Isso não parecia com nada do que Julia já ouvira falar, apesar de que a maior parte de seu conhecimento legal vinha da série de televisão *Law & Order*.

— Por que você não fica mais confortável? — Disse a doutora. Ela passou por Julia e fechou a porta do consultório. Snead esperou perto da janela imóvel. Julia sentou na cadeira costureira, a bolsa no colo.

A Dra. Forrest retornou e sentou na sua cadeira. — Agora, Julia, o que a traz aqui nessa manhã?

Julia segurou os braços da cadeira. — Você me *disse* para vir.

O rosto da terapeuta ficou entristecido e as rugas à volta de sua boca se aprofundaram. — Julia, Julia. Esse não é o caminho para a cura. Você pode mentir para mim o tanto que quiser e isso não importa. O que importa é que você está mentido para si mesma.

— Você ligou para mim no meio da noite — disse Julia. — Lembra?

— Você imaginou isso, do mesmo modo que imaginou a pessoa na janela.

Julia apertou a bolsa, o couro umedecido pelas palmas suadas. Mesmo sentada, ela estava tonta como se estivesse em cima de um tapete mágico.

— Certo, vamos imaginar por um instante que você não está inventando tudo — disse a Dra. Forrest. — O que você acha que essa pessoa na janela disse?

— Ele é seu dono. — Julia conseguiu murmurar.

— “Ele é seu dono”. E o que você acha que isso significa? — A doutora juntou os dedos, as pernas cruzadas. Snead observou como se Julia fosse um rato branco pronto para fazer outra corrida por um labirinto conhecido. Por que a Dra. Forrest não o mandava embora?

— Eu não sei o que isso significa.

— Vou lhe dizer então. Isso era seu subconsciente lhe dizendo que você está deixando os pecados de seu pai controlarem sua vida. Você ainda é uma escrava do passado. Mas o fato de você estar pronta para ouvir a mensagem é um bom sinal, tenha ele vindo de um sonho ou não.

— Eu não quero ouvir a mensagem. — disse Julia. — E eu não quero mais falar sobre isso na frente dele. — Julia evitou os olhos de Snead.

— Você confia em mim, não é, Julia? — disse a Dra. Forrest.

— Bem... sim.

— Então você sabe que estou fazendo o melhor para você.

Julia afundou na cadeira. — Eu... Eu não estou mais certa de nada sobre coisa alguma.

A Dra. Forrest se inclinou para a frente e encostou no joelho de Julia. Ela o esfregou levemente. — A memória está na carne, Julia. Memória celular. Apenas a deixe sair. Respire.

Não. A Dra. Forrest não tentaria hipnotizá-la, não na frente de Snead. Julia não queria mais ir para aquele lugar escuro e ruim novamente. Ela estava cansada da dor, da raiva e a da sensação nauseante na barriga, aquele vazio que crescia a cada visita ao passado.

Ela não estava melhorando. Ela não estava avançando. Se tanto, ela estava ficando mais perto de se tornar novamente aquela indefesa menina de quatro anos. Ela fechou os olhos e tentou ignorar a voz suave e convidativa da Dra. Forrest. Ela procurou uma conexão com algo maior, um Poder Maior que ela sempre havia negado. Mas a mulher estava muito dentro dela agora, tinha aberto portas para a casa de sua mente, estava sempre pelas salas, chamando-a.

— Você sabe quem fez, não é? Você sabe que o homem mau realmente era. — O que ele fez, Julia? Diga-nos o que ele fez.

Julia balançou a cabeça e gemeu, tentando empurrar para longe as lembranças que ameaçavam emergir. Seus olhos estavam fechados com tanta força que pequenas lágrimas escaparam pelos cantos.

— Julia, você pode confiar em nós. Nós compreendemos, mais do que qualquer pessoa no mundo. Nós sabemos como é, como é duro aceitar a verdade. Como é duro aceitar o mestre.

Mestre?

A Dra. continuou, naquela cadência suave e hipnotizante. — Nós não queremos que você lute mais, Julia. Ele não quer que você lute. Ele tem sido muito paciente com você, pois cuida de você com muito carinho.

— *Quem liga?* — Julia não estava certa se havia dito as palavras em voz alta ou não.

— Por que ele se importa, quando tem tanto poder que pode tomar facilmente o que é dele?

Julia sentiu que Snead se moveu da janela, mas não conseguia forçar seus olhos a se abrirem e ver. Ela tentou se enterrar na cadeira para escapar dos horrores do passado, para evitar escorregar para dentro daquele negro bocejo abissal.

Papai pode pegar o que é dele. Ele sempre a possuiu, em vida, morte ou ausência. Papai pode machucar você, não importa onde tente se esconder.

— Vou lhe dizer por quê, Julia — continuou a Dra. Forrest. — Por que ele a *ama*.

Ama?

Essa era a primeira vez que a Dra. Forrest usava essa palavra. Em todos os meses de tratamento, nas sessões aceleradas da semana passada, a doutora falou em compartilhar, curar, esperança e todas as outras coisas abstratas que não significavam nada. Na religião do cérebro, mesmo Deus estava fora dos limites. Agora ela tinha que externar sua última palavra oca, uma que necessitava de um lugar especial no altar das palavras inúteis.

A voz de Snead chegou até ela como se ele estivesse com o pé nas escadas e ela estivesse se escondendo no porão. — Ele é seu dono, Juuulia.

Seus olhos se abriram, o abdômen travou em um nó, as mãos se curvaram em puchos fechados

enquanto ela se sentava para a frente. Ela piscou, a visão fora de foco. Snead ainda estava junto da janela.

A Dra. Forrest ainda demonstrava sua preocupação usual. — Qual o problema, Julia?

— O que ele está fazendo aqui? — Disse Julia, dessa vez olhando no interior dos olhos pequenos e negros de Snead.

— Você pediu para ele estar aqui, lembra-se? Quando conversei com você no telefone, ontem à noite.

Espere. A Dra. Forrest não acabou de dizer que eu imaginei a conversa no telefone?

Talvez ela não devesse ter tentado resistir à Dra. Forrest. Por que ela estava confusa, os pensamentos desorganizados. Como ela poderia confiar na memória quando tinha perdido a capacidade de dizer o que era real a um longo tempo? Como ela podia confiar no que pensara agora, que dirá o que pensara 23 anos atrás?

Mas como o policial estava ali, ela decidiu que havia uma coisa que não havia imaginado, um pedaço de sólida evidência que poderia provar uma vez por todas que O Monstro tinha estado na casa e que Walter era inocente de arrombamento e invasão. Era algo que ela segurava nas próprias mãos. Apesar dela não confiar em Snead, pelo menos a Dra. Forrest estava presente como testemunha.

— Tem algo que encontrei na outra noite — Julia disse abruptamente para Snead. — Estava no meu armário.

As sobrancelhas de Snead arquearam e um sorriso comedor de insetos deslizou pelo seu rosto. — O que era, senhorita Stone?

— O desenho.

— Desenho?

Ela falou rapidamente, contente de se livrar de pelo menos um segredo. — Uma imagem de um pentagrama. Com “Olá Julia” debaixo, apenas “Julia” estava escrito como “Juuulia”, com três U’s no meio, exatamente como Papai costumava soletrar quando estava me provocando.

— Onde está essa imagem agora?

— Eu a dei para a Dra. Forrest.

A Dra. Forrest olhou com tristeza para Julia e depois para Snead. A terapeuta balançou a cabeça.

— O quê? — Julia perguntou.

A Dra. Forrest segurou suas mãos. — Não há nenhuma imagem, Julia.

Ela ficou de pé. — O que você quer dizer, não há nenhuma imagem? Eu a dei para você ontem, aqui nesse consultório.

— Por favor, sente-se — disse a terapeuta.

— *O que você fez com ela?*

— Sente-se — ordenou a terapeuta. Julia olhou-a.

— Ela está bem pior do que imaginei — disse a Dra. Forrest para Snead.

— Não sou eu que sou louca, são todos vocês. — Mesmo enquanto dizia as palavras, Julia se deu conta de que seria exatamente as palavras que uma pessoa louca diria.

— Julia! — gritou a Dra. Forrest. Snead se moveu na sua direção, mas ela já tinha saído, através da porta do consultório e para fora do prédio, para dentro do acinzentado da rua, para dentro do carro e então para a frente, para dentro do futuro estranho e louco.

CAPÍTULO 24

A subida até sua casa foi traiçoeira, os pneus do Subaru cantando a cada curva. O asfalto estava coberto com folhas secas e um filme de névoa pairava sobre a superfície da rua e do para-brisa. A respiração de Julia embaçava a janela e ela limpou um círculo com a parte de baixo do punho. Ela olhou para dentro da escuridão que se adensava à sua frente, ocasionalmente relanceando o olhar para o espelho retrovisor, esperando ver Snead correndo atrás dela com as luzes de polícia ligada.

Por que você está correndo? Eles sabem onde você mora. ELE sabe onde você mora.

Ela não tinha nenhum plano. Tudo o que ela queria era chegar em casa, bater e trancar a porta, se encolher dentro de casa. Mas isso não era uma fuga. Por que, não importa onde fosse, ela estava sempre dentro da própria cabeça. Ela não conseguia correr mais rápido que a maré crescente de sombras.

Quando Julia chegou em casa, Mabel Covington estava na varanda de sua grande casa, se curvando sobre a bengala, os gatos à volta de seus tornozelos. A mulher acenou freneticamente com uma mão trêmula. Julia diminuiu a velocidade do carro e o guinou para junto do jardim da mulher. Os apartamentos estavam silenciosos, seus ocupantes na escola ou no trabalho. A não ser que João Espião estivesse com seus binóculos junto à cortina.

Julia abriu a janela do passageiro quando a Sra. Covington manquejou se aproximando.

— O que é? — Perguntou Julia, olhando pela rua para ver se Snead a estava seguindo.

— Ele está aqui — disse a Sra. Covington, seu rosto quase tão branco quanto o cabelo.

— Quem está aqui?

— Ele está de volta. — A mulher se inclinou para a porta, respirando com dificuldade enquanto colocava a cabeça para dentro do carro.

— João Espião?

— Hartley. O que morava na casa antes de você.

A velha mulher tinha ficado maluca como o resto do mundo. — Sinto muito — disse Julia. — Mas eu estou com pressa agora.

— Você não compreende. Ele está *aqui*. Ele estava futucando sua casa. Eu chamei a polícia, desconfiando de que ele tinha voltado para pegar algo que esquecera.

— Por que ele voltaria aqui?

Os olhos da mulher se estreitaram, frios como bolas de gude. — Ninguém nunca lhe contou, criança?

— Contou o quê?

— Ah, Deus. — A senhora se afastou alguns passos. — Você não sabe, não é?

— Conte-me o que aconteceu — disse Julia, subitamente lembrando do assassinato da pequena menina que Rick mencionou. Aquele nome, Hartley, tinha um tom de reconhecimento sombrio.

— Você deve ter descoberto alguma coisa. Eu estava orando e com esperanças de que eles a

deixariam em paz.

— Talvez seja melhor entrarmos.

A senhora balançou a cabeça, a pele tremendo abaixo do seu queixo. — Eles me disseram para ficar fora disso. Eu já falei muito.

A Sra. Covington virou-se e lutou para atravessar o jardim, mancando na direção da varanda, plantando a bengala no chão antes de cada passo. O barulho da bengala de madeira batendo no chão foi engolido pelo silêncio da floresta ao redor. A mulher então desapareceu dentro da casa. Julia subiu a janela e estacionou defronte à sua casa.

Hartley estava aqui. O que aquilo queria dizer? Tinha sido ele mesmo que havia assassinado aquela garota dois anos antes? Um crime que devia ter mandado um choque sísmico através da pequena comunidade e Rick O'Dell provavelmente a inseriu na sua teoria de conspiração predileta. Porque Walter não contara nada sobre isso? Walter, o homem no qual ela pensou que podia confiar.

Julia andou nas pontas dos pés à volta da casa, desejando que o Louisville Slugger estivesse com ela. Uma mão estava enfiada na bolsa, pronta para sacar o spray, mas o spray teria pouco efeito se alguém realmente quisesse lhe fazer mal.

Ninguém estava atrás da casa. Ela pensou em verificar debaixo da janela do quarto por pegadas, para confirmar que alguém realmente tinha estado lá na noite passada, chamando por ela. Mas mais folhas haviam caído, cobrindo o chão com um tapete molhado com a cor da morte.

As árvores parecem estar perto hoje, envolvendo a casa.

Ela quase riu de quão absurda era a ideia. Mas ela estava com medo de que se começasse a rir, nunca mais pararia.

Nada se mexia na mata e por entre o grosso nevoeiro de outono veio o gorgolejar do riacho. Ela relanceou os olhos pela colina mais adiante. Por um momento, Julia imaginou uma criança na clareira, pessoas encapuzadas à sua volta. Então ela piscou e se apressou para a frente da casa.

Nada do Snead ainda. Ele deve ter decidido não persegui-la, por qualquer razão. Mesmo o Chefe de Polícia necessitava de uma razão para vir atrás dela. Talvez Julia fosse uma ameaça, para ela e para os outros, e devesse ser trancada para seu próprio bem.

Talvez ela tivesse imaginado o desenho de pentagrama, o homem na janela, a mensagem no computador no trabalho. Mas ela não havia imaginado o anel de caveira. O anel de caveira era real, sólido, uma ponte entre o passado e o presente. Enquanto ela procurava as chaves da casa, enfiou a mão no fundo da bolsa para reafirmar-se com a substância da caixa entalhada.

Um jeito bem estranho de se sentir melhor...

A caixa havia desaparecido.

Ela segurou a bolsa mais perto e remexeu pelo conteúdo. Carteira, chaves, spray, tampões, escova de cabelo, papéis. Nenhum anel.

Mas a bolsa não havia saído de perto dela.

Julia procurou novamente, mas a caixa e o anel dentro dela haviam sumido. Ela destrancou a porta, a mão tremendo tanto que ela quase não conseguia encaixar a chave na fechadura. Apesar da fraca luz do dia, a casa estava escura e ameaçadora.

Após a porta estar seguramente trancada às suas costas, ela colocou a bolsa no sofá e foi pegar o Louisville Slugger. Ela estava se inclinando para pegá-lo debaixo da cama quando ele a agarrou pelas costas, uma mão presa sobre sua boca para evitar que ela gritasse. Ela lutou e chutou, visões terríveis do ataque de Mitchell forçando seu caminho rumo à superfície. Mas Mitchell estava em Memphis.

E o Monstro era mais forte que Mitchell. Ela tentou bater com o cotovelo contra suas costelas, mas ele a puxou para dentro do armário escuro e aberto.

— Shhhh! — ele chiou, a voz como o balançar úmido da língua de uma cobra perto de seu ouvido.

Ela mordeu sua mão e ele gemeu de dor. — Maldição, Julia.

Walter!

Então ele era o Monstro no fim das contas.

Ele estava com ela dentro do armário agora e roupas caíram sobre eles enquanto lutavam. Walter afastou a mão de sua boca e murmurou — Shhhh, eles provavelmente estão ouvindo.

Ouvindo?

Julia se empurrou de seu aperto, caindo contra uma linha de casacos e agasalhos. — O que diabos você pensa que está fazendo?

Walter colocou o dedo indicador sobre os lábios. Uma meia lua púrpura marcava a pele onde ela o havia batido. Ele parecia tão assustado quanto ela, os olhos mostrando o branco ao redor das íris.

— Fique calada por um segundo. Não estou tentando machucar você.

Ela quase acreditou nele. Mas nesse mundo de segredos e mentiras ninguém mais merecia sua confiança. Se ela fosse ficar maluca, estava determinada a fazer isso do jeito tradicional, sem a ajuda de ninguém. Ela rumaria direto para as escadas, ficaria de pé no meio do sótão escuro de sua mente e gritaria até que as paredes curvas caíssem em cima dela.

Ela não precisava de uma cutucada de Walter. Ela não precisava de um carpinteiro para consertar sua casa. Tudo o que ela queria era trancas resistentes e persianas firmemente pregadas, toda a luz barrada de suas salas. Tudo o que ela queria era desaparecer, para dentro dos cantos escuros de seu sótão ou as profundidades bolorentas de seu porão. Sozinha nas ruínas.

Walter pressionou-se de encontro a ela no armário atravancado. Ele a balançou e murmurou, com mais urgência dessa vez. — Escute-me. Não entre em colapso nesse momento. Eu preciso de você.

Precisa? Ele precisava *dela*? Novamente ela quase riu, mas mesmo isso requereu muito esforço. Como sempre, render-se era a opção menos dolorida.

— Eles estão do lado de fora — continuou ele. — Deke Hartley, Snead e os outros.

— Snead? — Ela pensou como o policial poderia ter chegado à sua casa tão rapidamente. E como Walter entrara? Era ele que tinha a chave, ele que havia deixado o desenho de pentagrama, ele que roubara o anel de caveira, que a enganara com o relógio digital?

Isso fazia sentido. Julia abobada, havia pedido a ele para dar uma olhada no relógio. Ela havia se dirigido a ele procurando por conforto, havia cometido o insano erro de colocar sua fé nesse homem que agora parecia o mais desesperado dos Monstros. Esse estranho sobre ela, suor no rosto pálido, os olhos tremendo, os lábios brancos de tão comprimidos.

Você não deve permitir o Monstro entrar na sua casa. ELE ESTÁ SEMPRE DENTRO DA CASA.

Antes que ela pudesse gritar, Walter se ajoelhou no canto do armário. Ele puxou um painel de compensado na parede. A madeira se soltou, revelando canos de água e isolamento térmico. Walter retirou o isolamento em bocados.

O cheiro bolorento do espaço para rastejar cresceu e encheu o armário. A brecha entre o box do banheiro e a parede era de cerca de sessenta centímetros de largura, com o piso rebaixado cortado. — O que você está fazendo? — Perguntou Julia.

— Acesso. — disse Walter. — Para trabalhar no encanamento. Ou sair de fininho.

Walter se esgueirou na abertura estreita entre as juntas do assoalho. Seus pés tocaram o chão debaixo da casa e ele se virou, parecendo quase cômico, como um boneco grande demais para sua caixa. — Venha. Ou você quer ficar aqui e esperar por eles?

Julia pensou ter ouvido algo raspando a porta da frente, mas não tinha certeza. — Você pegou o anel?

— Que anel? — Seus olhares se encontraram, castanhos brilhantes, mas não de raiva, com uma estranha determinação.

— E o relógio? O que significa “4:06”?

— Pare de falar maluquices — disse ele. — Vamos dar o fora daqui. — Ele se agachou na abertura, contorcendo o corpo grande. Seus ombros desapareceram e então sua cabeça, por fim seus braços. Ele chamou pelo seu nome no espaço diminuto, sua voz abafada.

Julia ficou de quatro, colocando a bolsa nas costas. Ela olhou através do quarto para o bastão debaixo da cama. Mesmo que ela estivesse com o bastão, ela não conseguiria movê-lo em um espaço apertado. Snead e o tal Deke Hartley poderiam estar do lado de fora e poderiam estar atrás dela, por qualquer razão que fosse, ou não. Apesar da estranheza de Walter, ela preferia ficar com ele a enfrentar Snead e Hartley.

Ela se agachou junto à abertura, olhando para dentro da escuridão do espaço restrito. Isso era pior que o porão de seus sonhos, com ossos ou sem eles. Isso era render-se sem o esquecimento, isso era uma decisão consciente e volitiva. Isso era um salto para dentro de um futuro desconhecido.

No entanto, o futuro nunca foi certo e mesmo o passado era incerto.

Julia pendurou as pernas para dentro da abertura, o tecido de sua calça raspando na borda áspera do compensado. Ela se baixou para dentro do ar frio e úmido, sentindo as mãos de Walter a tocando. Seu toque era frio e molhado, mas desapareceu assim que seus pés tocaram o chão por baixo do assoalho. Ela curvou o resto do corpo para dentro da abertura ao mesmo tempo que um forte som de batida veio da porta da frente.

Walter se levantou e colocou o painel de compensado de volta no lugar, mergulhando-os em completa escuridão. A única luz presente vinha de grelhas de ventilação chumbadas nas paredes dos blocos da fundação. O coração de Julia batia forte no peito. Vozes vieram do lado de fora da casa, um homem que soava como Snead dando ordens, seguido da voz de uma mulher.

Julia não podia ver Walter, mas ela podia sentir seu corpo a alguns centímetros de distância. — O que diabos é isso?

— Eu devia ter lhe contado. — disse ele, tão baixo que ela mal conseguia ouvi-lo.

Julia tateou com as mãos e pegou na camisa. Ela se aproximou, se arrastando na terra úmida. — Por que diabos está todo mundo mantendo segredos? O que eles querem?

— Tudo. Mas eles não vão conseguir. — Ele começou a se mover na direção de uma das entradas de ar, seus cotovelos e joelhos raspando suavemente no chão. — Siga-me — disse ele.

A fraca luz do dia de uma das aberturas foi momentaneamente bloqueada por alguém que passou. Quantos estariam do lado de fora? Seriam membros do departamento de Snead? *Todos* eles seriam Monstros?

Ela rastejou atrás de Walter, sentindo-se sem corpo, fora de si, pensando se deveria gritar por ajuda. Ela bateu com a cabeça em uma tubulação de água e a dor empurrou para longe os pensamentos tolos. O cano vibrou por baixo do assoalho com a batida e Walter parou e chiou pedindo cuidado. Julia esfregou a cabeça, grata pela dor. Agora ela tinha algo no que prestar atenção, algo que era real. Ela colocou a alça da bolsa ao redor do pulso e rastejou para a frente, os olhos se ajustando na penumbra.

Suas mãos raspavam sobre coisas duras que ela pensou serem pedras. Um dos objetos moveu-se de seu lugar de descanso quando ela passou os dedos. Ele brilhou palidamente na luz amortecida, mostrando sua longa curva.

UM OSSO. Meu Deus do céu, um osso!

Parecia uma pequena costela, seca e lisa. Julia a jogou para longe e ela bateu contra o pilar de concreto. Ela rolou para longe da cova e pressionou a mão contra a boca para abafar um grito. Walter ouviu o som sufocado e virou-se, rastejando até ela.

Ela agarrou a mão de Walter e moveu-a na direção na terra macia onde estavam espalhados os ossos. Eles tocaram o pequeno crânio ao mesmo tempo.

Os olhos de Walter se alargaram. — Hartley — murmurou ele. — O maldito desgraçado.

Seu corpo tremeu, por medo ou raiva. Julia pensou na teoria de Rick O'Dell, sobre uma ampla rede que oferecia sacrifícios humanos para um suposto mestre negro. Aqueles ossos eram tão pequenos. O diabo gostava deles jovens. Ou talvez apenas os adoradores gostassem assim.

Julia se esticou de forma que sua boca ficou próxima da orelha de Walter. — É uma criança — disse ela, a voz entrecortada.

— Eu sei — disse Walter, lágrimas brilhando em seu rosto.

As batidas na porta da frente ficaram mais fortes e alguém gritou dentro da casa. Se os Monstros tinham entrado na casa, rapidamente descobririam que ela havia sumido. E presumivelmente eles não pensariam que alguma mão angelical a havia levado na direção das nuvens. Não enquanto Satã estivesse conjurando seus negros feitiços lá de baixo.

— O que vamos fazer? — perguntou ela, apertando a mão de Walter.

Um som de algo se quebrando reverberou pelo assoalho. Alguém estava chutando a porta.

— Meu jipe — disse Walter. — Está do outro lado da mata.

— Eles sabem que você está aqui?

— Acho que não.

— Afinal de contas, o que sabemos?

— Rasteje. — Ele secou os olhos e se moveu por debaixo do assoalho, Julia seguindo de perto, os cotovelos e joelhos machucados. Um ruído estilhaçado explodiu sobre eles.

Walter alcançou a entrada de manutenção, uma pequena porta de madeira chumbada na fundação na

parte de trás da casa. Pés bateram pelo assoalho e gritos reverberaram acima. Pelo menos três pessoas, talvez mais, estavam dentro da casa.

— Agora! Disse Walter, abrindo a porta da entrada de manutenção. — Corra — disse ele, empurrando Julia pela abertura.

Julia caiu no quintal, grata pelas árvores, esperando que os Monstros estivessem dentro da casa e que ninguém houvesse ficado de guarda na parte de trás. Se eles fossem pegá-la, teriam que fazer isso correndo atrás dela.

Deus, me dê asas.

Conforme ela se desviava dos ramos e folhas caíam à sua volta, ela quase se sentiu tonta com a nova liberdade, setembro no rosto, o cheiro de lama do riacho no nariz, nada a perder a não ser o passado que ela vinha tentando se livrar por anos. Deixando para trás ossos, Monstros, quase tudo, menos o medo.

Mesmo assim, o medo era bem-vindo agora, pois lhe dava energia. A vida tinha sido simplificada, reduzida ao mais básico propósito. Viva de modo a ter mais vida. Corra a fim de alcançar a próxima respiração, o próximo passo, parte do ciclo biológico que era tão velho quanto as bactérias. Era a corrida solo tendo apenas Deus como espectador, a sobrevivência do mais apto ou de quem tinha mais sorte. Se Deus se importava o suficiente para lhe dar forças, ela aceitaria de bom grado. Tudo o mais no mundo lhe havia falhado, até seu pai.

Ela olhou de relance para trás, viu Walter entrar na floresta, correndo na direção. Ele se moveu na direção do riacho, que corria prateado e frio pela descida, a água respingando por entre pedras cobertas de musgo. Ela quase fugiu pela margem do riacho, ignorando Walter e escolhendo seu próprio caminho aleatório. Mas ela pensou nas lágrimas que ele havia derramado debaixo da casa. Monstros não podiam chorar.

Ela se inclinou junto a um velho carvalho esperando-o e recobrando o fôlego. — Eles nos viram? — perguntou ela, quando ele passou correndo.

— Shhhh! — fez ele, parando e colocando as mãos na cintura. Suaves ruídos preenchem o silêncio, a queda das folhas, o canto alto de um pássaro.

— Eu não escuto ninguém. — Walter olhou dentro de seus olhos. Manchas escuras desciam pela seu rosto onde as lágrimas haviam passado.

— Você vai me contar sobre essa coisa toda?

— Depois. Meu jipe está sobre aquele monte. Eles estão provavelmente procurando você.

— Quantos?

Ele pegou sua mão. — Não sei. O suficiente. Mais do que suficiente, se eu os conheço bem.

— Quem são “eles”? Perguntou Julia, mas Walter já a estava puxando, levando-a para o riacho. Ele a ajudou a cruzá-lo, pisando sobre pedras escorregadias. Julia subiu tropeçando a margem íngreme e enlameada, segurando em uma vinha. Walter quase perdeu o equilíbrio e caiu, mas Julia segurou sua camisa e o puxou para junto da parede.

Eles seguiram correndo, Walter na frente, Julia mantendo os braços elevados para evitar que os ramos batessem no rosto. Sarças agarravam nas roupas e ela prendeu o pé em uma raiz. Uma vez ela viu um movimento com o canto dos olhos e quase gritou, mas ela virou a cabeça e não viu nada além de mais árvores, os corredores entre elas cheios de sombras paradas.

Eles diminuíram o ritmo quando começaram a subir a colina, chegando a uma clareira no topo. Pedacos de granito se projetavam no topo do aclave. Uma rocha achatada ficava no meio da clareira, suavizada pelos elementos. Por entre as árvores, Julia podia ver as montanhas ao longe, azuis e esmaecidas pela distância. Camadas de nuvens vagavam por sobre a terra. Sob outras circunstâncias, a visão seria pacífica e grandiosa. Mas as árvores à volta da clareira eram um pouco contorcidas demais, com cicatrizes parecendo olhos obscenos.

— Aqui foi onde encontraram a menina — disse Walter, lutando para recuperar a respiração.

Julia olhou à volta. Pedra chata. Fria contra suas costas. As pessoas más ao seu redor. A lâmina da faca tocando sua barriga.

Seus músculos estremeçeram pelo esforço da subida, mas ela não ousou sentar na pedra. O lugar parecia maligno. Como o celeiro próximo à sua casa da infância em Memphis, o ar aqui tinha cheiro de veneno e uma energia nauseante que penetrava pelas solas dos pés.

Julia se perguntou quantos altares mais de sacrifícios humanos existiam. Será que toda a terra estava manchada com sangue e ossos, a substância dos inocentes dadas à terra para a satisfação de um mestre exigente? O diabo poderia não existir, mas seus seguidores com certeza existiam. Seus seguidores eram uma legião. Mais espalhada do que se poderia imaginar.

Walter ajoelhou-se, as costas voltadas para ela, verificando a mata abaixo, procurando sinais do pessoal de Snead. — Hartley desapareceu logo depois que descobriram o corpo.

— A polícia fez alguma coisa?

— Hartley tinha modos de deixar as pessoas caladas. De um jeito ou de outro. Vejo que isso é o trabalho do Snead agora.

Julia balançou a cabeça. Ela não conseguia acreditar que havia uma conexão entre Snead e Hartley e que Snead tinha assumido o posto quando Julia se mudara para cá. A única pessoa que sabia que ela estava pensando em se mudar para Elkwood era Mitchell e o Dr. Danner. Mas a rede conspiratória aparentemente existia bem antes que ela deixasse Memphis.

Ela fitou a pedra achatada. Julia tentou não imaginar a menina, pequena, tremendo e nua sobre a pedra, pessoas malucas dançando ao seu redor sob a lua desalmada e fria, entoando suas preces sádicas. Ela fechou os olhos para lutar contra as lágrimas.

Ela sentiu a mão de Walter tocando-a de leve no ombro. — Vamos dar o fora daqui — disse ele.

— É muita loucura para parecer real.

Ele passou a manga de sua camisa de flanela no rosto dela. — Eu venho dizendo isso a mim mesmo por um longo tempo. Desde que minha esposa desapareceu da face da terra.

Ela abriu os olhos e olhou dentro dos dele. A perda estava novamente lá, dentro dele, aquela enorme ferida que permaneceria escondida se ela não soubesse que estava lá. — Você acredita no diabo?

— Eu acredito em *Hartley* — disse ele, olhando para longe, para o céu encoberto. — O Senhor nunca faz as coisas fáceis.

Ele pegou sua mão. — Meu jipe está a algumas centenas de metros daqui. Há uma velha estrada madeireira que desce pelo vale.

Eles deixaram a triste clareira, Julia se perguntando quantos sacrifícios tinham sido oferecidos naquele lugar profano através dos séculos. Ela caminhou com cuidado, como se estivesse pisando sobre

túmulos infantis.

CAPÍTULO 25

O jipe estava estacionado em um aterro cheio de ervas daninhas, e flores de outono. Walter caminhou pela estrada coberta de folhas que corria por entre as árvores da ladeira, olhou em ambas as direções e sentou atrás da direção. Julia sentou-se a seu lado, cansada da tensão e do esforço.

— E agora? — Perguntou Julia enquanto Walter ligava o jipe.

— Eu conheço um lugar que talvez eles não nos encontrem.

Ela lhe tocou a mão que segurava a alavanca do câmbio. — Por que você está me ajudando?

Ele olhou para ela. — Digamos que eu tenho uma dívida a saldar.

Walter manobrou para dentro da estrada de terra, o jipe balançando no barranco. Algumas mudas haviam lançado raízes no acostamento e o para-choque do jipe os empurrou. Suas pegadas eram apenas fracamente visíveis nas folhas úmidas.

O jipe balançou sobre o terreno e um livro escorregou debaixo do assento e bateu no tornozelo de Julia. Era uma bíblia sagrada. Walter a viu observando o livro.

— Eu tenho alguém cuidando de mim — disse ele. — Você deveria tentar uma hora dessas.

— Não estou pronta para acreditar em nada — disse ela.

— Exceto o diabo?

Ela pegou a bíblia e a abriu. — Eu sou turrona, tá certo? Apenas não tente me salvar.

— Eu não posso salvar você. Apenas você pode se salvar.

A bíblia abriu em uma página com um marcador. “Lucas” estava impresso em negrito no cabeçalho. Uma parte do texto estava marcada em amarelo e Julia a leu em voz alta: — “Dar-te-ei toda a autoridade e glória destes reinos, porque me foi entregue, e a dou a quem quiser”.

— Lucas, capítulo quatro, versículo seis. O diabo disse isso a Jesus. Eu uso isso para tentar me manter no caminho.

Ou talvez para lembrar quem é o chefe de verdade. 4:06, huh?

Ela fechou o livro e o colocou novamente debaixo do assento. — Vamos ter que contar para a polícia.

— Julia, aqueles eram a polícia.

— Eles não podem estar todos envolvidos. O escritório do xerife, a polícia rodoviária estadual, a polícia civil. O diabo não tem a todos.

— Talvez não, mas como vamos saber? — Walter mantinha um olho no retrovisor. — É melhor escolhermos direito na primeira vez, ou nos meteremos em problemas ainda maiores.

Julia pescou o telefone celular de dentro da bolsa. — Não podemos fazer uma denúncia anônima?

— Eles mexeram com seu relógio e videocassete de um jeito que não consigo identificar. Você acha que eles não serão capazes de rastrear uma ligação de um celular? Pelo que me conste, eles instalaram

um dispositivo GPS no meu jipe.

Julia olhou para o celular e viu que não havia sinal. — Morto.

— Não existem muitas torres por aqui.

A estrada madeireira alargou conforme a inclinação diminuiu. A floresta era um borrão de ouro, vermelho e marrom, conforme o jipe aumentou a velocidade. Julia prendeu o cinto de segurança e se segurou na alça de segurança sobre a cabeça a fim de evitar ser jogada para todos os lados pela trepidação. Walter diminuiu um pouco, engatou a tração nas quatro rodas e acelerou pela estrada enlameada.

As árvores diminuíram e eles adentraram uma pastagem ladeada por arame farpado. Algumas vacas os olharam, sem parar de ruminar. O jipe cruzou um riacho raso que passava pela estrada.

— Eles estão atrás de mim em Memphis — disse Julia sobre o ruído do motor.

— Na sua última viagem? — Walter manteve os olhos na estrada.

— Não. Antes de eu me mudar para cá. Eu não sabia disso até recentemente.

— O que eles querem?

— Eu não estou certa. Ou me calar ou acabar com o serviço.

— Serviço?

— Meu pai era um deles. Um dos monstros. Quando eu tinha quatro anos de idade...

Ela não queria contar a história novamente. Ela queria deixá-la quieta no porão de sua mente, deixá-la juntar poeira e teias de aranha até estar embrulhada com segurança, perdida para sempre nas sombras. Contá-la à Dra. Forrest já havia sido suficientemente duro, mas contá-la a alguém que só a conhecia a alguns dias era impossível. Ela não queria que Walter pensasse que ela era louca.

Mas Walter também tinha suas cicatrizes. Ele havia sofrido sua própria perda e labutado com seus pesares. Mas ele ainda estava escondendo algo e ela se deu conta de que a confiança não podia ser embasada na lógica. Ou ela confiava nele ou se jogava do jipe e tentava a sorte sozinha, e ela estava em uma maré de azar por agora.

— O que aconteceu quando você tinha quatro anos? — Perguntou Walter.

Ela estudou seu rosto. Seu queixo estava determinado, como se fosse um homem em uma missão. Ele já fizera sacrifícios por ela. Se apenas ela pudesse ser corajosa o suficiente, apenas uma vez na vida, deixar alguém se aproximar. E talvez ajudá-lo de volta.

Walter pisou no freio e o jipe escorregou até parar. — O que há de errado?

Julia colocou as mãos sobre o rosto. — Você não compreenderia.

Walter segurou seu pulso e puxou uma das mãos que cobriam seu rosto. — Escute aqui, droga. Eu não sei no que me meti. Posso até estar me movendo na direção de uma bala, pelo que me conste. Passei pelo inferno para arrastar você para longe do mal e agora estamos nos metendo sei lá em quê. Não me diga que eu não compreenderei.

Julia tentou desviar o olhar, para as colinas, pastos pontilhados de celeiros e faixas de matas que os envolviam, mas não podia escapar do magnetismo de sua raiva. Ela tomou ar para falar.

— Eles pegaram o anel — ela foi capaz de dizer.

— Anel? Você faz isso tudo parecer como uma aventura de elfo ou algo assim.

— Eles me deram a Satã — disse Julia, finalmente em pedaços, as lágrimas caindo. Mas o pânico rapidamente se desfez, pois algo novo transmutou em calma, raiva pura como chumbo transformou-se em ouro como uma pedra filosofal. — Meu pai me deu aos Monstros para que pudessem me cortar como sangue sacrificial e fazer uma festinha com meu corpo. Pelo menos é isso que eu acho que aconteceu.

Foi a vez de Walter desviar o olhar.

— Meu pai desapareceu naquela mesma noite — continuou Julia, antes que Walter se juntasse àqueles que a julgavam um caso perdido de loucura. — A polícia nunca solucionou o caso. Minhas feridas foram para o relatório como sendo resultado de escalar a janela quebrada. Eu passei os próximos dez anos adotada, indo de lar para lar, tentando esquecer qualquer coisa que tivesse acontecido. Tive sorte, para uma adolescente adotada, sendo recebida por um casal gentil e de boa índole. Eles morreram em um acidente de carro quando eu tinha dezenove anos, mas deixaram dinheiro suficiente para que eu terminasse a universidade e não tivesse que lutar para me sustentar.

Julia estava surpresa consigo, pois a história estava saindo com facilidade. Tinha levado dois anos para chegar a esse ponto com Lance Danner. A Dra. Forrest havia deslindado esses detalhes em alguns meses. Walter havia extraído a história em dois minutos, mesmo após ela prometer a si mesma que não contaria nada.

— Talvez seja melhor você continuar a dirigir. — disse Julia.

Walter concordou, parecendo grato por ter alguma coisa para distraí-lo. Ele engatou a marcha do jipe e continuou pela estrada. O veículo cheirava a óleo e borracha, espuma saía pelas fendas nos bancos de vinil, o para-brisa encardido com restos de insetos.

— Eu conheci Mitchell Austin durante meu ano de caloura, durante uma festa de verão no clube de campo dos meus pais adotivos — disse ela, se dando conta de que o mundo refinado era muito diferente da vida de trabalhador rural de Walter. — Eu sei, velhos entediados e patetas que jogam críquete e bebem, soa mais como uma sentença de prisão que férias. Mas Mitchell era—

Ela procurou pela palavra certa, passando por “agradável”, “confiável” e então encontrando a mais correta. — Seguro. Ele me confortou quando meus pais morreram, manteve contato quando eu terminei a faculdade na Memphis State e então me pediu em casamento. Isso foi quando comecei a ter os meus... pequenos problemas.

— Problemas — disse Walter. Não questionando, mas também não julgando.

— Insônia. Irritabilidade. Perda de memória. Fatica alternando com períodos de atividade maníaca. Então ficou pior. Eu me desmanchava em suor frio quando estava em lugares apertados ou rodeada de uma multidão. Tive crises de ansiedade, quando as batidas do meu coração dobravam de velocidade, meus ouvidos apitavam e eu achava que nunca seria capaz de respirar novamente.

Julia acabou rindo. Depois de todo aquele dar e receber, toda a sedução cuidadosa, o questionamento estratégico da psicoterapia, ela tinha esquecido como era apenas conversar com alguém. Alguém real. Ela tinha tão pouco a perder que aceitou esse tipo diferente de rendição.

— Síndrome de pânico — disse ele, mantendo os olhos fixos na estrada. — É como pirar geral?

— Como você sabe isso?

— Minha esposa começou a ter isso. Antes dela—

Sua esposa. Que simplesmente desapareceu da face da terra uma noite, do mesmo modo que o pai de Julia.

Julia ia perguntar da esposa, apesar da tristeza nos olhos dele, quando Walter jogou o jipe para a direita. Uma viatura policial estava vindo pela estrada na direção deles, silenciosa, mas com as luzes ligadas.

— Droga — disse Walter. — Eles nos cortaram o caminho.

Ele guinou o jipe para dentro do campo de feno. O jipe pulou sobre o terreno acidentado, Julia se segurando, as ferramentas batendo na traseira. Ela olhou pela janela traseira e viu que a viatura de polícia tinha parado à beira da estrada.

— Graças a Deus eles não têm carros quatro por quatro — disse Walter.

— Você acha que toda a polícia está nisso?

Ele encolheu os ombros, dirigindo em direção a um pequeno bosque do outro lado do campo. — Não importa. Snead pode lançar um alerta de busca e colocar a polícia em movimento.

Eles passaram por entre as árvores e a viatura ficou fora de vista. O jipe escalou um barranco íngreme e, por um momento que apertou seu estômago, Julia achou que o carro iria capotar. Eles então seguiram pela crista da colina e chegaram ao riacho que haviam atravessando minutos antes, apenas que agora estava mais larga, a corrente mais lenta.

— Eles provavelmente bloquearam a estrada — disse Walter. — Mas eles não conhecem isso como eu. Segure-se, e diga uma prece ou duas, se você conhecer algumas.

Ele virou o jipe para dentro do riacho e se dirigiu corrente acima. As rodas lutaram sobre as pedras molhadas, mas a água tinha apenas alguns centímetros de profundidade. — Eu aprendi isso com Clint Eastwood — disse Walter com seriedade engraçada. — Mas ele usava um cavalo.

— Você vai ter que trabalhar em seu olhar semicerrado de dor.

Walter lançou um olhar de homem mau que acabou por fazê-la rir, uma rachadura na tensão que acabou tendo um certo toque maníaco.

— Nossa, eu devo realmente ser maluca — disse Julia. — Aqui estamos, sendo perseguidos por sei lá quantos Monstros e policiais e você está fazendo caretas engraçadas.

— É normal ser maluco — disse Walter. — Se você não é louca, algo está errado com você.

Eles andaram cerca de duzentos metros corrente acima até chegarem em uma ponte. Walter desviou para a margem baixa. A estrada estava livre e Walter forçou o motor, rumando para leste.

— Onde estamos indo? — Perguntou Julia.

— Bem, acho que podemos tentar a sorte se estivermos fora da jurisdição de Snead. Ele pode tentar algo como resistência à prisão ou algo parecido, mas aposto que não irá muito longe.

— Você não sabe o quanto ele me quer.

— Estou começando a me dar conta disso.

— Snead era um detetive em Memphis. Ele trabalhou no desaparecimento de meu pai e também chefiou uma série de investigações sobre mutilações que nunca foram resolvidas. Existia evidências de atividade ritual.

— Você quer dizer assassinos de Satã?

— Você disse, não eu. Um cara com quem trabalho no *Courier-Times* acha que isso também está acontecendo aqui.

— Aquele corpo que eles acharam no rio semana passada?

— Sim. E o que me diz da menina que Hartley matou?

As mãos de Walter estavam brancas de apertar a direção. — Tem algo que não lhe falei. Algo que nunca contei para ninguém.

Segredos. O asfalto murmurava debaixo do jipe. Algumas casas de fazenda ficavam fora da estrada, com celeiros envelhecidos e equipamentos enferrujados para tratores.

— Minha esposa estava grávida quando desapareceu.

— Sinto muito — disse Julia, se dando conta de que outros haviam adivinhado o segredo. — Isso deve ter sido terrível.

Walter esfregou os olhos com uma das mãos cheias de cicatrizes. — Acho que já deveria ter superado isso. Já se passaram sete anos.

Julia gentilmente tocou seu braço. — Você não pode escapar do passado. Ele vive dentro de você. Você apenas tem que fazê-lo sair o torná-lo inofensivo.

Nossa, você está parecendo a Dra. Forrest.

Walter concordou com a cabeça, como se mal a tivesse ouvido. — Os ossos debaixo da casa... você acha que eram ossos humanos?

— Se Hartley estava envolvido com sacrifícios rituais, ele pode ter feito isso mais de uma vez. Eu não sei quantas vezes esses Monstros pensam que devem agradar seu Mestre Negro imbecil.

Uma camionete estava vindo na mão contrária, dirigida por um homem com um boné de beisebol verde. Ele acenou quando passou. Um bode estava na caçamba, mastigando a corda amarrada à tampa traseira. Julia olhou seus cornos curvos, a barbicha desgrenhada e olhos negros, até que a camionete fez a curva e desapareceu de vista.

— Estamos fora dos limites da cidade agora — disse Walter. — Acho que eles tem a minha casa sob vigilância também. Mas acho que eles não sabem que meu primo possui um pedaço de terra aqui pelas montanhas.

— Você acha que é seguro?

— Não sei. Eu na verdade nem sei do que estamos fugindo.

Julia pensou que Mitchell teria simplesmente mentido. Mitchell teria empinado o queixo e falado — Não se preocupe com nada. Eu cuidarei de você.

É, ele tentara cuidar de mim, com certeza. Com seus punhos.

Eles andaram por mais quase cinco quilômetros pela estrada cheia de curvas até que chegaram a um posto de gasolina. Walter estacionou atrás do posto de forma que o jipe não pudesse ser visto da estrada. — Eu vou fazer um chamado para o xerife — disse ele. — A gente vai saber rapidinho se o Snead já entrou em contato com eles ou não.

— O orelhão está na frente do posto — disse Julia Mais pessoas conhecem você por essas bandas.

Eu não sou ninguém por aqui. Deixe-me fazer a ligação.

Walter abriu a boca como se fosse protestar e então concordou. — Se você ver qualquer coisa estranha, volte para cá rápido.

— É isso que tenho em mente — disse ela, colocando a bolsa no ombro. Ela desceu do jipe, os músculos das pernas doendo de tensão. Ela caminhou rigidamente até o orelhão, estudando os sinais de trânsito antigos pregados na frente da loja. Um homem de macacão saiu, balançou a cabeça para ela e voltou para dentro. Apenas um carro estava parado junto às bombas, um grande Chevy dos tempos que a gasolina era barata.

Julia folheou a lista telefônica, feliz das páginas não terem sido arrancadas. Ela achou o número, inseriu as moedas na fenda e discou. Uma mulher, que parecia ter recém acordado, respondeu a ligação. — É do xerife.

— Olá — disse Julia. — Eu queria... Preciso denunciar sobre alguns ossos.

— Ossos? Você disse “ossos”?

— Sim, senhora.

— Que tipo de ossos? — A mulher bocejou.

— Acho que são humanos.

— Isso não é um trote dos meninos do colégio, é? Porque você vai começar com uma história comprida e então eu vou perguntar para você “Então, onde estão os ossos?” e então eu tenho certeza de que você dirá “No cemitério”, cairá na risada como se fosse a coisa mais engraçada do século.

— Isso não é uma piada — disse Julia.

— Claro que não é. Certo, vamos cair no trote então. Onde estão esses ossos?

— Debaixo da minha casa.

A mulher riu. — Debaixo da sua casa?

Julia mordeu o dedo. O homem de macacão veio até a janela da loja e olhou para ela. — Eu sou Julia Stone eu eu moro em—

— *Stone?* Você é a prostituta *Judas Stone*?

— O quê? — Dedos invisíveis apertaram em volta da sua garganta.

— Ele é seu dono, vadia, então dê a ele o que é dele.

Julia deixou o telefone cair. Ela se escorou contra o telefone, o cérebro nadando e o peito apertado com o súbito pânico. Essa foi uma das grandes, a onda de maré negra, a montanha russa oceânica, o tremor de terra sob os pés.

Ele é seu dono.

As palavras correram pela sua cabeça, na voz da atendente, no murmurar baixo que ela ouvira do lado de fora de sua janela na noite anterior, na voz ameaçadora na noite de sua liturgia negra.

Tome essa prostituta Judas Stone.

Ela se sentiu leve, deslocada, novamente fora de si, engasgando por ar.

Corra para o jipe. Caia fora daqui.

Exceto—

Não importa onde vá, você levará tudo consigo. É parte de você. E ele é seu DONO.

Ela tentou relaxar, começar a contagem regressiva de dez. Mas ela não conseguia encontrar o dez, não conseguia fazer balões com os dedos, não conseguia concentrar o suficiente para relaxar sua mente. Apenas uma pessoa poderia ajudá-la agora. Ela mexeu pela bolsa procurando por mais moedas, baixou o gancho do telefone, colocou mais moedas e discou um número que ela recordava bem.

A Dra. Forrest atendeu antes de terminar o primeiro toque. — Onde você está, Julia?

— Ele está comigo.

— Relaxe, Julia. Respire.

— Eu não posso. — Seu coração ou iria explodir ou colapsar.

— Você confia em mim, não é?

Julia se encostou na parede da loja. Um carro passou na estrada, mas ela não se preocupou de ver se era uma viatura da polícia. — Por que Snead estava no seu consultório?

— Você pediu para ele estar aqui, lembra-se? — O tom da Dra. Forrest mudou de preocupado para repreensor. — Você me ligou a noite passada.

— Não, *você* me ligou. — Enquanto ainda falava as palavras, Julia não estava certa se acreditava nelas.

— Julia, você precisa de ajuda. Você precisa da *minha* ajuda.

— Você mentiu sobre o desenho do pentagrama.

— Julia, você quer ficar boa? — Balançou como um prêmio na frente de um cãozinho repreendido.

Julia bateu com o punho na parede da loja. — Curada de quê?

— Curada de resistir. Deixe sair, deixe possuir você. Ele é seu dono, mas você tem sido uma garota tão má. Tão incrivelmente difícil.

A inalação de Julia congelou nos pulmões. Lágrimas amortecidas encheram seus olhos.

— Julia, todos nós tentamos ajudar você. Lance, Lucius, seu pai, todos nós. É tudo o que sempre quisemos, você aceitá-lo. Você tornar-se a prostituta Judas Stone.

Julia não conseguia afastar o telefone do ouvido. Naquele terrível momento negro, Julia finalmente se deu conta de que a Dra. Forrest a dominava do mesmo modo que Lance Danner o havia feito. Todos querendo que ela se lembrasse aquela noite. Todos fazendo o monstro real.

— Julia?

— Sim. — A palavra sibilou de seus lábios em uma lenta saída de ar e alma.

— Onde você está agora?

— Não sei.

— Nós queremos ajudá-la. Ele a ama, Julia.

— Julia?

A última voz não veio do telefone. — Walter?

Ele correu até ela, a agarrou pelos ombros e virou seu rosto para ele. — Shhh. Apenas relaxe. Está tudo certo. Eles não podem pegá-la aqui.

Ele pegou o telefone de sua mão e colocou no gancho. Uma porta se bateu. O homem em macacão espiou na direção deles, torcendo a boca para os lados. — Tudo bem com vocês por aí?

— Respire — disse Walter. Ele disse para o homem — Ela está bem. Apenas uma tontura momentânea.

O homem balançou a cabeça como se não acreditasse neles e voltou para dentro da loja.

— Escute, Julia. — O rosto de Walter estava tão próximo que ela conseguia sentir sua respiração, podia ver as centenas de centelhas de marrom, verde e ouro em seus olhos. — Você está de pé nas nuvens, o sol está lá, você está rindo e brincando. Tem uma luz suave e dourada brilhando no céu. Você não deve se sentir perturbada. Abra seu coração e—

— Aquele homem... ele provavelmente está chamando a polícia. Ele está metido nisso. Ele é um deles.

— Shhh. Olhe para longe, onde as montanhas encontram o céu. Lá em cima, onde as nuvens estão. Seja a montanha. Mesmo o diabo não pode quebrar uma montanha.

Julia olhou para as nuvens grossas e dobradas que estavam acima dos cumes e as fortes e imemoriais encostas que caíam além, para dentro do vale do rio. *Eles não podem quebrar uma montanha.* Bobo, talvez, mas funcionou. Talvez Walter sentisse que ela não estava pronta para um salto de fé e talvez o jingle de venda de Jesus estivesse esperando nas asas, mas agora ele era uma âncora, tão sólido quanto sua montanha metafórica.

Quando ela finalmente conseguiu respirar novamente, Walter a guiou pela lateral da loja, a ajudou a entrar no jipe antes de sentar no assento do motorista.

— Ele me possui — disse Julia.

— Satã não a possui. — Walter engatou a marcha do jipe e acelerou rumo a estrada, dirigindo para as montanhas azuis e suaves à frente. — Não enquanto eu estiver vivo.

Enquanto eles seguiam ruidosamente à frente, lentos demais para deixar o passado para trás, Julia pensou que, não importando a rota que eles tomassem, Satã já era o mestre de todos os seus possíveis futuros.

CAPÍTULO 26

O jipe parou de frente a uma cabana judiada pelo tempo. As duas pequenas janelas da cabana eram separadas por uma porta cinza. Uma chaminé de pedra se inclinava precariamente de uma das extremidades da construção. O telhado de telhas de madeira estava coberto de musgo e as paredes eram feitas de troncos entalhados à mão.

A subida pelas montanhas havia sido um borrão. Tudo o que Julia lembrava era o veículo balançando e rugindo conforme Walter subia as colinas, um caleidoscópio maluco de folhas de outono acima da cabeça e Walter ocasionalmente estendendo a mão e tocando seu braço. Ela tinha imaginado sirenes e uma vez pensou que havia visto Snead correndo entre as árvores junto da velha estrada.

Julia olhou para fora do jipe para a floresta que circundava a cabana. A trilha de terra diminuía para uma picada no cume atrás da cabana. As montanhas à volta estavam perdidas no nevoeiro, aumentando a desorientação de Julia. O ar ficou carregado com a tempestade iminente.

— O que você acha? — Perguntou Walter.

— Onde estamos?

— Quinze quilômetros depois de lugar algum, na nossa cabana de caça. Tem sido o esconderijo da família há três gerações. Eu não acho que nossos amigos esquisitos serão capazes de nos achar aqui, pelo menos não antes de pensarmos nosso próximo movimento.

— É melhor eles não nos seguirem — disse Julia. — Parece que nós ficamos sem estrada para andar.

— Isso significa apenas que somos bem difíceis de achar. — disse Walter. Ele desceu do jipe e deu a volta para o lado do passageiro. Julia já estava do lado de fora antes dele a alcançar. Ela se encostou no jipe até que estivesse razoavelmente segura de ter reavido o equilíbrio. O aroma fresco de pinheiros e argila proveniente da floresta clareou sua mente.

— Desculpe-me por arrastar você para essa confusão — disse Julia.

— Eu estava nessa confusão muito tempo antes de você chegar à cidade.

— Eu não tenho nada a não ser minha bolsa — disse ela. — Eu não sei se posso ser de alguma utilidade emboscando coelhos ou qualquer outra coisa que vocês homens das montanhas caçam para comer.

Walter riu suavemente, como se a floresta circundante o relaxasse. — Se nós ficarmos mal desse jeito, tem um par de varas de pesca dentro da cabana. Temos enlatados para alguns dias, também, e uma mochila com comida no jipe. Comparado a fugir do diabo, morrer de fome é o menor de nossos problemas.

Walter destrancou a porta e a abriu para dentro, as dobradiças rangendo. Ele entrou na cabana escura enquanto Julia observava as grandes árvores. Walter emergiu depois de alguns segundos. — É segura — disse ele, olhando para o céu opressivo. — Entre.

Julia passou por ele entrando na cabana. O interior estava frio e impregnado com cheiro de fumaça e seus olhos demoraram um momento para se ajustar à escuridão. Ela notou uma pequena mesa no centro do

cômodo, um balcão com uma pia em um canto e um pequeno ressalto junto de uma parede, que ela presumiu ser uma cama. Walter entrou com uma braçada de lenha e logo uma chama crepitava na lareira.

Julia se ajoelhou no chão em frente ao fogo, agradecida pelo calor. O tremor das chamas jogava sombras estranhas nas paredes, mas o pequeno alojamento era reconfortante em vez de ameaçador. O céu do lado de fora das janelas era agora da cor do carvão, com faixas cinzas e as primeiras gotas de chuva caíram no telhado.

— É melhor nós pegarmos as coisas do jipe — disse Walter.

Ele havia dito “nós”. Ele não esperava que ela sentasse aqui como uma criança desamparada. Eles estavam nessa confusão juntos. Juntos, uma palavra tão estranha. Após todos esses anos com Mitchell, ela nunca se sentiu “junto” com ele.

Um trovão rolou pelas montanhas enquanto eles esperavam junto à porta. — Se um for atingido pelo relâmpago, o outro fica com toda a comida — disse Walter.

A eletricidade estática do ar avivou Julia. — Deixe-me ver o que você tem aqui antes das minhas esperanças ficarem altas.

Eles correram para o jipe e Julia subiu na dianteira enquanto Walter lutou com o zíper da porta de lona traseira. Ela lhe passou um saco de dormir e jogou a mochila nas costas. A chuva caía mais forte quando eles correram para a cabana e estavam ambos ensopados quando ficaram de pé resfolegando em frente ao fogo.

Walter tirou algumas latas da mochila. — Sardinhas ou salsichas vienenses?

— Você não tem caviar aí, tem?

— Nem. — Ele deu seu sorriso desigual. — E não tenho balas de menta também. Não esperava ter alguém para agradar na minha próxima viagem aqui para cima.

— Eu não sou difícil de agradar. — Julia tirou o casaco, o pendurou na cornija de madeira acima da lareira e verificou o telefone celular. Ainda nenhum sinal.

Walter puxou um pequeno fardo de roupas da mochila. — Aqui — disse ele, jogando as roupas para Julia. — Você não quer ficar resfriada. Fica mais difícil correr dos adoradores do diabo.

Julia olhou para ele.

— Não se preocupe, não vou espiar — disse ele. — Não sou nenhum lorde, mas tenho educação.

Julia foi até o canto abaixo da cama e manteve as costas voltadas enquanto tirava os sapatos e trocava de roupa. Ela olhou para as cicatrizes na barriga e estremeceu, mais do que simplesmente de frio. A calça jeans e a camisa de flanela de Walter eram muito grandes para ela, mas o tecido seco era gostoso junto da pele e Julia se sentiu estranhamente acolhida vestindo suas roupas. Ela voltou para a lareira com as roupas molhadas nos braços.

— Certo, você pode olhar agora. — disse ela.

Walter manteve a atenção na abertura das latas. O cheiro de comida se misturou com o de fumaça. — Eu não menti — disse ele. — Aquele esquisito realmente estava subindo pela sua janela.

— Eu sei. Acho que meu noivo — quero dizer, ex-noivo —

Walter finalmente olhou-a e seu olhar era faminto. — Você não deve ficar só. Você pode deixar alguém cuidar de você de vez em quando.

Ela corou, mas teve esperança de que o rubor tivesse sido escondido pelas chamas. — Eu acho que Mitchell o contratou para me molestar e me pregar peças para que eu pensasse que estava ficando maluca. Ele achou que eu entraria em colapso e que então ele poderia me controlar. Ele parecia obcecado com dinheiro, mas eu não tenho nenhum.

— Você está parecendo tão paranoica quanto eu.

— Não é paranoia se eles realmente estão atrás de você.

Julia espalhou as roupas na pedra da lareira e então sofreu um súbito ataque de timidez quando colocou o sutiã e a calcinha na cornija. Ela se repreendeu e terminou o que estava fazendo. Não havia mais necessidade de manter segredos. Segredos nunca a haviam feito bem.

Walter a entregou as sardinhas. Julia raramente havia comido sardinhas e sempre sentira repulsa pelo cheiro. Agora, entretanto, a fome era mais forte que o desgosto. Ela puxou um dos pequenos peixes oleosos para fora da lata com os dedos e o comeu como uma foca o teria, com a cabeça virada para trás.

— Sua vez de não olhar — disse Walter, puxando outro conjunto de muda de roupas da mochila. — Posso confiar em *você*?

Julia lambeu o sabor de peixe dos dedos. Nada mal, apenas um pouco forte demais. — Minha terapeuta disse para não confiar em ninguém.

— Terapeuta? O que pode lhe dizer uma terapeuta que você já não saiba? Tudo o que eles fazem é passar os próprios problemas para você, e não o contrário.

Julia o olhou. — Isso é um alívio. Você realmente é mais louco que eu.

— E daquele telefonema que você me contou, sua Dra. Forrest é mais louca que nós dois juntos. Agora, fique de costas.

— Eu não sou nenhum lorde também. — disse ela.

Walter foi para o canto e trocou de roupa enquanto Julia comeu outra sardinha, pensando se estava ou não considerando a hipótese de dar uma espiada. Ela não podia decidir e estava na quarta sardinha quando se deu conta de que havia passado quase um minuto sem pensar em Mitchell, Snead ou na Dra. Forrest.

Ou no seu pai.

Walter se juntou a ela em frente ao fogo e comeu as salsichas. Comeram então uma maçã cada um, passando um cantil de água entre eles enquanto acabavam com o jantar improvisado. Julia colocou uma grande acha de carvalho no fogo e olhou as faíscas subirem a chaminé. A chuva tinha ficado constante e a escuridão assentou pesadamente no topo da montanha.

Julia olhou para as brasas avermelhadas e se perguntou como se pareceria o inferno. — Conte-me sobre sua esposa.

O martelar das gotas de chuva no telhado preencheu a pausa. Walter disse — Seu nome era Rita Faye. Nós nos casamos logo após sairmos da escola. Nós sabíamos que seríamos pobres a vida toda, mas tínhamos um pequeno pedaço de terra e nos demos conta de que outras pessoas estavam piores que a gente. Ela adorava cultivar flores. Eu sempre achei que a terra seria para cultivar legumes, mas realmente sinto falta do cheiro dessas flores agora.

Walter se inclinou para a lareira e continuou com uma voz quase inaudível. — Eu consigo lembrar dela, curvada sobre suas margaridas e crisântemos, o cabelo amarrado em um rabo de cavalo, o sol

batendo nele e o fazendo brilhar. Ela estava grávida de cinco meses quando desapareceu.

— Sinto muito — disse Julia. — Eu não deveria ter tocado no assunto.

— Não. Está no passado. E o passado não pode mais machucar, a não ser que você permita.

— É difícil acreditar que ela tenha simplesmente acordado no meio da noite e sumido. Meu pai desapareceu do mesmo jeito.

— No meio da noite?

Julia respirou o ar enfumaçado. — Eu acho que ele era um adorador de Satã. — De alguma forma a acusação parecia ainda mais inacreditável quando dita em voz alta, fora da loucura controlada do consultório da Dra. Forrest.

— Satã. Não são muitos que acreditam nele hoje em dia.

Julia cruzou os braços. O rosto de Walter era suave e carinhoso na luz da lareira, com um toque de tristeza nas sombras do olhar. Ela podia confiar nele. Ela foi subitamente consumida pelo desespero de confiar completamente em alguém, depois das traições de Mitchell e da Dra. Forrest.

Talvez a sua desordem de personalidade limítrofe a levasse a sugar a simpatia de qualquer pessoa que ela encontrasse, uma vampira de alma que necessitava de constante afirmação. Ou talvez ela sempre tivesse sido solitária, desconectada, à deriva em um mundo onde mesmo o passado não era confiável. Ela não tinha nenhuma ligação, nenhuma fundação, e Walter parecia tão sólido quanto o granito apalachiano.

Seu rosto estava aquecido pelo fogo. — Ele era um deles. Um membro de seu covil. Ele os deixou me levarem para um campo atrás de nossa casa. Levaram-me para dentro de um celeiro. Eles estavam vestindo túnicas, havia fumaça no ar e alguém havia cortado a cabeça de um bode e a empalado em uma estaca. As pessoas más começaram a entoar cânticos e me seguraram enquanto um homem com um anel cortou minha barriga—

Outro longo silêncio. — E você era apenas uma criança — disse Walter suavemente. — Igual à criança que Hartley matou.

Ela confirmou com a cabeça. Ela não podia olhá-lo. Ela odiava seu pai, odiava os Monstros, não apenas pela dor, mas também pelas lembranças que eles haviam aferroado nela. Pelas sementes malignas e venenosas que haviam plantado na mente. Ela os odiava por a terem ensinado a odiar. — O que empunhava a faca... Eu acho que era meu pai. Aquela foi a noite na qual ele desapareceu.

— Por que você acha que ele era seu pai?

— A Dra. Forrest me disse.

— A psicóloga que praticamente falou que você era noiva de Satã?

Julia deu uma risada amarga. — Eu sei que parece loucura. Mas o homem com a faca usava um anel de caveira, com dois rubis no lugar dos olhos. Eu encontrei o anel na casa de meu pai quando voltei a Memphis.

— Esse era o anel do qual você estava falando.

— Alguém o tirou de minha bolsa.

— Alguém sabia que você o tinha?

As faixas de calor vermelho e laranja se alternavam nas brasas brilhantes, hipnóticas e etéreas. O ritmo da chuva a tornou sonolenta. Ela não conseguia pensar claramente. — Não. Mas eu dei à Dra.

Forrest um desenho de pentagrama que alguém deixou dentro do meu armário. Quem quer que seja, escreveu “Juuulia” nele, soletrando Julia erradamente com três U’s no meio. Exatamente do jeito que meu pai fazia quando estava me provocando.

— Então ela sabia que alguém havia entrado na sua casa. Você falou para ela do anel? — Walter se aproximou, apesar de que podia apenas ter se virado para ficar mais próximo do fogo.

— Acho que não. — Ela o olhou de soslaio. A luz estava dourada em seu rosto.

— Você se lembra do que falou para ela?

Julia balançou a cabeça. — Não é tão simples. Você não sabe o que é ter o passado tão ferrado que não sabe a quem odiar ou em quem confiar ou mesmo quem deve ser.

Walter colocou a mão no ombro dela e passou a mão em seu cabelo molhado. — Tem uma coisa que está me incomodando. Você diz que foi parte de um ritual satânico quando tinha quatro anos de idade. Bem, se Snead estava envolvido e sabe que você está começando a se lembrar, por que ele simplesmente não a *matou*? Por que se dar ao trabalho de pregar todas essas peças? O relógio, o desenho de pentagrama, o anel e todas essas coisas.

Julia colocou as mãos sobre os ouvidos. O pânico cresceu sob a forma de sombras nos cantos da cabana, todas elas escuras e afiadas, como os dedos do passado. Ela não queria se abraçar novamente, não na frente de Walter. Ela mordeu o lábio com força suficiente para machucar.

— Ei, você está bem? — Perguntou Walter.

Walter havia perdido alguém a quem amava e não havia sido levado para dentro dos porões negros de sua mente por isso. Ele seguiu com sua vida, escondeu as cicatrizes e manteve a respiração. Ele se aferrou à sua fé, não importa o quão simplista ela pudesse parecer. O que quer que estivesse acontecendo entre ele e Deus, parecia estar funcionando. E o que ela tinha?

Ela se levantou e caminhou pelo pequeno aposento. Lágrimas se acumularam em seus olhos, deixando-a envergonhada. Ela não era a única que estava sofrendo nesse mundo. — Eu não quero ser louca.

Walter se moveu rapidamente para seu lado. Ele segurou seu queixo e a forçou a olhá-lo. — Snead é real. Hartley é real. Não é sua imaginação. Eu não sei o que eles querem de você, mas aposto que não é nada bom. E essa Dra. Forrest... há quanto tempo você se consulta com ela?

— Desde que me mudei para cá.

— E o que de bom ela fez por você?

— Bem, de início estávamos fazendo progresso. Ela me tirou do processo de negação. Ela me fez ver... o que realmente aconteceu. — Julia fechou os olhos para escapar da intensidade do olhar de Walter.

— Ela lhe disse que seu pai lhe entregou como sacrifício para Satã. Para mim, parece que ela lhe fez um maldito de um favorzão.

Julia se virou para escapar de seu sarcasmo e sentou-se de costas para o fogo. — Você não pode escapar do passado.

— Quem disse? O que tem assim de tão especial no passado? Temos realmente que ficar esfregando o rosto em coisas que queremos esquecer?

Julia nada disse. Ela observou as sombras dançando à luz do fogo no teto. A chuva havia diminuído e

agora estava lenta e constante. Se apenas a chuva pudesse levar o mundo todo embora.

Walter foi para uma das pequenas janelas e espiou para fora. — Sinto muito — disse ele, chateado. — Não deveríamos estar discutindo. Supostamente estamos do mesmo lado.

Talvez Walter estivesse certo. Saber a verdade curava as feridas ou apenas as mantinha frescas? Mesmo após o comportamento estranho da Dra. Forrest, Julia se perguntou como seria possível gerenciar seus problemas sem a ajuda da terapeuta.

— Veja — disse Walter, sentando-se ao seu lado. Ele mexeu na mochila e tirou os cartões de beisebol que estavam na mesa de café. — Eu trouxe isso junto. Eu não estava pensando com muita clareza ou teria pego algo mais útil. Fiquei meio assustado quando vi Hartley bisbilhotando.

Julia pegou os cartões e os olhou, um a um. O ridículo da situação deles a atingiu como um tapa frio. Escondidos em uma pequena cabana na floresta, sem saber em quem confiar, incapazes de contactar a polícia pois os policiais eram Monstros. Nada a fazer a não ser esperar o bicho-papão vir e comê-la. A não ser que ela ficasse doida antes.

Ela se moveu para o lado para que Walter colocasse mais lenha. A exaustão a atingiu em cheio e ela bocejou.

— Vá para a cama — disse Walter. — Durma um pouco.

Julia se perguntou se ele tentaria juntar-se a ela na pequena cama. Ela não queria lidar com mais nenhuma confusão emocional além daquilo que eles já tinham de problemas. Ainda assim, seria bom ter alguém por perto, no caso de pesadelos ou ataques de pânico durante a noite. E talvez, apenas talvez, ela pudesse aproveitar algum conforto e calor oferecido por Walter. — E você?

— Vou ficar acordado mais um pouco — disse ele, indo até um velho baú de cedro de onde retirou alguns cobertores. Ele os balançou e os jogou sobre a cama. — Eu estou bem certo de que eles não serão capazes de nos seguir durante a noite e com chuva, mas não estou com muito sono, de qualquer forma. Vou apenas manter o fogo aceso por mais um tempo. Tenho meu saco de dormir aqui, se precisar.

Julia se moveu cansadamente para a escada e subiu para a cama como se outra pessoa estivesse controlando seus músculos. Os cobertores estavam espalhados sobre o que parecia um fino colchão. O colchão cheirava levemente a fumaça e folhas. Julia rolou sobre os cobertores e se cobriu.

Ela olhou sobre a borda da cama para Walter, lá embaixo. Ele estava virando as roupas molhadas para que terminassem de secar. Suas mãos eram estranhamente gentis com as roupas dela. Quando acabou, ele retornou à vigília e abriu a Bíblia.

— Walter? — murmurou ela.

— Sim?

— Obrigada. Por tudo.

Ele olhou para cima. — Não foi nada. Bons sonhos.

Julia lembrou da imagem da pradaria que Walter a havia ajudado a criar quando ela entrou em pânico no telefone do posto de gasolina. Ela observou as nuvens brilhantes flutuando ao seu redor na imaginação e sua respiração entrando em um ritmo lento e sereno. Por um instante, viu o celeiro de sua infância subindo na pradaria, mas foi capaz de afastar o horror de suas visões.

Eu sou uma montanha. Eles não podem me quebrar.

E atrás da montanha havia um rosto, turbilhão em névoas e nuvens. Ela tentou se concentrar, acreditar e apesar das feições estarem veladas, ela sentiu um sorriso suave.

O sono logo correu sobre ela como um nevoeiro espesso.

Um ruído a acordou na noite, um estalido de madeira. Ela abriu os olhos na escuridão absoluta. Seus pés estavam gelados. Algo a estava tocando, puxando os cobertores de seu corpo.

Alguém a estava tocando.

Ela tentou sentar, mas seus braços estavam presos. Então a coisa estava em cima dela, esmagando o ar para fora de seus pulmões. Ela não conseguia nem gritar. Dois pontos vermelhos apareceram na escuridão a alguns centímetros de seu rosto e o cheiro de ovos podres e fósforos inundou suas narinas. Os pontos ficaram mais brilhantes e em seu brilho ela pôde ver o rosto que possuía aqueles olhos impossíveis.

O anel de caveira.

A caveira havia adquirido carne e agora estava vindo tomá-la para sempre. Ela lutou e livrou um dos pulsos, cravando as unhas no rosto que se aproximava. Suas unhas afundaram na carne e ela rasgou. O rosto se desmanchou nas suas mãos, como uma máscara de borracha, mas os olhos ainda brilhavam.

Debaixo do rosto estava o rosto de seu pai, com barba crescida, cruel, um olhar maligno, do modo como a Dra. Forrest a fez lembrar-se dele. A língua entrava e saía entre dentes apodrecidos. Uma barbicha de bode crescia no queixo e o hálito podre babava sobre seu rosto. Ela raspou a mão novamente e agarrou o tecido de seu capuz.

Julia arrancou o tecido e dessa vez era Mitchell que estava por cima dela, suas mãos agarrando-a e beliscando-a, a expressão ao mesmo tempo desejosa e perversa. Ele riu de suas tentativas de se livrar, presunçoso em seu poder. Ela fechou os olhos contra a intensidade de seu olhar vermelho e arranhou seu rosto.

Mais pele e músculos saíram e uma voz em seu ouvido disse — Ele é seu dono, vadia. — e era a voz de Snead, uma voz que ela conhecia de 23 anos antes.

Snead. O homem no capuz. O monstro com a faca.

Julia abriu os olhos para olhá-lo, mas agora era Walter que estava em cima dela, o rosto queimando com ódio, saliva escorrendo por entre os dentes afiados, as mãos agarrando-a, ainda com mais força e crueldade, machucando, torcendo, tomando o que ele queria. O rosto brilhou, as feições incharam e transformaram-se na cabeça decapitada do bode de sua infância.

— Você é minha, Judas sua vadia. E eu tomo o que é meu.

Ela gritou e o rosto sinistro do animal se aproximou e lambiscou seus lábios com volúpia. Sua respiração fedorenta desceu sobre ela, queimando-a por dentro, despertando a agonia de suas cicatrizes, acordando cada lembrança horrível e ligando cada circuito para que a dor atravessasse seu corpo em ondas. Ela gemeu de desgosto enquanto a carne quente da criatura pressionava contra ela.

— Julia?

A voz de Walter por detrás da criatura-bode.

Mas Walter estava *dentro* dessa coisa, não estava? Uma parte dela. Todas elas o mal.

Dedos agarraram seu calcanhar, balançando-a. Ela chutou e agarrou cegamente.

— Ei! — disse ele novamente.

Ela abriu os olhos. Nenhuma escuridão, nada de olhos vermelhos, nenhuma criatura-bode. A cabana estava imersa em luz alaranjada, o fogo lá embaixo nas brasas.

Walter estava na escada, olhando-a. — Você está bem? Você estava gritando enquanto dormia.

Ela tentou se livrar do pesadelo. Mas as narinas guardavam a lembrança do fedor infernal e sua carne estava morna do ataque imaginário. — Você é um deles, Walter?

— Shhh. Você estava tendo um sonho ruim, só isso.

— Diga-me que não é um deles. — Ela puxou os cobertores até o queixo.

— Não, eu sou um de *nós*. — Ele bateu suavemente na perna. — Você está segura aqui. Eles não vão pegá-la.

— Estou assustada. Ela se sentia tão perdida e insegura quanto tinha se sentido quando tinha quatro anos de idade.

A escada estalou e então o corpo dele deitou ao seu lado. — Vai ficar tudo bem — ele murmurou.

Seus braços a envolveram. Ela aceitou o abraço, se acomodou nos cobertores e escorregou novamente para o sono. Dessa vez, nenhum Monstro a espreitou em seus sonhos.

CAPÍTULO 27

A luz da manhã gotejou pelas pequenas janelas, indicando que a tempestade havia passado. Julia deixou Walter dormindo e reavivou o fogo. Ela vasculhou na mochila de Walter, achou papel higiênico e saiu para espalhar. O céu estava limpo e a respiração de Julia fazia pequenas nuvens em seu rosto.

A vista era espetacular. A cabana ficava em uma clareira entre dois bosques e um penhasco se elevava por trás das árvores. O cume era o ponto mais alto por vários quilômetros. Os cumes azulados das montanhas seguiam à distância como ondas em um mar gentil. A brisa limpa e alegre acordou completamente Julia e ela acolheu os odores da floresta.

Walter estava certo. Os Monstros não poderiam pegá-la ali. Esse era o último posto avançado, um castelo majestoso, um lugar onde os problemas e o perigo não tinham lugar. As árvores não eram amedrontadoras. Ao contrário, formavam paredes que mantinham os inimigos à distância. Estar ao ar livre, sob o céu imenso, era como ser liberada sob fiança da prisão entulhada de sua mente.

Ela caminhou entre as árvores para dentro do silêncio da floresta. Um esquilo cinzento caminhou sobre uma árvore, coletando os mantimentos para o inverno. Ela se agachou atrás de um carvalho, pensando na noite anterior. Walter a tinha resgatado novamente, seu cavaleiro de armadura brilhante. Igual às histórias que seu pai contava na hora de dormir —

E o que mais seu Papai fazia, lá na sua cama?, veio a voz da Dra. Forrest, de lugar algum.

Ela parou, puxou as pernas das calças de Walter para cima e correu de volta para a cabana, com medo de que mais vozes saíssem das sombras de trás do carvalho e da noqueira. O sol parecia uma gema avermelhada de ovo no horizonte leste. Pequenos fiapos de nuvens eram tudo o que restava da tempestade. Julia olhou pela estrada para ter certeza de que não havia ninguém se aproximando e entrou na cabana.

Walter havia acordado, as roupas amassadas, o rosto com a barba por fazer. — Bom dia — disse ele alegremente, com a voz ainda sonolenta.

— Oi. A tempestade se foi.

— Eu não sei se isso é bom. — Walter remexeu em um canto da cabana e pegou uma velha cafeteira de estanho. — Isso facilita a vida deles para nos encontrar. Se é que eles estão interessados em procurar.

— O que você quer dizer?

— Vou lhe dizer quando voltar.

Julia empilhou um pouco de lenha no fogo e saiu para pegar mais. Walter voltou da floresta com a cafeteira. Ele levantou-a e um pouco de água derramou. — Tem uma nascente nos fundos. A água mais pura que você já provou.

— E nós vamos acabar com essa pureza transformando-a em café?

Walter sorriu, o sol no seu rosto e o cabelo desganhado fazendo-o parecer mais jovem. — Parece uma melhoria pra mim.

Um som rítmico encheu o ar, rapidamente ficando mais alto, batendo no ar entre as montanhas. Walter

largou a cafeteira e correu para o jipe. O motor ligou e ele deu ré para debaixo da copa de um pinheiro. Julia finalmente reconheceu o ruído e correu para dentro da cabana enquanto o som aumentava.

Olhando pela janela, ela viu um helicóptero cruzar para oeste. Os Monstros não podiam ter tanta influência, será? O que eles queriam tanto dela que estavam usando tantos recursos? Enquanto ela tentava esquecer a paranoia, lá estava Walter, escondendo-se debaixo das árvores e olhando para o céu.

Quando o barulho das hélices diminuiu, eles entreolharam-se.

— Você acha que eram eles? — Perguntou Julia.

Ele apontou para a chaminé. — Eles teriam visto a fumaça. Se eram eles, já teriam voltado.

Ele pegou a cafeteira e retornou à fonte. Julia entrou, pegou as roupas secas de perto da lareira e trocou de roupa antes que Walter voltasse. Ele não comentou sobre as roupas nem sobre ter dormido com ela. Julia se deu conta de que era a primeira vez que dormia com um homem sem fazer sexo com ele. Por outro lado, Mitchell tinha sido o único homem com o qual ela havia dormido.

Deixe de comparar ele com Mitchell. Eles não estão nem no mesmo nível.

Ele colocou um pouco de pó de café em um saco de tela metálica e colocou o saco no interior da cafeteira. Logo em seguida pendurou a cafeteira sobre o fogo em um gancho de metal. — O que é tão engraçado?

— Apenas pensando de que jeito vou ficar maluca agora.

— Já lhe falei, você não é louca. Você está a quilômetros da civilização, com todo o tempo do mundo, com um cara legal que faz um café razoável. Qual a parte ruim disso?

— Hum, você esqueceu a parte onde os adoradores de Satã querem reivindicar minha alma imortal.

— Ah sim. Eu imaginei que fosse bom demais para ser verdade.

Walter pegou duas canecas de cerâmica lascadas da prateleira conforme o cheiro de café invadia a cabana. Julia sentou junto ao fogo e observou Walter.

— O que vamos fazer agora? — perguntou ela.

— Esperar, penso eu.

— Para eles nos encontrarem?

— Vamos apenas deixar as coisas esfriarem um pouco.

— O que será que está acontecendo lá na minha casa?

— Depende do quê eles estão procurando. Talvez tudo que eles queiram seja você.

— Eu ainda não entendo por quê.

— Talvez eles não gostem de perder. Talvez eles achem que devam acabar com o serviço ou o Grande Bicho-Papão vai ficar nervoso. — Walter sentou a seu lado na lareira e colocou as canecas no chão. Ele pegou barrinhas de granola da mochila e passou uma para ela.

— Isso não se encaixa na imagem do café da manhã de um homem rústico das montanhas — disse ela.

— Bem, eu odeio dizer, mas não sou muito um homem das montanhas. Eu nem caço. Meu pai costumava me trazer para cá e me fazer tropeçar atrás dele carregando uma arma, mas nunca supus a ideia de atirar em algo.

— Por quanto tempo ficaremos aqui? — Perguntou Julia.

Walter encolheu os ombros. — Um dia ou dois. Não sei bem.

Ela se inclinou e tocou em seu joelho. — Você acha que Hartley tem algo a ver com o desaparecimento de sua mulher?

Ele olhou para o fogo com uma expressão de dor. — Algumas vezes eu fico assustado em pensar que ela era um deles. Aí acho que sou louco apenas por pensar isso. Mas quando você escuta as pessoas falando sobre adoradores de Satã e o que eles fazem com fetos, bebês e crianças... e ela mudou após ficar grávida. Ela ficou distante, assustada e desconfiada de todos.

Julia se aproximou e colocou os braços ao redor dele, sentindo os músculos rígidos debaixo da camiseta. Ela apertou o mais forte que pôde e a cabeça dele apoiou-se em seu ombro.

— Shh — ela sussurrou. — Apenas deixe sair. Não os deixe vencer. Não deixe *ele* vencer.

— Ele?

— Satã. — Walter ficou tenso sob seu abraço, mas ela continuou. — Uma grande quantidade de cristãos pensa que ele não é real, que é apenas uma relíquia supersticiosa. Chame de mal, carma ruim ou qualquer outra coisa. O nome não importa. O que importa é não deixarmos a escuridão nos devorar vivos, de dentro para fora.

Ela olhou além dele, perdida no calor de seu corpo. Aqui estava ela, brincando de psicóloga quando sua própria cabeça estava uma bagunça. Era um milagre que ela não tivesse passado dos limites meses antes. Ela lembrou do rosto estranhamente sério da Dra. Forrest, a mulher desabotoando a camisa e mostrando o pentagrama cortado na barriga.

— Você não está só, Julia — a terapeuta havia falado.

Ela estremeceu com a lembrança. Quantas mulheres existiam por aí pensando serem noivas de Satã? Será que a maioria delas estava nisso de boa vontade, como a Dra. Forrest, ou eram como Julia, perdidas, assustadas e gritando, conforme o pânico e a dúvida as devoravam por dentro? A pessoa nascia com essa coisa de sacrifícios satânicos ou aprendia no decorrer da vida?

— Você não está sozinha, Judas — disse Walter.

Julia se empurrou para longe, ficou de pé e correu para a porta. — *O quê você disse?*

Walter piscou, confuso. — Eu não falei nada.

— Sim, você falou. Você disse “Você não está sozinha, Judas”.

— Que diabos? — Sua confusão se transformou em raiva.

Ela se afastou mais um passo, a mão procurando a maçaneta da porta. — Foi *você*. Você pegou o anel, não é? Foi você que colocou o desenho de pentagrama com o “Olá Juuulia” nele. E você mexeu no relógio. Você tinha a *chave*. Um serviço interno.

Walter ficou de pé e levantou as mãos. — Eu não tenho ideia do que você está falando. Não fique contra mim agora, Julia. *Por favor*.

Sua expressão de dor quase a convenceu. Quase.

Julia abriu a porta e correu para dentro da manhã fria, através das árvores e para longe da cabana. Ela correu cegamente, os galhos batendo em seu rosto. Ela olhou para trás e viu Walter irromper pela porta da cabana, perseguindo-a.

— Juuulia — chamou ele, mas ela não diminuiu. Seu coração martelava nos ouvidos. Pensamentos irromperam em sincronia com o ritmo de suas pernas.

Walter. ELE era o Monstro. Um DELES, um dos pequenos servos nojentos de Satã. Ele provavelmente matara a própria esposa e arrancara seu filho do ventre dela como um presente a seu mestre.

E a estúpida e crédula Julia Stone caíra como um patinho, se abrira e confiara nele no raciocínio mais frágil possível. Ela não era nada mais que a vítima perfeita, sempre fora e sempre seria. Ela podia perfeitamente se atirar no chão e esperar pela vinda de Satã e fazer o que quer que ele fizesse com suas noivas, servir a qualquer necessidade negra que ele tivesse.

Seus pulmões queimavam com o ar frio. Ela se dirigiu para um declive entre as árvores, escorregou em algumas folhas e caiu. Ela se levantou desajeitadamente, alcançou um afloramento de rochas e entrou entre duas lajes de granito. Enquanto descansava, forçou os ouvidos tentando perceber Walter, mas tudo o que ela escutava era a própria respiração frenética e entrecortada.

Carvalhos e bordos gigantes a rodeavam, os ramos retorcidos através do céu. As montanhas estavam obscurecidas, todos os sinais de civilização perdidos em folhas, cascas e louros. Esse era o mundo da natureza, o mundo que Satã dominava. Ele dominava o mundo da natureza humana também. Ele possuía Julia. Ela possuía a todos.

Render-se. Deite-se. Deixe-o possuí-la.

— Ele é seu dono, Julia. — veio a voz da Dra. Forrest.

Então, Snead: — É hora de você tornar-se a prostituta Judas Stone.

Walter: — Você não está sozinha, Judas.

Ela pressionou as mãos sobre os ouvidos, mas não conseguia tirar as vozes da cabeça. Ela cambaleou para longe das pedras, o sol enlouquecido sobre as copas das árvores, o vapor de sua respiração formando imagens sinistras à sua frente. Satã possuía *tudo*.

Ela fechou os olhos, deu mais alguns passos incertos e caiu novamente. O pânico subiu como dedos subindo de sepulturas negras, torcendo, agarrando, impaciente. Quando os dedos — os dedos *dele* — a tocaram, ela não teve forças nem para empurrá-los para longe. Eles a seguraram, puxando possessivamente.

— Julia — disse.

Algo se agitou nos cantos escuros de seu manicômio. Aquela voz. Não era Walter, nem Snead, nem a Dra. Forrest. Não era Satã.

Mitchell?

— Você está bem?

Ela abriu os olhos e *era* Mitchell. Sua gravata estava torta, o cabelo despenteado, mas ele era Mitchell Austin, advogado, ex-noivo e aspirante a estuprador. O diabo havia feito a carne.

— Mitchell — foi tudo o que ela conseguiu dizer.

— Eu o vi perseguindo você — disse ele. — Venha, levante-se. Ele vai nos ver.

Ele a pôs de pé. Julia balançou e se escorou em uma árvore. — Como... como você me encontrou?

— Pela escritura da casa. — Mitchell veio até Julia e ela não conseguia fazer as pernas se moverem.

Ele tomou seu braço e a levou a uma moita densa de louro. — Os policiais me contaram que um tal de Triplett havia sequestrado você. Eles não tinham pistas, mas sabemos que os policiais não são muito inteligentes. A cabana estava na declaração de impostos da família.

Julia deixou Mitchell puxá-la através das moitas de rododendros. Eles estavam escondidos pela folhagem densa. — Agora apenas temos que esperar a polícia — disse ele.

— Você disse a eles que estávamos aqui?

— Eu queria vê-la primeiro. Talvez alguma parte estúpida em mim queria ser um herói, na esperança de que você me perdoasse pelo que... — Sua voz diminuiu, perdendo toda a autoridade que tinha nos tribunais. — Pelo que eu quase fiz.

— *Você disse a eles?*

Ele fez que sim com a cabeça. — Eu os chamei pelo celular na cidade. Deixei meu carro na estrada e subi a pé.

— Não — ela sussurrou.

— Olha só, eu vim até Elkwood para consertar as coisas. Eu sinto muito. Fui estúpido, perdi a cabeça, pois acho que estava com receio de perdê-la.

— Por isso você tentou me *violentar*?

Os olhos de Mitchell foram para um lado e depois para o outro, como se estivesse procurando alguma jurisprudência para citar. Ele parecia deslocado com o terno de trabalho, escondido no meio da floresta, a quilômetros de distância de um clube de golf ou uma bolsa de valores. A lã de seu casaco estava desfiada nos lugares onde os ramos haviam ficado presos. — Eu não a culpo por me odiar. Mas é sua culpa.

— Vá se ferrar, Mitchell. — Ela ficou de pé nos arbustos, a raiva reavivando suas forças. — Vá se ferrar você e o bode no qual está montado. Você não pode me salvar.

Ela começou a se mover na direção dos louros, mas Mitchell a agarrou. — Não — disse ele. — Eu preciso de você.

Ela arrancou o braço de seu aperto.

— Você é *minha* — disse ele.

— Vai sonhando.

— *Você não vai escapar de mim, vagabunda.* Ele se jogou sobre ela, derrubando-a no chão. Eles lutaram sobre as folhas geladas.

— Ela vai para onde bem desejar — disse Walter. Ele emergiu por detrás de alguns pinheiros brancos. — Ela é capaz de tomar as próprias decisões. E ninguém vai impedi-la.

Os olhos de Julia encontraram os de Walter e ela não estava certa se era fogo ou loucura que via em seu olhar. Mitchell a largou e pôs-se de pé, tirando as folhas das roupas.

— Então você é o Monstro — disse Mitchell. Ele era alguns centímetros mais alto que Walter, mas Walter se aproximou dele com firmeza, os punhos fechados.

— Ei, não sou eu que estou batendo em uma mulher.

— E eu não sou um lunático que mata esposas.

— Não acredite em tudo que ouvir. Ela veio comigo porque quis. Não foi assim, Julia?

Julia olhou de um para o outro, buscando o diabo em um deles.

— Acho melhor desistir — disse Mitchell. — A polícia estará aqui logo.

Walter olhou para Julia. Ela não conseguiu enfrentar seu olhar intenso. Ele deu um passo na direção de Mitchell.

— Fique longe de mim! — disse Mitchell, mexendo no interior do casaco. Ele sacou uma pistola e o sol brilhou no cano ameaçador.

Walter ficou de boca aberta quando viu a pistola. Ele parou, mas não levantou as mãos. Julia não sabia muito sobre armas, apenas o que havia visto nos filmes policiais. A pistola parecia ser semiautomática, pois não tinha um tambor. Mas ela sabia que uma arma disparava balas e Mitchell estava ou louco ou possuído, e isso era uma combinação ruim.

— Venha cá, Julia — disse Mitchell. — Se você tivesse me deixado comprar uma arma para você como sempre quis, esse idiota talvez não a tivesse raptado.

Julia lançou um olhar para Walter e deu um passo na direção de Mitchell.

— Não fui eu, Julia — disse Walter. — Você tem que acreditar em mim.

— Do que ele está falando? — Perguntou Mitchell, segurando a arma firme como se estivesse acostumado a usá-la.

Julia balançou a cabeça. Ela não conseguia mais lutar. Ela iria embora com Mitchell, ele tomaria conta dela até a polícia chegar, Walter seria preso e todos viveriam felizes para sempre.

— Ele não me raptou — disse ela.

A mão de Mitchell que segurava a arma tremeu. — Julia, você está confusa — disse Mitchell. — Seus... *problemas* provavelmente se agravaram com o trauma. Você não pode confiar no que está pensando nesse momento.

— Eu não sei o que pensar — disse ela.

— Eu gosto de você.

— Não — disse ela. — Você apenas não quer me perder. Mitchell Austin não suporta perder, não importa o que você diga.

As mandíbulas de Mitchell se fecharam com força e ele apertou a coronha da arma tão forte que sua mão tremeu. Walter manteve os olhos fixos no rosto de Mitchell.

— Não seja estúpida, Julia — disse Mitchell, como se ela fosse um cão desobediente ou uma criança mimada. — Veja tudo que posso fazer por você. Você sabe que eu posso. O dinheiro é muito forte e quando voltarmos para Memphis, para longe de Snead e seus psicopatas, estaremos resmungando feito idiotas. Você não sabe a metade da história. Se você estiver metida em confusões, podemos comprar uma saída para você.

— Estou assustada — disse a criança de quatro anos de idade dentro dela. Mas ela não podia salvar aquela pequena menina. Ela era uma mulher agora, nova, melhorada e pronta para lutar pela sua alma.

Os olhos de Mitchell escureceram.. Ele elevou a arma para a altura do peito, ainda apontando para Walter. — Você quer ficar aqui com esse caipira?

É isso, o momento da decisão. O mundo insano e seguro do passado, o mundo de Mitchell, onde ela poderia ficar na concha escura para sempre? Ou uma liberdade desconhecida e talvez igualmente insana com Walter e seu passado sangrento. O diabo que você conhece ou o diabo que você não conhece?

Walter ficou parado, os olhos fixos na arma.

Mitchell falou com Walter agora. — Então, você está tentando roubá-la de mim, hein? E o dinheiro. Eu deveria fazer uns buracos nesse seu rosto feio. Inferno, eles não me condenariam. Eu conheço um bom advogado.

Ele riu, um som cruel e maníaco que ficou completamente deslocado na quietude da floresta. O pânico subiu pela espinha de Julia, se contorcendo como um balde de vermes. Walter iria morrer e ela seria a próxima. Ninguém sabia do que Mitchell era capaz. Seu rosto estava torcido em uma máscara sinistra, os olhos brilhando com uma loucura secreta.

— Eu não sou um deles — disse Walter para Julia.

— Eu não acredito em você — disse Julia a Walter. Ela manteve a mentira escondida em seu rosto, esperando que seus olhos não a traíssem. Ela deve ter sido bem sucedida, julgando pelo choque de dor no rosto de Walter.

Ela se moveu para perto de Mitchell, repousando a mão em seu braço. — Você pode tomar conta de mim — disse ela. — Você pode me salvar.

Os lábios de Mitchell se curvaram em um esgar de triunfo. Ela o sentiu relaxar e então bateu com violência em seu pulso com toda a força que conseguiu, energizada pela lembrança do ataque em Memphis. Três altos disparos cortaram pela floresta e ela ouviu o grito de Walter por cima do rugido em seus ouvidos, enquanto a fumaça de pólvora queimava suas narinas. Seu ódio avançou como as águas atrás de uma represa atingida por uma tempestade e ela bateu novamente. A pistola voou da mão de Mitchell e caiu no tapete de folhas.

— Vadia — grunhiu Mitchell, batendo com o dorso da mão em seu rosto. Ele se inclinou para pegar a pistola, mas Julia cravou os dedos na camisa. Walter mergulhou para o chão, procurando entre as folhas, e levantou com a pistola. Mitchell jogou Julia para longe e olhou para Walter.

— Você vai atirar, caipira? — Mitchell sorriu, todo dentes brancos e perversidade. — Eu não acho que você tem a coragem para isso.

Julia esfregou o rosto machucado. — Você me mandou para Elkwood, não foi?

Mitchell franziu o cenho, uma pequena hesitação cruzando seu olhar. — Você é maluca.

— Não tão louca quanto você queria que eu fosse — disse ela. — Você e o Dr. Danner armaram pra cima de mim com a Dra. Forrest. Vocês queriam que eu me mudasse para cá. Você queria que ela me deixasse tão indefesa que eu cairia em seus braços para nunca mais sair.

Mitchell olhou para Walter. — Pode ver como ela é fraca de espírito?

— Mas tinha uma coisa com a qual você não contava — ela continuou, feliz por não estar segurando a pistola. Ela talvez tivesse atirado nele. — O Dr. Danner tinha seus próprios compromissos. Ele estava fazendo sua parte para ser um bom pequeno membro de sua irmandade.

— Irmandade? — Mitchell parecia confuso. Mas todos os advogados são bons atores em algum nível.

— Adoradores de Satã — disse Julia, feliz de ver o rosto de Mitchell ficar pálido.

Ele olhou para Walter e balançou a cabeça. — Ela é maluca. Agora está falando bobagens sobre Satã. Ela realmente entrou na onda da psicóloga...

Walter segurou a pistola sem falar nada.

— Você conhece Snead, não conhece? — Disse Julia. — Você o conheceu em Memphis. Eu não ficaria surpresa se você o tivesse ajudado a conseguir um trabalho por aqui, de tal forma que ele pudesse manter um olho em mim.

Mitchell deu um passo na direção da pistola, mas Walter disse — Eu não faria isso se fosse você. Semiautomática, .45, três tiros dados ainda deixam quatro no carregador.

— Você sabia que Snead estava no pequeno círculo de Satã, Mitch? — Julia sorriu enquanto Mitchell se contorcia com o apelido sarcástico. — Talvez você estivesse se fingindo de satanista. A verdade é que você não pode ser curvar para nada nem ninguém. Você nunca adora mais nada a não ser você mesmo.

— Eu estou nessa pelo dinheiro, do mesmo modo que eles — disse Mitchell. — Por que mais alguém poderia querer casar com você?

— Dinheiro? Eu não tenho nenhum dinheiro.

— O que vamos fazer com ele? — Walter perguntou para Julia.

— Eu apenas o quero fora da minha vista — disse Julia cansada. — Fora da minha vida.

Walter moveu a arma para baixo, na floresta. — Você ouviu a moça. Caia fora daqui. E não faça planos para voltar, pois esse caipira aqui vai despachar você. — Ele deu uma piscadela sinistra que teria feito Julia rir sob outras circunstâncias.

Os olhos de Mitchell se abriram, incapaz de saber se Walter estava brincando ou não. Ele se afastou alguns passos, virou-se, e começou a descer pelo declive. Seus sapatos de couro chutaram as folhas, os ombros caídos. Quando estava quase fora do campo de visão, próximo a uns arbustos de cicuta, ele olhou para trás.

— Você sabe o cara que mora a seu lado? — Falou ele por entre as mãos em concha na frente da boca. — Eu paguei para ele perturbar sua cabeça.

Mitchell deu mais alguns passos, virou-se e gritou novamente. — Ele me mandou um par de suas calcinhas pelo correio. Pense bem antes de deitar novamente no divã de uma terapeuta. Ou de falar sobre o altar para o diabo.

Ele se abaixou por trás dos arbustos e o som de seus passos correndo logo desapareceu.

— Suas calcinhas? — Disse Walter.

— Ele é um Monstro — disse ela, cruzando os braços e se abraçando. — E pensar que eu o deixei me tocar.

— Sinto muito — disse ele.

— Não sinta. Eu estou contente de me livrar dele.

— O que ele quis dizer com “Estou nessa pelo dinheiro”? Pensei que ele era rico.

Julia franziu a testa. — Quem pode saber de verdade, em se tratando de Mitchell?

— Você agora se dá conta de que ele está nessa coisa toda, junto com Snead?

Ela balançou a cabeça. — Ele apenas me quis como seu pequeno brinquedo. Snead me quer para dar

a Satã e eu não acho que ele goste de compartilhar.

— Eles provavelmente ouviram os disparos e virão logo. — Walter acionou a trava de segurança da arma e olhou para trás, na colina, na direção da cabana.

Julia queria apenas se deitar no chão da floresta, juntar-se à argila decomposta e apodrecer em paz. Ela estava cansada de ter donos. Ela havia sido possuída por terapeutas, por Mitchell e pelas lembranças de algo que pode ou não ter acontecido quando ela tinha quatro anos de idade.

E agora Satã a queria, ou pelo menos seus seguidores perturbados a queriam. Mas para o Diabo que ela se renderia agora, não quando estava quase ficando livre de tudo. E ela não estava mais sozinha. Ela não estava mais trancada no interior da casa de sua mente. Ela podia *confiar*.

Ela olhou para o céu, mas as nuvens ainda estavam silenciosas. Talvez essa fosse a definição de fé, acreditar quando não havia evidências.

— Deixe vir, Deus — Disse ela. — Eu não estou mais com medo.

Conforme subiram a colina, Julia desejou poder encanar a força da fé de Walter. Com a ajuda dele, ela poderia lutar contra Snead, Hartley e a Dra. Forrest. Mas ela não possuía armas contra a criatura criada a partir da carne de uma fé perversa, ou contra a escuridão que se rastejava no interior de sua alma e estava crescendo para preencher tudo que ela sabia ou acreditava.

CAPÍTULO 28

— O jipe não vai servir de nada agora. — disse Walter quando retornaram à cabana. — Eles poderiam facilmente bloquear a estrada.

— Talvez devêssemos ficar por aqui. — disse Julia. — Temos a arma.

Walter balançou a cabeça. — Eu lhe disse que não sou Clint Eastwood. Seria mais fácil atirar em mim mesmo que atirar em um deles. E eles estão em maior número.

O sol estava alto no céu, toda a chuva da noite evaporada no ar. Julia olhou atentamente para a floresta em volta deles. Os Monstros poderiam já estar à volta deles, rodeando o esconderijo. Ela estremeceu com a ideia de esperar na cabana, esperar que os Monstros invocassem seu estúpido mestre negro, ou o que quer que fizessem. Ela imaginou uma cena louca, com tochas e sombras, cânticos baixos e sinistros, o ar preenchido com a fumaça acre de estranhas ervas. Ela empurrou a cena para longe.

— Para que lado vamos? — Perguntou ela.

Walter indicou norte. — Se formos para o lado de trás da montanha, poderemos seguir o riacho até Amadahee. Se nos mantivermos nele, deveremos estar fora do condado em alguns dias.

— Alguns dias?

— Eu acho que não devemos nos arriscar e procurarmos ajuda por aqui. Não há como dizer quem vai estar ao lado deles. No lado do *diabo*.

Julia balançou a cabeça, olhando para o chão. — Eu não quero acreditar em conspirações diabólicas.

— Eu também não, mas elas continuam aparecendo. Você entra e vai empacotando as coisas e eu vou até a fonte pegar um pouco de água. Se a gente for caminhar por dois dias, é melhor seguirmos com pouco peso.

A fumaça havia diminuído na chaminé, o fogo quase apagado. A floresta estava refletida nas janelas escuras da cabana. A paz desse lugar havia sido quebrada. Agora a cabana parecia abandonada, sem alma, apenas pedras e madeiras.

Julia entrou, o aposento mergulhado no brilho do fogo que morria. Ela pegou as roupas e a comida restante, colocou na mochila e a colocou nos ombros. O abridor de latas de Walter estava junto à lareira. Ela abriu um dos bolsos da mochila e deslizou o abridor, mas pensou que o gume afiado poderia rasgá-la. Ela tinha que envolvê-lo em algo. Ela colocou os dedos para dentro do bolso e tocou uma forma quente e redonda.

Parecia familiar e um arrepio correu pelo seu braço. Seu coração parou por um momento enquanto ela tirava o objeto, sentindo seu estranho pulso antes que ela visse os rubis gêmeos.

O anel de caveira.

O rosto prateado olhou para ela, os rubis brilhando à luz do fogo.

Algo se agitou na cama. Uma voz veio, abafada pelas cobertas.

— *Olá, Juuulia.*

Ela reconheceu a voz de sua infância. O gelo cortou seu peito.

As cobertas se levantaram na escuridão. Julia olhou para longe da cama nas trevas antes que o pesadelo entrasse no seu campo de visão. Ela jogou o anel no fogo e correu para a porta.

Enquanto ela corria, uma risada negra a seguiu, vinda da cama e do fogo. Walter não estava à vista. Ela ia chamá-lo, mas ficou com medo de que *eles* ouvissem. A coisa na cabana a chamou novamente.

Monstro, sua mente gritou enquanto ela corria. *Monstro, monstro, monstro. O diabo encarnado.*

Ela correu para as rochas altas, junto ao pico. O granito saía da Terra como o casco de um navio naufragando, a massa cinzenta rachada por éons de vento e tempo. As árvores passaram como borrões, os ramos batendo em seu rosto. Sua respiração queimava nos pulmões e ela estava tonta, pronta para entrar em colapso a qualquer segundo. O medo serviu como combustível e ela manteve as pernas em movimento.

Ela chegou às rochas e olhou para trás através dos ramos nus. Ninguém a estava seguindo. Ela havia imaginado a voz e o ser dentro da cabana? Ah, Deus, ela não começaria a ter alucinações *aqui*, não?

Julia abraçou a mochila junto ao peito, lutando para respirar. Abaixo dela, a descida pedregosa descia uns trinta metros ou mais, quebrada apenas por musgo e pequenos pinheiros por dentro das fendas. Ela se inclinou na pedra aquecida pelo sol e fechou os olhos.

Dois passos à frente, dentro do vazio, e ela estaria livre deles. Agora e para sempre. Satã não poderia persegui-la além da sepultura. A dor, o passado, as mentiras e truques, nada disso seria capaz de alcançá-la.

Mas aquilo seria uma forma diferente de render-se e ela estava cheia de rendições. Ela era uma montanha. Eles não podiam quebrá-la.

E ela não sabia o que a esperava do outro lado. Uma escuridão sem fim prometia paz, mas aquele salto suicida poderia acabar dentro da assadeira daquele que a possuía pelo tempo todo.

Ela seguiu junto à beira da plataforma de granito, empurrando o pânico para longe da mente. O vento era mais forte aqui, balançando as árvores de bálsamo lá embaixo. Algumas nuvens haviam se juntado em uma massa cinzenta, com outra tempestade se formando no oeste. Era como se Satã estivesse controlando o tempo justamente para brincar com o humor de Julia.

E por que ele não faria isso? Mesmo Deus e Jesus reconheciam Satã como o mestre desse mundo, de acordo com o pequeno capítulo de Lucas na bíblia de Walter.

Vozes vieram de algum lugar na floresta. Ela se agachou dentro de uma reentrância e se escondeu nas sombras. Ela se manteve perfeitamente imóvel pelo que podem ter sido minutos ou uma hora, mal ousando respirar, pensando que a qualquer momento as trevas iriam crescer e se transformar nos dedos do pânico, para agarrar seu coração até que ele parasse.

Suas pernas estavam adormecidas de ficar agachada e ela se levantou e se recostou nas paredes da pequena caverna. Julia pressionou as costas contra a o granito quando ouviu passos subindo a trilha de pedra.

Walter.

Ela saiu da reentrância, mas os passos haviam diminuído. O vento entre as árvores negras era o único som.

Exceto pela respiração áspera atrás dela.

Ela girou, deixando cair a mochila. Snead estava atrás dela, com um sorriso torto.

— Você está pronta, Judas? — disse ele.

Ele havia se aproximado sem fazer um ruído. Ou havia simplesmente aparecido no ar. Como ela poderia lutar contra o mestre do mundo?

— Você a achou? — Gritou uma voz masculina em algum lugar abaixo. Julia a reconheceu de sua casa, da cabana, da noite que seu pai desaparecera. Hartley.

— Ela está aqui. — Snead agarrou seu braço. — Venha comigo, Julia. Ele está esperando há muito tempo. Você sabe que o fez muito bravo.

E como se estivesse dando suporte às palavras de Snead, um trovão rolou pelas colinas distantes. O céu havia ido de ensolarado a sombrio em apenas meia hora. O vento ganhou força e os ramos estalavam nas encostas abaixo. Mais nuvens se concentraram acima, farrapos pretos e cinzas rasgados em fúria.

Julia se permitiu ser conduzida pelo desfiladeiro. Ela estava anestesiada, como se seu sangue houvesse congelado nas veias. Uma ovelha para o sacrifício.

Ele se espremeram entre duas grandes pedras e emergiram em uma clareira. Hartley estava esperando, vestido com uma túnica de lã marrom, o capuz jogado para trás para revelar o topo de sua cabeça calva. Seus olhos estavam cravados profundamente nos ossos de seu rosto, condenados a sempre olhar o mundo a partir das trevas.

— Alguém o seguiu, Lucius? — Perguntou Hartley.

— Ninguém. — respondeu Snead. — Triplett deve estar preso a essas alturas.

— Deveria tê-lo tirado do caminho um bom tempo atrás.

— Não se preocupe. Estou certo de que podemos providenciar um pequeno acidente. Uma perseguição entre as árvores, ele cai de um desfiladeiro tentando evitar a prisão, ninguém vai perder tempo pensando sobre isso. Não com o seu passado.

Hartley tirou uma arma da túnica. — A não ser que os ossos da prostituta de Triplet apareçam. E os ossos da criança que ela nos deu. Então alguém pode começar a bisbilhotar, como a Judas Stone aqui.

Prostituta de Triplett? A esposa de Walter. Ah, Deus, não. Que tipo de mulher daria seu filho como sacrifício?

A raiva de Julia reviveu e ela lutou contra o aperto de Snead. Mais três figuras encapuzadas surgiram das árvores. Como se Satã os houvesse invocado a partir da terra, do ar, do fogo e da água. Eles a circundaram, mãos grosseiras Tateando e agarrando seus membros.

— Amarrem-na — Hartley ordenou.

Julia lutou, mas foi subjugada e forçada ao chão. Suas mãos foram torcidas e amarradas às costas e seus pés amarrados. Um leve odor de perfume cruzou suas narinas e uma mão esguia tocou seu rosto. Os murmúrios entraram em seus ouvidos pelas salas perdidas de sua alma.

— Você é uma de nós. — disse a Dra. Forrest. — Você sempre foi uma de nós.

— Sua vadia. — cuspiu Julia. — Eu nunca serei uma de vocês.

— Você nasceu uma de nós. — disse a Dra. Forrest. — Você pertence.

— O mestre está pronto — disse Hartley, olhando à volta, a arma apontada para o céu turbulento. O

vento havia ficado mais forte, agora batendo e cantando por entre as árvores. — Ele nos enviou os sinais.

— O que faremos depois que acabarmos com ela? — Snead perguntou a Hartley.

— Deixe Satã decidir.

— Existem muitas pontas soltas, Hartley. Supostamente Satã deve cegar os fracos. Mas corpos surgiram e, cedo ou tarde, alguém vai nos conectar com Memphis.

— Você está duvidando, meu Irmão Judas?

As figuras encapuzadas ficaram à volta de Julia, confrontando os olhares. Julia notou que dois deles usavam calçados de couro oficiais. Calçados policiais.

Snead disse — Ele realmente nos abençoou. Eu estava apenas pensando sobre a perspectiva da polícia.

A voz de Hartley rivalizou com o trovão baixo que se arrastou pelas colinas. — Existe apenas uma lei e um mestre para impô-la.

Julia olhou para Snead e viu o rosto aquilino do homem enrubescer de raiva. — Isso é fácil para você dizer. Você faz as bagunças e eu tenho que limpá-las.

Hartley levantou a mão esquerda como se estivesse se dirigindo aos céus. — Mesmo o livro dos tolos reconhece o mestre desse mundo. — Hartley sorriu para Julia. — Quatro-seis, Judas.

Um disparo ecoou pelos montes, vindo das rochas próximas ao cume. O coração de Julia apertou.

Walter. Eles devem tê-lo encontrado.

Ela o imaginou caído sobre as folhas, sangue escorrendo de seu peito. Atingido enquanto tentava fugir, disseram eles. Mas Julia sabia da verdade: que ele dera a vida tentando protegê-la. E ela havia duvidado dele e de seu Deus.

Hartley se abaixou com o ruído e ordenou que Snead investigasse. Snead e duas das figuras encapuzadas desapareceram entre as pedras. Hartley sussurrou — Vigie a vadia. — e se meteu por entre as árvores. Julia ficou no chão, amarrada e indefesa, sozinha com a Dra. Forrest.

A doutora ajoelhou-se ao lado de Julia, gentilmente tocando seu cabelo. Julia desviou do contato, enjoada com a possibilidade da morte de Walter. Ela soluçou.

— Shhh, Irmã Judas. — disse a Dra. Forrest para ela. — Você está quase completamente curada.

O que essa mulher louca estava dizendo? Quantas outras mentes ela havia poluído em seu papel como terapeuta? Quantas outras vítimas vulneráveis ela havia levado para esse final maligno por meio da manipulação?

A Dra. Forrest sorriu para ela, como uma Madona para uma filha. — Se apenas seu pai pudesse vê-la agora.

— O que tem meu pai? — Julia conseguiu perguntar no meio de sua confusão.

— Ele era um fraco, um tolo. Ele perdeu a coragem justo quando estava para ser aceito no Círculo Interno. Imagine o poder que Satã teria concedido a ele se apenas ele tivesse tido a força para recebê-lo.

— Não. — disse Julia. — Você me disse que... você me fez lembrar que ele havia me molestado.

A Dra. Forrest gargalhou, um som tão sinistro quanto o balançar do rabo de uma cascavel. — Douglas Stone não faria mal a uma ovelha, quanto mais a um ser humano. Sua mãe era a mais forte, pronta para

sacrificar qualquer coisa. Então, quando chegou o momento de entregar você ao mestre, Douglas a roubou de nós.

O rosto da Dra. Forrest ficou mais escuro, as sobrancelhas se juntando. — Mas *ninguém* escapa de nossa Irmandade. E o Mestre não pode ser enganado.

— O quê vocês fizeram com ele? — Julia lutou contra as amarras, mas agora, do mesmo modo que há 23 anos atrás, ela não conseguia ficar livre. Ela estava furiosa com esses monstros, um ódio que quase transformou as cores de sua mente de negras para escarlate. Mas ela estava com raiva de si mesma, de pensar que havia deixado outra pessoa construir uma falsa lembrança na mente, de ter permitido que alguém a possuísse tão completamente.

— Ele está em um lugar melhor agora — disse a Dra. Forrest, um sorriso vago no rosto. — O mestre certamente reservou um de seus fornos mais quentes no inferno para aquele verme patético. Eu fui uma das que veio até você naquela noite. Douglas chamou a polícia e nós ouvimos as sirenes. Se Snead não estivesse lá para nos proteger—

A Dra. Forrest fechou os olhos como se estivesse tentando controlar o ódio. Após um momento, ela os abriu e continuou. — Seu pai quebrou a janela e tentou jogar você através dela. Sua barriga se cortou no vidro. Havia tanto sangue, tanta magia. E Douglas o desperdiçou.

As cicatrizes no abdômen de Julia. Não eram o início de um pentagrama, no fim das contas. Eram ferimentos, não marcas de possessão.

Ela sabia que a Dra. Forrest não podia conter a fala, então decidiu saber o máximo que pudesse. — Por que eu?

— Sua mãe acreditava o suficiente para oferecer a própria carne, sangue e respiração. Mas Douglas nos traiu. Um Judas entre os Judas. Você deve vir até Satã para pagar pela traição de seu pai.

Os olhos de Julia se encheram de lágrimas. — A morte dele não foi suficiente para pagar a dívida?

A Dra. Forrest voltou ao tom calmante que utilizava nas sessões de terapia, adotando seu papel familiar. — Você ainda está tão confusa, Julia. Não lute contra a verdade. Apenas dar a sua vida não é suficiente. Você deve dar tudo a ele. Você deve *acreditar*.

Acreditar. Em uma crença criada para ensinar moralidade, mas também oferecendo uma alternativa para aqueles que não gostariam de esperar uma vida inteira para receber as bênçãos eternas. Satã não era uma serpente, um anel de prata ou qualquer coisa com carne. Era apenas um símbolo para o desnudo desejo humano por poder. Para gratificação egoísta e indulgência distorcida, não importa o custo final.

E ela teve que pagar a vida toda na moeda doentia. Agora Walter havia pago também.

— Nós queríamos que você viesse até Satã em inocência e de boa vontade. Após todos esses anos, o único modo de fazer isso foi fazer você ver o seu poder e aceitá-lo. Satã exige a completa rendição de suas prostitutas. — A Dra. Forrest deu um sorriso maligno. — É assim que eu o sirvo.

Alguém gritou na floresta e outro disparo foi dado. O coração de Julia deu um salto de esperança. *Walter ainda deve estar vivo!*

E se ele estava disposto a lutar, ela também estava. Ela não tinha uma pistola, mas tinha uma arma diferente. A Dra. Forrest almejava uma bênção de seu mestre mais do que qualquer outra coisa na vida.

Por anos, as pessoas tentaram fazer de mim uma pessoa que não sou. De forma que talvez seja a hora de me “tornar” essa pessoa. Vamos ver o que Judas Stone pode fazer.

— Eu... Estou disposta — disse Julia. — Você está certa. Eu estava confusa. Mas você e o Dr. Danner me ajudaram tanto.

A Dra. Forrest ficou radiante de aprovação. — Lance pensou que seria melhor levarmos você para longe de Mitchell. Lucius também concordou com isso. Estou feliz que eles tenham mandado você para mim. Eu acho que compreendo você. Nós somos iguais.

— Sim — disse Julia. — Eu não teria conseguido sem você. Eu ainda estaria perdida.

— A verdade a libertará.

— Eu quero ser livre.

Os olhos da doutora emitiram um brilho maníaco. — Aceite-o, então. Renda-se.

Mais gritos vieram das pedras acima. O vento estava rugindo agora, as nuvens colidindo como as velas rasgadas de um veleiro e o céu de um negro quase sólido, como do final de tarde anterior. Um dos satanistas encapuzados saiu das árvores e veio para a clareira. Era Hartley.

— Traga a prostituta — disse ele, a raiva na voz.

— O que há de errado? — Perguntou a Dra. Forrest.

— Triplett tem uma arma. Temos que nos apressar. Traga-a para o altar.

Hartley desapareceu na floresta novamente. Julia lutou contra o desejo de gritar — Se Satã é tão poderoso, por que ele não pode conter as balas? Mas, em cada religião, mesmo naquelas dedicadas ao mal, em vez do bem, a fé era cega, frágil e, em última instância, humana.

— Eu quero me entregar — disse Julia. — Estou curada.

A Dra. Forrest franziu o cenho. — Mas você estava com raiva—

— Apenas de mim mesma — disse Julia, imitando o tom de êxtase que a Dra. Forrest havia instilado nela durante dúzias de sessões. — Mas agora eu vejo. O Mestre teve tanto trabalho. Eu estou honrada.

— Você é a predileta. — disse a Dra. Forrest. — E eu ajudei trazendo você até ele.

— Por favor. Desamarre meus pés, de forma que possa me entregar de coração.

A Dra. Forrest hesitou.

— Você ouviu o Irmão Hartley — Continuou Julia. — Não temos muito tempo e eu acho que você não consegue me carregar, mesmo que o Mestre lhe empreste sua força.

Julia quase engasgou com a falsidade de suas palavras. Ela tentou lembrar das palavras do tele-evangelista da gravação mal direcionada, ou inserida. Se ela pudesse adotar o mesmo tom de retidão e usá-lo para a glória do “Mestre”, a Dra. Forrest engoliria a conversa.

— Eu quero ser uma de vocês. — disse Julia. — Eu quero ir até ele em glória. Eu vi o seu poder. Desamarre-me, para que eu possa recebê-lo. Para que eu possa ir até ele com minha própria vontade.

Livre arbítrio, que os satanistas adoravam tanto quanto seu deus vazio e seu próprio egoísmo.

— Temos que ser marcadas. — A Dra. Forrest esfregou por cima da túnica sua cicatriz de pentagrama. — Servi-lo através da dor e do sangue.

Julia tentou um olhar sincero e arrebatado. Ele ficou deslocado em seu rosto, obviamente falso. Mas a Dra. Forrest estava cega. Ela via apenas o que queria ver. Seus olhos estavam brilhantes de desejo de

curar Julia, para levar a nova Irmã ao rebanho, para reivindicar uma vitória, de forma que seu mestre negro pudesse lhe sorrir.

— Eu estou pronta para usar seu anel — disse Julia, esperando que fosse a coisa certa a dizer. — Estou pronta para me tornar a prostituta Judas Stone.

Os dedos fortes da Dra. Forrest puxaram a corda que prendia seus pés. O nó se desfez e Julia livrou os pés da corda. A Dra. Forrest a colocou novamente de pé. — O altar está pronto — disse a doutora. — Trabalhamos tão arduamente por esse dia.

Julia relanceou o olhar para o pico de granito. Uma figura vestindo túnica se agarrava à face da pedra, olhando para o outro lado da encosta. Eles estavam emboscando Walter. Julia começou a caminhar na direção das rochas, mas a Dra. Forrest agarrou a corda que prendia as mãos de Julia às costas.

— Por aqui, Judas Stone. — disse ela, puxando Julia na direção que Hartley havia ido. Julia pensou em se livrar e correr, mas ela não seria capaz de ajudar Walter enquanto estivesse com as mãos amarradas. Ela teria que ser paciente e esperar sua chance.

Elas se moveram através dos bálsamos e cicutas e chegaram a uma clareira menor. No meio, havia uma pedra achatada, rodeada por capim marrom. Um caminho circulava à volta da pedra. O altar havia sido usado antes, provavelmente para sacrificar a esposa e o filho de Walter.

Hartley ajoelhou-se junto a uma árvore, afiando sua faca. Ele guardou a faca dentro da túnica e aproximou-se dela. Seu olhos eram como fogo debaixo das sobrancelhas. — Judas Stone — disse ele, sorrindo. — Você está pronta para se juntar a nós?

Julia confirmou com a cabeça. Ela não queria parecer ansiosa, pelo menos não na frente de Hartley. A Dra. Forrest estava demente, mas o rosto de Hartley era composto de uma mistura de astúcia e crueldade. Julia supunha que os Sumos Sacerdotes não ascendiam aos seus postos por acidente. O Mestre escolhia com sabedoria.

— Coloque-a no altar — disse Hartley.

Snead correu para a clareira, o capuz caído, a túnica torta nos ombros. — Nós ainda não o pegamos. Estamos tentando não atirar nele. Uma bala é mais difícil de explicar que um acidente fatal.

Hartley deu um sorriso reptiliano. — Irmão Snead, foi por isso que o Mestre fez de você o Chefe de Polícia.

Snead pareceu bravo novamente e Julia viu que poderia usar a briga interna na vantagem.

— É muita coisa. — disse Snead. — Posso controlar a minha parte do negócio, mas se pessoas de fora começarem a espiar, as falhas começarão a ficar expostas. Um repórter me ligou ontem perguntando se suspeitávamos de atividade satânica no corpo que apareceu flutuando no rio. A polícia estadual pode começar a fazer perguntas também.

— Apenas cuide dos seus assuntos e deixe o Mestre tomar conta do resto.

— Maldição, Hartley, ela vai lhe dar o dinheiro — disse Snead, olhando para Julia. — Tudo o que você tem a fazer é dizer que vai arrancar seus olhos se ela não lhe contar. Temos que passar mais uma vez por esse maldito vodu?

Os olhos de Hartley ficaram ainda mais brilhantes. — Silêncio, Judas — rugiu ele.

— Que dinheiro? — Perguntou a Dra. Forrest.

— O dinheiro que Douglas Stone roubou da irmandade — disse Snead friamente. — Três malditos milhões de dólares. Com juros, isso pode estar valendo o dobro agora.

Julia olhou para o chão, fingindo estar entorpecida e levada a um estado balbuciante pela manipulação mental da Dra. Forrest. *Três milhões.*

— Irmão Hartley? — Perguntou a Dra. Forrest. — Sobre o que ele está falando?

Snead continuou. — Você acha que nós mantemos essa coisinha de covil andando apenas por prazer? Todos os seus irmãos e prostitutas trabalham para o Mestre, tudo bem, mas tudo se resume a dinheiro. Piranhas, crack, armas. Ou vocês não ouviram que Satã domina o mundo?

Julia arriscou um olhar para o rosto da Dra. Forrest. A mulher parecia que tinha sido atingida por um bastão na cabeça, a boca aberta, os olhos arregalados. — M-mas, o Mestre—

— O mestre sorri, Judas Forrest — disse Hartley. — Nós espalhamos o mal. Amor pelo dinheiro é a raiz de todos os males.

— E corte os lucros — disse Snead. — Bem, *meu* corte vai ser um pouquinho maior. Afinal de contas fui eu que roubei drogas do depósito de vestígios. Fui eu que garanti que pessoas desaparecidas continuassem desaparecidas e não surgissem na forma de ossos em algum lugar. E eu quero metade.

— Isso não foi o combinado — disse Hartley lentamente.

— Novo acordo. — Snead tirou a arma de sua túnica e por um momento Julia pensou que ele iria atirar em Hartley. Em vez disso, ele se moveu na direção de Julia e pressionou o cano da arma contra sua cabeça.

— Não! — ordenou Hartley. — Ela é a única que pode retirar o dinheiro da aplicação.

O cano da pistola era frio contra a têmpora de Julia. ela segurou a respiração, fazendo a contagem regressiva lentamente. Se ela iria morrer, não queria morrer cega pela escuridão do pânico. Ela queria morrer pensando sobre o que poderia ter sido, um futuro que a levaria para longe dos passados que nunca haviam acontecido. Ela queria morrer curada e inteira.

Ela visualizou as montanhas, onde os cumes encontram as nuvens. Walter estava lá no horizonte imaginário, esperando. E talvez algo por trás dele, a sombra de sua alma, a luz de seu coração.

O Deus de Walter tinha cedido esse mundo para a doença, a luxúria e a ganância, mas mesmo a frágil esperança de salvação era melhor que a certeza da nulidade.

CAPÍTULO 29

A arma fria a trouxe de volta à clareira e ao vento. Três milhões de dólares. O preço da alma de Julia.

Mitchell deve ter sabido sobre o dinheiro. Com suas conexões, ele provavelmente deve ter sabido mesmo antes deles começarem a namorar. Isso tornou sua possessividade mais compreensível. Dinheiro e roupa íntima roubada. Os dois caminhos para o coração sem valor de Mitchell.

Um pena que ela estaria morta muito tempo antes de conseguir rir de sua cara.

— Vamos lá — disse Snead para ela, segurando a arma com firmeza. Era do mesmo tipo de arma que Walter havia tomado de Mitchell, uma semiautomática preta.

A Dra. Forrest ficou próxima a Snead, as mãos unidas debaixo do queixo. Hartley olhava furiosamente, o cabelo branco e ralo desarrumado pelo vento forte. A floresta circundante havia ficado escura, com os espaços entre as árvores preenchidos com uma sombra negra. O trovão estava mais próximo agora, o chão parecendo tremer debaixo dos pés de Julia.

— Ela fica — disse Hartley. — Ela pertence ao Mestre.

— Para com essa merda — disse Snead. — É apenas a gente agora. Não precisa começar com essa coisa de Satã.

— Ela pertence a ele. — disse Hartley.

— Esse plano estava ferrado desde o início. Você acha que ela vai se juntar ao covil agora e dar o dinheiro de mão beijada? Eu não sei por que tivemos que perder todos esses anos deixando os psicólogos mexerem com a cabeça dela. O melhor método para mexer com a cabeça de alguém é fazer passar uma bala por dentro dela.

— Você esqueceu sua posição. — disse Hartley. — Eu sou o Sumo Sacerdote aqui.

— Círculos dentro de círculos. — disse Snead. — E quem *you* deve cortar para entrar no acordo? Quantas outras pessoas receberão uma parte do dinheiro do diabo?

— Irmão Snead, não interfira com o Mestre — implorou a Dra. Forrest. — Judas Stone foi escolhida. Ela nasceu para ser uma de nós.

— Maldição, Irmã — ridicularizou Snead. — Parece que você caiu vítima de sua própria lavagem cerebral. Você pode ficar aqui e tentar explicar todos esses corpos aos policiais. Os policiais *honestos*. Quanto a mim, eu vou levar essa vagabunda de volta a Memphis, onde iremos até o banco favorito dos Stone e vamos fazer um pequeno saque em espécie.

Ele pressionou o cano da arma com mais força contra a têmpora de Julia. — Certo, Irmã?

Se eles esperavam que Julia estivesse insana após tantos anos de psicoterapia abusiva, ela não os desapontaria. No fim das contas, o Dr. Danner e a Dra. Forrest estiveram martelando sua cabeça, construindo falsas memórias, revirando seu passado e a fazendo acreditar em monstros. A primeira regra da vitimização era possuir um desejo obsessivo de agradar aos outros. Se Snead a queria maluca, ela teria prazer em se fazer de louca.

— Se o Mestre assim o quer — disse ela, dando um sorriso que esperava ser apropriadamente vazio.

Snead a empurrou na direção das pedras. Ela quase perdeu o equilíbrio, as mãos ainda amarradas às costas. — Vamos em frente — disse ele. — Vai anoitecer logo. Eu não quero estar aqui na floresta com todos esses idiotas andando pra lá e pra cá com armas. Alguém pode se ferir.

Eles caminharam pela trilha estreita. Louros ladeavam a trilha, as folhas escuras e cobertas de cera. A vegetação rasteira era muito espessa para tentar uma fuga. Snead a empurrou para a frente e ela não teve escolha a não ser tropeçar na direção do cume.

As últimas folhas de outono balançavam nas árvores, o ar com cheiro de estática. Julia procurou uma chance para correr. Ela quase não tinha medo de ser atingida por um disparo. Pelo menos seria rápido e piedoso. Mas ela odiava perder para esses Monstros, agora que ela sabia quão patéticos e fracos eles eram.

— Snead! — Hartley gritou, sua voz quase perdida no vento que uivava.

Enquanto Snead se virava, duas figuras encapuzadas pularam dos loureiros. Um deles brandiu um pesado ramo, atingindo Snead nas costas. O outro pegou Snead pela cintura e agarrou a arma. Julia foi jogada sobre os joelhos durante a luta. A pistola disparou duas vezes e um dos homens gemeu de dor.

Julia se levantou desajeitadamente. Hartley e a Dra. Forrest correram pela trilha. Os dois homens de túnicas seguraram Snead no chão. O rosto de Snead estava vermelho de raiva, o sangue escorrendo de uma de suas pernas.

— Malditos sejam, idiotas — Snead silvou. — Vocês não veem o que ele está fazendo? Ele quer tudo para si próprio. Sempre quis.

— Não, Judas Snead — disse Hartley, respirando pesadamente. — Nosso *Mestre* quer tudo. Porque tudo já pertence a ele. — Hartley tirou uma faca de sua túnica. — Incluindo sua pobre alma.

Julia se moveu na direção dos loureiros, momentaneamente esquecida pela Irmandade. Snead chutou debaixo do aperto de seus captores, mas não conseguiu ficar livre. Julia reparou que um dos encapuzados possuía um buraco na parte de trás da túnica. Uma umidade escura circundava o buraco.

Disparo no coração. E ainda ANDANDO? De que são feitas essas pessoas?

Hartley levantou a faca e gritou para o céu — Aceite esse sacrifício, Satã, ó Mestre do mundo, apesar dessa alma ser de pouco valor.

Hartley se curvou sobre Snead, que vociferava. Julia olhou para longe enquanto a faca descia. O grito de Snead transformou-se em um gorgolejar e foi roubado pelo vento. Julia olhou para a Dra. Forrest. Os olhos da mulher estavam quentes com o êxtase interior enlouquecido.

Hartley levantou-se e limpou a faca na túnica. — Desculpe-me por macular a lâmina com o sangue dele — disse ele, sorrindo para Julia. — Mas o Mestre perdoará você. Está pronta para terminar a marca e se juntar a nós?

O pentagrama. Hartley queria cortar as três linhas restantes para completar a cicatriz. Então viria o círculo circundante sobre sua carne, a faca como um fogo gelado sobre sua pele. E por fim ela seria sua, mente, corpo e alma.

E aplicação financeira.

Se Satã era dono do mundo, por que ele precisava de três milhões de dólares? Pecados eram comuns. O mal era barato. E vazio espiritual era absolutamente de graça.

Mas ela não podia fugir, não com as mãos amarradas e o caminho impedido. Se ela mergulhasse nos loureiros, ficaria presa nos ramos. Os picos adiante eram muito traiçoeiros para trilhar com as mãos presas. E os Irmãos encapuzados haviam provado sua cruel eficiência.

A melhor opção era ganhar tempo. Walter não desistiria, não enquanto ainda estivesse respirando.

— Junte-se a nós — disse a Dra. Forrest — Tornando-se a prostituta Judas Stone.

A Dra. Forrest segurou seus braços. Tudo estaria bem, todas as feridas curadas, o Mestre perdoando a desobediência de Julia. Satã era a deidade mais compassiva jamais criada pelos humanos. Satã permitia livre arbítrio a seus seguidores.

Mas livre arbítrio também pertencia àqueles que *não* o seguiam.

Walter não gostaria que eu me rendesse. Ele gostaria que eu continuasse a lutar. Eu sou uma montanha. Eles não podem me quebrar.

Julia imitou o sorriso arrebatado da Dra. Forrest. — Eu não quero ficar mais só, Irmã.

Ela caminhou para a frente, entre os dois Irmãos, e curvou levemente a cabeça na direção de Hartley. — Estou pronta para me submeter.

— Ele ficará satisfeito — disse Hartley. Ele olhou para cima, para o céu estranhamente rodopiante, as árvores nuas como milhares de dedos negros no vento.. — Devemos nos apressar, entretanto. Austin deve ter falado da vadia para a polícia estadual.

A Dra. Forrest retirou a túnica pelo ombros e a jogou no chão. Ela ficou em pé, nua, na luz da tarde que diminuía, tremendo de frio e excitação. — Façam-na de Satã — disse ela, a voz alta.

— O que vamos fazer com Snead? — disse a figura encapuzada à esquerda de Julia.

Hartley raspou o gume da faca com o dedo, sua língua saindo levemente por entre os lábios. — Corte fora sua cabeça e jogue no penhasco. Deixe as águas o levarem, como levaram a de Judas Triplet.

O Irmão que segurava o braço direito de Julia a largou e se postou à sua frente. Ele cheirava a fumaça. O sangue no tecido rasgado da túnica era grosso e coagulado. Ela reconheceu o anel na mão esquerda, apesar da prata estar escurecida com cinzas.

O anel de caveira.

Da lareira da cabana.

— O Irmão Snead pode esperar — disse a Dra. Forrest. — Mas Satã está ansioso. Ele esperou muito tempo essa prostituta. Ele me falou como esta desejoso de tomá-la, de queimá-la, de saborear seu sangue. A mulher esfregou as mãos sobre a própria barriga nua e repleta de cicatrizes, em uma imitação grotesca de fascinação.

— Que assim seja. — disse Hartley. — Removam as túnicas e compartilhem do prazer de Satã. Venham para Satã em pureza, com nada a esconder. — Ele olhou lubricamente para Julia. — E você é a próxima, prostituta.

Hartley começou a retirar a própria túnica, mostrando suas pernas finas e pintadas. O anel de caveira na mão reluzia, como se os rubis tivessem uma luz interior. Hartley deve ter ido à cabana, achado o anel e trazido para ser abençoado pelo beijo do sangue de Julia.

Não, o *seu* anel de caveira estava sendo usado pela figura de capuz em frente à ela, o que não estava removendo a túnica.

O Irmão que cheirava a fumaça.

Ela reconheceu as botas de Walter por baixo da bainha da túnica.

Assim que o Monstro à direita de Julia largou seu braço para remover a túnica, Walter pulou na direção de Hartley. Os braços do Sumo Sacerdote estavam presos pelo tecido e ele gemeu de dor quando Walter empurrou o ombro no estômago do homem. Hartley deu um giro desengonçado com a faca, a túnica caindo atrás de si, e arfou — Ajude-me Judas.

O Monstro encapuzado pulou sobre Walter e ambos caíram no chão. Hartley lutou para ficar de pé e segurou a faca sobre as duas figuras em luta. — Guie minha mão, ó Satã — disse o homem enlouquecido, a baba varrida de sua boca pelo vento.

A faca mergulhou na direção das figuras e uma delas gemeu de dor. Julia tropeçou para a frente, rezando para que Walter não tivesse sido ferido. A Dra. Forrest agarrou Julia, seus dedos como garras.

Hartley deu um passo para trás e retirou a arma das dobras da túnica. Uma das figuras encapuzadas rolou até ficar ajoelhado, enquanto a outra ficou imóvel. A figura ajoelhada puxou o capuz para trás.

Walter.

Ele mergulhou bruscamente na frente de Hartley, procurando a faca ensanguentada como um penitente defronte a um santuário. A arma de Hartley apontada para seu rosto. Julia olhou para o chão da floresta próximo ao corpo de Snead. Os Monstros haviam esquecido da arma de Snead. Ela a viu, um brilho tênue contra as folhas escuras.

Mas mesmo que ela pudesse pegá-la, ela não poderia fazer mira com as mãos presas às costas.

Ela tinha apenas uma arma. Sua mente. A casa cheia de cômodos abarrotados que havia criado tantas dúvidas e sombras, que havia guardado tanta dor, que havia bagunçado suas lembranças como os blocos de madeira com letras. Ela permitiu a outros abrirem e fecharem as portas, mas todos que fizeram isso eram loucos. Agora era a hora dela mesma limpar a casa.

— Não faça isso — gritou ela, vendo Hartley pronto para atacar. O Sumo Sacerdote parou com a faca sobre sua cabeça. Uma gota de sangue caiu sobre sua cabeça calva e escorreu pelo rosto.

— O Mestre não quer mais nenhum sacrifício inútil — disse Julia. — É a mim que ele quer. — Suas palavras pareceram amplificadas pelo vento, correndo nas árvores por todos os lados. O céu ficou mais escuro, uma noite engolindo outra.

Julia caminhou na direção de Hartley, curvada, e ajoelhou-se ao lado de Walter. Ela evitou os olhos de Walter, incapaz de suportar o olhar traído que ela encontraria neles. A Dra. Forrest foi para o lado de Hartley, sorrindo para Julia, os olhos tão brilhantes quanto estrelas matutinas.

— Ela quer se juntar — disse a Dra. Forrest, tremendo. — Eu lhe disse que ela estava pronta.

Hartley franziu o cenho, confuso. — Mas não seremos capazes de pegar o dinheiro.

— O Mestre sempre pode pegar o dinheiro. — disse a Dra. Forrest. — Mas quantas vezes ele deseja sua doce vingança? Imagine o poder, imagine suas bênçãos sobre nós, se dermos a ele a filha daquele que o traiu?

Sob outras circunstâncias, Julia poderia ter rido da ideia de alguém traindo o príncipe da traição. Mas não, ela não era cética, era uma verdadeira crente, oferecendo de livre e espontânea vontade sua carne para o mestre do mundo. Ela copiou o sorriso ensandecido e beatífico que a Dra. Forrest estava ostentando e ficou horrorizada com a facilidade com que ele escorregou para seu rosto.

— Dê-me a ele — Julia implorou a Hartley. — Eu quero que Satã me tenha, corpo e alma. De minha própria vontade.

— Não, Julia — disse Walter.

— Cale-se — disse Hartley para Walter. — Se não fosse pela sua intromissão, essa vadia já pertenceria. Mas eu suponho que Satã deve a você um pequeno agradecimento. Mesmo por que, a vadia de sua esposa e seu filho foram sacrifícios dignos.

Walter bufou e tremeu na raiva. Julia sabia que ela não podia esperar muito mais. Ela disse à Dra. Forrest — Desamarre-me, para que eu possa ir até ele, pura e por minha vontade. Nós somos todos parte do Círculo.

A mulher nua se postou às costas de Julia e começou a desamarrear os nós. — Ah Irmã. Estou tão feliz por você querer pertencer. Ficaremos juntas para sempre, nele.

Hartley segurava a faca ameaçadoramente sobre Walter. — Olhe a vadia — disse ele.

— Ela confia em mim — disse a Dra. Forrest, como se estivesse falando com a floresta, as rochas e o rio. — E Satã sorrirá para o meu trabalho. Pois eu ajudei Julia a se tornar quem ela é. Eu a ajudei a se tornar Judas Stone. Não foi, Mestre?

Os nós afrouxaram e a corda escorregou dos pulsos de Julia. A Dra. Forrest começou a puxar o casaco para sua cabeça, preparando-a para completar a imagem do pentagrama. Julia manteve o sorriso de acólito, apesar de seus olhos estarem fixos em Hartley. Seu anel de caveira brilhava na escuridão crescente, os rubis parecendo dois pontos vermelhos mesmo não havendo luz para refletir.

Julia olhou para o anel no dedo de Walter. *Seu anel.* Nenhum reflexo vinha dele. Sua respiração ficou suspensa. Ela achou que tudo isso fosse um jogo, que os truques de “Satã” eram explicados pela manipulação dos Monstros. O poder das sugestões da Dra. Forrest combinado com falsas lembranças.

Mas e se ela realmente tivesse nascido sob Satã? E se seu pai a tivesse dado, mas mudado de ideia e a resgatado? E se o ritual de tanto tempo atrás tivesse sido interrompido e Satã houvesse se deliciado com o longo e tortuoso caminho de Julia de volta ao Círculo Interno?

Não importava. As palavras saíram como um feitiço apodrecido antes que ela pudesse reconsiderar. — Eu quero que Satã me tenha, corpo e alma. De minha própria vontade.

Quando Julia falou essas palavras, não havia um sentimento quente e doentio invadido seu peito? Ela não havia se sentido tonta com força, como se o mestre do mundo compartilhasse a riqueza espiritual doentia do mundo? Satã não prometia liberdade absoluta, liberdade para matar ou machucar, ou mentir ou entregar-se à luxúria? Todos os pecados sem um preço, pois o maior preço de todos já havia sido pago.

Ela olhou para Hartley, quase que esperando ver a cabeça de bode pular para fora do topo de sua túnica, esperando ver o mestre se vestir com carne para que pudesse saborear os pecados mortais do mundo. Mas tudo o que ela viu foi um homem envelhecido e depravado, o rosto avermelhado pelo frio.

O anel de caveira era apenas uma peça ornamental cravejada com pedras. Um símbolo para os tolos que não possuíam esperança, que não viam valor na vida e que tinham que criar essa fantasia monstruosa. E adagas, túnicas, pentagramas, rituais que não eram nada mais que muletas teatrais para uma deidade que não existia, zombarias inventadas para dar sentido a vidas sem sentido. A adoração última do eu e do ego.

Ela olhou para Walter e viu vida neles. Os fogos da alma nunca eram acesos por anjos caídos. Eles eram acesos por compaixão. O poder era criado por um sacrifício que era altruísta, não um sacrifício

feito para ganhar aprovação. Walter havia feito sacrifícios por ela e havia reavivado a fagulha de esperança em seu coração. E amor era o mais luminoso dos poderes, o mais quente dos fogos, a força que fazia até mesmo os deuses ficarem de joelhos.

Ou talvez ela fosse apenas insana.

De qualquer forma, Julia ficou de pé, a energia fluindo por seus membros. Ela sentiu a Dra. Forrest puxando sua blusa, tentando expor seu abdômen para que Hartley pudesse trazer a faca para perto. A floresta parecia uma fera selvagem, pulsando e tremendo debaixo da pele da noite. O vento crescia e diminuía em uma melodia que era tão antiga quanto a terra.

Julia sacudiu-se para longe do aperto dos dedos da Dra. Forrest, se virou e caminhou para o topo das rochas altas. — Ó Satã, meu Mestre, venha me tomar — ela gritou para os céus.

Hartley a chamou, ou poderia ter sido Walter. Ela ouviu os passos da Dra. Forrest nas folhas mortas, perseguindo-a.

— Juuulia? — Hartley gritou, sua voz meramente audível sobre a ventania.

Eles haviam matado seu pai. *Hartley* havia matado seu pai. E apesar de seu pai ter sido espiritualmente fraco, seduzido pela atração que uma liberdade moral corrupta oferecia, ele havia socorrido Julia quando a Irmandade resolveu cortá-la em pedaços. Ninguém estava além da redenção.

— Satã me chama — disse Julia, continuando pela trilha, sentindo seu caminho pelos loureiros. Ela esperava que sua marcha penosa parecesse com a de um zumbi.

Ela foi até o lugar onde Snead havia caído. A arma estava invisível nas trevas. Ela tropeçou, desfaleceu e caiu de joelhos, correndo as mãos pelo chão, fingindo estar se equilibrando.

— Você precisa de nós para chegar ao Mestre — disse a Dra. Forrest atrás de Julia. — Eu não posso fazê-lo sozinha. Venha para a frente do Sumo Sacerdote. Deixe-nos ajudá-la a pertencer.

Os dedos de Julia tocaram a arma e ela segurou a coronha. Snead fora atacado durante o ato de disparar, de forma que a trava de segurança estava desarmada. Ela não sabia muito sobre armas, mas sabia como fazer pontaria. E, se necessário, puxar o gatilho.

A Dra. Forrest a alcançou e a abraçou, a pele nua da mulher febril. Julia se permitiu ser conduzida novamente pelo caminho. Ela mal conseguia ver Walter e Hartley, que eram apenas duas silhuetas acinzentadas contra as sombras do mundo, Walter ainda de joelhos.

A Dra. Forrest empurrou Julia gentilmente na direção de Hartley. O Sumo Sacerdote virou a faca de forma que ela brilhou levemente na luz tênue.

— Por que usar a faca? — disse Julia. — O Mestre não ama balas?

A Dra. Forrest tocou o ombro de Julia. — Irmã?

— Ou uma bala é muito rápida? Satã gosta de ouvir a pequena criança gritar enquanto lhe cortam? Ou é *você* que fica fissurado na dor e no sofrimento de outras pessoas?

— Sua *vadia* — disse Hartley.

— Acabe com isso — disse a Dra. Forrest, muito embora Julia não soubesse dizer se a mulher estava se dirigindo a Hartley ou a Satã.

Hartley virou a pistola na direção de Julia. — Você não pode enganar o Mestre. Ele é o mentiroso *primordial*. E ele tem um lugar para você no inferno.

Walter escolheu aquele momento para atacar, mergulhando nos joelhos de Hartley. Hartley girou a pistola na direção da cabeça de Walter, o metal estalando de encontro ao osso duro do crânio de Walter. Walter caiu, gemendo, enquanto Hartley lutava para se equilibrar.

Julia puxou a pistola de Snead de suas costas. — Diga a Satã que mandei um alô.

A boca de Hartley se abriu com a surpresa. Um pulso de eletricidade correu por Julia e ela podia jurar que o vento havia sussurrado — Faça. — Ela puxou o gatilho três vezes.

A Dra. Forrest gritou e, por um momento impossível, Hartley ainda ficou de pé, olhando os ferimentos em seu peito. Ele olhou para Julia e então para a pistola na própria mão. Ele sorriu. Ela estava tão paralisada pelo medo que não pôde puxar o gatilho novamente, como se Hartley tivesse roubado sua energia para permanecer de pé. Como se ele estivesse drenando a vida das árvores, da terra e das rochas.

O sangue do mundo.

Pelo mais breve dos momentos, a cara do bode apareceu sobre a de Hartley e os lábios caprinos, *certamente uma ilusão*, se abriram em um esgar de rendição vitoriosa.

O vento ficou mais forte, a música das árvores gritando em um crescendo, a orquestra do diabo movimentando seus arcos—

Pare com isso, Julia.

Nenhuma música, apenas o gemido da Dra. Forrest e o cambaleio de Hartley.

Então, com um gorgolejo na garganta, ele caiu.

Assim que Hartley caiu no chão, as nuvens se separaram e uma nesga de pôr do sol banhou a montanha. Em algum lugar sobre ou abaixo da montanha, um trovão rolou, como se o Mestre estivesse rindo. Ou talvez Deus houvesse quebrado seu silêncio eterno e finalmente falado com ela. Qualquer que fosse a mensagem, sua tradução se perdeu.

Julia se abaixou e pegou a pistola de Hartley, ajudando Walter a se levantar.

— Você está bem? — Ela perguntou.

Ele esfregou a cabeça, se firmando contra ela enquanto olhava para Hartley a seus pés. — Melhor que ele, de qualquer jeito.

A Dra. Forrest ajoelhou-se ao lado de seu líder manchado de sangue e chorou, os braços sobre os seios flácidos. — Você era *uma* de nós — balbuciou ela para Julia.

— Não. — disse Julia. — Eu nunca fui de *ninguém*. — Ela colocou os braços ao redor de Walter, ajudando-o a ficar de pé.

A Dra. Forrest olhou para cima. O vento havia morrido e a luz suave que desaparecia banhou as lágrimas no rosto da mulher. — Ele é seu dono.

— Eu escolho a quem pertença — disse Julia. Ela chutou a túnica da Dra. Forrest na direção da mulher trêmula e patética. — É melhor você vestir isso antes que congele.

A Dra. Forrest apanhou a túnica, ficou de pé em um salto e correu pelas árvores. Sua risada entrecortada e triste encheu a clareira. — Satã me chama — zombou a Dra. Forrest, em um estranho falsete. — Eu o ouço nas árvores. Ele está em todo lugar.

Walter tentou segui-la, mas Julia o impediu. — Deixe-a ir — disse ela. — Ela não vai morrer congelada se continuar se movendo. Eles a encontrarão mais cedo ou mais tarde e darão a ajuda de que

ela precisa.

Walter se apoiou nela. — Com um pouco de sorte, ela não vai ser atendida por uma terapeuta tão ferrada quanto a sua.

— Você está fazendo troça com uma mulher segurando uma arma — ela o lembrou.

— Você não é uma Clint Eastwood tão ruim assim. — disse ele.

Ela não queria falar com ele sobre a força assassina que havia descido sobre ela e a possuído. Isso soaria delirante, o tipo de coisa que um advogado de defesa utilizaria para a alegação de insanidade. Walter chamaria de graça de Deus, mas Julia nunca poderia estar certa se na verdade não tinha sido a vontade do mestre maligno cuja mais potente magia era a dissimulação e a dúvida. O maior truque do diabo era fazer as pessoas acreditarem que ele não existia.

Mas talvez o maior truque de Deus era dar às pessoas o livre arbítrio para duvidar.

— Eu não estou melhor que eles — disse ela, olhando para a arma que estava esfriando na mão.

Walter balançou a cabeça. Um grande inchaço arroxeadado crescia na têmpora. Ele o tocou e gemeu. — Eu vou ter uma ressaca dos diabos amanhã.

Julia também teria. Amanhã, ela teria que lidar com o fato de que havia matado alguém. Ela havia brincado de Deus assim como Hartley, tirando uma vida humana. Claro, ela poderia justificar o fato, mas todo pecado tem seu preço, cada pecador, uma desculpa.

— Algum outro Monstro nas imediações? — perguntou ela. — Eu vi apenas três, mais Hartley e a doutora.

— Eu atirei em um — disse ele. — Foi de onde consegui a túnica. Mas perdi a arma de Mitchell escalando as rochas para chegar até lá. Estava ficando escuro tão depressa que eu não consegui procurá-la.

— Talvez haja mais dos “Irmãos” por perto, mas eu duvido. Não havia fatias suficientes do bolo de dinheiro.

— Dinheiro?

— Eu lhe conto depois. Vamos dar o fora daqui.

Ela ajudou Walter pela trilha, segurando a arma com a mão direita. Talvez em algum lugar, Deus e Satã estivessem sentados no Happy Hour da vida além-túmulo, conversando futilmente sobre o bem e o mau e qual deles havia ganho a última rodada de almas humanas no jogo de dados.

O sol afundou por detrás dos cumes enquanto eles cambaleavam pela trilha, ambos fracos. Eles atingiram o pico de granito de Cracker Knob quando a voz alta da Dra. Forrest flutuou pela floresta. — Ah Juuulia. Juuulia. Ele é seu doono, Juuulia.

Julia olhou por sobre os cumes negros das montanhas Apalaches na distância, para os vales escuros a seus pés. De um modo estranho, a Dra. Forrest a *havia* curado. Comparada com uma lunática adoradora do diabo que gostava de brincar com a mente de seus pacientes, Julia se sentiu como a pessoa mais racional e sã do planeta.

Eles descansaram contra as rochas, o céu no lusco-fusco. Walter mexeu na mão por alguns instantes e entregou algo a ela. — Isso é seu — disse ele. — Eu estava guardando para você.

O anel de prata. Ela olhou para a caveira sorrindo na luz do luar, para os estúpidos olhos vazios e

não viu nada.

— Livre arbítrio — disse ele.

Ela deu um passo para a frente e arremessou o anel no vale profundo abaixo das rochas. Judas Stone não existia.

Ela não poderia dizer qual deles se moveu primeiro, ou se ambos tiveram a ideia ao mesmo tempo. Eles se abraçaram, os lábios se encontrando, o calor do corpo e um calor além desse combinando. Julia beijou desesperadamente, com medo de que cada momento precioso fizesse parte do passado, que tivesse acabado e que não pudesse nunca mais ser reconquistado. Mas então Walter a beijou novamente e ela soube que esses momentos eram seus pelo tempo que ela quisesse.

Eles finalmente se separaram, Julia com a cabeça tão leve que teve que se encostar nas rochas novamente. Nenhum deles falou, com medo de quebrar o encanto que o mundo permitira. Walter pegou sua mão e a guiou por entre as pedras sob uma noite atemporal.

O vento gentilmente empurrou os últimos farrapos de nuvens para longe. O céu índigo estava pontilhado por estrelas. A lua nascente brilhou na floresta prateada. Eles continuaram por entre as árvores, empurrando para longe os ramos.

Quando finalmente chegaram à cabana, Julia estava exausta. Eles descobriram que os pneus do jipe de Walter haviam sido cortados. Os Monstros queriam eliminar a fuga fácil.

— Parece que teremos que sair daqui a pé — disse Walter.

— Não essa noite — disse Julia. — Estou acabada.

— Não, você não está acabada. Eles nunca vão acabar com você se você não deixar.

— Eu sou uma montanha — disse Julia, com força suficiente para rir. Ela ficou solene e disse — Se deixar Deus entrar em seu coração, você consegue fazê-lo sair?

— Livre arbítrio — disse ele.

— Você não está tentando me salvar, está?

— A porta estará aberta quando você quiser falar sobre isso.

Eles entraram na cabana escura, a mão de Julia apertando a coronha da arma, o dedo pronto no gatilho. Nenhum Monstro. Ela tinha terminado com os Monstros, reais ou imaginários. Portas fechadas e ferrolhos trancados. Casa segura.

— Você quer fazer um fogo? — Perguntou Walter.

— Sim! — disse ela, empurrando-o na direção da cama. — Do mesmo tipo que você fez lá nas pedras.

Julia subiu a escada e engatinhou na cama. Ela deixou a arma ao alcance da mão e chutou os cobertores para longe, enquanto Walter se apressava para se juntar a ela. Finalmente ela estava pronta para confiar.

Ela rasgou os botões de sua camisa, queimando com fome. A fome era profunda, entrando mais profundamente nela que qualquer medo, pânico ou desesperança jamais havia feito. Isso era a entrega de sua alma, aquilo que ela, e somente ela, possuía.

Ninguém poderia roubar sua alma. Nenhum demônio, nenhum deus, nenhum humano. Era dela para dar a quem ela escolhesse. Pela sua própria vontade.

Enquanto ela procurou seu calor, ficou imaginando como ele reagiria ao tocar suas cicatrizes.

Mas isso não importava. Ferimentos cicatrizavam, cicatrizes desvaneciam e o passado sempre perdia a batalha pela eternidade.

— Juuulia! — murmurou ele, despertando um último arrepio de dúvida.

Para o inferno com isso tudo.

Ela se atirou para dentro do fogo.

FIM

Sobre o autor:

Scott Nicholson é autor de mais de 30 bestsellers internacionais de mistério, fantasia e suspenses paranormais, bem como livros infantis e histórias em quadrinhos. Procure seus outros títulos em português, O Abrigo, O Anel de Caveira e Páginas Policiais, e acesse www.AuthorScottNicholson.com.

Sobre o tradutor:

A TranslaCAT (www.translacat.com) é uma agência de tradução do Rio de Janeiro, e traz para o mercado brasileiro a versão em português dos best-sellers do escritor Scott Nicholson.

Tradução de Marcelo Jost

Revisão de Karine Lima e Bárbara Nogueira

OUTROS LIVRIS POR SCOTT NICHOLSON:

A IGREJA VERMELHA

Para Ronnie Day, de 13 anos, a vida é cheia de problemas: Papai e Mamãe se separaram, o irmão Tim é uma peste constante, Melanie Ward o ama ou o odeia, e Jesus Cristo não fica em seu coração. Além disso, ele tem que passar pela igreja vermelha todos os dias, onde o Monstro do Sino se esconde com suas asas e garras e fígado nos olhos. Mas o maior problema é que Archer McFall é o novo pregador da igreja, e Mamãe quer que Ronnie assista aos serviços da meia-noite com ela.

O delegado Frank Littlefield odeia a igreja vermelha por um motivo diferente. Seu irmão menor morreu em um terrível acidente na igreja há vinte anos, e agora Frank começou a ver o fantasma do irmão. E o fantasma exige: "Liberte-me". As pessoas estão morrendo em Whispering Pines, e os assassinatos coincidem com o retorno de McFall.

Os Day, os Littlefield e os McFall são descendentes das famílias originais que povoaram a comunidade rural das Apalaches. Essas famílias antigas compartilham um segredo de traição e culpa, e McFall quer que a congregação prove sua fé. Porque ele acredita que seja o Segundo Filho de Deus, e que a purificação dos pecados deve ser feita com sangue.

— Sacrifício é a moeda de Deus — prega McFall, e, a não ser que Frank e Ronnie o detenham, todos pagarão.

PÁGINAS POLICIAIS

Quando John Moretz aceita o trabalho como repórter na cidade de Sycamore Shade, ao redor dos montes Apalaches, uma onda de crimes irrompe, aumentando a circulação do jornal e deixando as

pessoas inquietas. Então uma vítima de assassinato é descoberta, e Moretz é o primeiro a chegar na cena do crime.

Com mais corpos surgindo, Moretz fica sob suspeição da polícia, mas as vendas do jornal estão explodindo devido às suas coberturas sensacionais dos crimes. Seu editor fica entre despedir seu cão farejador de notícias ou lucrar com a atenção, além de viver um romance com uma repórter da cidade grande designada a cobrir o possível assassino serial.

E Moretz parece estar sempre um passo à frente dos outros repórteres, da polícia, e até mesmo do próprio assassino.